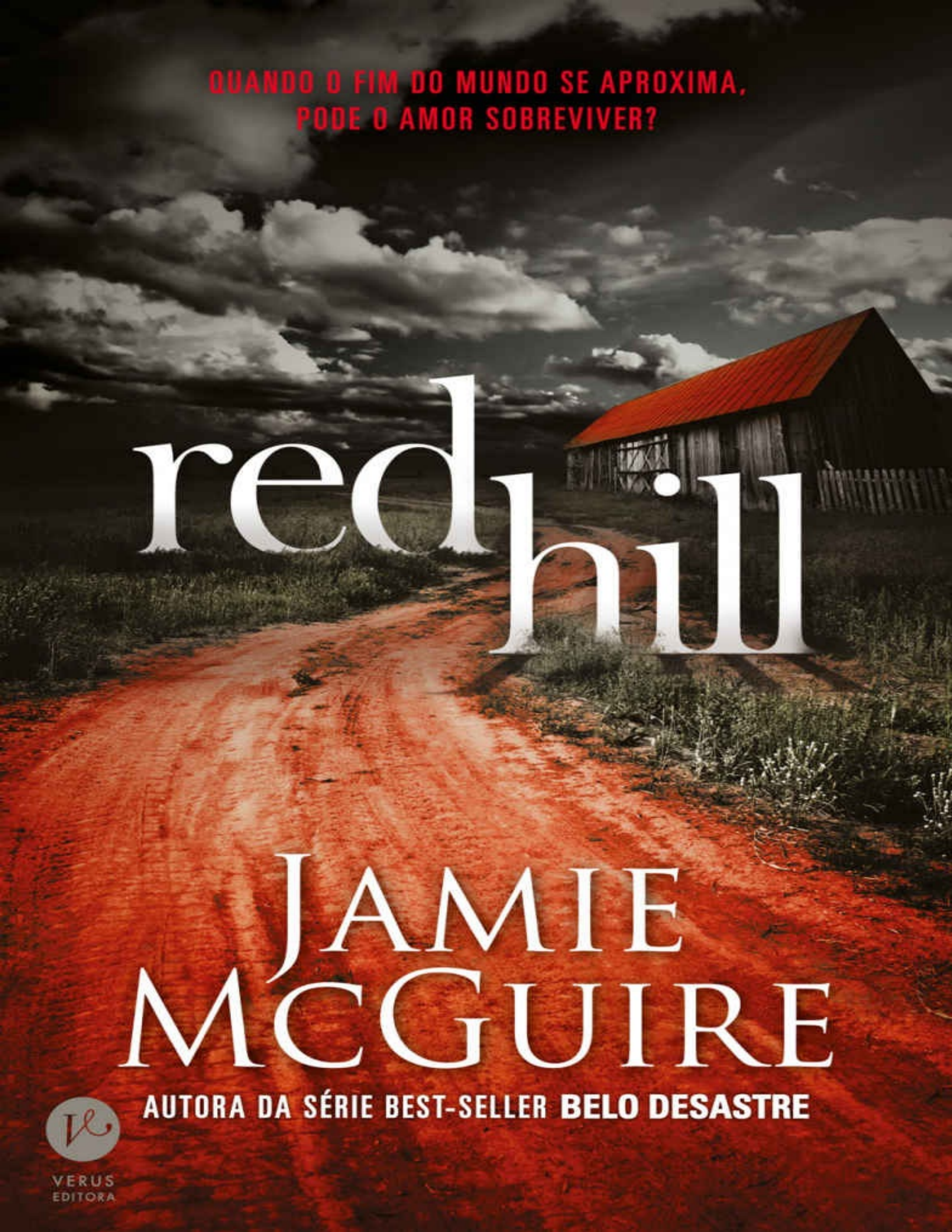
QUANDO O FIM DO MUNDO SE APROXIMA,
PODE O AMOR SOBREVIVER?
red hill
JAMIE
MCGUIRE
AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER BELO DESASTRE
VERUS
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JAMIE MCGUIRE

red hill

Tradução
Ana Death Duarte



VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Anna Carolina G. de Souza

Revisão
Renata Coppola Fichtler

Capa
Adaptação da original (Damonza.com)

Foto da capa
Shutterstock.com

Projeto gráfico e diagramação
André S. Tavares da Silva

Título original
Red Hill

ISBN: 978-85-7686-438-7

Copyright © Jamie McGuire, 2013
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2015
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429r

McGuire, Jamie
Red Hill [recurso eletrônico] / Jamie McGuire; tradução Ana Death Duarte. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2015.
recurso digital

Tradução de: Red Hill
Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Wed
ISBN 978-85-7686-438-7 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Ficção americana. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Duarte, Ana Death. II. Título.

15-21493

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Harmony e seus miolos
Nham-nham-nham

Prólogo

SCARLET

O aviso foi breve — quase dito sem querer. "Os cadáveres foram coletados e destruídos." Os locutores então fizeram algumas piadas e ponto-final. Levei um instante para processar o que a repórter tinha dito através dos alto-falantes do meu Suburban: *finalmente*. Um cientista em Zurique *finalmente* havia sido bem-sucedido em desenvolver algo que — até então — não passava de ficção. Durante anos, contra todos os códigos de ética conhecidos da ciência, Elias Klein tentara reanimar um cadáver e fracassara. Uma vez líder dentre os mais inteligentes do mundo, agora ele era motivo de chacota. Mas, naquele dia, ele se tornaria um criminoso, isso se já não estivesse morto.

Naquele instante, eu estava olhando pelo retrovisor minhas filhas discutirem no banco traseiro, e as duas palavras que deviam ter mudado tudo mal foram registradas. Duas palavras que, se eu não estivesse lembrando Halle de entregar a autorização da excursão escolar para sua professora, teriam me feito nos afastar do meio-fio, pisando fundo no acelerador.

Cadáveres. Coletados.

Em vez disso, eu estava concentrada em dizer pela terceira vez que o pai delas, Andrew, viria apanhá-las na escola naquele dia. Então eles viajariam por uma hora até Anderson, a cidade que costumávamos chamar de lar, e ouviriam o governador Bellmon falar com os bombeiros companheiros de Andrew enquanto o jornal local tirava fotos. Andrew achava que seria divertido para as meninas, e eu concordei com ele, talvez pela primeira vez desde que nos divorciamos.

Embora na maioria das vezes lhe faltasse sensibilidade, Andrew era um homem responsável. Ele levava nossas filhas, Jenna, que mal completara treze anos e era mais bonita (mas igualmente ingênua) do que podia imaginar, e Halle, de sete, para jogar boliche, jantar fora e, de vez em quando, ver um filme no cinema, mas isso só porque achava que devia fazer essas coisas. Para Andrew, passar um tempo com as filhas fazia parte de um trabalho, mas não um que ele gostasse.

Enquanto Halle segurava minha cabeça e virava meu rosto para me dar beijos melados nas bochechas, empurrei para cima seus óculos fundos de armação preta. Sem desfrutar o momento, sem me dar conta de que as muitas coisas que estavam acontecendo naquele dia criariam a tormenta perfeita para nos separar. Halle partiu meio que correndo e dando pulinhos na calçada até a entrada da escola, cantando alto. Ela era o único ser humano que eu conhecia que conseguia ser intoleravelmente desagradável e querido ao mesmo tempo.

Algumas gotas d'água se espalharam pelo para-brisa, e eu me inclinei para frente para dar uma olhada melhor na cobertura de nuvens sobre mim. Eu devia ter mandado um guarda-chuva para Halle. O casaco leve dela não aguentaria a chuva de início de primavera.

A próxima parada era o colégio de ensino fundamental e médio. Jenna estava discutindo distraidamente uma tarefa de leitura enquanto trocava mensagens de texto com o garoto que era sua paquera mais recente. Lembrei a ela mais uma vez, enquanto entrávamos na fila de desembarque, que seu pai a pegaria no lugar de sempre, logo depois de apanhar Halle.

— Eu ouvi nas dez primeiras vezes que você falou — disse Jenna, cuja voz era levemente mais rouca que a média para uma garota de sua idade.

Ela olhou para mim com olhos castanhos vazios. Ela estava ali de corpo presente, mas eram raras as vezes em que sua mente também estava. Jenna tinha uma imaginação incrivelmente fértil, mas ultimamente eu não conseguia fazê-la prestar atenção em nada além de seu celular. Eu a trouxe ao mundo quando tinha apenas vinte anos. Nós crescemos praticamente juntas, e eu me preocupava com ela, se tinha feito tudo — ou alguma coisa — certo. Mas, sabe-se lá como, ela estava se saindo melhor do que qualquer um poderia ter imaginado.

— Essa foi só a quarta vez. Já que me ouviu, o que foi que eu disse?

Jenna soltou um suspiro, baixando o olhar para espiar o celular, inexpressiva.

— O papai vem nos buscar. No lugar de sempre.

— E seja legal com a namorada dele. Ele disse que você foi grosseira da última vez.

Jenna ergueu o olhar para mim.

— Aquela era a antiga namorada. Eu não fui grosseira com a nova.

Franzi o cenho.

— Ele só me disse isso há algumas semanas.

Jenna fez uma careta. Nem sempre tínhamos que dizer em voz alta o que estávamos pensando, e eu sabia que ela estava pensando a mesma coisa que eu queria, mas não ia dizer.

Andrew era um vadio.

Eu suspirei e me virei para frente, agarrando o volante com tanta força que o nó dos meus dedos ficou branco. De alguma forma, isso me ajudou a manter a boca fechada. Eu tinha feito uma promessa silenciosa às minhas filhas, quando assinei os papéis do divórcio dois anos antes: eu nunca falaria mal de Andrew para elas. Mesmo que ele merecesse... e, com frequência, ele merecia.

— Eu te amo — falei, olhando Jenna abrir a porta do carro com o ombro. — A gente se vê no domingo à noite.

— Tá — disse ela.

— E não bata a... — Um barulho alto chacoalhou o Suburban quando Jenna empurrou a porta. — Porta.

Soltei um suspiro e me afastei com o carro do meio-fio.

Peguei a Maine Street até o hospital onde eu trabalhava, ainda agarrando o volante com força e tentando não xingar Andrew a cada pensamento. Ele tinha mesmo que apresentar todas as mulheres com quem dormia mais de uma vez para nossas filhas? Eu tinha pedido, implorado, gritado com ele para que não fizesse isso, mas seria inconveniente não permitir que sua namorada-da-semana passasse os fins de semana com as filhas dele. Pouco importava que ele tivesse de segunda a sexta para ficar com quem quer que fosse. O problema era que, se a mulher tivesse filhos para entreter Jenna e Halle, Andrew usaria a oportunidade para "conversar" com ela no quarto.

Meu sangue ferveu. Responsável ou não, ele era um babaca quando me casei com ele, e agora era um babaca ainda maior.

Parei rapidamente o Suburban na última vaga decente no estacionamento dos funcionários, ao som de sirenes, enquanto uma ambulância entrava na área de emergência e seguia para a ala das ambulâncias.

Uma chuva torrencial começou a cair. Um gemido me escapou dos lábios enquanto eu observava meus colegas de trabalho correndo para dentro do hospital, com os jalecos ensopados só da curta corrida do outro lado da rua até a entrada lateral. Eu estava a meia quadra de distância dali.

Graças a Deus é sexta-feira!
Graças a Deus é sexta-feira!
Graças a Deus é sexta-feira!

Logo antes de eu desligar o carro, pude ouvir outro relato pelo rádio, algo sobre uma epidemia na Europa. Analisando em retrospecto, todo mundo sabia o que estava acontecendo, mas aquilo havia sido piada por tanto tempo que ninguém queria acreditar realmente. Com todas as séries de TV, histórias em quadrinhos, livros e filmes sobre mortos-vivos, não devia ter sido surpresa que alguém finalmente fosse inteligente e louco o bastante para tentar transformar aquilo em realidade.

Eu sei que o mundo acabou em uma sexta-feira. Esse foi o último dia em que vi minhas filhas.

1

SCARLET

Meu peito arfava quando a porta de metal foi ruidosamente fechada atrás de mim. Estiquei os braços para o lado, deixando a água escorrer da ponta dos dedos até o chão de piso branco. Minha roupa de cirurgia, até então azul-royal, agora estava marinho, pesadamente saturada com a água fria da chuva.

Um barulho encharcado saía dos meus tênis a cada passo. *Eca*. Não havia muita coisa pior que roupas e sapatos molhados, e parecia que eu tinha pulado completamente vestida dentro de uma piscina. Até minha calcinha estava molhada. Fazia apenas alguns dias que estávamos na primavera, e uma frente fria havia chegado. A chuva parecia espinhos de gelo voadores mortais.

Espinhos de gelo voadores mortais. *Aff*. O jeito dramático de Jenna de descrever as coisas obviamente estava me pegando.

Deslizei o crachá com meu nome pelo leitor e esperei a luzinha de cima ficar verde e um bipe estridente soar, acompanhados de um clique da tranca se abrindo. Tive de usar todo o meu peso para empurrar e abrir a porta pesada, e então segui pelo corredor principal.

Meus colegas de trabalho me lançaram sorrisos compreensivos que me ajudaram a aliviar um pouco a humilhação. Era óbvio que todos tinham acabado de chegar para o turno na hora em que o céu se abriu e urinou sobre a gente.

Dois degraus de cada vez, subi a escadaria que dava para o piso da ala cirúrgica e entrei de fininho no vestiário feminino, me despindo e vestindo uma roupa de cirurgia azul-clara. Fiquei segurando meus tênis sob o secador de mãos, mas apenas por

alguns segundos. Os outros técnicos de raio X estavam me esperando lá embaixo. Tínhamos uma análise de raio X do trato intestinal às oito horas, e o radiologista da semana ficava mais do que um pouco irritado quando o atrasávamos.

Com meus tênis ainda fazendo aquele barulho irritante, desci correndo os degraus e voltei ao corredor principal, em direção à ala da radiologia, passando pelas portas duplas do pronto-socorro a caminho de lá. Quando passei pelo Chase, o segurança, ele acenou para mim.

— Ei, Scarlet — disse com um sorrisinho tímido.

Apenas assenti, mais preocupada em ter o raio X gastrointestinal pronto a tempo do que com conversinha.

— Você devia conversar com ele — disse Christy.

Ela acenou com a cabeça na direção de Chase enquanto eu me apressava rapidamente por ela e seu amontoado de cachos longos amarelos.

Balancei a cabeça, entrando na sala de exames. O som familiar dos meus pés grudando no chão começou a fazer uma batida igualmente familiar. O que quer que usassem para limpar o chão supostamente desinfetava e matava as piores bactérias já conhecidas pelo homem, mas deixava para trás um resíduo grudento. Talvez como um lembrete de que o produto estava lá — ou de que o chão precisava ser esfregado outra vez. Peguei um frasco de contraste de bário do armário de cima e o completei com água. Coloquei a tampa de volta e chacoalhei a embalagem para misturar o pó e a água, resultando em uma repulsiva pasta viscosa que cheirava a banana.

— Não começa. Eu já disse que não dá. Parece que ele tem quinze anos.

— Ele tem vinte e sete, e não seja malvada. Ele é fofo e está morrendo para que você converse com ele.

O sorriso travesso dela era enfurecedoramente contagioso.

— Ele é uma criança — falei. — Vá buscar o paciente.

Christy sorriu e saiu da sala, e fiz uma nota mental de tudo que eu havia colocado na mesa para o dr. Hayes. Meu Deus, o homem era mal-humorado, sobretudo nas segundas-feiras e ainda mais em um clima de merda como esse.

Tive a sorte de ele ter consideração por mim, de certa forma. Quando eu era estudante, limpava casas de radiologistas. Isso me rendia um bom dinheiro e era perfeito, já que eu passava quarenta horas por semana na faculdade na época. Os médicos eram exigentes no hospital, mas me ajudaram mais do que qualquer outra pessoa quando passei pelo divórcio, me permitindo levar as meninas para o trabalho e me dando um extra no Natal e nos aniversários.

O dr. Hayes me pagava bem para dirigir até seu lugar de fuga da cidade, o rancho

Red Hill, a uma hora e meia de distância, no Kansas, no meio do nada, para limpar sua velha casa de fazenda. Era uma viagem longa, mas cumpria seu propósito: nada de celular. Nada de internet. Sem trânsito. Sem vizinhos.

Precisei de algumas tentativas para encontrar sozinha o lugar, até que Halle fez uma canção com as direções. Eu podia ouvir sua voz fina na cabeça, cantando em voz alta e de um jeito doce pela janela:

A oeste na Via Expressa 11
O caminho de bronze!
A norte na Via Expressa 123
123? 123!
Cruze a fronteira
Sem brincadeira!
À esquerda na torre branca
Para limpar a casa e passar a tranca!
À esquerda no cemitério
Sinistro... e cheio de mistério!
Primeira à direita!
Você tá feita!
Estrada de Red! Hill!

Depois disso, conseguíamos chegar lá, fizesse chuva ou sol. Eu até mencionei algumas vezes que ali seria o esconderijo perfeito no caso de um Apocalipse. Jenna e eu éramos meio que viciadas nesses lances pós-apocalípticos, sempre assistindo a maratonas do fim do mundo e programas de TV sobre preparação para o Apocalipse. Nunca enlatamos frango nem construímos um tanque subterrâneo na floresta, mas era divertido ver até que ponto as pessoas iam.

O rancho do dr. Hayes seria o lugar mais seguro para sobreviver. Os armários da cozinha e da copa estavam sempre abastecidos de alimentos, e o porão deixaria qualquer entusiasta por armas de fogo orgulhoso. As suaves colinas mantinham a casa de campo de certa forma imperceptível, e plantações de trigo cercavam três lados da casa. A estrada ficava a cerca de cinquenta metros do lado norte da construção e, do outro lado da terra vermelha, havia mais um campo de trigo. Tirando o enorme

bordo nos fundos, a visibilidade era excelente. Excelente para observar o pôr do sol e péssimo para quem tentasse entrar ali sem ser notado.

Christy abriu a porta e esperou a paciente entrar. A jovem deu um passo para dentro, magra, os olhos fundos e cansados. Parecia estar pelo menos uns dez quilos abaixo do peso.

— Esta é Dana Marks. Data de nascimento: nove do doze de oitenta e nove. Correto? — perguntou Christy, voltando-se para ela.

Dana assentiu, a pele magra do pescoço se esticando sobre os nervos enquanto ela acenava com a cabeça em resposta. Sua pele era de um cinza débil, destacando o roxo sob os olhos.

Christy entregou à mulher um roupão dobrado de um tecido fino azul.

— Vá atrás daquela cortina e tire suas roupas, ficando apenas de calcinha. A calcinha não tem pedrarias nem nada, tem?

Dana negou com a cabeça, parecendo levemente entretida, e então se dirigiu devagar até a parte de trás da cortina.

Christy pegou um filme e caminhou até a mesa de raio X no meio da sala, deslizando-o na bandeja Bucky entre a superfície da mesa e os controles.

— Você podia pelo menos dar um "oi".

— Oi.

— Não pra mim, tonta. Para o Chase.

— Ainda estamos falando dele?

Christy revirou os olhos.

— Sim, ele é fofo, tem um bom emprego, nunca foi casado, não tem filhos. Eu disse que ele é fofo? Toda aquela cabeleira negra... e aqueles olhos!

— São castanhos. Vamos lá. Eu te desafio a enfatizar as qualidades dos olhos castanhos dele.

— Não são apenas castanhos. São de um castanho cor de mel, dourados. É melhor você cair matando agora antes que perca a oportunidade. Você faz ideia de quantas mulheres solteiras deste hospital babam por ele?

— Não estou preocupada com isso.

Christy sorriu e balançou a cabeça, e então sua expressão mudou assim que seu pager tocou. Ela o puxou da cintura e olhou de relance para baixo.

— Droga. Vou ter de mover o intensificador de raio X da sala de cirurgia dois para o caso do dr. Pollard. Ei, talvez eu tenha que sair um pouco mais cedo para buscar a Kate no ortodontista. Você acha que pode fazer a minha cirurgia das três horas? É mamão com açúcar.

— Do que é?

— É só para colocar um cateter. Basicamente bancar a babá do intensificador de raio X.

O intensificador de raio x tem a forma de um braço e mostra aos médicos onde exatamente eles estão no corpo do paciente. Como a máquina emite radiação, era nosso trabalho como técnicas de raio X ficar lá, empurrar, puxar e apertar o botão durante a cirurgia. Isso e nos certificar de que o médico não emitisse radiação demais sobre o paciente. Eu não me importava de fazer isso, mas a droga da máquina era pesada. Christy teria feito o mesmo por mim, então eu concordei.

— Certo, só me deixa o pager antes de sair.

Christy pegou um avental de chumbo e então seguiu para as escadas.

— Você é demais. Escrevi o histórico da Dana no pedido médico. A gente se vê depois! Pegue o telefone do Chase!

Dana saiu lentamente do banheiro, e fiz um gesto para ela se sentar em uma cadeira ao lado da mesa.

— Seu médico explicou o procedimento?

Ela negou com a cabeça.

— Na verdade, não.

Alguns xingamentos me passaram pela mente. Estava além da minha compreensão o fato de um médico mandar um paciente realizar um procedimento sem explicação. E como esse paciente podia não ter perguntado nada também era algo que eu não entendia.

— Vou tirar alguns raios x do seu abdome, e depois vou mandar chamar o médico. Então vou deixar a mesa na vertical, e você vai ficar em pé e beber aquele copo de bário — falei, apontando para o copo atrás de mim na bancada. — Um gole de cada vez, conforme o médico solicitar. Ele vai usar fluoroscopia para ver o bário descendo pelo seu esôfago e entrando no estômago. A fluoroscopia é basicamente um raio X, porém, em vez de prover uma imagem, nos fornece um vídeo em tempo real. Quando isso acabar, vamos dar início à análise do seu intestino delgado. Você vai beber o restante do bário, e vamos tirar raios X conforme o bário fluir por seu intestino delgado.

Dana deu uma olhada para o copo.

— O gosto é ruim? Tenho vomitado muito. Não consigo reter nada.

O pedido médico com os garranchos de Christy estava em cima da bancada, ao lado dos copos vazios. Peguei o papel, procurando pela resposta à minha próxima

pergunta. Dana estava doente havia apenas dois dias. Olhei de relance para ela, notando sua aparência.

— Você já ficou doente assim antes? — Ela negou com a cabeça. — Viajou recentemente? — Ela balançou a cabeça de novo. — Algum histórico de doença de Crohn? Anorexia? Bulimia? — perguntei.

Ela esticou o braço, a palma da mão voltada para cima. Havia uma marca de mordida perfeita no meio de seu antebraço. Cada um dos dentes partira sua pele. Perfurações profundas e vermelhas pontilhavam seu braço em meias-luas espelhadas, mas a pele escoriada em volta das mordidas ainda estava intacta.

Olhei nos olhos dela:

— Mordida de cachorro?

— Um bêbado — disse ela, com uma risada fraca. — Na terça à noite, eu estava em uma festa. Tínhamos acabado de sair de lá e um babaca que estava vagando do lado de fora simplesmente agarrou meu braço e me mordeu. Ele podia ter arrancado um belo pedaço se meu namorado não tivesse batido nele. Ele ficou no chão até chegarmos no carro e irmos embora. Vi ontem nos noticiários que ele atacou outras pessoas também. Na mesma noite, e no mesmo complexo de apartamentos. Tinha que ser ele. — Ela deixou o braço cair na lateral do corpo, parecendo exausta. — O Joey está na sala de espera... morrendo de medo de que eu tenha contraído raiva. Ele acabou de voltar do Afeganistão. Ele já viu de tudo, mas não consegue me ouvir vomitar. — Ela riu baixinho para si mesma.

Eu lhe ofereci um sorriso reconfortante.

— Parece um bom partido. É só subir ali na mesa e deitar de costas.

Dana fez o que pedi, mas precisou de ajuda. Suas mãos ossudas pareciam gelo.

— Quantos quilos você disse que perdeu? — perguntei enquanto a colocava sobre a mesa, certa de que tinha lido errado o histórico feito pela Christy.

Dana se encolheu por causa do frio, a mesa dura pressionando sua pélvis e a coluna.

— Quer um cobertor? — perguntei, puxando o algodão branco e espesso da manta.

— Por favor — Dana sussurrou enquanto eu colocava a coberta sobre ela. — Muito obrigada. Parece que eu não consigo me aquecer.

— Está sentindo dor abdominal?

— Sim, muita.

— Quantos quilos você perdeu?

— Uns nove quilos.

— Desde quarta-feira?

Dana ergueu as sobrancelhas.

— Pode acreditar. Principalmente porque eu já era magra. Você... não acha que peguei raiva... acha? — Ela tentou rir do próprio comentário, mas eu podia ouvir a preocupação em sua voz.

Abri um sorriso.

— Eles não mandariam você fazer uma análise gastrointestinal se achassem que o diagnóstico fosse raiva.

Ela soltou um suspiro e olhou para o teto.

— Graças a Deus.

Assim que posicionei Dana corretamente, centralizei o tubo de raio X e preparei a técnica, pressionei o botão e em seguida levei o filme do raio X para o leitor. Meus olhos estavam grudados no monitor, curiosa para saber se ela tinha alguma obstrução intestinal ou se havia um corpo estranho presente.

— O que acha que é isso, companheira? — perguntou David, parado atrás de mim.

— Não tenho certeza. Ela perdeu nove quilos em dois dias.

— Sério?

— Sério.

— Coitada — disse ele, com empatia genuína na voz. David ficou observando a imagem iluminada na tela comigo. Quando o filme do raio X do abdome de Dana preencheu a tela, David e eu ficamos encarando aquilo, chocados.

David levou os dedos à boca.

— *Nem ferrando!*

Assenti lentamente.

— Pois é.

David balançou a cabeça.

— Nunca vi uma coisa dessas. Quer dizer, em livros de medicina, sim, mas... cara. Isso aqui é péssimo.

A imagem no monitor era hipnotizante. Eu também nunca tinha visto alguém apresentar aquele padrão gasoso. Não conseguia nem me lembrar de ter visto uma coisa dessas em um livro da faculdade.

— Hoje de manhã no rádio estavam falando sobre aquele vírus na Alemanha. Disseram que está se espalhando por toda parte. Na televisão, parece guerra. Gente em pânico pelas ruas. Assustador.

Franzi o cenho.

— Ouvi algo sobre isso quando deixei as meninas na escola de manhã.

— Você não acha que a paciente tem esse vírus, acha? Na verdade, não estão dizendo exatamente o que é, mas isso... — ele disse, fazendo um gesto em direção ao monitor — é impossível.

— Você sabe tanto quanto eu que nos deparamos com coisas novas o tempo todo.

David ficou encarando a imagem por mais alguns segundos e então assentiu, despertando de seus pensamentos profundos.

— O Hayes vai estar pronto quando você estiver.

Peguei um avental de chumbo, deslizei os braços por ele e o prendi atrás das costas conforme me dirigia até a sala de leitura para buscar o dr. Hayes.

Como esperado, ele estava no escuro, sentado em sua cadeira diante do monitor, falando baixinho ao gravador. Esperei pacientemente do lado de fora da porta até que ele terminasse o que estava fazendo, e então ele ergueu o olhar para mim.

— Dana Marks, vinte e três anos, apresentando dor abdominal e significativa perda de peso desde quarta-feira. Um pouco de queda de cabelo. Nenhum histórico de doença abdominal ou problemas cardíacos, nenhuma cirurgia abdominal nem exame abdominal anterior.

O dr. Hayes pegou a imagem que eu tinha acabado de tirar e apertou os olhos por um instante.

— Qual foi a perda de peso?

— Quase nove quilos.

Ele parecia apenas ligeiramente impressionado até a imagem surgir na tela. Então ficou pálido.

— Ah, meu Deus!

— Eu sei.

— Onde ela esteve?

— Ela não viajou recentemente, caso esteja se referindo a isso. Mas disse que foi atacada por um bêbado depois de uma festa na terça à noite.

— Isso é sério. Você vê esse anel gasoso aqui? — ele perguntou, apontando para a tela. Seus olhos brilharam com o reconhecimento. — Gás no sistema venoso portal. Olhe o contorno da árvore biliar. Impressionante. — O dr. Hayes passou de animado a deprimido em menos de um segundo. — Não vemos isso com frequência, Scarlet. Essa paciente não vai ficar bem.

Engoli em seco minha tristeza por Dana. Ou ela estava com uma infecção severa, ou outra coisa estava bloqueando ou comprimindo as veias em seu intestino. Suas entranhas estavam praticamente mortas e definhando. Talvez ela tivesse mais uns

quatro dias de vida. Provavelmente tentariam levá-la para uma cirurgia de emergência, mas seria provável que apenas a fechassem de novo.

— Eu sei.

— Quem é o médico dela?

— Vance.

— Vou ligar para ele. Cancele o raio X gastrointestinal. Ela vai precisar de uma tomografia.

Assenti e fiquei parada no corredor enquanto o dr. Hayes falava em voz baixa, explicando suas descobertas ao dr. Vance.

— Certo. Vamos lá — disse o médico, se levantando da cadeira.

Nós dois levamos um instante para nos desligarmos do futuro sinistro da paciente. O dr. Hayes me acompanhou corredor abaixo, rumo à sala de exames onde Dana nos aguardava.

— As meninas estão bem?

Assenti.

— Estão com o pai para o fim de semana. Elas vão conhecer o governador.

— Ah — disse o médico, fingindo estar impressionado. Ele se encontrara com o governador diversas vezes. — Minhas meninas também vão vir para casa nesse fim de semana.

Sorri, feliz ao ouvir isso. Desde o divórcio do dr. Hayes, Miranda e Ashley não iam visitá-lo tanto quanto ele gostaria. Ambas estavam na faculdade, as duas estavam namorando e eram filhinhas da mamãe. Muito para o desalento do médico, geralmente elas passavam com a mãe qualquer tempo livre que tinham longe do namorado e dos estudos.

Ele parou, inspirou e manteve a porta da sala de exames aberta, então me seguiu para dentro. Ele não tinha me dado tempo de preparar a sala antes de voltar, então fiquei satisfeita com o cancelamento do exame gastrointestinal.

David estava chacoalhando os frascos de bário.

— Obrigada, David. Mas não vamos precisar deles.

Ele assentiu. Tendo visto as imagens, ele já sabia por quê. Ajudei Dana a se sentar, e ela ficou nos encarando, claramente se perguntando o que estaria acontecendo.

— Dana... — começou o dr. Hayes. — Você disse que seu problema começou na manhã de quarta-feira?

— Sim — disse ela, a voz tensa pelo crescente desconforto.

O dr. Hayes se deteve abruptamente, e então sorriu para Dana, pousando a mão sobre a dela.

— Não vamos fazer o exame gastrointestinal hoje. Em vez disso, o dr. Vance vai agendar uma tomografia computadorizada para você. Você vai ter de se vestir e voltar para a sala de espera. Não vão demorar muito para chamá-la. Tem alguém te acompanhando?

— Meu namorado, Joey.

— Ótimo — disse o médico, dando um tapinha delicado na mão dela.

— Eu vou ficar bem? — ela perguntou, fazendo um grande esforço para se manter sentada sobre seu traseiro ossudo.

O dr. Hayes abriu um sorriso do jeito como eu imaginava que ele sorria quando falava com as filhas.

— Vamos cuidar bem de você. Não se preocupe.

Ajudei-a a pôr os pés no chão.

— Não precisa se trocar — falei, rapidamente pegando outro roupão e entregando a ela. — Coloque isso por cima como se fosse um robe.

Ela deslizou os braços minúsculos pelos buracos da roupa e então a ajudei a chegar até a cadeira perto do armário.

— Vá em frente e calce os sapatos. Eu volto já. Tente relaxar.

— Tá — disse Dana, tentando ficar confortável.

Peguei o pedido dela de cima da bancada e acompanhei o médico até sua sala.

Assim que estávamos longe o bastante para que ela não pudesse nos ouvir, o dr. Hayes se virou para mim.

— Tente conversar um pouco mais com ela. Veja se consegue mais alguma informação.

— Posso tentar. Mas tudo o que ela mencionou fora do comum foi a mordida.

— Tem certeza de que não foi um animal?

Encolhi os ombros.

— Ela disse que foi um cara bêbado. Parece infectado.

O dr. Hayes olhou para os padrões gasosos anormais no monitor mais uma vez.

— Isso é muito ruim. Ela parece uma garota doce.

Assenti, pesarosa. David e eu trocamos olhares de relance e então inspirei, me preparando mentalmente para carregar esse pesado segredo ao voltar para aquela sala. Não lhe contar sobre sua própria morte me parecia uma traição, ainda que tivéssemos acabado de nos conhecer.

Meus tênis faziam um ruído como se algo estivesse rasgando enquanto se moviam pelo chão.

— Preparada? — perguntei, com um sorriso radiante.

2

SCARLET

Na hora do almoço, Dana já tinha entrado e saído da cirurgia. Christy nos disse que eles apenas a abriram por tempo suficiente para ver que não havia nada que pudessem fazer, antes de fechá-la novamente. Agora eles a estavam esperando acordar, para que pudessem lhe informar que ela nunca melhoraria.

— O namorado ainda está com ela — disse Christy. — Os pais estão na casa de parentes. Não sabem se vão conseguir voltar a tempo.

— Ah, meu Deus — falei, me encolhendo. Eu não conseguia imaginar ficar longe de nenhuma das minhas filhas em uma situação como essa, me perguntando se eu chegaria a tempo de vê-las vivas uma última vez. Livrei-me desse pensamento. Nós, que trabalhamos no campo da medicina, não podemos nos dar ao luxo de pensar na vida pessoal de nossos pacientes. Isso tornava as coisas muito íntimas. Reais demais.

— Você ouviu falar daquela gripe? — perguntou Christy. — Está em todos os jornais.

Neguei com a cabeça.

— Não acho que se trate de uma gripe.

— Estão dizendo que tem a ver com aquele cientista lá na Europa. Eles falam que é altamente contagiosa.

— Quem são *eles*? *Eles* me parecem querer criar caso.

Christy sorriu e revirou os olhos.

— *Eles* também disseram que o vírus já cruzou nossas fronteiras. A Califórnia confirmou alguns casos.

— Sério?

— É o que estão dizendo — falou, e seu pager vibrou. — Droga, as coisas estão ficando agitadas. — Ela pressionou um botão e chamou o andar de cima, e então se foi outra vez.

Em uma hora, o hospital estava lotado e em frenesi. O pronto-socorro estava admitindo pacientes em ritmo alucinado, mantendo todos do setor de radiologia ocupados. David chamou outro técnico, de modo que eu e ele pudéssemos cobrir o pronto-socorro enquanto todo o restante atendia tanto os pacientes da enfermaria quanto os internados.

O que quer que fosse aquilo, parecia estar levando a cidade à loucura. Acidentes de carro, brigas e um vírus que se espalhava rapidamente tinham se abatido ao mesmo tempo sobre o lugar. Em minha sexta ida ao pronto-socorro, passei pela sala de espera da radiologia e vi um grupo de pessoas amontoado em volta da TV pregada na parede.

— David? — falei, sinalizando para que ele se juntasse a mim na frente da sala de espera. Ele olhou pela parede de vidro, notando que a única pessoa sentada era um homem em uma cadeira de rodas.

— Oi.

— Estou com uma sensação ruim em relação a isso. — Eu sentia náusea com as atualizações que passavam na TV. — Estavam falando sobre algo do tipo no rádio hoje de manhã.

— É. Faz meia hora que reportaram os primeiros casos aqui.

Olhei nos olhos dele.

— Eu devia ir embora para tentar pegar minhas filhas. Elas devem estar na metade do caminho até Anderson agora.

— Do jeito que estamos ocupados, a Anita nunca vai deixar você ir embora. De qualquer forma, isso é altamente contagioso, mas o Centro de Prevenção de Doenças continua dizendo que é só um vírus, Scarlet. Ouvi dizer que quem tomou a vacina contra a gripe são os que estão infectados.

Essa única frase, mesmo que infundada, de imediato tranquilizou minha mente. Havia três anos que eu não tomava a vacina contra a gripe porque sempre me sentia péssima depois, e também nunca tinha levado as meninas para tomá-la. Algo não me agradava nessa coisa de se vacinar com um vírus que pode ou não nos proteger de qualquer cepa viral que seja. Já tínhamos merda o bastante no corpo com os hormônios e os agrotóxicos dos alimentos, além dos poluentes diários. Não fazia sentido nos sujeitarmos a algo mais, nem mesmo com o hospital nos encorajando a fazer isso.

Assim que David e eu tínhamos terminado nosso último lote de raios X portáteis no pronto-socorro, Christy dobrou o corredor, parecendo exausta.

— Aqui embaixo tá tão cheio quanto lá em cima?

— Sim — foi a resposta de David. — Provavelmente pior.

— Você ainda tem como fazer aquela cirurgia pra mim? — Christy quis saber, com olhos suplicantes.

Olhei para David, e então de volta para Christy.

— Do jeito que as coisas estão indo, se eu pegar aquele pager, vou ficar presa lá em cima até a hora de sair. Eles realmente precisam de mim aqui embaixo.

David deu uma olhada em seu relógio.

— A Tasha chega às três e meia. A gente se vira até lá.

— Tem certeza? — perguntei, pegando lentamente o pager de Christy.

Ele acenou para mim, me dispensando.

— Sem problemas. Pego o pager com você quando a Tasha chegar, para você poder ir pra casa.

Prendi o clipe do aparelho na cintura de meu uniforme cirúrgico e me dirigi lá para cima, acenando em despedia para Christy.

Ela franziu o cenho, já se sentindo culpada.

— Obrigada, muito, mas muito mesmo!

Passei pelo Chase pela enésima vez. Conforme as horas transcorriam, ele parecia cada vez mais nervoso. Todos estavam. Pelo jeito que as coisas iam no pronto-socorro, parecia que o inferno tinha tomado conta do lado de fora. Continuei tentando dar umas espiadas na televisão, mas, assim que terminava um caso, o pager soava de novo, me dirigindo para outro.

Exatamente como eu previra assim que chegara ao andar do centro cirúrgico, não teria como sair dali antes que David me liberasse às três e meia. Caso após caso, eu passava o intensificador de imagem de uma sala de cirurgia para outra, às vezes levando um segundo aparelho para quem quer que fosse chamado para uma cirurgia sendo realizada ao mesmo tempo.

Em uma única tarde, vi um fêmur estilhaçado, dois braços quebrados e um quadril também fraturado, e andei no mesmo elevador de um paciente em uma maca acompanhado de duas enfermeiras, todos a caminho da cobertura. Suas veias estavam visivelmente escuras através da pele, e ele estava coberto de suor. Do que pude entender de suas piadinhas nervosas, ele estava sendo levado de helicóptero para ter a mão amputada.

Meu último caso do dia foi no mínimo precário, mas eu não queria ter de chamar

o David para me ajudar. Minhas meninas estavam fora da cidade com o pai, e David tinha uma bela esposa e dois filhos pequenos para quem voltar. Não fazia sentido eu sair na minha hora e ele ter que ficar até tarde. No entanto, eu já tinha registrado quatro horas extras na semana, e isso geralmente era mal visto pela chefia do hospital.

Passei por uma mulher grande na maca; ela parecia nervosa e preocupada. Suas mãos estavam envolvidas com bandagens, mas grande parte do tecido estava cheia de sangue. Lembrei dela do pronto-socorro e me perguntei onde estaria sua família. Estavam todos com ela lá embaixo.

Angie, a enfermeira do centro cirúrgico, passou como um vendaval, ajeitando a touca cirúrgica. O acessório era completamente estampado com marcas de batom rosa berrante e bolsinhas. Como que para corroborar a escolha da touca, ela sacou um gloss e o passou rapidamente nos lábios, abrindo um sorriso para mim.

— Ouvi dizer que o Chase andou perguntando de você.

Baixei os olhos, me sentindo envergonhada.

— Não, você também, não.

Será que todo mundo estava tão entediado a ponto de não ter nada melhor para fazer do que fantasiar sobre minha vida não amorosa? Seria eu patética a ponto de um prospecto amoroso para mim ser tão empolgante?

Ela me lançou uma piscadela conforme passava.

— Liga pra ele, ou vou roubá-lo de você.

Eu sorri.

— Promete?

Angie revirou os olhos, mas sua expressão imediatamente se comprimiu.

— Caramba! Scarlet, desculpa, sua mãe na linha dois.

— Minha mãe?

— Eles transferiram a ligação uns minutinhos antes de você entrar.

Olhei de relance para o telefone, me perguntando por que diabos ela estaria me ligando no trabalho. A gente mal se falava, então devia ser algo importante. Talvez sobre as meninas. Quase me joguei sobre o telefone.

— Alô.

— Scarlet! Ah, graças a Deus! Você tem visto os noticiários?

— Um pouco. Estamos cheios de trabalho aqui. Pelo que pude ver de relance, parece ruim. Você viu o pânico no Aeroporto Internacional de Los Angeles? Havia pessoas doentes em alguns voos. Estão achando que foi assim que o vírus chegou aqui.

— Eu não me preocuparia demais com isso. Nunca acontece nada no meio do país.

— Por que me ligou então? — falei, confusa. — As meninas estão bem?

— As meninas? — Ela fez um ruído com a garganta. Até sua respiração podia ser condescendente. — Por que eu estaria ligando para falar das meninas? Tem um vazamento no chão da minha cozinha, no canto, por causa da geladeira, e eu tinha esperanças de que você pudesse pedir ao Andrew para consertar isso pra mim.

— Ele vai passar o fim de semana com as meninas, mãe. Não posso falar agora. Estou em cirurgia.

— Sim, é claro. Sua vida é muito importante.

Olhei de relance para Angie, vendo que ela e o técnico cirúrgico tinham quase terminado o trabalho.

— Vou pedir a ele, mas, como eu disse, ele vai estar com as meninas.

— Ele passa muito tempo com as meninas. Você tem ido a bares todo fim de semana, ou o quê?

— Não.

— Então o que é mais importante do que criar suas filhas?

— Preciso ir.

— Assunto sensível. Você nunca gostou que lhe dissessem que você está fazendo algo errado.

— Esse fim de semana é dele, mãe, é um meu e um dele.

— Bom. Por que o fim de semana dele tem que ser justo aquele em que preciso de ajuda?

— Eu preciso mesmo ir.

— Você pelo menos mandou as meninas levarem vestidos para o pai levá-las à igreja? Já que ele é o único que parece se importar em ensiná-las sobre o Senhor.

— Tchau, mãe. — Desliguei o telefone e soltei um longo suspiro, bem quando o dr. Pollard entrou.

— Boa tarde, pessoal. Isso não deve demorar muito — disse ele. Dr. Pollard esticou os braços para a frente, apontando os dedos para cima, esperando Angie calçar as luvas nas mãos dele. — Mas, pelo que parece, todos nós teremos uma longa noite, então espero que nenhum de vocês tenha feito outros planos.

— É verdade? — perguntou Ally, a tecnóloga cirúrgica, por trás da máscara. — Sobre o Aeroporto Internacional de Los Angeles?

— Aconteceu no de Washington também — disse Angie.

Olhei de relance para o relógio e então puxei o celular do bolso da frente do uniforme cirúrgico. Eu podia ser denunciada, se alguém sentisse que eu estava passando informações sobre o que estava acontecendo, mas um pedaço de papel a

mais na minha ficha valia a pena nesse caso. Digitei as palavras "Me liga o + rápido possível" e então as enviei para o celular de Jenna.

Depois de alguns minutos sem resposta, liguei para o Andrew. O telefone tocou quatro vezes e caiu na caixa postal.

Soltei um suspiro.

— É a Scarlet. Por favor, ligue pra mim no hospital. Estou no meio de uma cirurgia, mas me ligue mesmo assim, para combinarmos. Vou até aí assim que sair do trabalho.

NATHAN

Outro dia de oito horas que não significavam porcaria nenhuma. Quando bati o ponto para sair do trabalho, a liberdade devia estar em primeiro plano na minha cabeça, ou eu devia pelo menos ter um sorriso estampado no rosto, mas não. Saber que eu tinha acabado de desperdiçar mais um dia da minha vida era deprimente. Até mesmo trágico. Ficar preso a um trabalho burocrático em uma cooperativa elétrica que não fazia a menor diferença no mundo, dia após dia, e então voltar para casa para uma esposa que me odiava fazia da minha existência um infortúnio.

Aubrey nem sempre fora uma vaca miserável. Logo que nos casamos, ela tinha senso de humor, e mal podia esperar até a hora de dormir para que deitássemos juntos e trocássemos beijos e carícias. Ela começava com o sexo oral porque queria me agradar, não porque era meu aniversário.

Sete anos atrás, ela mudou. Tivemos a Zoe, e meu papel passou de marido adorável e cobiçado para uma fonte constante de decepção. As expectativas de Aubrey em relação a mim nunca foram atendidas. Se eu tentava ajudar, ou era demais, ou não era do jeito certo. Se tentasse ficar de fora, eu era um canalha preguiçoso.

Aubrey deixou o emprego para ficar em casa com Zoe, então meu trabalho era nossa única fonte de renda. De repente, isso também não era mais o bastante. Porque eu não ganhava o que Aubrey achava que era suficiente, ela esperava que eu lhe desse

um "tempo do bebê" no segundo em que eu punha os pés dentro de casa. Eu não tinha permissão para conversar com a minha esposa. Ela desaparecia na sala de estar, sentando-se ao computador e conversando com seus amigos da internet.

Eu ficava entretendo a Zoe enquanto esvaziava a lava-louça e preparava o jantar. Pedir ajuda era um pecado, e interromper o "tempo do bebê" só dava a Aubrey mais um motivo para me odiar, como se ela já não tivesse motivos suficientes.

Assim que Zoe começou a frequentar o jardim de infância, tive esperanças de que as coisas melhorassem, que Aubrey começasse a trabalhar outra vez e se reconectasse a seu antigo eu. Mas ela simplesmente não conseguia se livrar da raiva. E não parecia querer isso.

Zoe tinha só mais algumas semanas de aula no segundo ano. Eu a pegaria na escola e nós dois chegaríamos em casa com esperanças de que Aubrey tirasse os olhos do computador por tempo suficiente para notar que estávamos ali.

Em um dia bom, ela faria isso.

Hoje, porém, não fez. A internet e o rádio tinham estado a todo vapor desde cedo com notícias urgentes sobre uma epidemia. Um dia cheio de notícias significava que o traseiro de Aubrey ficaria firmemente estacionado no tecido azul manchado e desbotado da cadeira do escritório. Ela ficaria conversando sobre o assunto com estranhos em fóruns, com amigos e parentes distantes nas redes sociais e comentando em sites de notícias. Teorias. Debates. Em algum momento, isso havia se tornado parte de nosso casamento, e eu tinha sido deixado de fora.

Fiquei esperando em meu sedã de oito anos, o primeiro em uma fila de carros estacionados atrás da escola de ensino fundamental. Zoe não gostava de ser a última a ser apanhada no colégio, então eu me certificava de ir buscá-la assim que saísse do trabalho. Esperar por quarenta e cinco minutos me dava tempo suficiente para relaxar e me preparar psicologicamente para mais uma noite cheia, sem ajuda ou reconhecimento por parte de minha esposa.

O tom do locutor era mais sério do que nunca, então aumentei o volume. Ele estava usando uma palavra que eu nunca os ouvira usar antes: "pandemia". A doença contagiosa tinha invadido nossas fronteiras. O pânico se instalara no aeroporto de Washington e no de Los Angeles, quando passageiros que haviam adoecido durante voos internacionais começaram a atacar funcionários das companhias aéreas e paramédicos que os ajudavam a sair do avião.

No fundo, eu sabia o que estava acontecendo. O âncora da manhã havia relatado a prisão de um pesquisador em algum lugar na Europa, e, embora meus pensamentos continuassem se voltando para a impossibilidade de uma coisa dessas, eu sabia.

Olhei minha imagem no espelho retrovisor, e eu estava quase irreconhecível para alguém que tivesse me conhecido em dias melhores. Meus olhos castanhos não eram mais brilhantes e cheios de propósito como antes. A pele sob eles estava sombreada com escuras olheiras. Apenas quinze anos atrás, eu tinha noventa quilos de músculo e confiança; agora eu me sentia um pouco mais arruinado a cada dia.

Aubrey e eu nos conhecemos no ensino médio. Naquela época, ela queria me tocar e falar comigo. Nossa história não foi tão empolgante assim: eu fazia parte da formação inicial do time de futebol americano, e ela era a principal líder de torcida. Tanto eu como ela éramos peixes grandes em uma pequena lagoa. Meus cabelos castanho-claros desgrenhados se moveram quando uma brisa soprou pela janela do passageiro. Aubrey costumava amar o comprimento deles antes. Agora tudo o que fazia era encher meu saco, dizendo que eu precisava cortá-los. Pensando bem, ela reclamava de tudo que se referia a mim. Eu ainda frequentava a academia, e as mulheres no trabalho às vezes eram um pouco atiradas, mas Aubrey não me enxergava mais. Eu não sabia bem se o que havia sugado minha vitalidade era estar com ela, ou se era culpa das decepções que eu tinha sofrido ao longo dos anos. Quanto mais eu me afastava do ensino médio, menos parecia possível ser alguém na vida.

Um zumbido irritante no rádio chamou minha atenção. Eu estava atento quando uma voz robótica masculina surgiu nos alto-falantes do carro.

— Este é um alerta vermelho do sistema de transmissão de emergência. O departamento do xerife do condado de Canton confirma a chegada de um vírus altamente contagioso em nosso estado. Se possível, permaneçam em locais fechados. Este é um alerta vermelho do sistema de transmissão de emergência...

Movimentos na lateral do retrovisor chamaram minha atenção. Uma mulher saiu em disparada de seu carro em direção à porta da escola. Outra saltou de sua minivan e, depois de uma breve pausa, disparou rumo à escola também, com o filho pequeno nos braços.

Eram mães. É claro que não deixariam que o lado racional de seu cérebro as convencesse a hesitar. O mundo estava indo para o inferno, e elas levariam os filhos a um lugar seguro... onde quer que isso fosse.

Parei o carro e abri a porta. Eu caminhei rapidamente, mas, quando mães frenéticas passaram correndo por mim, comecei a correr também.

Dentro do prédio, mães estavam ou carregando os filhos e seguindo pelo corredor rumo ao estacionamento, ou empurrando rapidamente a porta das salas de aula, sem

perder tempo dando explicações às professoras sobre o motivo pelo qual as crianças iam sair mais cedo.

Eu me esquivei de pais assustados que puxavam filhos confusos pela mão até que cheguei à sala de aula de Zoe. A porta bateu com tudo na parede de concreto quando a abri.

As crianças me miraram com os olhos arregalados. Nenhuma delas tinha sido apanhada ainda.

— Sr. Oxford? — disse a sra. Earl.

Ela estava paralisada no meio da sala de aula, cercada de minimesas e cadeiras e miniaturas de gente, que esperavam pacientemente que ela entregasse os trabalhos que deveriam levar para casa. Trabalhos escolares que não fariam diferença alguma em poucas horas.

— Sinto muito. Preciso pegar a Zoe.

Zoe também estava me encarando, desabituada a pessoas invadindo a sala de aula assim. Ela parecia tão pequenina, mesmo na cadeira em miniatura em que estava sentada. Seus cabelos castanho-claros estavam ondulados nas pontas, mal lhe roçando os ombros, exatamente do jeito que ela gostava. Os tons verdes e castanhos de suas íris eram visíveis mesmo a meia sala de aula de distância. Ela parecia tão inocente e vulnerável sentada ali; todas as crianças pareciam.

— Braden? — Melissa George irrompeu pela porta, quase me derrubando. — Venha, meu bebê — disse ela, esticando a mão para seu filho.

Braden olhou de relance para a sra. Earl, que assentiu, e então o garoto deixou a cadeira para se juntar à mãe. Eles saíram da sala sem dizer uma única palavra.

— Também temos que ir — falei, caminhando até a carteira de Zoe.

— Mas o meu trabalho, papai.

— Nós vamos pegar seu trabalho depois, docinho.

Zoe se inclinou para o lado, olhando ao meu redor em direção à sua prateleira na sala.

— Minha mochila.

Eu a peguei no colo, tentando manter a calma, me perguntando como estaria o mundo fora da escola, ou se eu chegaria ao carro me sentindo um idiota.

— Sr. Oxford? — disse novamente a sra. Earl, dessa vez me encontrando na porta. Ela se inclinou até os meus ouvidos, olhando nos meus olhos ao mesmo tempo. — O que está acontecendo?

Olhei ao redor da sala, para os olhos atentos de seus jovens alunos. Desenhos desajeitados em finas linhas de giz de cera e pôsteres educacionais em cores berrantes

pendiam aleatoriamente das paredes. O chão estava repleto de recortes dos trabalhos artísticos dos alunos.

Todas as crianças na sala ficaram me encarando, esperando ouvir o motivo pelo qual decidi invadir a aula. Eles continuariam esperando. Ninguém ali seria capaz de entender a complexidade do pesadelo que os aguardava em apenas poucas horas — se tivéssemos todo esse tempo —, e não seria eu a causar pânico.

— A senhora precisa fazer com que essas crianças cheguem em casa, sra. Earl. Fazer com que elas cheguem até seus pais, e depois precisa correr.

Não esperei pela reação dela. Em vez disso, saí pelo corredor congestionado. Um engarrafamento parecia estar travando a saída principal, então empurrei com o ombro uma porta lateral que dava para o parquinho da pré-escola e, com Zoe em meus braços, pulei a cerca.

— Papai! Você não devia pular a cerca!

— Sinto muito, docinho. O papai está com pressa. Temos que pegar a mamãe e...

Minhas palavras desapareceram conforme eu prendia o cinto de segurança de Zoe no assento. Eu não fazia ideia de para onde iríamos. Onde poderíamos nos esconder de algo assim?

— Podemos passar no posto de gasolina para pegarmos uma raspadinha?

— Hoje, não, bebê — falei, dando-lhe um beijo na testa antes de bater a porta do carro.

Tentei não correr para dar a volta no carro. Eu tentei, mas o pânico e a adrenalina me impeliram a fazer isso. A porta bateu e eu arranquei pelo estacionamento, incapaz de controlar o temor de que, se eu diminuísse a velocidade o mínimo que fosse, algo terrível aconteceria.

Com uma das mãos no volante e a outra segurando meu celular junto à orelha, segui até em casa, ignorando sinais de trânsito e limites de velocidade e tentando tomar cuidado para não ser atingido por nenhum dos outros motoristas apavorados.

— Papai! — gritou Zoe quando passei rápido demais por uma lombada. — O que você tá fazendo?

— Desculpa, Zoe. O papai tá com pressa.

— Nós estamos atrasados?

Eu não sabia bem como responder a essa pergunta.

— Espero que não.

A expressão de Zoe sinalizava sua desaprovação. Ela sempre se esforçava para bancar a mãe para mim e Aubrey. Provavelmente porque Aubrey não era muito mãe, e ficava claro, na maioria dos dias, que eu não sabia que diabos estava fazendo.

Pisei no acelerador, tentando evitar as vias principais até em casa. Todas as vezes em que tentei telefonar para Aubrey, ouvi um esquisito sinal de ocupado. Eu devia ter percebido, quando cheguei lá, que havia algo errado. Eu devia ter engatado imediatamente a marcha a ré do meu sedã e saído apressado dali, mas a única coisa que me passava pela cabeça era como eu convenceria Aubrey a sair daquele maldito computador, o que pegaríamos para levar e por quanto tempo eu nos permitiria fazer isso. Um pensamento aleatório me passou pela cabeça sobre quanto demoraria até que a internet parasse de funcionar, e como seria irônico que um surto viral acabasse salvando nosso casamento. Havia tantos "devia fazer" naquele momento, mas ignorei todos eles.

— Aubrey! — gritei conforme abria a porta.

O lugar mais lógico a procurar por ela seria na sala de estar. A cadeira azul vazia foi uma surpresa. Tão grande que fiquei paralisado, encarando o espaço como se minha visão fosse se ajustar e ela por fim aparecer, de costas para mim, encurvada sobre a mesa enquanto se mexia apenas o bastante para manusear o mouse.

— Onde está a mamãe? — a Zoe quis saber, com um fiapo de voz mais fraco que de costume.

Um misto de preocupação e curiosidade fez com que eu me detivesse. O traseiro de Aubrey transbordara e criara crateras por anos na almofada daquela cadeira deteriorada. Nenhum barulho na cozinha; a porta do banheiro de baixo estava aberta, e o cômodo, escuro.

— Aubrey! — gritei do segundo degrau da escada, esperando que ela aparecesse acima de mim e descesse cada degrau de um jeito mais dramático que o anterior. A qualquer momento, ela soltaria aquele suspiro irritado, sua marca registrada, e reclamaria de alguma coisa, qualquer coisa. Porém, enquanto eu esperava, ficou evidente que ela não faria nada disso.

— A gente vai se atrasar muito — disse Zoe, erguendo o olhar para mim.

Apertei sua mão e então avistei um envelope branco no meio da mesa de jantar. Puxei Zoe comigo, com medo de deixá-la fora de meu campo de visão por um segundo que fosse, e ergui o papel. Estava escrito "Nathan" na frente, na caligrafia feminina porém relaxada de Aubrey.

— Sério? — falei, rasgando e abrindo o envelope.

Nathan,

Quando você estiver lendo isso, já estarei a horas de distância daqui. Você provavelmente vai me achar a pessoa mais egoísta do mundo, mas temer que você me julgue mal não é suficiente para me fazer ficar. Estou infeliz e venho me sentindo assim a um bom tempo.

Eu amo a Zoe, mas não nasci para ser mãe. Foi você quem quis ser pai. Eu sabia que você seria um bom pai, e achei que isso faria de mim uma boa mãe, o que não aconteceu. Não consigo mais viver assim. A tantas coisas que quero fazer com a minha vida, e ser dona de casa não é uma delas.

Lamento se você me odiar, mas finalmente decidi que consigo viver com isso. Sinto muito por você ter de explicar isso à Zoe. Telefono amanhã, quando tiver me ajeitado em algum lugar, e tento fazê-la entender.

Aubrey

Deixei o papel dobrado cair sobre a mesa. Ela nunca conseguiu diferenciar "há" de "a". Essa era só uma das mil coisas na Aubrey que me incomodavam, mas que nunca mencionei.

Zoe estava erguendo os olhos para mim, esperando que eu desse uma explicação ou esboçasse uma reação, mas eu não conseguia fazer nem uma coisa nem outra. Aubrey tinha nos deixado. Voltei para arrastar aquele traseiro preguiçoso, mal-humorado e cheio de raiva dela para longe dali, e ela tinha abandonado a gente!

Um grito do lado de fora deixou a Zoe assustada o bastante para se agarrar à minha perna, e a ficha caiu ao mesmo tempo em que balas atravessaram as janelas da cozinha. Abaixei a cabeça e fiz sinal para que Zoe se abaixasse comigo.

Não teríamos como ligar para os amigos e parentes de Aubrey para descobrir seu paradeiro e implorar para ela voltar. Eu tinha que levar minha filha a um local seguro. Talvez Aubrey tivesse escolhido um péssimo dia para sua independência, mas era o que ela queria, e eu tinha uma garotinha a proteger.

Mais gritos. Buzinas. Tiros. *Meu Deus. Meu Deus, meu Deus, meu Deus.* Estava aqui.

Abri o armário do corredor, peguei meu bastão de beisebol e caminhei até minha filha, me ajoelhando diante dela para encarar seus olhos cheios de lágrimas.

— Zoe, vamos ter que voltar para o carro. Preciso que segure minha mão e, não importa o que você veja ou ouça, não solte, entendeu?

Os olhos de Zoe se encheram ainda mais, mas ela assentiu rapidamente.

— Muito bem, garota — falei, dando-lhe um beijo na testa.

3

SCARLET

— Arrancado com uma mordida? — perguntou a enfermeira, Joanne, preparando cuidadosamente a mão da paciente. — De cachorro?

— Não sei — disse Ally, a voz abafada por trás da máscara. Ela era a nova contratada da equipe de tecnólogos cirúrgicos, recém-formada. Ally tinha vinte anos, mas, da forma como estava com os olhos presos na mão da paciente, parecia ter no máximo doze. — Um animal de algum tipo.

— Foi o filho dela — falei, esperando, com os equipamentos de raio X, a chegada do cirurgião. Joanne e Ally olharam para a articulação exposta no dedo da paciente. — Tirei os raios X — acrescentei. — Ela estava bem abalada, mas disse que o filho arrancou o polegar dela com uma mordida.

Angie cruzou a porta a passos minúsculos. A calça de seu uniforme farfalhava enquanto ela rapidamente finalizava diversas tarefas pela sala.

— Tem certeza de que ela disse que foi o filho? — Ally queria saber, encarando o local amputado com um interesse renovado.

— Ele está no pronto-socorro — disse Angie. — Parece que está com sintomas de raiva. Várias pessoas estão apresentando os mesmos sintomas.

— Você não acha que isso tem a ver com o que os noticiários andam dizendo, acha? — perguntou Ally, nervosa. — Isso já pode ter chegado aqui da Alemanha? É possível ter se espalhado tão rápido?

Foi então que a sala ficou em silêncio.

O anestesista estava nervoso desde o começo em relação a sedar Margaret Sisney. Em vez de brincar com o celular, como de costume, ele ficou de olho nela, atento a cada arfada de seu peito. Ele desviava o olhar de pouco em pouco para se concentrar nos números no monitor, e então voltava a atenção para Margaret. Era difícil dizer qualquer coisa sobre o restante de seu corpo sob os lençóis cirúrgicos azuis, mas o rosto e o pescoço dela estavam visivelmente azulados.

— Ela está cianótica — explicou ele. O médico ajustou vários botões e então preparou uma seringa.

— Dr. Ingram — a enfermeira disse ao anestesista. — As unhas da paciente.

Mesmo sob o tom laranja-amarronzado da solução de iodo, as unhas de Margaret estavam ficando pretas.

— Merda — disse dr. Ingram. Seus olhos iam da paciente para o monitor. — Isso foi um erro. Um erro grave do caramba!

O polegar de Margaret estava no gelo, do outro lado da sala, esperando para ser recosturado. O membro também estava cianótico, e a decisão do dr. Ferber de submetê-la à cirurgia quando ela ainda não estava totalmente estável no pronto-socorro era questionável, até mesmo para uma técnica em raio X recém-formada como eu. Vi quando seus sinais vitais se deterioraram e levei meus equipamentos até a parede mais afastada, sabendo que um código de emergência era iminente.

Meu pager vibrou junto à minha pele, e estiquei a mão sob a blusa para puxá-lo da cintura do uniforme cirúrgico.

— Merda. Angie, vou ajeitar a sala quatro e depois tô caindo fora. Vou mandar o David subir. Ele vai ficar com o pager.

— Provavelmente vai levar um tempinho mesmo, isso se fizermos a cirurgia — disse ela, abrindo pacotes e zumbindo pela sala.

Eu me apressei até o fim do corredor, empurrando e puxando equipamentos pesados de raio X à minha frente e nas minhas costas. Assim que terminei a preparação para o próximo paciente, o chamado veio pelo sistema de intercomunicações.

— Código azul. Sala sete. Código azul. Sala sete — dizia uma voz feminina monótona, soando calma e apática.

Peguei o telefone pendurado na parede da porta e liguei para o andar de baixo.

— Oi, é a Scarlet. Preparei a sala quatro, mas parece que as coisas na sete vão levar um tempinho. Diga ao David para me encontrar no elevador sul no primeiro andar. Ele precisa trabalhar no código azul e eu preciso lhe entregar o pager.

Conforme eu caminhava pelo corredor, enfermeiras, médicos e anestesistas

passavam apressados por mim, se dirigindo até Margaret Sisney. Apertei o botão para chamar o elevador, tirando a máscara cirúrgica do rosto. Quando as portas se abriram, suspirei ao ver a multidão ali dentro.

— Tem espaço aqui, Scarlet — disse Lana, da contabilidade.

— Eu vou... hum... pela escada — falei, apontando com um leve gesto para a direita.

Girei nos calcanhares, passei pelas portas duplas do centro cirúrgico e depois usei o ombro para compensar o peso da pesada porta que dava para as escadarias.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis... — contei rapidamente, trotando por um lance de escadas e depois por outro. Quando abri caminho para o corredor, David já esperava por mim perto do elevador.

— Divirta-se — falei, jogando-lhe o pager.

— Obrigado, colega. Tenha um bom dia — disse ele.

A multidão que eu deixara para trás no elevador saiu dele, caminhando pelo corredor como um pelotão, em uma formação apertada, as vozes baixas e nervosas enquanto discutiam as mais recentes notícias sobre o surto.

— Código cinza. Enfermaria um. Código cinza. Enfermaria um — uma mulher disse através do sistema de intercomunicação.

Anita, a supervisora de radiologia, estava parada de braços cruzados no meio do corredor da radiologia. Em alguns instantes, homens da equipe de manutenção e de todos os outros departamentos passaram correndo pelas portas duplas do pronto-socorro.

— O que significa o código cinza, novata? — me perguntou Anita, forçando um sorriso.

— Hummmm... paciente hostil? — falei, meio que chutando.

— Boa! — disse ela, dando tapinhas amigáveis nas minhas costas. — Não ouvimos isso com muita frequência.

— Código cinza. Enfermaria seis. Código cinza. Enfermaria seis — a voz feminina soou pelo sistema de comunicação. Agora sua voz parecia menos indiferente.

Anita deu uma olhada no corredor do nosso departamento.

— Tem alguma coisa errada — disse ela, em voz baixa. Julian, o técnico da tomografia, pôs o pé no corredor. Anita acenou para que ele se dirigisse ao pronto-socorro. — Vai logo!

Julian obedeceu, e a sempre presente expressão de tédio se ausentou por um momento de seu rosto. Quando ele passou, Anita gesticulou, apontando para o vestiário feminino.

— É melhor você bater o ponto de saída logo, antes que eu mude de ideia.

— Não precisa falar duas vezes. — O teclado emitiu um bipe depois que digitei o código, e então um clique soou, permitindo minha entrada. Entrei, notando que estava sozinha ali. O vestiário normalmente ficava alvoroçado, com mulheres abrindo armários, puxando bolsas para fora, rindo e tagarelando, ou amaldiçoando o dia.

Enquanto eu girava a combinação do cadeado para abrir meu armário, outro anúncio veio pelo interfone:

— Código azul, enfermaria três. Código azul, enfermaria três. Código cinza na ala das ambulâncias. Código cinza na ala das ambulâncias.

Apanhei minha bolsa e bati a porta com força, descendo rapidamente pelo corredor. A sala de espera da radiologia era meu caminho, separada do corredor por uma parede de vidro. Os poucos pacientes ali dentro ainda estavam concentrados na TV. Um âncora estava com o cenho franzido, e um aviso piscante passava na parte inferior da tela. A maioria das palavras era pequena demais para ser discernida, mas uma eu podia enxergar: PANDEMIA.

Um enjoo se abateu sobre mim, e segui caminhando rapidamente, prestes a correr rumo à saída dos funcionários. Assim que abri a porta, ouvi um grito, e então outro. Mulheres e homens. Não olhei para trás.

Correndo através do cruzamento até meu Suburban no estacionamento sudoeste, eu podia ouvir pneus cantando até pararem por completo. Uma enfermeira do terceiro andar estava fugindo do hospital, em pânico. A mulher estava apavorada e não estava atenta ao trânsito. Ela escapou do primeiro carro, mas um caminhão em alta velocidade dobrou a esquina e acertou seu corpo com a lateral dianteira direita. A enfermeira foi lançada, e seu corpo desfalecido saiu rolando até o meio-fio.

Minha formação me encorajava a ir até ela e checar seu pulso, mas algo dentro de mim se recusava a permitir que meus pés se movessem para outro lugar que não rumo ao estacionamento.

Angie, a tecnóloga cirúrgica lá de cima, apareceu na saída de funcionários. Seu uniforme cirúrgico estava coberto de sangue do pescoço aos joelhos, os olhos arregalados. Ela foi mais cautelosa, se esquivando dos carros ao atravessar a rua.

— Ah, meu Deus, é a Shelly? — Angie quis saber. Ela se apressou até o meio-fio e se agachou ao lado da mulher que jazia ali, sem vida. Angie pousou os dedos no pescoço da enfermeira e então ergueu o olhar para mim, os olhos arregalados. — Ela está morta.

Eu não sabia bem qual a expressão em meu rosto, mas Angie sacudiu a cabeça para frente, insistindo para que eu respondesse.

— Você viu quem a atropelou? — ela perguntou.

— Não acho que isso faça diferença — falei, recuando.

Angie ficou de pé e olhou ao redor. Uma viatura da polícia seguia a toda velocidade rumo ao centro da cidade. Outros funcionários do hospital começaram a passar pela porta afora, correndo para o estacionamento.

— Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo — ela sussurrou, tirando a touca do uniforme dos curtos cabelos loiros.

— Seu uniforme — falei. Uma faixa vermelho-escura corria na parte da frente de sua roupa verde. Seu pescoço e bochecha também estavam manchados de carmesim.

— A sra. Sisney morreu e logo depois se levantou — disse Angie, o rosto vermelho e brilhando por causa do suor. — Ela atacou o dr. Inman. Não sei bem o que aconteceu depois disso. Eu saí.

Assenti e então recuei, indo para longe dela e em direção ao estacionamento. Em direção a meu Suburban.

— Vá pra casa, Angie. Pegue sua filha e saia desse inferno.

Ela assentiu em resposta, e então olhou para baixo, para o sangue.

— Eu provavelmente devia voltar lá para dentro. Não sei o nível de contaminação disso. A Kate está com meu pai. Ele vai mantê-la em segurança.

Seus olhos deixaram as roupas saturadas de sangue e encontraram os meus. Eles estavam vidrados, e pude notar que ela já havia entregado os pontos. Eu queria falar para ela tentar, mas, quando o rosto de minhas filhas me veio à mente, minhas pernas correram a toda velocidade até o estacionamento.

Joguei a bolsa no assento do passageiro e inseri a chave na ignição do Suburban, tentando manter a calma. Era sexta-feira, e minhas filhas já estavam a uma hora de distância dali, para o fim de semana na casa do pai. Cada caminho possível cruzou minha mente. Cenas de filmes pós-apocalípticos, com veículos se estendendo por todas as pistas das rodovias por quilômetros, também.

Puxei o celular do bolso e digitei o número de Andrew. O telefone tocou, tocou, tocou, e então um sinal de ocupado zumbiu em meu ouvido, em vez de cair na caixa postal.

— Acabou de começar... — eu sussurrei, colocando o celular no porta-copos do carro. — Eu ainda consigo chegar até elas.

Então joguei o celular na bolsa, agarrei o volante com uma das mãos e, com a outra, engatei a ré no carro. Parte de mim se sentia tola. O lado racional do meu cérebro queria acreditar que minha reação a tudo aquilo estava sendo exagerada, mas

não havia nem música no rádio. Apenas notícias de última hora sobre a pandemia, o número crescente de mortos e o pânico resultante disso.

O Suburban parou abruptamente, então eu me virei e vi Lisa Barnes, a enfermeira do trabalho, grudada ao volante de seu carro, os olhos esbugalhados. Eu havia dado ré enquanto ela saía da vaga, e nós batemos uma na outra. Abri a porta e corri até ela.

— Você está bem? — perguntei, ouvindo o pânico derrotado em minha voz.

— Sai da porra do caminho! — ela gritou conforme agarrava o câmbio e engatava a marcha a ré.

Nesse instante, uma caminhonete vindo em alta velocidade bateu com tudo no meu Suburban, arrastando-o para o meio da rua.

Ficar parada em choque ao lado do sedã de Lisa foi a única coisa que consegui fazer naquele momento. Meu cérebro se recusava a processar a cena surreal à minha frente, até que captei um vislumbre de uma multidão empurrando para passar pela entrada lateral e se espalhando pela rua, se juntando a outras que vinham de diversas partes da cidade e corriam pela vida também.

Drew Davidson, o diretor de recursos humanos, tropeçou e caiu. Ele gritou de dor e então olhou ao redor, esticando o braço para os que passavam por ali, implorando ajuda. Ninguém parou nem um pouquinho que fosse.

Um par de olhos selvagens destacava-se na multidão. Era a sra. Sisney. Ela estava se movendo com rapidez, em meio à multidão que se dispersava. Ela cruzou a rua e finalmente chegou até onde estava Drew, ainda no chão, alcançando o tornozelo dele.

Assisti horrorizada à sra. Sisney atacar Drew, pulando para cima dele e agarrando seu terno caro enquanto abria a boca enorme. Drew tentava se afastar, mas ela era uma mulher grande, e, por fim, seu peso a ajudou a comprimir os braços de Drew o bastante para que ela desferisse uma mordida no ombro dele.

Os gritos de Drew atraíram mais alguém — que reconheci como o filho da sra. Sisney — e de uma outra mulher de uniforme cirúrgico. Eles caminharam lentamente até as pernas descontroladas de Drew e começaram a se alimentar.

Os gritos de Lisa se uniram aos de Drew, e então a parte dianteira amassada de seu sedã passou voando por mim em direção à rua, me deixando ali no estacionamento para testemunhar sozinha o horror.

Um estrondo bem alto soou ao longe. Foi então que notei diversas colunas de fumaça no céu, as mais recentes na área da explosão. Tiros foram acrescentados ao ruído da explosão, tanto próximos como distantes. O caos era confuso e tudo estava acontecendo com tanta rapidez que não tive tempo de sentir medo.

Chaves prateadas e reluzentes jaziam espalhadas pelo gramado, a menos de um

metro de Drew. Ele havia acabado de comprar um Jeep Wrangler, um mês antes. Eu só havia prestado atenção porque tinha me lamentado pelo jipe durante o almoço, e Drew estava sentado à nossa mesa. Nem uma semana depois, quando eu estava chegando para o meu turno, vi o jipe no estacionamento e Drew Davidson saindo de dentro. Ele me agradeceu pela dica, e isso marcou a primeira e última vez em que ele falou comigo.

Dar um único passo rumo à cena era aterrorizante, mas reuni coragem suficiente para recolher as chaves do chão e disparar rumo ao carro. Meus dedos pressionaram o alarme. Abri a porta com força, rezando para que o tanque não estivesse quase vazio. A sra. Sisney ainda estava devorando a carne do pescoço do Drew, e os outros mastigavam lentamente o corpo do homem sem vida. *Definitivamente ele não vai precisar desse jipe outra vez*, pensei enquanto arrancava do estacionamento.

Limites de velocidade e semáforos vermelhos eram irrelevantes. Eu olhava de relance de um lado para outro a cada cruzamento e então passava com tudo, até chegar à principal rodovia da cidade. Com certeza a maioria das pessoas se dirigiria até ali, pensei, mas estava enganada. Destroços pontilhavam as duas faixas da via expressa em direção a Kellyville.

Continuei afundando o acelerador no assoalho de madeira do carro, tentando me manter longe de engarrafamentos e me dar um tempo para pensar no que fazer. Pessoas, vivas e mortas, corriam ao redor. Tiros podiam ser ouvidos, vindos de todas as partes da cidade, conforme as pessoas atiravam de veículos e varandas em corpos reanimados.

Um semáforo piscando sinalizava que eu estava entrando em zona escolar. Meu estômago ficou embrulhado instantaneamente. As crianças tinham sido apanhadas na escola havia mais de uma hora, graças a Deus, mas estavam muito longe. Se a pandemia se espalhara tão rapidamente assim, provavelmente as meninas também estavam fugindo aterrorizadas.

Eu tinha de chegar até elas. Meus dedos apertaram o volante. Se aquilo era o fim do mundo, eu queria estar abraçando meus bebês.

Aumentei o volume do rádio, esperando alguma dica sobre como sair da cidade e chegar às minhas filhas. Em vez de reportarem procedimentos de segurança ou qualquer outra coisa útil, os locutores estavam se esforçando para ser profissionais enquanto chegava um relato repulsivo atrás do outro, sobre pessoas atacadas, acidentes de carro e caos.

A única coisa que não estavam falando era de onde tinha vindo a pandemia. Se a costa Leste ou a Oeste tivesse sido atingida primeiro, isso teria me dado mais tempo...

e tempo era a minha única chance.

4

MIRANDA

— Nós não vamos morrer — disse Cooper. — Tenta ficar calma.

Ele estava com o braço em volta da minha irmã mais velha, Ashley, no banco de trás do carro, e seus olhos dançavam enquanto ele observava o caos que cercava o meu New Beetle. Ele se inclinou mais para perto de Ashley quando outra pessoa passou correndo e esbarrou com força na porta.

— Droga! — falei, franzindo o cenho. — Vão arranhar a pintura!

Ashley ficou me olhando, sem poder acreditar, mas eu não consegui evitar que uma leve raiva irracional viesse à tona. Meu carro branco e brilhante, novinho em folha, mal teve tempo de deixar sua pintura customizada secar e esses babacas se esfregavam nele toda vez que passavam por nós.

— É um engarrafamento, está tudo parado — disse Bryce, tentando dar uma olhada mais à frente. Seus cabelos curtos e castanhos roçavam o tecido do teto conversível do meu New Beetle. Ele queria ir dirigindo sua caminhonete Dodge até o rancho do meu pai, mas papai é fã da Ford, e eu não ia ficar ouvindo os dois discutirem sobre montadoras o fim de semana inteiro. — Se deixar a capota aberta, posso ter uma visão melhor das coisas.

— Bom, essa ideia é simplesmente imbecil — falei, contorcendo o rosto em repulsa.

Meu comentário tirou a atenção de Bryce dos pedestres assustados do lado de fora.

— O quê?

Apontei por sobre o ombro dele.

— Eles estão correndo por um motivo. Eu não vou nos deixar expostos ao que quer que seja.

A velocidade da pista havia diminuído para quarenta quilômetros por hora depois de termos percorrido não mais que quinze quilômetros da rodovia, para nossa viagem de fim de semana, e, menos de sete quilômetros à frente, nossa velocidade fora reduzida a zero. Isso tinha acontecido havia cerca de meia hora e ainda não tínhamos saído do lugar. Nem mesmo quando as pessoas começaram a sair correndo de dentro dos carros.

— Apenas dirija, Miranda. Tire a gente desse inferno de lugar. Eu não quero saber do que eles estão correndo — Ashley disse, passando os dedos, inquieta, pelos longos cabelos ondulados. Ela era bonita como minha mãe: alta, magra e delicada. Seus cabelos loiro-acinzentados lhe caíam em cascata sobre os ombros, me lembrando aquela garota do filme *Lagoa azul*. Se Ashley estivesse sem blusa, não faria diferença. Com alguns pinguinhos bem posicionados de cola, seus seios ficariam completamente ocultos pelos cabelos.

Quando eu era adolescente, costumava ter inveja de sua beleza natural. Minha altura, 1,65 metro, me deixava troncuda ao lado dela. Eu era parecida com meu pai: rosto redondo, olhos castanhos apagados e cabelos castanho-avermelhados... Bem, os do papai eram avermelhados antes de ficarem brancos. Bryce preferia dizer que eu tinha porte atlético, mas do que é que ele sabia? Ele tinha 1,95 metro de imaturidade. O treinador de basquete dele o idolatrava, mas, quando estávamos juntos, sua altura apenas fazia com que a minha falta de altura ficasse mais evidente.

— Você sabe do que eles estão correndo — falei, agarrando o volante com as duas mãos. Apenas aqueles em negação não estavam cientes do que estava acontecendo.

As notícias sobre um surto viral foram o motivo pelo qual as aulas da tarde haviam sido canceladas. Ashley teve a brilhante ideia de irmos de carro até o lago Beaver para passar o fim de semana e convidara seu namorado, Stanley Cooper, logo no começo da semana. Sem querer servir de vela, chamei Bryce, embora, assim que ele soube que Cooper estaria junto, teria vindo se eu o convidasse ou não. Especialmente quando descobriu que a mamãe estava fora da cidade e o papai insistiu que passássemos o fim de semana com ele. Bryce sabia que meu relacionamento com meu pai não andava dos melhores ultimamente, porque ele sabia tudo sobre mim. Nós havíamos voluntariamente tolerado um ao outro desde o segundo ano do ensino médio. A gente se revezava fazendo coisas horríveis e maravilhosas um ao outro: ele tirara minha virgindade e me ajudara a passar pelo divórcio dos meus pais, eu detonara sua

primeira caminhonete e lhe dera minha virgindade. Bryce era um protetor feroz, e foi exatamente assim que acabamos indo parar na mesma faculdade. A proteção dele não era instigada pelo ciúme. Era mais como se ele me protegesse de mim mesma. Bryce fazia jornada dupla como namorado e consciência, e eu nunca neguei que gostava das duas coisas.

Assim como todas as outras pessoas, demos continuidade a nossos planos para o fim de semana, em momento algum acreditando que algo tão assustador e perigoso fosse de fato nos alcançar no meio do país. Nunca acontecia nada ali. A pior coisa que já havia acontecido comigo e com a Ashley tinha sido o divórcio de nossos pais. Fora isso, nossa vida tinha sido relativamente entediante e livre de preocupações. Isso era uma piada recorrente entre nós. Ouvíamos as histórias de nossos amigos sobre a infância brutal que tiveram, ou sobre o bullying que sofreram no ensino médio, sobre o pai bêbado e a mãe repressora. Nossos pais nunca tinham brigado na nossa frente. O divórcio deles foi uma grande surpresa.

Outra pessoa que passou correndo bateu com tudo na pintura. Eu buzinei.

— Babaca!

— Miranda, talvez a gente devesse fazer o que eles estão fazendo — disse Bryce.

— Esse carro foi presente de aniversário. Meu pai o encomendou especialmente pra mim, e ele nunca vai me perdoar se eu aparecer sem ele. Além disso, o rancho fica a duas horas daqui. A gente não vai conseguir chegar lá a pé.

Ashley agarrou meu assento com os dedos, que ostentavam unhas perfeitamente pintadas.

— T... talvez a gente devesse voltar.

Revirei os olhos.

— Você está agindo como se nunca tivesse visto um filme de zumbi, Ashley. Não temos como sobreviver na cidade. O rancho do papai é o melhor lugar.

— Por que você continua dizendo isso? Não são zumbis, isso é ridículo! — disse ela.

— Surto viral. Os infectados estão atacando e mordendo as pessoas. Usaram a palavra "cadáveres" hoje de manhã. O que você acha que é, Ash? Herpes?

Minha irmã se ajeitou em seu assento, resignada, e cruzou os braços. Cooper puxou-a para junto dele outra vez. Ele não estava enganando ninguém. Seus olhos azuis arregalados deixavam evidente que ele estava tão assustado quanto ela, mas medo não foi a única coisa que vi ali.

— Não, Coop — falei, olhando para o espelho retrovisor. — Você não vai sair deste carro.

— Mas a minha mãe e a minha irmãzinha... Meu pai não está por aqui. Elas estão sozinhas. Eu devia tentar chegar até elas.

Inspirei fundo, tentando não pensar na minha mãe. Ela estava em Belize com meu padrasto, Rick. Foi por esse motivo que tínhamos planejado visitar meu pai no rancho dele, para início de conversa.

— Elas moram no Texas, Coop. Vamos até o rancho pegar suprimentos e depois vamos apanhá-las, tá bom?

Eu estava mentindo. Cooper devia saber disso também, mas o rancho do meu pai ficava ao norte, todo mundo estava correndo para lá, e a mãe e a irmã dele estavam no sul. Talvez um dia ele pudesse tentar, mas nós todos tínhamos visto filmes suficientes sobre o fim do mundo para saber como isso se desenrolaria: caos em massa e carnificina até a população ser reduzida. Seria aí que os mortos-vivos começariam a deixar as cidades para encontrar refeições, porém, a essa altura, já estaríamos estabelecidos e educados na arte do zumbicídio. Primeiro, tínhamos de sobreviver às próximas semanas. O rancho seria o melhor lugar para isso.

Um cara mais ou menos da nossa idade bateu com tudo na minha porta e então tropeçou e sumiu do meu campo de visão.

— Cai fora! — gritei, me inclinando para frente numa tentativa de fazer contato visual com quem quer que decidisse molestar meu carro com três dias de idade.

Mais uma pessoa correndo e gritando passou pela gente e bateu o quadril no meu retrovisor. Uma mulher vinha logo atrás, mas então ela parou e passou rastejando por cima do meu capô. Xinguei outra vez, engatando a marcha a ré.

— Temos que cair fora daqui. Vão arregaçar a gente! — Assim que me virei para checar até onde poderia ir para trás, vi de canto de olho uma luta carnívora no mesmo lugar onde o primeiro homem havia caído.

— Miranda? — disse Bryce. — Ele... ele pegou o cara!

Espiei por cima do volante e vi o segundo homem tentando puxar o próprio braço para fora da boca do primeiro. Um misto de gritos e gemidos se erguia do embate frenético dos dois.

Bryce levou as mãos à testa no momento exato em que o primeiro homem pegou um grande pedaço da carne do outro e se afastou. O sangue espirrava em seu rosto, e havia uma trilha de carne e nervos de sua boca até o braço da presa.

O grito estridente de Ashley encheu meus ouvidos e, por um instante, um zumbido acompanhou uma versão mais fraca do grito que eu acabara de ouvir. Olhei para Bryce, seu rosto pálido, seus olhos dizendo tudo aquilo para o qual ele não conseguia encontrar palavras.

Pisei fundo no acelerador, parando apenas quando senti que a traseira do meu carro havia colidido no veículo atrás de nós. No instante seguinte, a marcha estava engatada e eu estava manobrando entre uma caminhonete e uma minivan, ambas vazias. O New Beetle nos jogava para cima e para baixo conforme subia e cruzava o asfalto até o acostamento.

— Não para! — disse Ashley. — Segue em frente!

Passamos por mais pessoas, sem saber ao certo quem estava fugindo e quem estava perseguindo. Vi pais carregando filhos pequenos e puxando pelas mãos as crianças mais velhas. Algumas vezes, gritaram para eu parar, imploraram ajuda, porém, nos filmes, parar sempre significava morrer, e eu mal havia completado dezoito anos. Eu não sabia quanto tempo conseguiríamos sobreviver, mas tinha certeza de que não morreria no primeiro dia da droga do Apocalipse zumbi.

SCARLET

Era arriscado pegar a velha via expressa de pista dupla, mas era o caminho mais rápido para chegar até as minhas filhas além da rodovia interestadual — essa sim seria suicídio. O jipe fazia parte de uma caravana que conseguira sair da cidade. Havia cerca de dez ou quinze carros. O Toyota Camry prateado diante de mim tinha um assento voltado para a frente no banco de trás, e eu esperava que houvesse uma criança ali.

Depois de passarmos por quilômetros e quilômetros de plantações, alguém à frente diminuiu a velocidade. Estávamos subindo em uma ponte e, sabe-se lá por quê, o carro que seguia na frente do meu estava sendo cauteloso. O medo irrompia em cada veia de meu corpo. Nós não poderíamos parar. Tínhamos que seguir, independentemente do que estivesse à nossa frente. Eu podia estar em um jipe, mas ele não cruzaria o rio. Não importava o que acontecesse, eu cruzaria aquela ponte.

Eu não conseguia ver por que o carro da frente tinha diminuído a velocidade até que cheguei à ponte. Um velho Buick azul-glacial estava enguiçado no acostamento. As janelas estavam fechadas e havia um casal dentro. A mulher olhava através do

vidro, inexpressiva, se mexendo apenas quando o homem a seu lado lhe puxava conforme rasgava sua pele com os dentes.

Instintivamente, pensei em cobrir os olhos das minhas filhas. No mesmo instante me dei conta de que elas não estavam ali comigo, e o pânico e a ansiedade de chegar até elas, além de imaginar onde estariam e se estariam assustadas ou bem, se tornaram quase devastador demais para continuar dirigindo.

— Estou chegando, meus bebês — falei, engolindo a mistura de soluço e choro que se formava em minha garganta.

Um longo trecho da via expressa norte e outro igualmente longo da leste me levariam até minhas meninas. Duas pequenas cidades estavam entre nós, e as populações eram de alguns poucos milhares, mas seria gente demais para cruzar se os mortos estivessem vagando pelas ruas.

A maior parte da caravana virou a oeste, em direção a áreas mais rurais. Seria a direção para a qual eu teria seguido se minhas filhas estivessem comigo. A oeste na Via Expressa 11 seria um dos sentidos que pegaríamos para chegar ao rancho do dr. Hayes.

Com apenas dois outros veículos, virei para leste, onde a população de cada cidade era maior que a última: Kellyville, Fairview e então Anderson ficavam do outro lado da rodovia interestadual.

A história das famílias nos outros dois veículos aguçava minha curiosidade. À minha frente, estava o Toyota Camry com o assento infantil; atrás, uma picape verde da década de 70. Eu não sabia dizer se havia uma pessoa ou uma família ali — a caminhonete estava bem afastada.

A cinco minutos de Kellyville, minhas mãos começaram a tremer. Eu me perguntei se os dois outros motoristas estariam tão apavorados quanto eu. Estar preparado para uma epidemia como essa era impossível, mesmo que tenhamos sido avisados por décadas que isso poderia acontecer e que centenas de métodos de sobrevivência tenham sido apresentados pela indústria do entretenimento. Estocar comida, armas de fogo, remédios... Porém nada disso importava se fôssemos mordidos... ou devorados.

O Toyota acelerou um pouco conforme cruzávamos a fronteira de Kellyville. Meus nervos estavam à flor da pele e minha testa, úmida. A qualquer segundo, uma virada brusca ou uma manobra evasiva poderiam ser necessárias.

Eu não sabia o que esperar, mas a cidade parecia abandonada. Sem zumbis, sem humanos. Ninguém correndo ou gritando. Isso me deu esperanças de que, de alguma forma, sabe-se lá como, a pandemia tivesse parado de se alastrar.

Nós saímos dali ilesos, exatamente como entramos, mas pareceu fácil demais. Alguma coisa não estava certa. Aumentei o volume do rádio, mas as notícias eram as mesmas. De vez em quando, noticiavam que algum famoso tinha sido encontrado morto ou havia sido assassinado porque sucumbira à doença que se espalhava, mas a história era similar.

O radialista reportou que o Capitólio havia sido invadido, assim que entramos a oeste de Fairview. Uma sensação de náusea me dominou assim que passamos pelo colégio de ensino médio. Corpos se espalhavam pelo campo de futebol americano, inteiros e em partes. Eu não tinha como afirmar se eram alunos ou adultos, ou ambos. Tentei não olhar tanto assim. Alguns cadáveres caminhavam lentamente pelos arredores, mas não como eu esperara ver em uma cidade infestada. Talvez eles tivessem saído dali.

O carro à minha frente diminuiu a velocidade até parar. Eu não sabia o que fazer. Pelo espelho retrovisor, vi que a picape também parou, talvez uns cem metros atrás. Esperei um instante e então olhei de relance ao redor, na esperança de ter uma resposta.

Tive várias, em um único segundo.

A igreja na esquina estava cercada de cadáveres reanimados. Mulheres, homens... e crianças. Alguns com roupas rasgadas e ensanguentadas, outros não pareciam feridos, mas da rodovia eu podia ver que todos tinham os mesmos olhos brancos feito leite. Fechei os olhos ao ver aquilo, me sentindo ainda mais desesperada para seguir em frente.

Os mortos golpeavam as janelas e portas cobertas com tábuas. Eles se moviam lenta e desajeitadamente, mas de maneira intensa. Eles estavam famintos. Havia uma trilha vertical de sangue vivo na parede esquerda. Alguém ferido escalara até o nível superior. A aglomeração parecia estar sendo atraída por isso.

Então entendi o motivo pelo qual o Toyota parara. Havia gente ali dentro. Alguém havia se refugiado na igreja e provavelmente não tinha para onde fugir.

— Não sejam idiotas — sussurrei. — Não com o bebê no carro.

A buzina do Toyota soou uma vez, e depois mais outra, chamando a atenção de alguns poucos corpos sangrentos que socavam as portas da frente da igreja. A buzina soou algumas vezes mais, e então a porta do motorista se abriu e um homem desceu, acenando com os braços.

— Ei! — ele gritou. — Aqui! Venham aqui!

Alguns mais se viraram na direção dele e então pararam imediatamente o que estavam fazendo para seguir em uma lenta e pesada jornada até a estrada. O arrastar

de pés chamou a atenção de outros, e então uma porção deles se descolou da igreja para vir caminhando penosamente em nossa direção.

— Merda! — falei, e meus olhos voaram dos cadáveres para o Toyota. Buzinei várias vezes também. — Entra no carro. Entra no carro! — gritei as últimas palavras, batendo a palma das mãos no volante.

O homem pulou mais algumas vezes.

— Entra, John! Entra! — sua esposa gritou, se inclinando sobre o console e esticando o braço para alcançá-lo.

John pulou para dentro do Toyota e arrancou rápido dali. Segui bem atrás deles, o coração socando o peito conforme eu deixava para trás os cadáveres que se aproximavam.

Uma dúzia ou mais apareceram no retrovisor, e então vi diversas pessoas — vivas — cruzarem a rua correndo. A picape verde ainda estava a uma quadra da igreja, esperando alguma coisa.

Meu coração nunca mais se acalmou depois que saímos de Fairview. Eu estava mais perto de minhas filhas e mais perto dos obstáculos que provavelmente teria de superar para alcançá-las, mais perto de saber se estavam vivas.

Lágrimas me escorriam pelo rosto quando chegamos próximo ao viaduto que nos levaria até a fronteira de minha cidade natal. A princípio, não me intimidou que houvesse veículos do exército de todas as formas e tamanhos na boca do viaduto. Eu estava distraída demais pela bagunça de veículos na interestadual lá embaixo.

— Meu Deus! — sussurrei.

Era como eu havia temido. Engavetamentos e veículos parados. Algumas pessoas estavam do lado de fora dos carros e caminhonetes, implorando que os soldados os deixassem passar.

O Toyota parou no que parecia um posto de controle de fronteira. John saiu do carro e imediatamente algo pareceu errado. Os soldados estavam nervosos, seus olhos passavam rapidamente de um para outro, para o carro e para John. O governador Bellmon estava na cidade, então provavelmente estavam mantendo Anderson em quarentena, controlando quem entrava ali, certificando-se de que nenhum morto-vivo passasse despercebido e ameaçasse o homem que podia ser o único membro do governo vivo, especialmente sabendo que o Capitólio havia sido invadido.

John tentou cumprimentar um dos soldados com um aperto de mãos, mas este só lhe ofereceu o cano de seu rifle. A adrenalina bombeava cada vez mais rápido pelo meu corpo, e cada pedaço meu estava totalmente alerta. Os soldados estavam se

comportando de forma instável, nervosa. John apontou para além do soldado e depois para sua família no carro. Eu podia ver que ele estava ficando cada vez mais agitado.

Olhei para baixo. Havia uma picape de ponta-cabeça na rodovia, cheia de furos de bala. À minha esquerda, uma van grande, também coberta de tiros, estava um pouco mais de quarenta metros para além do acostamento, na grama. Engatei a ré no jipe.

— Entra no carro, John — sussurrei.

Quando o soldado não se moveu, John deu um passo à frente e um empurrão no ombro do homem antes de voltar para o carro. A cerca de dez metros de distância, eu podia ver sua frustração. Era bem provável que John tivesse alguém que amasse e de quem queria estar perto, talvez um filho mais velho. No fim das contas, a única coisa que queríamos era estar perto de nossos entes queridos.

Dez metros de distância era perto o bastante para ver o soldado dar a ordem, ver todos apontarem os rifles automáticos para o carro de John e abrirem fogo. No entanto, era longe demais para avisá-lo disso.

Assim que John se sentou no banco, os soldados abriram fogo, alvejando cada centímetro do Camry prateado. Por instinto, pisei fundo no acelerador, com tanta força que meu peito se colou ao volante.

— Não! Ah, meu Deus! Não! — gritei, engatando a primeira enquanto girava o volante na direção oposta. Eles não deixariam ninguém entrar na cidade, e, pior, as entradas estavam sendo vigiadas por jovens soldados assustados portando armas de fogo automáticas. Ou eles tinham recebido ordem para eliminar qualquer um que os abordasse, ou estavam operando sem nenhuma comunicação com seus superiores, o que parecia mais provável... e ainda mais assustador.

Eu mal podia ver em meio às lágrimas, girando rápida e bruscamente o volante para o norte, para seguir por uma estrada de terra. Como eu chegaria até as minhas filhas? Os soldados estariam atirando nas pessoas da cidade também?

Obriguei minha mente a parar de vagar e a se concentrar em uma solução. O objetivo era entrar nos limites da cidade. Anderson era minha cidade natal. Eu conhecia as entradas e saídas melhor do que aqueles soldados. Tinha de haver um jeito de entrar ali.

Na fronteira a nordeste da cidade, havia uma estrada de terra adjacente a uma área cheia de árvores. Esse bosque ficava entre a estrada de terra e a estrada principal da cidade. Os soldados provavelmente patrulhariam ali, porém do outro lado ficava o rio, a grama era alta, e havia a velha ponte da Blackwell Street. Se eu conseguisse chegar perto o bastante do bosque e então passasse pela estrada principal, poderia

conseguir me esgueirar pela ponte e seguir a Blackwell Street quase toda até a casa de Andrew.

A única forma de fazer isso sem ser notada era esperar até escurecer. Só de pensar em andar pela escuridão enquanto aquelas coisas se arrastavam por todos os lados, fiquei imediatamente enjoada, mas, não importava quão aterrorizante fosse, era a única maneira de chegar até minhas filhas.

Dirigi cerca de cinco quilômetros para o norte rumo à fronteira leste da cidade de Anderson, e então cortei à direita assim que achei que o caminho estava livre. O jipe deu um salto sobre um viaduto não tão largo quanto aquele em que estavam os soldados, e depois jogou terra vermelha para cima, conforme eu acelerava em direção ao ponto escolhido. Cinco quilômetros eram suficientes para ficar fora do campo de visão de quem pudesse estar guardando a entrada norte da cidade. Eu nem ao menos cruzei com aquelas coisas rastejantes.

O jipe perdeu velocidade até parar. Pela primeira vez, me dei conta de que eu não tinha levado minha bolsa nem meu celular comigo — e meu estômago revirou. As linhas telefônicas provavelmente não estavam funcionando, mas eu me sentia mal por não ter nem mesmo como tentar ligar para Andrew... ou para qualquer outra pessoa. Olhei ao redor, procurando aquelas coisas rastejantes, baixei as travas do carro e então me esgueirei até o banco de trás. Puxei o pedaço de carpete que ocultava a chave de roda. Isso e uma pequena lanterna eram as únicas coisas úteis ali.

Esperei no banco do motorista, preparada para acelerar à primeira vista de um rastejador. Meus ouvidos estavam atentos a cada som, e meus músculos se contorciam toda vez que uma rajada de vento balançava ruidosamente as folhas e o gramado ao redor. Eu cantarolava uma melodia qualquer, cutucava as unhas, me certificava de que os cadarços dos tênis estavam amarrados com dois nós e então conversava com Deus.

Quando o sol se pôs, parecia quase impossível lidar com a ansiedade. Minha mente lutava para não voltar ao momento em que John, a esposa e o bebê tinham sido assassinados. Eu também me esforçava para não imaginar quaisquer cenas horríveis com as quais pudesse vir a me deparar assim que irrompesse nas ruas de Anderson. As entradas vigiadas eram tanto úteis quanto obstáculos. Os guardas armados, receosos e rápidos no gatilho, ao menos reduziriam a ameaça dos mortos-vivos ao mínimo.

A escuridão começou a pintar sombras pela floresta, e, com o erguer da lua minguante, veio a queda de temperatura. Esfreguei as mãos uma na outra e então envolvi os braços em torno das costelas para me aquecer, desejando ter algo mais pesado que um jaleco médico. Logo eu estaria caminhando no escuro por aí, com os

ouvidos e uma chave de roda como únicas armas contra qualquer coisa que estivesse à caça na escuridão, e a chave de roda não seria de muita ajuda. Qualquer um que não estivesse morando em outro planeta poderia dizer que a única maneira de matar um zumbi seria destruir o tronco cerebral. Eu precisaria de uma arma de fogo ou ao menos de algo pontudo o bastante para penetrar o osso. Bater no crânio de um rastejador demandaria mais tempo do que eu podia gastar.

É incrível como a imaginação pode afetar fisicamente o corpo. Meus batimentos cardíacos haviam dobrado de intensidade e eu começava a suar. Quanto mais o medo se insinuava, mais eu lembrava que minhas filhas precisavam de mim. Era provável que estivessem mortalmente apavoradas, e, não importava o que tivesse acontecido ou em que estado estivessem, eu queria estar com elas.

NATHAN

Zoe instintivamente manteve a cabeça baixa, ou estava me imitando, conforme seguíamos apressados até o carro. Tiros foram disparados a duas casas de onde estávamos, e eu olhei para lá e vi meu vizinho, Lyle Edson, atirando em alguém que se aproximava de sua varanda. Uma ambulância passou voando, as portas traseiras abertas e serpenteando conforme ela derrapava, luzes e sirenes retumbando rua abaixo.

— Papai? — disse Zoe. O medo em sua voz era real. Algo de que eu queria protegê-la até o mundo não permitir mais. Eu não tinha como protegê-la disso; o inferno estava desabando sobre nós como uma chuva de verão.

Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava enfiar a chave para destrancar a porta.

— Papai? — Zoe disse de novo.

— Só um segundo, querida — falei, amaldiçoando com um sussurro minhas mãos trêmulas. Por fim a chave entrou na fechadura e eu a girei. No mesmo segundo, Zoe apertou minha mão.

— Papai!

Eu me virei e vi um policial se aproximando. Ele rastejava lentamente em nossa direção, o maxilar relaxado fazia sua boca pender aberta. Um gemido baixo lhe emanou da garganta. Peguei o bastão que havia apoiado no carro para abrir a porta e dei um passo à frente, me colocando diante de Zoe.

— Pare onde está — ordenei. O policial continuou andando. Eu mantive o bastão erguido. — Se consegue entender o que estou falando, por favor, pare. Vou acertá-lo com este bastão se você se aproximar.

Zoe agarrou a parte de trás da minha calça e eu segurei firme na parte de alumínio do bastão.

— Feche os olhos, Zoe.

As mãos minúsculas de minha filha soltaram o tecido da minha calça, e eu puxei o bastão para trás e para o lado, ficando em uma posição perfeita para golpear. Antes que eu pudesse girar o bastão, ouvi um tiro. O policial caiu. Fiquei paralisado, e então vi Lyle Edson poucos metros à esquerda.

— Obrigado — falei e assenti.

— É melhor você pegar a arma dele e tirar a garotinha daqui — disse Lyle.

— Quer vir conosco?

Ele negou com a cabeça.

— Minha esposa está lá dentro. Ela foi mordida. Vou ficar com ela.

Eu assenti e então me abaixei, soltando o fecho do coldre do policial e retirando a arma dali. Apanhei seu rádio também, e então decidi pegar o cinto que ele estava usando com tudo que havia ali.

Zoe abriu a porta do lado do motorista e se arrastou por sobre o console até seu lado. Nós dois colocamos o cinto de segurança, e eu dei partida. O mostrador do tanque indicava que havia três quartos de gasolina. Eu não sabia quão próximos da segurança poderíamos chegar com três quartos de tanque, mas tínhamos que sair da cidade.

Zoe ergueu a mão para trancar sua porta.

— É melhor trancarmos a de trás também — falei, fazendo o mesmo que ela. Dei ré na entrada de carros e segui na mesma direção da ambulância. Imaginei que eu deveria me afastar do que quer que eles estivessem fugindo com tanta pressa.

5

SCARLET

Os últimos raios de sol caíram, sem cerimônia, no horizonte. Tremendo de medo, saí lentamente do jipe. Meus tênis, ainda um pouco molhados pela chuva da manhã, afundaram em uma lama espessa. A noite estava silenciosa — tão silenciosa que qualquer movimento que eu fazia parecia um estrondo ecoando pelas árvores.

Todos os sons faziam meu corpo congelar. Será que eles conseguiam enxergar no escuro? Será que seguiam o cheiro como um animal? Só quando pensei em minhas filhas esperando por mim criei coragem suficiente para dar mais um passo.

Cerca de uma hora depois, o barulho de algo rastejando me deixou alarmada a ponto de me fazer agarrar uma árvore. Eu a abracei e fechei os olhos, tentando ouvir um sinal de perigo além das batidas do meu coração espancando o peito e de minha respiração ofegante.

Logo quando achei que pudesse hiperventilar, meus olhos abriram para tentar capturar luz o bastante e enxergar em meio ao breu. Algo mais escuro que a escuridão e quase tão alto quanto um homem cruzava de uma árvore para a outra, a apenas vinte metros de distância. Fechei os olhos com força uma última vez e então saí em disparada, me recusando a parar, até que escorreguei no bueiro ao lado da principal rodovia para entrar e sair da cidade.

Meus joelhos bateram com força no chão e, logo em seguida, minha barriga, meu peito e meu rosto. Com o rosto e a palma das mãos na lama, rapidamente sintonizei os sons ao redor, e então girei, buscando em pânico o que quer que fosse que estivesse me caçando.

Meu peito arfava enquanto meus pulmões tentavam se ajustar ao ritmo constante da adrenalina sendo bombeada em meu corpo. Um grito brotou em meu peito, porém o reconhecimento sufocou o ruído. Chamar a atenção de alguém — vivo ou morto — poderia pôr fim à minha missão de resgate antes mesmo de começar.

Um homem caminhava em minha direção, com os braços esticados, tentando abafar o grito que ele podia notar que estava prestes a ecoar por todo o lado leste da cidade de Anderson.

O medo em seus olhos escuros estava destacado pela quantidade de branco que os cercava.

— Shhh! Não vou te machucar! — ele disse em um sussurro alto.

Ele deslizou até o meu lado, as roupas e a pele sujas de lama, espalhada em alguns pontos e concentrada em outros. Ele parecia estar rastejando de barriga para baixo na floresta havia dias.

Pressionei os lábios para abafar um grito agudo, meu corpo todo tremendo involuntariamente.

— Eu não vou te machucar — disse ele outra vez, arfando. Ele não precisava da lama. Sua pele era escura o suficiente para mantê-lo camuflado, mesmo tendo mais de 1,80 metro de altura. — Eu não pretendia assustá-la. Só estou tentando entrar na cidade. Assim como você.

Assenti, incapaz de formular uma resposta adequada.

— Meu nome é Tobin. Como você...? Você tá bem?

Respirei fundo, tentando acalmar os nervos.

— Scarlet.

Tobin fez uma rápida análise dos arredores.

— Você é de Anderson?

— Eu era.

Ele assentiu.

— Tem família lá, não tem?

— Minhas filhas — falei, sentindo as lágrimas encherem meus olhos. Pela primeira vez desde que saíra do jipe, eu sentia frio. Meu corpo não parava de tremer e eu já estava exausta.

Tobin pressionou os lábios.

— Minha irmã e os filhos moram aí. Ela não tem ninguém.

Saber que eu não estava totalmente sozinha me deu forças para me concentrar em meu plano. Apontei para o outro lado da rodovia, para outro conjunto de árvores.

— Do outro lado da estrada há um vale que se estende pelo rio. Há uma velha

ponte talvez a três quadras ao sul daqui.

Tobin franziu o cenho.

— Tem soldados em todas as entradas, e eles estão andando pelas ruas. A cidade de Anderson se tornou um tipo de zona militar agora.

— O governador está lá. Ele estava visitando a cidade hoje. Minhas filhas iam encontrá-lo.

Tobin balançou a cabeça.

— Então isso explica a situação. Não sei se eu devia ficar feliz ou com o estômago embrulhado. Quer dizer... quem se importa com o título do cara quando o mundo todo está indo para o inferno, certo?

Eu ri uma vez, mas sem humor.

— É uma boa hora para ele fazer uso da posição. Pelo menos ele não está rastejando na lama.

Tobin abriu um leve sorriso.

— É melhor irmos andando. Eles podem fazer outra varredura na floresta logo.

— Outra?

Tobin olhou para o seu corpo, coberto de lama, e depois se voltou para mim.

— Um conselho: se vir um morto andando, corra para o outro lado. Se vir um soldado, se esconda. Eles estavam atirando nos corpos que jaziam na estrada mais cedo. Só por garantia, acho.

Tobin esperou enquanto me apressei para cruzar a rodovia. Minhas pernas pareciam se mover em câmera lenta, mas, antes que eu pudesse perceber, havia cruzado as quatro vias iluminadas e estava outra vez escondida, do outro lado. Poucos segundos depois, ele se juntou a mim.

Eu nunca tinha sentido tanta satisfação por ter por perto um completo estranho. Essa é mais uma coisa que não aprendemos com filmes de zumbi.

Mantendo-nos na vegetação em excesso na margem do rio, Tobin e eu caminhamos com dificuldade em meio à lama em direção à ponte da Blackwell Street, que se agigantava à nossa frente. Um caminhão do exército passou perto devagar, e tivemos de pular para debaixo de aço e asfalto para escapar do holofote que estavam apontando para o rio. Levei as mãos à boca. Havia um corpo flutuando com o rosto para baixo na água, a pouco mais de meio metro de onde eu e Tobin tínhamos acabado de passar. Tiros foram disparados, o corpo tremeu violentamente enquanto recebia uma saraivada de balas, e então o caminhão seguiu adiante, com o holofote paralelo à trilha que seguia.

Tobin esticou a mão até o meu braço.

— Tudo bem. Eles já foram. Preciso fazer xixi, e em seguida vamos continuar seguindo em frente.

As palavras dele me soaram estranhas. Tive de esperar e analisar minhas funções corporais para descobrir até se eu precisava ir ao banheiro. De repente, minha bexiga parecia que explodiria, e isso foi suficiente para fazer com que eu soltasse o cordão da calça e abaixasse a calcinha até os tornozelos rapidamente para não urinar em mim mesma.

Tobin me encontrou à margem. Estava escuro, e não parecia boa ideia nadar, mas também não poderíamos nos arriscar a cruzar a ponte.

— Você pensou tão longe assim? — me perguntou Tobin, com o olhar fixo na correnteza. A chuva da manhã tornara a correnteza mais forte, e o nível da água, mais alto.

— Na verdade, não, mas não podemos ser pegos na ponte. Eles vão olhar para a gente uma vez e saber que invadimos a cidade. Assim que nos virem, vão atirar em nós.

— Tem razão. Você morava aqui. O que você acha que devemos fazer?

— Podemos tentar encontrar um lugar mais raso descendo o rio, tentar cruzá-lo aqui, ou usar o balanço de corda do outro lado da ponte.

— Balanço de corda? — disse Tobin, em dúvida.

— Há um balanço naquela árvore ali desde que consigo lembrar. Ele é mantido ali para as crianças que moram por perto.

Tobin me encarou, inexpressivo. Dei de ombros.

— A piscina pública fica do outro lado da cidade.

Ele piscou.

— Pra que tipo de cidade atrasada minha irmã foi se mudar?

NATHAN

— O Lyle atirou em um policial, papai.

— Eu vi — falei, sem saber o que dizer.

— O que tá acontecendo? — disse Zoe. — Por que todo mundo tá brigando?

— Algumas pessoas estão doentes — falei, ligando o rádio da polícia. — Eu acho.

Chegavam relatos de que o vírus tinha afetado todas as cidades. Depois de um tempo, a pessoa do outro lado parou de falar, então aumentei o volume do rádio do carro. Trinta e dois dos quarenta e oito estados reportaram baixas e doença. A costa Leste reportou que os que haviam optado por não se vacinar contra a gripe não estavam apresentando sintomas com tanta rapidez quanto os vacinados. Alguns relatos afirmavam que aqueles que haviam tomado a tal vacina não necessariamente precisavam ser mordidos ou atacados para contrair o vírus. Eles se reanimariam, não importava como morressem. Olhei de relance para Zoe. Ela tinha alergia a ovo, como eu. Pessoas alérgicas a ovo eram aconselhadas a não tomar a vacina, a menos que ficassem sob a supervisão de um médico após a inoculação. Mesmo minha alergia não sendo severa, Aubrey e eu e decidimos que os benefícios não eram maiores que os riscos para mim e Zoe. Bem, eu decidi... Aubrey deixou a decisão por minha conta. Deixei um leve suspiro de alívio me escapar por entre os lábios. Se eu tinha feito apenas uma coisa certa, estava feliz que tivesse sido isso.

Todas as rodovias se mostraram um curso de obstáculos. Se eu não estava puxando o volante bruscamente para a esquerda, o fazia para a direita, me esquivando de pessoas, de outros veículos e de destroços deixados pelo pandemônio. Aubrey sempre reclamava do jeito como eu dirigia, mas estávamos quase fora da cidade e eu ainda não tinha batido em nada. Ainda que fosse um pequeno milagre, nem ela poderia reclamar das minhas habilidades na direção agora.

Zoe apontou para frente. Nós estávamos em uma das poucas rodovias que eu achava que ainda estariam abertas. A via era asfaltada, mas alguns poucos quilômetros à frente daria lugar a uma estrada de terra. Bem no meio do caminho havia um cruzamento com uma ferrovia. Dava para ver um trem a menos de um quilômetro de distância, e logo as luzes vermelhas piscariam e a cancela do cruzamento seria baixada. Veículos estavam atrás de mim e só Deus sabe o que mais. Não podíamos ficar presos atrás daquele trem. Os pneus quase carecas do sedã não conseguiriam abrir caminho em meio às plantações de trigo que nos separavam da próxima estrada.

Pisei no acelerador.

— Papai, devagar!

— Não dá, Zoe. Não podemos esperar o trem passar.

Estiquei a mão e puxei o cinto de segurança dela para me certificar de que estivesse bem preso, e então segurei o volante com as duas mãos. As cancelas do cruzamento começaram a baixar. O trem disparou seu apito agudo, prolongado e triste. Eu

costumava achar esse som romântico. Agora era o que estava me impedindo de levar minha filha a um lugar seguro.

Meu pé colou no acelerador, que bateu com tudo no assoalho do carro.

— Papai, não!

A primeira cancela passou apenas de raspão pela tinta no teto do carro, mas levamos a segunda, partindo-a facilmente ao meio. Zoe virou para trás, cobrindo a boca. O Lincoln vinho que seguia atrás de nós deve ter tido a mesma ideia, mas foi um segundo mais lento. O trem acertou seu para-choque traseiro e fez o carro rodar. A parte dianteira foi chicoteada ao redor, colidindo com o trem algumas vezes antes de o carro ser atirado para longe, no campo de trigo. Se os ocupantes não estivessem bem feridos, teriam de caminhar.

— A gente precisa voltar!

Balancei a cabeça em negativa.

— Vamos para a casa do tio Skeeter e da tia Jill.

Skeeter McGee era o irmão mais novo de Aubrey. O desprezo evidente de Aubrey por mim fez com que ele gostasse de mim ainda mais. Eles viviam em uma casinha imunda bem desse lado de Fairview. A cidade era pequena. Pequena o bastante para não ter de se preocupar com um rebanho de mortos-vivos ao redor.

Os lábios de Zoe se ergueram em um minúsculo esboço de sorriso. Não fazia muito tempo que Skeeter e Jill tinham se casado e eles não tinham filhos. Skeeter amava Zoe como se ela fosse sua filha, e Jill era tão louca por ela quanto.

Mais um motivo para seguir em linha reta até Fairview era que Skeeter era um caçador entusiasta e tinha diversas pistolas e rifles de caça com muita munição. Seria o lugar perfeito para se enfiar e esperar pelo fim do mundo.

A estrada de duas mãos não estava tão congestionada quanto eu esperava. Umas poucas vezes tive de contornar engavetamentos com dois ou três veículos, muito provavelmente por causa do pânico inicial e de motoristas preocupados não muito atentos, porém a maioria dos carros seguia em velocidade moderada. Zoe apontou pela janela quando chegamos à Ponte Old Creek. Um homem estava encurvado, vomitando ao lado de seu Buick LeSabre 76, enquanto a esposa lhe acariciava as costas. A expressão dela era mais do que preocupação ou medo; suas linhas de expressão estavam ainda mais profundas pela resignação.

— Ele é um dos doentes, papai? — perguntou Zoe, conforme passávamos lentamente por eles.

A mulher ergueu o olhar, cheio de desesperança, e então ajudou o marido a sentar no banco do passageiro.

— Eu não sei, bebê.

— Talvez a gente devesse parar para ajudá-los.

— Acho que a gente não pode fazer isso — falei, puxando o celular do bolso. Tentei discar o número de Skeeter, para avisar que estávamos a caminho, mas tudo o que ouvi foi sinal de ocupado. É claro que as linhas telefônicas não estavam funcionando.

Ficamos presos em uma pequena fila de carros, um após o outro reduzindo a velocidade conforme nos aproximávamos e passávamos por Kellyville. Não dava para ver uma única pessoa. Eu não me atrevi a esperar pelo mesmo em Fairview. Conforme nos aproximávamos dos arredores da cidade, tudo parecia calmo. A princípio achei que talvez tivéssemos sido mais rápidos que a epidemia, mas então o carro da frente freou com tudo quando uma mulher cruzou a rua gritando, seguida por um homem coberto de sangue, a maioria em torno de sua boca. Os mais belos cabelos castanhos que eu já tinha visto esvoaçavam atrás da mulher. Ela corria tão rápido que seus cabelos ondulavam feito uma bandeira. Pneus chiaram no asfalto e um carro na frente conduziu uma escapada frenética pela cidade. Os outros veículos o seguiram. Eu não sabia se algum deles pretendera vir até aqui, porém eles definitivamente não ficariam.

Olhei de relance para Zoe.

— Tem gente doente aqui, Zoe. Quando eu mandar, quero que solte seu cinto e vou levá-la para dentro.

Zoe assentiu. Ela piscou algumas vezes. Eu podia dizer que ela estava nervosa, mas não porque tinha medo de morrer. Ela queria se certificar de fazer o que eu havia pedido, e fazer direito. Zoe sempre foi meticulosa em relação a procedimentos, especialmente quando eram ditos, e não apenas implícitos. Regras eram muito cuidadosamente impostas em casa. Não podíamos voltar atrás. Se houvesse uma exceção, nós não dizíamos isso a Zoe, porque ela não entendia o conceito de exceção a uma regra e, se tentássemos explicar, ela se chateava.

— Zoe?

— Oi, papai.

— Está na hora de soltar seu cinto de segurança.

Ela obedeceu enquanto eu virava na primeira à direita e depois entrava na garagem de Skeeter. Assim que o carro parou, coloquei-o em ponto morto, puxei Zoe para mim e corremos rápida porém silenciosamente até a porta dos fundos de Skeeter. Ninguém nunca aparecia na porta da frente dele, e, se alguém o fizesse, ele sabia que se tratava de um vendedor ou um tira e não atendia nenhum dos dois.

Empurrei com tudo a porta de tela com a lateral do punho cerrado, segurando

Zoe pela cintura com o outro braço. O cano do rifle de Jill se tornou visível conforme ela o usou para abrir a cortina apenas o suficiente para dar uma boa olhada em meu rosto.

— Somos nós — falei, olhando de relance para trás.

A maçaneta girou e então Jill abriu a porta com tudo, acenando para que entrássemos rapidamente.

Coloquei Zoe no chão. Seus tênis cheios de glitter bateram nos losangos verdes e amarelos do linóleo da cozinha. Respirei fundo, tentando me livrar da ansiedade que me invadira ao tentar tirar Zoe do carro e levá-la viva para dentro da casa, enquanto Jill trancava a porta e abaixava o rifle.

Jill partiu para cima de mim, envolvendo seus braços ao redor do meu torso e me apertando com tanta força que fiquei feliz por ter inspirado fundo antes.

— Ah, meu Deus, Nate! Estou tão feliz por terem vindo! — Ela me soltou e então se curvou para abraçar Zoe. — Oi, docinho! Você tá bem? — Zoe abaixou o queixo uma vez e Jill ergueu o olhar para mim, com medo nos olhos. — Cadê a Aubrey? — Como não respondi, ela se levantou e espiou pela janela. Depois se virou para mim outra vez. — Nate! Onde ela está?

— Ela me deixou.

— O quê? Quando?

Dei de ombros, sem saber que expressão seria adequada à conversa.

— Hoje.

Em qualquer outro momento, eu teria me sentido inocente ao dar a notícia à minha cunhada, mas naquele instante eu só me sentia um imbecil. Com todo o resto acontecendo, o fim do meu casamento parecia banal.

Os olhos amendoados de Jill ficavam passando de Zoe para mim e vice-versa. Não era exatamente surpresa o fato de Aubrey ter me abandonado. Ela andava deprimida e infeliz havia um bom tempo. Não importava o que eu tentasse fazer, ou quantas vezes tinha pedido que ela fizesse terapia — juntos ou sozinha —, Aubrey não era mais a mulher com quem me casei, e todos nós estávamos esperando que a mulher que tomou seu lugar finalmente dissesse que aquela vida não era para ela. Todos fingíamos que as coisas melhorariam, mas a verdade não dita é sempre mais sonora que as histórias que contamos.

Ainda assim, para Jill, qualquer expressão que não um sorriso parecia inapropriada. Ela era uma bela mulher. Observá-la limpando um gamo ou um peixe, com aquela pele de porcelana e dedos longos e delicados, sempre fora surreal para mim. O fato de ela conseguir usar uma espingarda e colocar isca em anzol a tornava

perfeita para Skeeter, e ele a amava tanto quanto um homem pode amar uma mulher. Eles namoravam desde o ensino médio, e nenhum dos dois parecia se importar em não ter curtido outra pessoa ou outra coisa. Em qualquer outro lugar que não Fairview, Jill nunca ficaria com Skeeter, mas ali, no meio do nada, até com a pança crescente de cerveja e a barba malfeita, Skeeter McGee só precisava de seu charme de rapaz do interior, dos músculos de trabalhador e de um emprego decente para arrebatar a magnificência de Jill.

Por falar em Skeeter...

— Onde está ele? — perguntei.

Jill colocou a mão na lateral do rosto.

— Ele saiu há meia hora, mais ou menos. Desceu a rua até a casa da Barb e da sra. Kay para ver se precisavam de ajuda. Elas estão ficando velhas e os maridos morreram faz anos. Ele tira a neve da garagem delas todos os invernos e arruma o que precisar de conserto. Ele se preocupa com elas. Com os portões do inferno abertos e tudo aquilo que está rolando lá fora, ele quer tentar trazê-las pra cá para poder cuidar delas. — Inconscientemente, Jill esticou a mão para pegar a de Zoe, o pensamento dos monstros do lado de fora refletido em seus olhos.

— Ele levou uma arma?

Jill assentiu.

— O rifle.

— Ele vai voltar.

6

NATHAN

Antes de a doença se alastrar, esperar era irritante. Agora que os mortos caminhavam entre os vivos, esperar era algo parecido com a violação de ser roubado, com a desesperança de perder algo valioso, como as chaves ou a aliança de casamento, e com o temor intolerável que nos domina quando nossos filhos saem de nosso campo de visão no shopping, tudo isso enrolado em uma nauseante bola de emoção.

Jill andava de um lado para outro na cozinha, os dedos na boca enquanto roía cada pedacinho de unha que seus dentes conseguiam encontrar. Verifiquei as janelas e a porta da frente, me certificando de que tudo estava seguro. Zoe estava sentada na passagem entre a cozinha e a sala de estar, mexendo quieta na barra de sua camiseta de manga longa.

Um assobio familiar soou do lado de fora da janela da cozinha, e então um tiro foi disparado. Sem olhar, Jill se apressou para destrancar a porta e Skeeter entrou cambaleando, sem fôlego e suado. Ele pousou o rifle ao lado de Jill enquanto ela trancava a porta, e então os dois se abraçaram e se beijaram como se não se vissem havia anos.

Jill choramingou e Skeeter envolveu o rosto dela com as mãos.

— Não chore, minha Jujuba. Eu disse que ia voltar.

Ele deu um beijo na testa dela e então esticou os braços para Zoe, agachando o máximo que seus 1,90 metro e quase cem quilos lhe permitiam.

Imediatamente, Zoe se levantou e correu até ele, se derretendo em seus braços.

— Zoe! — disse ele, beijando o topo da cabeça da minha filha. — Sentimos sua falta! — Ele olhou para mim. — Acho que ela cresceu bem uns trinta centímetros!

Era uma conversa trivial, mas, durante um Apocalipse, uma conversa trivial era perturbadora.

— Onde está a Aubrey, tentando reiniciar o computador? — ele perguntou.

Jill olhou para mim e então para Zoe.

— Ela não estava em casa quando chegamos. Ela deixou um bilhete.

Era difícil decifrar a expressão de Skeeter. Eu não sabia se ele estava confuso ou apenas tentando processar o significado das minhas palavras.

Jill estava de pé ao lado do marido.

— E a sra. Kay? A Barb?

Skeeter forçou um sorriso.

— Levei as duas até a igreja. Voltei para te pegar. Estão colocando tábuas nas janelas, e quase todo mundo levou suprimentos. Comida e outras coisas. Armas. Munição. É uma boa fortaleza.

— Skeeter — falei. — Não é uma boa ideia juntar essa gente toda em um único lugar. Será como um bufê.

Sua expressão ficou um pouco triste.

— Não tem tanta gente assim. — Ele agarrou sua arma com uma das mãos e envolveu a cintura de Jill com a outra, sussurrando ao ouvido dela: — Coloque algumas mudas de roupa na bolsa.

Jill se contorceu.

— Eu não quero sair de casa, Skeeter. Não podemos ficar aqui?

Skeeter baixou ainda mais o tom de voz.

— Estão quebrando as janelas. Nós não temos como protegê-las com tábuas. — Ele abaixou o queixo, esperando pacientemente que Jill concordasse. Assim que ela assentiu, ele prosseguiu: — Precisamos levar o máximo de água e comida que pudermos carregar. Vou pegar as armas e munições. Seja rápida, baby.

Jill assentiu e depois desapareceu, indo para o outro lado da casa. Skeeter passou bem perto de mim e entrou na sala de estar, abrindo a porta do armário. Ele puxou duas bolsas de lona gigantescas e as carregou até o cofre marrom na parede perto da televisão. O cofre era mais alto que Zoe, quase da altura de Jill. Skeeter girou a combinação e rapidamente abriu a porta pesada, sacando dali pistolas, duas por vez, e as colocando na bolsa. Assim que havia esvaziado o cofre de revólveres, começou a sacar rifles, miras e escopetas. Ele encheu a outra sacola com munição, facas de caça, um kit de primeiros socorros e várias caixas de fósforos.

Baixei o olhar para meu cunhado, o observando se ajoelhar no chão para organizar suas bolsas de sobrevivência.

— Meu Deus, Skeeter, você sabia que isso ia acontecer? — perguntei, meio que em tom de brincadeira.

— Todos que não achavam essa situação uma possibilidade real estavam em negação. Com a tecnologia que temos por aí, há quanto tempo as pessoas vêm falando de zumbis? Desde antes de termos nascido. Eu soube no último outono, quando os relatórios sobre "ataques humanos" apareceram nos noticiários por um ou dois dias, e então não se ouviu mais nada sobre o assunto. Eu não estou nem aí para banhos de espuma que deixam as pessoas malucas... Não existe droga nenhuma que me deixe alto o bastante para mastigar um pedaço da cara de alguém.

— Eles chamam de sais de banho, Skeeter. E disseram que o cara admitiu. Estava no sistema dele.

Skeeter ergueu o olhar para mim, hesitante.

— Você ainda acredita nisso, né?

Cruzei os braços e me apoiei no umbral da porta, tentando fingir que a teoria dele não era completamente perturbadora. Nosso governo certamente não sabia disso. Essa doença não podia estar aqui há tanto tempo — meses — sem que o governo falasse sobre ela antes de sair de controle.

— Eles teriam noticiado antes.

Skeeter fez uma pausa e inspirou, ainda com o olhar fixo no chão.

— Eles fizeram isso, Nate. — Ele recarregou seu rifle e ficou de pé.

Um som de batida soou no outro lado da casa, e Jill gritou.

Os eventos seguintes pareceram acontecer durante um espaço de muitos minutos, mas na verdade foram só alguns segundos. Skeeter cambaleou e voou da sala de estar até o quarto. Ele deu um berro, e então ouvi tiros. Altos. Meu lado emocional pensou em tapar os ouvidos sensíveis de Zoe, mas o lado racional, vencedor, entrou no modo de sobrevivência, e eu agarrei minha filha e corri pela cozinha até a porta dos fundos, lutando para abrir. Assim que abri a porta, algo morto e horripilante estava em nosso caminho.

Zoe soltou um grito, e então outro tiro soou, não muito longe de meus ouvidos. Todos os sons se mesclavam em um único zumbido sólido. Skeeter acertara... a coisa... na cara, e passou me empurrando com Jill em um dos braços e as bolsas de sobrevivência no outro. Ele berrou algo para mim, mas não consegui ouvi-lo. A única coisa que eu conseguia ouvir era o zumbido.

Por fim, Skeeter apontou e fez sinal para que eu o seguisse. Agarrei as mãos de

Zoe e fechei a porta atrás de nós, na esperança de o que quer que tivesse entrado pela janela do quarto tivesse problemas com maçanetas.

MIRANDA

Assim que chegássemos ao rancho, estaríamos a salvo. Era isso que eu continuava repetindo para Ashley enquanto tentava impedir que meu carro ficasse preso — dentro ou fora da pista. O papai estaria nos esperando por lá. Ele era um exímio atirador, e Bryce caçara bastante com ele ao longo dos anos, de modo que também estava ficando muito bom nisso. Eu importunara meu pai tantas vezes por causa daquela coleção ridícula de armas de fogo e munições. "Ninguém precisa disso tudo. É como uma coleção de carros. É um desperdício", eu costumava dizer. No entanto, por causa da obsessão boba do meu pai, nós teríamos armas de fogo, os armários da cozinha e da copa estariam abarrotados de comida, teríamos água do poço e o Butch, o touro do papai. Ele não gostava de ninguém no quintal. Nem mesmo nós. Se o soltássemos, teríamos nosso próprio sistema de segurança. O rancho Red Hill era o melhor lugar para se esconder.

Tudo o que tínhamos de fazer era chegar até lá, e estávamos, tipo, em Flynn.

Todos tentamos usar nossos celulares. Números diferentes. Ligamos até para a polícia, mas tudo o que conseguimos foi o mesmo sinal de ocupado, de que estávamos fora da área de serviço, como disse o Bryce.

— Os sistemas devem ter caído — disse ele.

— Mas que maravilha — disse Ashley. — Também não consigo acessar a internet!

— Acredita em mim — falei. — Ninguém está vendo seu status do Facebook agora.

— É pelas notícias — ela rebateu, irritada com a piada.

— Vou pegar essa saída. Uma rota alternativa. A interestadual não vai estar nada melhor, e, se eu continuar dirigindo no canteiro e no acostamento, vou acabar com o pneu furado.

Bryce franziu o cenho.

— Faltam pouco mais de trinta quilômetros até a saída de Anderson. A interestadual é o caminho mais rápido para chegarmos ao rancho do seu pai.

— Era. Agora estamos passando por centenas de carros presos ou enguiçados e tentando não atropelar ninguém. — Ironicamente, assim que eu disse isso, um velho apareceu entre os carros. Ele deu um pulo para trás quando eu passei. Eu não ia diminuir a velocidade. Nem mesmo pelas pessoas aterrorizadas que estavam a pé, chorando e implorando para que as salvássemos.

— Miranda — disse Ashley, num fiapo de voz. — Nem todos estão doentes. Nós podemos ajudá-los.

— E como, exatamente? Dando uma carona? Estamos em um New Beetle, Ashley, não tem espaço.

— Ash — disse Cooper, tentando soar tranquilizador —, ela tem razão. Todo mundo está com medo. Se pararmos, podem tirar o carro da gente.

— Vou pegar essa saída — avisei, olhando de relance para Bryce.

— Continua na interestadual! — ele gritou, com uma ponta de desespero na voz.

Ele não estava tentando agir como um imbecil. Eu não podia culpá-lo; deixar aquela rodovia significava optar pelo desconhecido. Qualquer coisa desconhecida nessa bagunça toda era absolutamente assustador. Permanecer na mesma estrada com milhares de outras pessoas com a mesma meta de sobrevivência era, de certa forma, menos intimidante. Não estávamos sozinhos em nosso terror, e passar por todas aquelas pessoas com o único carro funcionando na estrada era assustador e reconfortante ao mesmo tempo. Estávamos em vantagem. Éramos os que estavam em mais segurança em um lugar onde ninguém estava a salvo.

Contra o meu bom senso, passei pela saída e continuei no acostamento da rodovia, desviando de pessoas, carros e zumbis, e nutrindo a esperança de que os pneus aguentassem por mais uns trinta quilômetros. Geralmente eu não era alguém fácil de lidar; na verdade, a maioria dos meus conhecidos achava que eu podia ser bem difícil. Porém a única pessoa de quem eu sempre dependia era Bryce, e naquele instante eu precisava acreditar que não era a única que conseguia tomar uma decisão sensata.

Na adolescência, com meu pai sempre trabalhando e minha mãe preocupada com novas formas de chamar a atenção dele, eu me sentia a única adulta na casa. Ashley se apoiava tanto na mamãe que não havia de fato uma oportunidade para eu ser paparicada. Minha irmã era tão delicada. Ela herdara esse traço de personalidade da minha mãe. Cada obstáculo era uma tragédia; todas as lutas, uma sentença de morte. Eu nunca consegui entender por que elas eram tão suscetíveis ao estresse e, no fim das

contas, concluí que meu pai aceitara havia muito tempo que isso simplesmente fazia parte da personalidade da esposa. Ele achava melhor impedirmos que mamãe e Ashley ficassem remotamente sobrecarregadas. Deixávamos que acreditassem que, independentemente do que viesse pela frente, juntos, papai e eu teríamos tudo sob controle. Papai lidaria com a mamãe. Eu lidaria com Ashley. Agora que a mamãe se casara novamente, as infinitas tentativas de tranquilizá-la e as heroicas demonstrações de paciência eram responsabilidade de Rick — manter sob controle os colapsos emocionais de Ashley ainda era tarefa minha. Eu era melhor nisso em alguns dias do que em outros, porém, quando nossos pais nos deixaram em choque com a notícia do divórcio, parecia certo que Ashley tivesse a atenção deles. Era ela quem mais precisava.

Quando eu e Bryce decidimos que éramos mais que amigos, pareceu natural — e de certa forma um alívio — confiar nele. Na maioria das vezes, eu sentia que ele era mais minha família que meus pais, ou até que a Ashley. Mas mesmo assim nosso amor não era do tipo romântico, como o de Ashley e Cooper. Era amizade em primeiro lugar. Quase tratávamos nosso relacionamento como dever, e eu gostava das coisas assim. Acho que Bryce também.

— Podemos sair em Anderson — disse ele, tentando não ver as pessoas encalhadas no acostamento.

7

SCARLET

Voltamos a caminhar cuidadosamente ao longo do rio, e dessa vez do outro lado da ponte, rumo a uma árvore grande e familiar. Exatamente como eu dissera, havia uma corda pendendo de um galho grosso. A corda estava esfarrapada e parecia frágil. Não saberíamos quão frágil até estarmos balançando sobre a água fria do rio. Os postes de luz da rua, em cada lado da ponte, não iluminavam onde estávamos. Bom para nos esconder dos soldados, ruim para nadar. Com apenas a lua minguante, a água não estava somente suja, estava preta como se a noite estivesse se estabelecido dentro dela. Como se isso não fosse assustador o bastante, os rastejadores não precisavam respirar, imaginei. Provavelmente era por isso que os soldados estavam atirando em corpos flutuantes — para se certificar de que não se reanimariam e rastejariam até a costa para entrar na cidade.

Estremeci.

— Você está congelando — disse Tobin, tirando a jaqueta. — Pegue isso. — Ele a estendeu para mim. Eu apenas o observei por um instante antes de ele chacoalhá-la uma vez. Ela estava coberta de lama, mas tinha forro de lã. Ajudaria a me proteger do frio. — Pega.

Tobin bufou, claramente irritado com a minha hesitação, e então colocou a jaqueta sobre meus ombros.

— Obrigada — falei, esperando ter soado alto o bastante para ele ouvir. Deslizei os braços pelas mangas e então as puxei para cima, de modo que não engolissem minhas mãos. Eu precisaria delas para a viagem noturna.

Com a ajuda de Tobin, escalei o tronco da árvore. A subida inicial foi mais árdua do que eu me lembrava. Antigamente, subir em uma árvore não era nada. Eu não escalava coisa alguma havia anos. Tobin ficou um pouco ofegante enquanto lutava para manter o equilíbrio sob mim. Alcancei o primeiro galho, e então usei o restante como escada até chegar a um logo abaixo daquele que sustentava a corda.

Tobin estava respirando com um pouco mais de dificuldade do que alguns minutos antes.

— Sério? — falei. — Não sou tão pesada assim.

— Não. — Ele colocou as mãos nos quadris enquanto recuperava o fôlego. — Não é mesmo. É que eu tô fora de forma, e foi um dia de merda.

Assenti.

— Foi mesmo. Você já fez isso antes?

Tobin negou com a cabeça. Suas trancinhas curtas seguiam seus movimentos, tornando um pouco mais fácil avaliar suas respostas não verbais no escuro.

— É só puxar a corda e segurar firme — falei, mostrando como fazer. A parte seguinte eu não tinha como demonstrar. — Recline-se e dê um passo à frente. Deixe o peso do seu corpo levar você para o lado de lá. Quando vir terra lá embaixo, solte a corda. Pelo que eu lembro, é relativamente fácil, mas, se hesitar, vai acabar oscilando de volta e cair na água, ou vai ficar pendendo sobre ela. O ponto é *não* ir parar na água. Pelo menos não hoje.

— Ok. Mas, hum... como vou enxergar a terra se está escuro?

— Não está tão escuro assim.

— Tá bem escuro.

— Preste atenção em mim. Vou avisar quando você chegar em terra firme.

Tobin assentiu, e eu me inclinei para trás. Meu coração começou a socar o peito enquanto eu rezava em silêncio, a qualquer deus que ainda pudesse estar nos protegendo, para que as duas dúzias de coisas que poderiam dar errado... não dessem.

— Quero criar meus bebês — sussurrei. — Por favor, me ajude a atravessar. — Conforme eu me inclinava para frente, tirei os pés do galho e me segurei com firmeza. Em poucos segundos, eu estava quase na margem oposta. O único problema era que a corda já estava na extremidade do pêndulo, começando a voltar. Eu a soltei e meus pés atingiram com força o solo na beirada do pequeno penhasco acima da água.

Chamei Tobin o mais baixo possível.

— Estou aqui! Vá bem pra trás, é mais longe do que eu pensava!

Um segundo depois, ouvi outro veículo e fiquei de joelhos nos altos juncos. Olhei de relance para ver onde estava Tobin e vi que ele estava vindo em minha direção, na

corda.

— Solta! — falei o mais alto que pude sem que os soldados ouvissem.

Desajeitado, Tobin soltou a corda e caiu de joelhos. O holofote dançou sobre a água e então colocou em destaque a corda que oscilava. Vozes gritaram umas com as outras e portas bateram. Eles fariam uma busca na área.

Cambaleei e fiquei de pé, trazendo Tobin comigo.

— Temos que ir — sussurrei. — Vamos logo!

Ele avançou com dificuldade em meio às árvores, então rastejamos no chão e atingimos o limiar onde os postes de luz tocavam a floresta. Havia uma casa com uma cerca improvisada a cerca de vinte metros dali. Tentei lembrar quem vivia ali e se tinha cachorros. Provavelmente sim. Todo mundo nessa cidade tem uma porcaria de cachorro. A maioria fica presa do lado de fora, de modo que os donos possam ignorá-la.

Um som abafado escapou da garganta de Tobin.

— Você se machucou? — perguntei.

— Se eu te disser que posso ter machucado o tornozelo quando caí, você vai me deixar aqui pra morrer?

— Sim.

— Então não, tô bem.

Sorri e ajudei Tobin a se endireitar.

— Onde sua irmã mora?

— Eu nunca vim por esse caminho. Não sei como chegar lá a partir daqui.

— Você sabe qual é a rua?

— Padon. Eu acho.

— Leste ou oeste?

— Não sei bem, eu...

Soltei um suspiro.

— Me fala como se chega lá pelo outro caminho e eu adivinho.

— Bom, é só pegar a estrada principal — disse ele, gesticulando — e depois virar à direita naquela antiga fábrica de armas, e então sigo até a rua dela e viro à esquerda e geralmente paro em um semáforo bem ali. Não sei por que é que tem um semáforo. Não tem trânsito nessa porcaria de cidade.

— Tobin...

Ele assentiu uma vez.

— Certo. Desculpa. Cruzo o semáforo e passo por uma mercearia, a casa da minha irmã é a segunda à direita.

— Esquisito.

— Por quê?

— Fica bem perto da casa dos meus avós.

— Sério?

— Sim. Vamos descer essa rua direto uns cinco quarteirões e depois virar à esquerda. Vou deixar você na casa da sua irmã, ver como estão meus avós e depois vou atrás das minhas filhas.

— E para onde você vai?

— Para o rancho Red Hill.

NATHAN

Jill estava recostada em Skeeter, segurando junto ao peito o braço destruído e sangrando. Seu cotovelo estava dobrado, então eu não tinha como avaliar a gravidade dos ferimentos. Antes de ela gritar, vidros tinham sido quebrados, então eu tinha esperanças de que ela houvesse apenas se cortado, e não sido mordida. Tudo que sabíamos sobre os mortos ambulantes era que uma mordida era fatal.

Zoe teve muita dificuldade em acompanhar o ritmo das passadas de Skeeter, então eu a puxei e a ergui nos braços. Suas pernas pequeninas balançavam enquanto eu seguia atrás de Skeeter e Jill pela rua, descendo o quarteirão até a Primeira Igreja Batista. Sua fachada de madeira estava precisando de uma nova demão de tinta. Eu não conseguia imaginar por que isso não tinha sido feito; a igreja era do tamanho da casa de Skeeter.

— Cuidado aí! — disse Skeeter, erguendo o rifle.

Uma mulher caminhava em direção a mim e Zoe. Eu não sabia bem o que fazer. Eu estava segurando minha filha com as duas mãos e gritei para Skeeter, correndo o máximo que minhas pernas aguentavam. Ele ficou parado por um instante, soltou Jill por tempo suficiente para mirar e atirar, e então passou o braço em torno da cintura da esposa outra vez. Eu não esperei para ver se Skeeter acertara o alvo. Eu não precisava fazer isso. Eu nunca tinha visto esse homem errar um tiro. Depois de mais

uma olhada de relance ao redor, ele deu uma corrida curta para a parte de trás da igreja.

Várias daquelas coisas estavam nos seguindo, e o medo e a adrenalina me fizeram sentir capaz de pular até o teto com Zoe em meus braços, se preciso.

Skeeter bateu à porta com a lateral do punho cerrado, e ela imediatamente se abriu. Um homem baixo de cabelos brancos e pele tão branca quanto deu passo para o lado para que pudéssemos entrar, e então fechou a porta com firmeza e girou a tranca. Um outro homem, careca e trajando um terno azul casual, o ajudou a empurrar um sólido púlpito de madeira para a frente da porta antes de se voltarem para Skeeter.

Meu cunhado assentiu para o homem baixo.

— Reverendo Mathis. — Ele olhou para o outro e suas sobrancelhas se uniram. — Onde está a Esther?

O homem apenas baixou o olhar para o chão, e foi nesse momento que notei a presença de um garoto de onze ou doze anos atrás dele.

O reverendo Mathis pousou a mão no ombro do homem.

— Bob e Evan tentaram chegar até ela. Eles tiveram de deixar Esther para trás.

Evan, o garoto atrás de Bob, fungou e limpou a bochecha, mas manteve os olhos no chão. Ele estava tão quieto, era como se, caso ele se movesse, o que estava acontecendo passasse a ser real.

Skeeter lhe ofereceu um breve sorriso.

— Seu neto está a salvo aqui, Bob. Esther ficaria feliz com isso.

Alguém estava martelando alguma coisa no cômodo ao lado, e as batidas ecoavam pelo edifício.

Algumas pessoas aparentemente conhecidas de Jill estavam reunidas ali, todas com os olhos arregalados e tão assustadas quanto nós. O cômodo em que estávamos obviamente era uma cozinha, embora fosse bem pequena. Tinta amarelo-canário complementava os balcões da cozinha cheios de manchas antigas e os armários de metal. Os assentos e as molas da torneira eram mais coisas que precisavam de reparos, o que se tornava óbvio pelo constante gotejar. A única coisa que não tinha nada de amarelo ali era o carpete azul desbotado, pelo menos até Jill começar a sangrar sobre ele.

— Pelo amor de Deus, Jill, o que foi que aconteceu com você? — uma mulher perguntou, ajudando Skeeter a colocar a esposa sentada em uma cadeira dobrável.

Jill fungou.

— Eu estava pegando umas roupas pra mim e para o Skeeter. Ouvi algo do lado

de fora e abri a cortina, então vi Shawn Burgess bem ao lado da janela. Algo parecia errado com ele, Doris. — Lágrimas lhe escorriam pela bochecha enquanto Doris envolvia uma toalha úmida em seu braço. — A última coisa que lembro é ele me atacar como se fosse um touro. Ele atravessou a janela e, em menos de um segundo, já tinha me jogado no chão.

— Shawn Burgess? O filho da Denise? — Doris perguntou, olhando para Skeeter. Como ele não respondeu, ela puxou a toalha para revelar um enorme rombo no braço de Jill. Eu estava esperando por um conjunto de mordidas, como uma criança teria deixado, mas um pedaço inteiro da pele e dos músculos tinha sido arrancado. — Ah, meu Deus. Você vai precisar de pontos, querida.

— Um enxerto de pele parece mais necessário — disse Evan, com o olhar fixo no braço de Jill, como se estivesse pegando fogo.

Doris desferiu um olhar ameaçador na direção dele.

— E uma boa dose de antibiótico, imagino. Vamos ter que levar a Jill até o dr. Brown.

— Tia Jill! — disse Zoe, abaixando a cabeça sob o braço bom da tia, que a levou junto à lateral do corpo e lhe deu um beijo na testa.

O homem de cabelos brancos se pronunciou:

— Vocês acham que teremos sorte e ele virá até aqui com suprimentos?

— Não — falou Skeeter. — Eu o vi perseguindo Jim Miller mais cedo, quando trouxe a Barb.

Skeeter observou enquanto Doris remexia a ferida de Jill. Uma escuridão lhe recaíra sobre o rosto. Ele sabia tão bem quanto eu que perderia a esposa hoje. Talvez amanhã. Se alguma coisa já dita alguma vez sobre zumbis fosse verdade, isso não tardaria a acontecer. A julgar pelo medo estampado nos olhos de Jill, ela também estava ciente disso.

Skeeter piscou.

— Onde estão a Barb e a sra. Kay?

Doris fez um aceno de cabeça em direção à entrada.

— No santuário. Rezando. Gary e Eric estão pregando tábuas nas janelas.

— É um bom plano — disse Jill. — Eles definitivamente não têm problema com janelas.

Skeeter se ajoelhou diante da esposa.

— Vou conversar com os rapazes, Jujuba. Vou me certificar de que deixem espaço para os meus rifles. Volto logo, e então vamos dar um jeito em você. — Jill assentiu enquanto Skeeter lhe dava um beijo na bochecha.

— Você pode ficar aqui com a tia Jill? — falei a Zoe. Ela se recostou em Jill, com uma pontinha de tristeza nos olhos. Eu imaginava se ela sabia, mas não perguntaria. Talvez ela só estivesse sentindo falta da mãe.

Acompanhei Skeeter até o santuário. O lugar cheirava a velhos e a mofo, e comecei a imaginar por que diabos Skeeter achara que essa construção detonada era nossa melhor opção. Dois homens trabalhavam em lados opostos da sala, pregando furiosamente tábuas nas janelas de vitral. Havia três em cada parede, e faltava cobrir apenas uma de cada lado. Então uma mão espalmada encostou no vidro, em uma tentativa desajeitada de entrar. Dei um pulo, no limite do desespero por causa da corrida até a igreja.

— Eles acabaram de começar a fazer isso — disse Eric, com um gesto em direção à janela. — É como se soubessem que estamos aqui dentro.

Quando ele começou a martelar outra vez, sombras das pessoas lá fora escureciam os vitrais de Jesus e dos anjos. Eles queriam entrar, e eu me perguntava quanto tempo levaria até conseguirem.

— O barulho provavelmente os está atraindo pra cá — falei, passando os dedos pelos cabelos. Aubrey vivia fazendo comentários depreciativos sobre meus cabelos emaranhados e sobre como eu precisava cortá-los. Eu me perguntei se um dia o mundo ficaria calmo por tempo suficiente para que eu sentisse falta das implicâncias dela.

— Não temos escolha. Não vai demorar muito até quebrarem os vidros. — Skeeter caminhou até as mulheres de aspecto frágil sentadas lado a lado em um dos bancos de madeira. — As senhoras estão se sentindo bem? — ele quis saber, pousando a mão no ombro de uma delas. Ela deu um tapinha amigável na mão dele, mas não parou sua prece silenciosa. As bocas se mexiam, mas eu não conseguia ouvi-las. — Você acha que pode rezar pela Jill? — perguntou Skeeter, a voz ameaçando se partir.

Uma das mulheres continuou rezando como se não o tivesse ouvido, a outra ergueu o olhar.

— Ela está bem?

— Está ferida. Ela está na cozinha... tá bem, por ora.

— Jesus vai cuidar dela.

Revirei os olhos. Jesus não estava cuidando de muita coisa no momento.

Skeeter fez menção de voltar para a cozinha, mas fiz um gesto para que ele se juntasse a mim no canto, longe do ouvido das pessoas.

— Eu sei o que você vai dizer — ele falou, as sobrancelhas juntas. — Mas não

diga.

Assenti e então observei Skeeter voltar para sua esposa.

8

NATHAN

Baixei o queixo para dar uma espiada por uma das fendas nas tábuas que Gary deixara para Skeeter. O sol estava um pouco mais baixo. Não demoraria muito para ficar escuro. Esse pensamento me deixou assustado. Em algum momento, nós precisaríamos dormir, mas eles não. Aquelas coisas ficariam andando por ali, bem do outro lado daquelas paredes, esperando para arrancar nossa carne dos ossos com os dentes.

Skeeter me segurou pelos ombros, e o movimento repentino me fez dar um pulo de uns cinco centímetros na cadeira.

— Ei! Sou eu, Nate. Fica calmo.

Eu me acomodei de volta no assento, tentando me livrar do medo. Ver um filme de zumbis é uma coisa. Ficar observando os mortos-vivos do outro lado da janela é outra. Os filmes não falavam disso. Bem... talvez sim, mas não enfatizavam quão aterrorizante cada momento de fato era. Eu tentava não pensar no amanhã, ou que lutaríamos pela vida todos os dias a partir da agora. Olhei de relance para trás, para Zoe, e contive a tristeza que me subiu pela garganta. Eu não queria que ela crescesse em um mundo assim.

Uma combinação de medo, raiva e depressão profunda me tomou por completo.

Skeeter apertou meu ombro de leve. Eu me ajeitei no lugar, deixando os dedos dele afundarem em meu músculo tenso.

— Vai ficar tudo bem.

— Vai? — perguntei, olhando novamente pela janela. — A Jill vai ficar bem?

Skeeter soltou um suspiro.

— Não sei. Espero que os filmes estejam errados e que uma mordida não passe de uma mordida.

— E se não for só isso?

— Não sei. Não quero mesmo pensar nisso.

Assenti, vislumbrando um idoso se arrastando perto da janela. Quase metade de seu pescoço estava devorado, e a camisa social, ensopada de sangue.

— Não podemos ficar aqui. Vamos ter que continuar nos deslocando. Ir para o interior.

— Caramba, cara, achei que eu estivesse no interior.

— Estou me referindo a ir para longe de qualquer cidade.

Skeeter levou um instante para responder.

— Eu sei, mas não posso deslocar a Jill. E não podemos correr o risco de colocá-la dentro de um carro com a Zoe até sabermos se ela vai melhorar.

Apertei bem os olhos, tentando comprimi-los para afastar as cenas dali. Mais uma daquelas coisas passou devagar. Ela estava usando um crachá de identificação e saia longa. Eu não conseguiria ler o nome no crachá nem se ela estivesse mais perto — ele estava coberto de sangue e com o que podia ser um músculo dilacerado por cima.

— Meu Deus, aquela é a Birdie! — disse Skeeter, com nojo. — Ela trabalha no banco.

Um cachorro estava latindo para ela, mantendo apenas distância suficiente para não ser pego e devorado. Olhando para o que podia ser visto pelas frestas das tábuas, observei quem quer que se movimentasse lentamente, analisando, tentando perceber o que fosse possível.

Eles eram lentos. Não tanto quanto eu achava que fossem, mas o bastante para que conseguíssemos fugir a pé, contanto que não os deixássemos se aproximar demais nem nos cercar. Os que tinham ferimentos maiores moviam-se ainda mais devagar que os outros. Um cara estava completamente sem pé, mas continuava caminhando sobre o cotoco ensanguentado. Eles não eram distraídos pela dor.

— Será que a gente só consegue mesmo matar essas coisas destruindo o cérebro dela? — pensei em voz alta.

Skeeter ergueu seu rifle de caça, posicionando-o entre as tábuas, e mirou.

— Não sei. Vamos descobrir. — Ele escolheu um alvo e então inspirou. — Desculpa, sr. Madison. — Skeeter apertou o gatilho, e o tecido da camisa do sr. Madison, no lugar onde estaria seu coração, explodiu e jorrou. Um sangue escuro vazava da ferida, mas o sr. Madison não pareceu notar isso. — Ok. Então isso não

funciona. — Skeeter apertou o gatilho de novo. Dessa vez, um ponto vermelho imediatamente se formou no meio da têmpora do homem e pareceu explodir ao mesmo tempo, deixando um ferimento perfeitamente imperfeito no local. O homem se deteve no meio do caminho enquanto a cabeça pendia bruscamente para o lado, e então ele desabou no chão.

Esperei por um instante, observando qualquer sinal de movimento.

— Você acha que precisamos queimá-los também? — perguntei.

Skeeter franziu o cenho, seus olhos se moviam rapidamente de mim para a mira do rifle.

— Isso é bobagem.

— Skeeter, querido, acho que a Jill não está se sentindo bem — disse Doris. Ela estava torcendo as mãos, claramente nervosa.

Ele deu um pulo e se apressou até a cozinha. Fui atrás dele e vi Zoe sentada em um canto observando sua tia Jill encurvada em uma cadeira, vomitando em um balde.

— Zoe? Zoe, venha até aqui. Venha sentar aqui um minuto. — Fiz um sinal para que minha filha se juntasse a mim no santuário. Ela deslizou da cadeira e caminhou em minha direção, e, quando agarrou os meus dedos, me surpreendi pela força em sua mão pequenina.

Nós ficamos sentados em um dos bancos da igreja, ao lado de Gary, esperando que toda aquela martelação abafasse um pouco os ruídos na cozinha. Entre os gemidos que fazia enquanto vomitava, Jill se lastimava e chorava para Skeeter ajudá-la.

— Ela tá suando, papai — disse Zoe. — Muito. — Os olhos dela estavam pesados de preocupação. — Aí o rosto da tia Jill ficou todo torto e ela vomitou no chão. Ela disse que o corpo todo dói, como se ela estivesse com gripe.

Assenti.

— Aquilo deixou você assustada?

— Tudo isso me assusta — Zoe respondeu. A pele em volta de seus olhos se comprimiu, e eu podia ver que ela estava tentando não chorar.

Ninguém sabia o que aconteceria com Jill, mas eu fazia uma ideia do que podia estar acontecendo e não queria que Zoe testemunhasse isso. A não ser que Skeeter levasse Jill para outro lugar, a única maneira de impedir que minha filha testemunhasse a morte da tia seria levar Zoe para longe dali. O que significava levá-la para fora da igreja, onde não havia segurança.

— Sinto muito, querida. Eu gostaria de poder fazer tudo isso desaparecer. — Abracei Zoe junto ao peito, tentando ganhar um pouco de tempo até pensar em

alguma solução.

Jill estava soluçando agora. Provavelmente ela também sabia o que estava acontecendo.

Segurei o rostinho angelical de Zoe, analisando as sardas em seu nariz e os cabelos castanho-claros. Ela mantinha o mesmo corte simples na altura dos ombros desde os quatro anos. As ondas naturais faziam seus cabelos subirem e descerem, mas parecia que sua preocupação fizera com que eles ficassem pesados.

— Vou tentar ajudar o tio Skeeter. Quero que fique aqui, tá bom? Você está segura aqui. Não vou demorar muito.

Zoe assentiu rapidamente, dando uma olhada para trás, para Gary e Eric, enquanto eles enfiavam os últimos pregos na última tábua.

— Muito bem — falei, dando-lhe um beijo na testa.

Skeeter estava apoiado em um joelho, envolvendo a esposa com os braços. Ela estava recostada no peito dele, o rosto cheio de manchas e brilhando de suor. Meu cunhado encarou o chão, sussurrando algo a ela, com a mesma desesperança nos olhos da mulher por quem passamos na ponte. Sua esposa jovem e saudável estava morrendo em seus braços, e ambos sabiam disso.

Doris encheu um copo d'água e se inclinou para baixo, segurando-o junto aos lábios de Jill. Ela deu alguns goles e depois cuspiu, se inclinando para o balde e esvaziando o estômago mais uma vez.

— Precisamos do médico — disse Doris.

— O médico está morto — disse Gary, deixando o martelo cair na mesa ao lado de Jill. — Assim como a esposa e os filhos dele. Estão todos andando por aí, com olhos turvos e marcas de mordida.

Jill fungou e ergueu o olhar para o marido.

— Skeeter.

— Não — disse ele, negando com a cabeça, os olhos ainda fixos no chão.

— Skeeter, e se eu ferir as pessoas aqui?

— Não.

— E se eu te machucar?

— Não!

— E se eu matar a Zoe? — ela suplicou, e lágrimas escorriam por suas bochechas avermelhadas. Sua respiração falhou, e ela puxou o rosto de Skeeter para que os olhos dele encontrassem os dela. — Não me deixe machucar aquele bebê, Skeeter.

O lábio inferior dele estremeceu.

— Mas e o *nosso* bebê?

Fiquei ereto, me afastando do batente em que estava apoiado.

— O quê?

— O que você disse? — Doris quis saber.

— A Jill tá grávida — disse Skeeter, com desespero na voz. — Sete semanas. O dr. Brown ligou pra ela hoje de manhã.

Eu me inclinei e agarrei os joelhos. Eu não tinha como imaginar a agonia de Skeeter. Eles não mereciam isso. Eles vinham tentando ter um filho desde a noite em que se casaram, e agora Skeeter perderia tanto a mulher quanto o filho.

Jill apoiou a testa no queixo de Skeeter e então ergueu o olhar para ele, com um sorriso fraco no rosto.

— Nós estaremos juntos e vamos te esperar.

Skeeter sucumbiu, enterrando o rosto no pescoço de Jill.

— Eu não posso fazer isso, Jujuba — ele gemeu.

A primeira janela do santuário foi estraçalhada, e todos, menos Skeeter, ficaram paralisados. O ruído de mãos esfregando as tábuas à nossa procura fez minha pele arrepiar. Eu me inclinei para trás e vi Zoe, Barb e a sra. Kay viradas no banco, o olhar fixo no vidro estilhaçado no chão. As tábuas estavam aguentando firme, mas ainda assim eu podia sentir meu coração espancando o peito. Eric estava em pé ao lado do vidro quebrado, e então ele assentiu, nos garantindo que as tábuas aguentariam.

— Esperem. Do que estamos falando aqui? — disse o reverendo Mathis, chamando minha atenção de volta para a cozinha.

Doris ainda estava retorcendo as mãos.

— Não posso dizer que eu... Nós não devíamos estar falando sobre isso.

— Tudo bem — disse Jill, pousando a mão na cabeça de Skeeter até ter de se encurvar mais uma vez para vomitar no balde.

Mais uma janela foi quebrada. Olhei para o Gary.

— O que é aquele corredor? — falei, fazendo um gesto em direção à entrada aberta do outro lado da cozinha. Havia dois banheiros masculinos e dois femininos ali, e depois uma entrada que dava para um corredor escuro. — Talvez a gente precise de outra saída.

— Só pelas escadas.

Isso chamou a minha atenção.

— Que escadas? Você colocou tábuas nas janelas, mas não se preocupou com o andar de cima?

Gary deu de ombros.

— Não acho que consigam escalar.

— Nós estamos na casa do Senhor! — disse Doris. — Não vou permitir que isso aconteça. Não sabemos o que é isso. Skeeter, a Jill pode melhorar!

Bob se pronunciou pela primeira vez. Sua voz era grave e áspera.

— Sabemos exatamente o que é isso.

Todo mundo se virou na direção daquela voz. Bob estava sentado no canto, em uma cadeira dobrável de metal, onde estivera durante a última hora. Ele empoleirara sua bengala entre as pernas, descansando as mãos no cabo.

O bigode grisalho se contorcia quando ele falava.

— Isso não é nada menos que uma tragédia maldita.

— Bob! — disse Doris, fingindo estar ofendida.

— Verdade seja dita, ela vai acabar ficando como uma daquelas coisas lá fora, só que vai estar aqui dentro conosco.

Mais vidro se estraçalhou no chão, e dessa vez um gemido de congelar os ossos foi flutuando do santuário para a cozinha.

Bob voltou os olhos para mim e depois para o meu lado, mais ou menos na altura de minha cintura. Foi então que notei Zoe parada bem atrás de mim. Seu olhar estava fixo em sua tia Jill, seus belos olhos castanho-esverdeados se enchendo de lágrima pela enésima vez naquele dia. Eu me perguntava se algum dia, depois de hoje, ela conheceria a felicidade.

Eu me ajoelhei ao lado de minha filha, tentando pensar em algo reconfortante para dizer, mas palavras não salvariam a Jill, e a única coisa que tornaria esse inferno de alguma forma tolerável para Zoe seria a Jill ficar bem.

Um ruído oco e pesado soou acima de nós, e todos voltamos o olhar para o teto. Skeeter deu um beijo na testa da Jill, e então fez um movimento para que Doris se sentasse ao lado dela enquanto ele pegava a escopeta. Gary pegou seu martelo. Empurrei Zoe delicadamente na direção do reverendo Mathis e, em seguida, acompanhei meu cunhado, Gary e Eric pelo corredor. Skeeter parou na base da escada, apontando a escopeta para a porta fechada no topo.

Gary acendeu a luz.

— Talvez alguém tenha entrado pelo telhado para fugir deles.

Ouvimos sons de passadas lentas e desajeitadas e então algo caiu.

Eric deu um suspiro aflito.

— Eles não podem escalar, podem? Nunca ouvi falar de um zumbi que escala.

— Por que não? Eles eram humanos. Humanos escalam — disse Gary, recolocando o palito de dente na boca e apertando a pegada no martelo.

Corri agitadamente os dedos pelos cabelos.

— Na verdade, não sabemos nada sobre eles. Presumir coisas só vai fazer com que sejamos todos mortos. Vamos pegar algumas tábuas e tentar nos comunicar com quem quer que esteja lá dentro. Se não responderem, pregamos as tábuas na porta toda.

— Bem simples — disse Skeeter. Sua voz soava baixa e tranquila, e me fez lembrar das poucas vezes em que ele me convidara para caçar cervos. Essa era a voz que ele usava na floresta, como os caras em programas de caça na TV quando narravam suas matanças vitoriosas. Ele não despregou os olhos da porta, como se estivesse caçando o que quer que estivesse do outro lado.

— Skeeter — disse Eric. Seu nervosismo contrastava com sua estrutura grande e musculosa. — Estamos quase sem tábuas.

MIRANDA

— E agora? — disse Ashley, cuja voz ficava mais chorosa a cada quilômetro que avançávamos.

Eu não queria ficar esperando sentada. Queria pegar a saída excessivamente congestionada e me dirigir a oeste da ponte, passar pelo exército ou pelo controle ou quem quer que fossem aqueles caras de uniforme camuflado marrom e verde guardando a ponte para Anderson e que estavam no meu caminho até a casa do meu pai. Havia uma dúzia ou mais de armas apontadas em nossa direção, tanto para nós quanto para o restante do pessoal preso na zona de automóveis embaixo da ponte. Três fileiras de carros e caminhões foram paradas pelos homens armados na rampa da saída que dava para o norte. As pessoas estavam do lado de fora dos carros, gritando e implorando para passar.

Eu manobrara meu carro o mais perto possível da rampa, mas logo não havia mais para onde ir. Não dava para passar ali de jeito nenhum, e estávamos presos no acostamento da rodovia.

— O que eles estão fazendo? — Cooper quis saber, ainda mantendo Ashley a seu lado.

Bryce tentou usar o celular de novo. Ele ouviu mais um sinal de ocupado, deixou o aparelho cair no colo e socou a porta com a lateral do punho cerrado.

— Ei! — falei. — Esse carro nos trouxe até aqui! Seja educado!

No lado de Fairview, uma caminhonete vermelha novinha em folha se aproximou da ponte, diminuiu a velocidade e depois parou. Um homem saiu de dentro, apontando para a cidade de Anderson. Os homens do exército negaram com a cabeça, sinalizando para que ele voltasse para o lugar de onde tinha vindo. Ele continuou apontando para a cidade, porém, quando mais de uma dúzia de rifles semiautomáticos se voltaram em sua direção, ele entrou na picape e recuou.

— Ele veio de Fairview. Você ainda acha que devíamos seguir por esse caminho? — perguntou Cooper.

— É o mais rápido — respondeu Ashley.

— Então eles estão protegendo Anderson — disse Bryce, observando a cena à nossa frente.

— Parece que sim — falei.

— Então por que estão no lado de Fairview da ponte? Não faria mais sentido estarem no lado de Anderson? Assim eles poderiam montar guarda na rampa de saída também.

Olhei com mais atenção. Os soldados eram jovens e, pelo que pude notar, pareciam inquietos.

— Há uma fábrica de armas em Anderson. Você acha que são soldados de verdade? Talvez estejam só tentando proteger a cidade deles.

— O governador está em Anderson hoje — disse Ashley.

Todos nos viramos, surpresos por ela ter essa pequena informação.

— Escuto a rádio de manhã quando estou me arrumando para as aulas. Deram essa notícia. O governador Bellmon estaria em Anderson hoje.

Bryce assentiu.

— De forma nenhuma ele já teria soldados na cidade. Devem ser moradores aleatórios.

Olhei para eles de novo e arfei. Eles não estavam usando uniforme militar, mas roupas camufladas quaisquer.

— Ah, meu Deus! Crianças assustadas com AK-47? O governador é tão imbecil assim?

— Talvez ele não tenha nada a ver com isso. Pode ser que tenham feito isso por si, não? — disse Cooper.

— De qualquer forma... — falei, me virando para olhar pela janela de trás do

carro. Não vi nada que quisesse nos morder, mas seria questão de tempo até nos apanharem. — Temos que seguir em frente.

Assim que terminei a frase, a mesma picape vermelha de antes, que tinha vindo do lado de Fairview, foi em alta velocidade para cima dos homens armados.

— Miranda! — gritou Ashley.

Agarrei o volante enquanto eles abriam fogo. O para-brisa da caminhonete estilhaçou, então ela desviou seu caminho, vindo direto para o nosso lado da ponte. Ela voou por cima da pista de saída, capotando sobre três carros para, por fim, parar no chão com o capô para baixo. As rodas ainda estavam girando, fazendo um zumbido terrível.

Todo mundo gritou, e aqueles que estavam de pé, parados do lado de fora do carro, se agacharam por um instante, esperando para ver onde a caminhonete ia parar. Por um tempo, todo mundo pareceu confuso, nervoso e inseguro sobre o que fazer, mas, assim que o choque do incidente se tornou secundário em relação à necessidade de chegar em casa e encontrar os familiares, a gritaria e as súplicas para passar continuaram.

— Talvez a gente pudesse tentar passar a pé — disse Cooper.

Bryce negou com a cabeça.

— Precisamos distraí-los.

Como se estivesse seguindo um roteiro, uma grande van branca se aproximou lentamente da ponte. Os pistoleiros imediatamente se puseram a postos. As pessoas do lado de fora dos carros gritavam ainda mais alto, e algumas tentaram atirar para cima dos pistoleiros sapatos ou qualquer outra coisa que pudessem pegar, mas nada chegou até a ponte.

— Ah, cara, voltem para dentro do carro — disse Bryce.

O motorista da van havia deixado o veículo e agora estava discutindo com os pistoleiros. Então ele pegou um dos rifles deles. Não sei ao certo quem atirou primeiro, mas, assim que uma arma disparou, todas as outras abriram fogo. O homem da van convulsionava conforme seu corpo era perfurado por balas. Quando ele caiu no chão, os pistoleiros alvejaram seu veículo também.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! — gritou Ashley.

O tiroteio não parou. Os homens armados estavam nervosos, e a gritaria vinda de baixo chamou a atenção deles. De repente, as pessoas que estavam do lado de fora dos veículos se tornaram presas em potencial, e começaram a gritar e a correr. Seguindo as famílias que corriam, os homens deixaram o tiroteio se espalhar para todo o pessoal preso no engarrafamento ali embaixo.

— Meu Deus! — berrou Bryce. — Tira a gente daqui, Miranda! Vai! Vai!

Puxei o câmbio com tudo e dei ré, batendo no carro atrás do meu, então girei o volante, engatando a primeira. Depois de alguns erros e de bater as laterais do carro, estávamos debaixo da ponte. Eu não parei, na esperança de que os psicopatas lá em cima estivessem ocupados demais com as pobres pessoas no lado sul para nos ver pegando a rampa de acesso no outro lado e seguindo rumo a Fairview.

— O que você tá fazendo? — perguntou Ashley. — Pare debaixo da ponte!

— Vamos ficar presos lá! — disse Bryce, sabendo que eu estava concentrada demais em nos tirar daquele inferno de lugar para responder. — Segue em frente, Miranda! Não para!

Saímos da ponte e viramos em um retorno para pegar a rampa de acesso sul. Meu carro pulou mais de uma vez na subida rumo ao topo — às vezes no asfalto, às vezes não — até finalmente chegar à estrada.

Cooper deu tapinhas entusiasmados no encosto do meu banco.

— Eles não estão nem prestando atenção! Siga em frente!

Dirigimos em silêncio pelo quilômetro seguinte, mas, no segundo em que estávamos fora de alcance, Ashley começou a choramingar. Nós tínhamos deixado um massacre para trás. Havia crianças entre as vítimas na rodovia.

— O mundo todo enlouqueceu? — ela gritou.

Bryce e Cooper estavam fungando também. Não demorou muito para que lágrimas quentes descessem ardendo por minhas bochechas. Instantes depois, todos nós estávamos soluçando.

Bryce limpou o nariz na camisa e depois pegou minha mão direita.

— Você salvou a nossa vida, Miranda.

Dei um aperto de leve na mão dele, incapaz de falar. Suspirei profundamente, um suspiro entrecortado, e tentei me concentrar na estrada. Logo estaríamos em Fairview.

9

NATHAN

Eric voltou rápido, carregando várias tábuas nos braços.

— Encontrei isso aqui no abrigo. Peguei o máximo que consegui, porque eles estão começando a se reunir em volta da igreja. Acho que ninguém mais devia ir lá fora.

— Eles devem saber que estamos aqui — comentei. — É questão de tempo até entrarem.

Gary tirou o palito de dente da boca, frustrado.

— Mas o Eric acabou de dizer que não podemos sair.

— Ele disse que acha que não *devíamos* — falei, olhando para Skeeter. — Isso não significa que não podemos sair. Não é seguro aqui.

Ele ignorou nossa discussão e começou a subir a escada, sem tirar os olhos da porta.

Todos nós o seguimos. A esperança muda de não encontrar nada era maior que os degraus que rangiam em uma lenta sinfonia sob nossos pés.

Gary agarrou a maçaneta e puxou, usando o peso do corpo como alavanca. Nenhum de nós podia ter certeza de que os zumbis tinham coordenação para subir, ou até para girar a maçaneta da porta, porém um único erro significaria a morte. Eu não queria correr nenhum risco, nem aqueles homens.

Skeeter ergueu o punho cerrado e bateu à porta com os nós dos dedos.

— Olá. É o Skeeter McGee. Tem alguém aí?

As passadas que tínhamos ouvido silenciaram por vários minutos.

Skeeter tentou de novo:

— Estou armado e pronto pra atirar. Identifique-se.

Nada.

— Vamos pregar as tábuas — disse Eric, reposicionando a madeira nos braços.

Skeeter ergueu uma mão, sinalizando para Eric esperar, e encostou o ouvido na porta. Seus olhos tinham a mim como alvo, e então ele balançou a cabeça.

— Não tô ouvindo nada. Não diga que essas coisas sabem se esconder. Vou entrar.

Ele pousou a mão sobre a de Gary e eu segurei seu braço.

— O que você está fazendo? E se houver vários aí dentro? E se eles nos dominarem e conseguirem chegar lá embaixo?

Skeeter sorriu, mas tinha uma expressão de desgosto e raiva nos olhos.

— Não vou deixar isso acontecer. Assim como não vou deixar essas coisas andando sobre a nossa cabeça. Se a gente vai se esconder aqui dentro, o lugar tem que ser seguro.

Suspirei e soltei o braço dele.

— Tudo bem. Gary?

Relutante, Gary soltou a maçaneta e Skeeter entrou. Chequei atrás da porta e então meus olhos percorreram a sala de aula grande e vazia até pousarem no que Skeeter já tinha avistado.

Uma jovem de vinte e poucos anos jazia perto de uma mesinha caída e de uma janela aberta. Sangue marcava sua trilha. Seu braço fora mastigado em vários lugares, até os ossos.

— Meu Deus do céu, é a Annabelle Stephens! — disse Eric, se apressando até ela. Ele ergueu os olhos para nós, depois de tocar o pescoço da moça. Não havia um único lugar do queixo para baixo que não estivesse saturado de sangue.

Ouvimos um choramingo no canto, e Skeeter imediatamente mirou a escopeta naquela direção. Segurei o cano da arma e a empurrei lentamente para baixo ao ver um garotinho sozinho e encolhido.

Skeeter baixou a arma.

— Olá, rapazinho.

Gary soltou um suspiro, olhando de relance para Eric enquanto este cobria o rosto e o peito de Annabelle com a única coisa que conseguira encontrar: um pequeno tapete.

— É o filho do Craig e da Amy Nicholson.

Skeeter se ajoelhou, colocou a arma no chão atrás de si e estendeu os braços.

— Eu e a Amy estudamos na mesma escola. Você deve ser o Connor. Vem cá, camarada. Eu sei que você está com medo, mas é seguro aqui.

Connor balançou a cabeça rapidamente. Ele abraçava os joelhos e apoiava o queixo sobre eles, enquanto se embalava para frente e para trás.

— Annabelle é tia dele? — perguntei.

Skeeter negou com a cabeça.

— A Annabelle é professora do primeiro ano da escola de ensino fundamental.

— Ela me salvou... — sussurrou Connor — da minha mãe.

Ele prendeu a respiração e então deixou escapar o choro.

Skeeter o ergueu nos braços.

— Shhh, amigão. Tá tudo bem. Você está seguro agora, prometo.

Skeeter caminhou até a janela, a abriu um pouco mais e então deu um passo para fora, para o terraço. Fui atrás dele. Pelo que pude ver, a igreja toda estava cercada.

— Muitos seguiram a gente até aqui — disse Connor.

Meu cunhado assentiu, notando as marcas de alguém que se arrastara pelo telhado e no peitoril da janela, e a trilha de sangue na calçada que dava para a igreja.

— Annabelle sangrou até morrer. É bem provável que venham até aqui de todas as partes da cidade.

— Pelo menos sabemos que eles não conseguem escalar — falei, apontando para o grupo que erguia os braços e arranhava a parede do lado de fora da igreja.

Connor fungou.

— A Annabelle já tava no terraço. Ela me viu correndo e desceu de volta.

Skeeter apertou Connor de leve.

— Ela era uma moça doce.

Connor espiou por sobre o ombro de Skeeter, para o tapete que cobria Annabelle, e depois fechou os olhos com força.

— A gente *não* pode ficar aqui — falei.

— Não podemos sair. Vamos esperar uns dias, Nate. Eles vão seguir em frente.

— E se não fizerem isso? Estaremos presos aqui.

Skeeter soltou um suspiro, tirando o palito de dente da boca com a mão livre e jogando-o para a multidão de mortos-vivos lá embaixo.

— Não tenho como levar a Jill.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— E se ela piorar? E se ela se transformar em uma daquelas coisas?

Skeeter baixou os olhos e depois os voltou para mim, decidido.

— Você deve partir. Leve a Zoe para um lugar seguro. Ela não deve estar aqui

quando a Jill... Mas eu não posso ir, irmão. De qualquer forma, eu não teria pelo que viver.

Meu estômago afundou e arrepios percorreram meus braços. Skeeter morreria naquela igreja com a esposa.

— Tenho que tirar a Zoe daqui.

— Eu sei.

Meu cunhado se arrastou cuidadosamente para dentro com Connor ainda nos braços. Ele passou por Eric e Gary, mas parou na porta.

— Cubram a porta com tábuas.

— Mas... — disse Eric, apontando para o tapete — eles não conseguem subir e a Annabelle está morta.

— Caso ela volte como um deles — falei, apontando com a cabeça para a janela.

Gary franziu o cenho.

— Talvez a gente devesse jogá-la do telhado. Não vai demorar para começar a feder.

— Não! — gritou Connor.

Skeeter deu uns tapinhas nas costas do garotinho.

— O cheiro pode ajudar a encobrir o nosso. Deixem ela aqui. Encham a porta de tábuas.

Gary e Eric assentiram, e Skeeter e eu descemos as escadas rumo à cozinha, nos juntando a Bob e Evan, ao reverendo Mathis e Doris. Eles haviam improvisado um colchão para Jill, com um pano de prato enrolado servindo como travesseiro.

— Ah, meu Deus do céu! Connor Nicholson! Você está bem, querido? — disse Doris, pegando o menino do colo de Skeeter.

Connor deu um forte abraço em Doris, chorando loucamente outra vez. Eles obviamente se conheciam, mas eu não sabia como.

Doris ficou pálida, voltando o olhar para Skeeter.

— Onde está a Amy?

— Do lado de fora. Annabelle Stephens ajudou o menino a subir para o terraço.

— Bem... — disse ela, olhando para além de Skeeter. — Onde ela está?

Ele balançou a cabeça.

— Lá em cima. Ela não sobreviveu.

Mais ou menos nesse instante as marteladas começaram. Doris abraçava Connor enquanto ele chorava. O reverendo Mathis dirigiu-se até o santuário para ver como Barb e a sra. Kay estavam, e Skeeter se sentou no chão ao lado da esposa. Jill estava inconsciente, os olhos injetados de sangue mal eram visíveis pelas fendas de suas

pálpebras. Ela estava quase arfando, e uma fina camada de suor cobria-lhe a pele empalidecida.

Zoe estava de pé na porta, os olhos fixos na tia. Eu me ajoelhei ao lado de minha filha e a puxei para junto da lateral do corpo. Não havia de fato nada que eu pudesse dizer; não tinha sentido perguntar se ela estava bem. Nenhum de nós estava.

Skeeter se curvou para falar palavras reconfortantes para Jill. Incapaz de assistir, segui para o santuário. Vidros quebrados ladeavam o carpete perto de todas as três paredes. A população de Fairview arranhava e batia nas tábuas que Eric e Gary haviam pregado nas janelas. As tábuas não durariam para sempre, assim como a pequena quantidade de comida que Skeeter e alguns dos outros haviam pensado em trazer consigo.

O reverendo Mathis estava rezando com Barb e a sra. Kay, mas fez uma pausa para olhar quando eu me aproximei das janelas. Espiei por elas, tentando medir a distância que meu carro estava da igreja. Não vi nenhum dos doentes em volta da casa de Skeeter, nem entre ali e a igreja, mas isso não significava que não houvesse nenhum por lá. Ainda assim, a parte mais difícil seria sair pela porta.

Voltei para a cozinha, tirando as chaves do carro do bolso.

— Vou tentar sair correndo daqui com a Zoe. Meu carro está estacionado um quarteirão lá para baixo. Temos dois, talvez três lugares vagos no carro, mas vamos precisar de uma distração para sair daqui.

— Mas eu não quero deixar a tia Jill, papai — disse Zoe.

Doris negou com a cabeça.

— Eu não vou lá fora.

Bob franziu o cenho.

— Por que vocês não ficam aqui? É tão seguro quanto qualquer outro lugar.

Cobri os ouvidos de Zoe e falei baixo:

— Porque a Annabelle deixou um rastro de sangue, uma trilha até a igreja, e o sangue está todo espalhado pela parede esquerda. Eu e o Skeeter acabamos de vir do terraço. A igreja está cercada e há mais deles vindo para cá. Não dá para saber quando eles vão embora, ou mesmo se vão um dia.

Skeeter assentiu.

— Você vai precisar de uma arma. Alguma coisa leve, mas potente, para fazê-los parar. Pegue a AR na sacola. As duas 23. Não esqueça os pentes. Eu cubro pra você.

Uma comprida bolsa de náilon camuflada, contendo quase todas as armas que Skeeter tinha, estava sob a mesa da cozinha. Eu me agachei para arrastar a sacola pelo

linóleo gasto e me deparei com um rifle de cano curto, mas que parecia tão feroz quanto todo o resto que havia ali.

— Nunca atirei com um rifle semiautomático, Skeeter. Não sei se consigo usar isso.

Ele deu risada, mas não conseguiu bem sorrir.

— A Zoe conseguiria atirar com isso. E você deve deixá-la praticar quando chegarem a um lugar seguro. Por via das dúvidas.

Pensar que alguma coisa pudesse acontecer comigo, e com isso a Zoe ficar sozinha, fez meu mundo parar. Ela era tão pequena, e, se deixássemos Skeeter e Jill, eu seria tudo que ela teria.

— Talvez a gente devesse ficar aqui? — falei, com o olhar flutuando para o santuário.

As coisas do lado de fora ainda estavam tentando entrar, puxando e batendo nas tábuas.

Skeeter olhou para a mulher e então voltou o olhar para mim.

— Não, não deviam.

Saquei uma 9 mm e uma caixa de munição da sacola.

— Posso levar essa aqui também?

Os olhos de Skeeter pousaram em Zoe por apenas um instante. Ele sabia por que eu queria essa arma. Eu não podia deixar minha filha para se defender sozinha.

— Claro que pode, irmão.

Assenti em agradecimento e fiquei de pé.

— Mas ainda precisamos de uma distração.

Doris acomodou Connor na cadeira em que Jill estava.

— Talvez a gente tenha sorte e alguém passe pela cidade. Será que eles seguiriam um carro?

Zoe puxou a perna da minha calça.

— Eu não quero ir lá fora, papai.

Eu me abaixei, olhando nos olhos dela.

— Eu sei que você não quer ir lá fora. É assustador, não é?

Ela assentiu.

— Mas aqui não é o lugar mais seguro para nós. Temos que achar outro lugar.

Os lábios de Zoe formaram uma linha rígida e uma leve reentrância surgiu entre suas sobrancelhas, mas ela não discutiu.

— Vocês deviam levar Connor e Evan — disse Skeeter.

Evan olhou para Bob, com medo nos olhos. Connor negou com a cabeça e se

escondeu atrás de Doris.

Doris também balançou a cabeça em negativa.

— Eu não tenho como impedi-lo de levar a filha dele, Skeeter, mas não vou permitir que ele leve esses meninos lá pra fora com aquelas coisas lá.

— Connor — disse Skeeter. — Acho que você devia ir com o Nathan. Vamos fazer o máximo possível para manter aquelas coisas fora daqui, mas não sei se você vai ficar seguro aqui, rapazinho.

Eu mal pude ver Connor protestar com a cabeça enquanto estava parado atrás da Doris. Eu não o forçaria a vir conosco e, de verdade, não podia culpá-lo por não querer sair depois do que tinha acontecido.

— Bob — disse Skeeter. — Tem certeza de que não quer dar uma chance ao Evan?

Evan encarou Bob, os olhos suplicando para ficar. Bob deu uns tapinhas no ombro do garoto e então balançou a cabeça em negativa.

Barb encontrou uma sacola plástica e eu coloquei dentro algumas caixas de bala e cinco garrafas de água, então ajeitei a 9 mm no cós da calça. Se, um dia antes, alguém dissesse que eu teria de fazer algo parecido, eu teria morrido de rir. Eu saíra algumas vezes com Skeeter para caçar, mas ter uma arma não era prioridade para mim, e eu não era contra o controle do porte de armas de fogo.

Agora que os zumbis tinham tomado a terra, eu imaginava que qualquer membro da Associação Nacional de Rifles da América estivesse se saindo melhor que a maioria.

Bem quando passei as alças da sacola pelo braço, o som da salvação ecoou pela igreja: uma buzina de carro.

SCARLET

A maioria das casas estava escura, permitindo que as luzes dos postes lançassem sombras sinistras por tudo. O exército estava patrulhando, e eu e o Tobin tínhamos de pular para trás de arbustos ou rumo às sombras de vez em quando, diminuindo o

ritmo de nossos passos. Além disso, o tornozelo machucado de Tobin nos tornava mais lentos. Eu imaginava se ainda haveria alguém em casa, ou se o exército os tinha levado a algum outro lugar. Afastei esse pensamento da mente por pura força de vontade: isso significaria que as minhas meninas estariam em um lugar quase impossível de ser alcançado, com guardas armados assassinos.

Recusando-me a acreditar nisso, eu puxava Tobin comigo, recuando quando seu mancar colocava mais de seu peso sobre mim. Eu tentava encorajá-lo em meio à dor. O tornozelo dele estava inchado e piorava a cada minuto. Caminhar não estava ajudando. Ele precisava de analgésico e uma bolsa de gelo, no mínimo.

— Não está longe — falei.

Tobin vinha prendendo a respiração a cada passo durante as últimas três ou quatro quadras, mas não reclamava.

— Você acha que ela está lá? — ele perguntou.

— Espero que sim.

— Parece que não tem ninguém nas casas. Há algum abrigo público por perto? Talvez todos tenham sido levados pra lá.

— É possível. Talvez o hospital ou a escola de ensino fundamental. Tem um antigo abrigo nuclear lá.

— Eu te disse que ela tem um garotinho?

Abri um sorriso para ele.

— Você disse que ela é mãe solteira. Qual o nome dela?

— Tavia. E meu sobrinho se chama Tobin.

— Uau. Xarás.

— Sim — ele disse, radiante de orgulho, embora suor lhe pingasse do rosto. — É um bom garoto. Ágil. Educado. Ela fez um bom trabalho na criação do menino. Acho que eu nunca disse isso a ela.

— Você vai dizer — falei, rezando para que fosse verdade.

Um veículo do exército dobrou a esquina, e puxei Tobin para a parte escura da casa mais próxima. Um leve estalido escapou de seu tornozelo. Ele fez uma careta e soltou um fraco grunhido.

Tobin tentava manter silenciosa a difícil respiração.

— Eles também estão armados. Eu não entendo. Por que estariam patrulhando as ruas se estivessem apenas tentando manter longe... Como é mesmo que você os chama?

— Os rastejadores.

— É, os rastejadores. Por que patrulhar dentro da cidade se estão só tentando

manter os rastejadores do lado de fora? Será que estão procurando sobreviventes? Talvez estejam reunindo as pessoas para levá-las para um abrigo, não?

— Não sei se devíamos pedir ajuda — falei, puxando-o junto de mim assim que o veículo havia passado por nós.

— Um negro pode levar um tiro se ficar se esgueirando por aí no escuro, disso eu sei.

Abri um meio sorriso para ele.

— Vamos lá. Estamos quase chegando.

O mancar de Tobin se tornou mais pronunciado. A uma quadra de distância da casa de Tavia, ele estava em agonia. Suspirava e gemia em meio à dor; cada passo era uma tortura.

— Se não parar de fazer esse barulho, alguém vai achar que você é um rastejador e vai atirar em nós da janela.

— Desculpa — disse Tobin, genuinamente pesaroso.

— Estou brincando. Quer descansar?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não, você precisa chegar até suas filhas. — Ele olhou para a casa da irmã, a apenas três casas de distância. — Eu gostaria de poder retribuir o favor. Gostaria de poder te ajudar a encontrá-las.

Sua grande mão estava pousada sobre meu ombro, pressionando leve e gentilmente minha pele, e eu o abracei em resposta.

Nós paramos nos degraus na frente da casa de Tavia. Havia uma varanda cercada com tela e uma frágil porta de tela. A voz de Tobin mal passava de um sussurro.

— Tavia! É o Tobin! Você está aí? — Ele fez uma pausa, esperando uma resposta. — Tavia!

Apontei para a casa dos meus avós.

— Estarei bem ali na casa ao lado. Dê um grito se precisar de mim.

Tobin riu.

— Você já fez o bastante. Obrigado, Scarlet.

Assenti para ele e então cruzei o jardim até a entrada de carros da casa dos meus avós. A grama estava começando a ficar verde, e soava meio macia e meio seca sob os meus sapatos. Minhas passadas soavam altas em meio à noite silenciosa. Os sons abafados de Tobin na porta ao lado mal eram audíveis, mas eu sentia como se cada respiração minha saísse por um megafone.

Empurrei a porta telada, que rangeu conforme abria. Girei a maçaneta, meio que esperando que estivesse trancada, mas não estava. Entrei, tentando enxergar em meio

à escuridão.

— Mema? — Minha voz estava tão baixa e tranquilizante quanto possível. Meus avós estavam envelhecendo. Se não fossem obcecados pelos noticiários, poderiam estar completamente alheios ao surto. — Mema, sou eu, Scarlet. — Cruzei a sala de estar até o corredor e virei na direção do quarto deles. Fotos de nossa família pendiam das paredes, e parei diante de uma 24 x 30 cm, notando que se tratava de uma foto minha com Andrew e as meninas em dias mais felizes. Não, era mentira. Nós nunca tínhamos sido felizes.

Quando liguei para minha mãe para dizer que estava me separando, ela me deu uma bronca.

— Você não sabe o bem que tem, Scarlet — ela disse. — Ele não é alcoólatra como seu pai. Não é viciado em drogas. Ele não bate em você.

— Ele não me ama — falei. — Ele nunca está em casa. Está sempre trabalhando. E, quando está em casa, tudo o que faz é gritar comigo e com as meninas. Ele age como se nos odiasse.

— Talvez, se você fosse mais fácil de conviver, ele quisesse ficar em casa.

Parada no corredor, em frente àquela foto, levei o punho cerrado ao coração, em um esforço de manter longe aquela mágoa de anos. Quando decidi deixá-lo, ele teve o apoio da família dele — e da minha. Para eles, era uma medalha de honra usar a aliança com o nome dele. Mas Andrew era um homem agressivo e por vezes cruel. É claro que eu não era nenhum capacho, mas o fato de me recusar a deixá-lo bancar o valentão para cima de nossas filhas só levava a discussões cada vez mais altas. A gritaria. Meu Deus, a gritaria. Nosso antigo lar era cheio de palavras, barulho e lágrimas. Não, ele não era bêbado nem viciado, não me batia, mas viver na dor não é tão diferente.

Eu fiquei com ele durante esse tempo para proteger as meninas. A única pessoa que se colocava entre elas e Andrew durante um de seus ataques de fúria era eu. Quando ele subia as escadas atrás de Jenna e gritava na cara dela, eu ia atrás. Eu o puxava para trás, para fora do quarto dela. A fúria dele era redirecionada a mim, então Jenna não teria de sentir medo em sua própria casa.

Mas ele não me batia. Não, ele não fazia isso.

Às vezes eu gostaria que tivesse feito isso, assim pelo menos eu teria algo a oferecer à minha mãe. Um sacrifício real para dispor aos seus pés, para que ela pudesse ver que não era egoísmo nem algo raso quanto o tédio que havia influenciado minha decisão. Ela poderia me permitir essa desculpa, em vez de ficar do lado de

Andrew, se condoendo por ele, por eu ser uma pessoa horrível de conviver, falando de como eles tinham isso em comum.

Nossa casa era tão quieta agora, e as batidas de porta e a gritaria tinham sido substituídas por risadas e, sim, discussões persistentes entre as meninas, porém, na hora seguinte, elas já estavam juntas no sofá. O lar delas era um porto seguro. Eu devia isso a elas depois do que eu e Andrew as tínhamos feito passar.

Pus a mão na maçaneta e a girei, sem saber o que esperar. Para meu alívio, Mema, a mãe de minha mãe, era neutra em relação a isso. Ela apenas assentiu quando eu lhe contei que meu casamento terminara e disse que Jesus me amava e que era para eu continuar levando as meninas à igreja. Nada além disso tinha importância para ela.

A porta se moveu devagar. Uma parte minha se preparou para que algo saísse das sombras, e a outra preparava meu coração para ver algo terrível. Porém, quando a porta se abriu por completo, expondo o minúsculo quarto, com a cama de dossel e o papel de parede antiquado, soltei o ar que vinha prendendo. A cama estava feita. Eles não tinham voltado para casa.

Com a mesma rapidez com que fui tomada pelo alívio, ele foi embora. Eles já estariam na cama a essa hora. Mas não estavam em casa, o que significava que tinham sido levados por alguém, e, se tivesse sido pelos soldados, era mais que provável que as meninas também não estivessem na casa de Andrew. Um soluço subiu pela minha garganta. Eu me recusava a chorar até que tivesse um motivo para isso.

A foto no corredor chamou minha atenção. O jipe que esperava por mim nos limites da cidade não tinha a mesma foto das minhas filhas que eu mantinha no Suburban. Não tinha os desenhos delas e os papéis da escola espalhados pelo assoalho. Ergui a mão, peguei o porta-retratos e o atirei no chão, deixando que se quebrasse. Puxando rapidamente a foto dos estilhaços de vidro, dobrei-a ao meio e a enfiei no sutiã. Todos os álbuns de fotografias que tínhamos estavam em um armário em casa. As fotos de quando elas eram bebês, instantâneos dos aniversários e delas brincando do lado de fora. Tudo isso ficara para trás. A foto que roçava minha pele podia ser tudo o que me restava.

Escapuli da casa e deixei a porta de tela bater com tudo quando corri para a rua. Tobin estava parado nos degraus da casa de Tavia, apoiado na porta.

Eu o encarei e ele me encarou de volta. Ela também não estava em casa. Nem o pequeno Tobin.

— Vou tentar voltar para pegar você.

Tobin me ofereceu um leve e compreensivo sorriso.

— Não, não vai. E não devia, de qualquer forma. Eu só te atrasaria.

Eu o observei por um instante, não vendo nenhum sinal de julgamento em seus olhos.

— Meus avós têm muitos medicamentos no banheiro. Ibuprofeno, analgésicos, laxantes. A porta está aberta. Sinta-se à vontade.

Tobin abriu um leve sorriso.

— Obrigado. Espero que você encontre suas filhas.

— Eu vou encontrar — falei, me virando e correndo. Na quadra seguinte ficava a rua principal. Era bem iluminada, a principal via de Anderson, e ostentava os únicos quatro semáforos da cidade. Com quatro faixas e espaço de sobra em cada lado para estacionar, a rua era larga e não proporcionava muito em termos de cobertura. Havia tanto ímpeto em mim quanto em um fugitivo quando o poste na esquina revelou minha presença, então apenas segui em frente, na esperança de ter sorte o bastante de ninguém me ver. Saí voando pela rua e pela calçada, cruzando o estacionamento nos fundos da funerária e descendo a toda pela rua estreita. Havia uma cadeira quebrada na esquina e, antes mesmo que eu pensasse nisso, minhas pernas já me faziam saltar sobre ela.

Meus tênis e meu uniforme cirúrgico estavam molhados e pesados com a lama, mas, sabendo que minhas filhas estavam a poucos quilômetros de distância, minhas pernas me carregavam como se eu não pesasse nada.

Tobin gritava para mim a algumas quadras de distância.

— Vai, Scarlet! Você vai encontrá-las! Vai, sim! Siga em frente!

Minhas pernas correram mais rápido do que já haviam feito antes, até mais do que no ensino médio, quando tentei atletismo e quis tanto agradar minha mãe que corri até parecer que meus pulmões iam explodir. Ainda assim, eu era sempre a mais lenta, a que ficava para trás. Mas não essa noite. Nessa noite, eu podia voar.

A velha estação ferroviária surgiu no meu campo de visão, e fui pulando pelos trilhos, então passei com tudo pelos restos de uma estrutura com o nome da cidade: ANDERSON. As letras estavam sujas e enferrujadas, exatamente como minha cidade natal tinha se tornado. Olhei de relance para trás uma única vez, antes de atravessar a rua. Mesmo com o suor entrando em meus olhos e meus pulmões mal conseguindo aguentar, eu não ia parar. Mais três quadras até minhas bebês. Elas estariam lá. Estariam, sim.

Peguei um atalho pela passagem estreita, recuperando a força depois da exaustão, quando senti o cascalho familiar sendo esmagado sob meus pés. Um cão latiu, e eu sorri. Nem um único cachorro podia ser ouvido do outro lado da cidade. Os soldados não tinham chegado a este lado ainda. Jenna e Halle estariam esperando por mim e eu

as tomaria nos braços e as apertaria com tanta força que nada mais importaria. A loucura fora dos limites da cidade desapareceria.

Cheguei ao final da passagem estreita, do outro lado da casa de Andrew. A garagem e a entrada de carros, afastadas da casa, estavam diretamente na minha frente, mas seu Tahoe branco não estava ali. Meu peito arfava e minhas entranhas se contorciam, purgando ruidosamente os restos no meu estômago.

10

NATHAN

— É com você, irmão, vamos lá! — disse Skeeter, correndo até uma janela. Sua cabeça se movia em todas as direções enquanto ele tentava dar uma boa olhada por ali. — Dois carros! Bem ali na frente!

Alguém do lado de fora gritou, e pude ver um grupo grande de mortos-vivos se afastando da parede e caminhando lentamente para a rua.

Corri até a porta e encostei o ouvido nela. Ninguém raspando, nada de ruídos de alguém se esfregando nela. Nada de gemidos.

— Zoe? — chamei minha filha.

Ela correu de leve até o meu lado. Coloquei-a atrás de mim e segurei a maçaneta.

— Espera! — ela gritou, voltando o olhar para Jill, que jazia quase sem vida no chão, exceto pelos olhos. Eles se esforçavam para se manter abertos, injetados e chorosos, mas alertas.

— Zoe, temos que ir! — falei, segurando seu pulso.

— Eu amo você! — gritou Zoe. Ela era apenas uma criança, mas sabia que não veria a tia de novo. — Amo você, tia Jill!

Lágrimas escorriam pelas bochechas de Zoe enquanto ela forçava minha mão cerrada em seu punho, esticando os braços em direção à tia.

Jill exibia um fraco sorriso. Suas veias tinham se tornado visíveis: linhas azuis sinuosas, se ramificando e a cobrindo como o vírus que se espalhava por seu corpo. Uma única lágrima lhe escorreu pela bochecha e seguiu para o cobertor sob ela.

Skeeter correu até Zoe, puxando-a para seus braços.

— Não chore, pequena. Eu vou cuidar da Jujuba, tá bom? Você sabe como o tio Skeeter ama a tia Jill, não sabe?

Zoe assentiu, e suas sobrancelhas se uniram.

Skeeter abriu um sorriso e a abraçou mais uma vez.

— Nós te amamos, Zoe. Ouça seu pai. Ele vai cuidar bem de você. Fique calma agora. — Os dedos de Zoe pressionavam os ombros de Skeeter. Meu cunhado a soltou e ficou de pé. — Vá, Nate. Vá agora.

Assenti, coloquei as chaves do carro na boca e enfiei o pente na AR, então a ergui e abri a porta. Eu me inclinei para fora para dar uma rápida olhada nos arredores. Caminho livre. Assenti para Zoe e depois para Skeeter. Ele piscou para mim e eu saí correndo, puxando minha filha comigo.

Ao atravessar a rua, vi um jipe preto se afastando em alta velocidade rumo a Anderson. Não esperei para ver se aquelas coisas o seguiriam.

Soltei a mão de Zoe e tirei as chaves da boca.

— Zoe, vamos! — falei, segurando a chave à frente do corpo de modo que, assim que chegássemos perto do carro, eu pudesse enfiá-la na porta o mais rápido possível. Eu não queria fazer nada estúpido, como deixar as chaves caírem, então me certifiquei de prendê-las com firmeza entre os dedos.

Quando chegamos perto do carro, lembrei que não tinha tido tempo de trancá-lo antes, então abri a porta e estiquei a mão para trás para pegar Zoe. Alguma coisa deu a volta no canto da casa, mas eu não prestei atenção no que era nem em quantos eram, apenas peguei minha filha e quase a joguei no banco do passageiro. E então fiz exatamente o que tinha dito que não faria: deixei a merda da chave cair!

Ela foi parar debaixo do carro, fora do meu campo de visão.

— Papai! — gritou Zoe.

Minha atenção se voltou para o homem que caminhava em minha direção. Ergui a AR, puxei o gatilho e errei. Puxei de novo, e dessa vez acertei o perturbado e ensanguentado predador no pescoço. A ferida não o intimidou. De repente, o lado esquerdo de seu crânio explodiu e ele caiu no chão, no meio de uma passada. Skeeter estava de pé do outro lado da rua, com o rifle de caça na mão. Ele ergueu o punho cerrado, estendendo os dedos indicador, mindinho e polegar. Retribuí o gesto e pulei para dentro do carro, recuando da frente da garagem e virando à esquerda rumo à rodovia.

MIRANDA

Levei o New Beetle para o acostamento da rodovia depois de quinze minutos. O rímel fazia meus olhos arderem e estava ficando cada vez mais difícil enxergar. Bryce ainda estava olhando pela janela. Estiquei a mão para trás e apertei quando senti a mão de Ashley tocando a minha.

Ela era minha irmã mais velha, mas nosso pai sempre dizia que eu era a forte. Ashley não me deu escolha. Quando nossos pais se separaram, ela mudou, como um suéter que colocamos na máquina para lavar e ele nunca mais serve direito nem parece o mesmo. Ela não era mais a garota despreocupada e cheia de graça com quem cresci. Em vez disso, ficou sensível, extremamente emotiva e cética. Quando ela se inclinou para me mostrar seus olhos, os cabelos loiros caíram para frente, as longas mechas crespas pairando sobre seu colo. Ela ainda estava chorando, e a maior parte de seu rosto estava manchada e molhada.

— E se houver soldados esperando em Fairview também? — Cooper gaguejou.

A voz de Ashley ficou agitada, meio que zunindo e gemendo ao mesmo tempo.

— Quero ir pra casa, Miranda. Quero ver a mamãe!

— Não haverá soldados em Fairview. O único motivo pelo qual aqueles idiotas estavam armados em Anderson é a fábrica de armas — Bryce repreendeu. Ele estava claramente mais que irritado com Ashley. Como se os soluços ruidosos não fossem estressantes o bastante.

— O que a gente vai fazer? — disse Ashley. — Vai escurecer logo. Acho que a gente não devia ficar aqui fora de noite.

Olhei para Bryce.

— Ela tem razão.

Ele não necessariamente concordou, mas não discutiu. Voltei para a estrada e dirigi por mais alguns quilômetros até nos depararmos com uma velha casa de fazenda. Virei o carro na direção da entrada do lugar, quase arrancando a caixa de correspondências enferrujada que já fora branca.

Os freios novos do carro chiaram até o carro parar. Todos ficamos com os olhos fixos na casa, esperando alguém abrir a porta, ou nos cumprimentar, ou tentar nos devorar. Estiquei a mão para abrir a porta do carro, mas Bryce segurou meu braço.

— Eu vou — ele falou. Bryce abriu a porta do lado do passageiro e seguiu lentamente até a lateral da casa.

Dei uma olhada em volta. Não havia nenhum veículo, mas havia um celeiro. Talvez os carros estivessem lá e o lugar só parecesse desertado. Dois veículos passando pela Via Expressa 11 chamaram minha atenção: um prata e um jipe quatro portas preto. Por meio segundo, me foquei na criança que estava em uma cadeira infantil em um deles. Ela estava passando por nós em câmera lenta, segurando um ursinho de pelúcia, distraída do mundo desmoronando ao seu redor.

— Ah, meu Deus! — falei, me virando para olhar enquanto eles passavam por nós. — Ah, meu Deus!

— O que foi? — gritou Ashley, instantaneamente em pânico.

— Eles estão seguindo direto para Anderson! Vão acabar morrendo nas mãos daqueles doidos na ponte! — Abri minha porta e dei um passo para fora do carro. — Bryce, vamos embora! Precisamos pará-los!

— A gente não pode salvar todo mundo que for pra lá — disse Ashley, agarrando meu encosto de cabeça.

— Mas tem um... tem um bebê no carro! Bryce!

Ele se virou para mim, franzindo o cenho e levando o dedo à boca.

— Mas... — falei, enquanto os observava saindo de meu campo de visão, seguindo seu caminho. E então eles tinham ido. Voltei a me sentar no carro e fechei a porta. — É culpa nossa — falei, e meus olhos encontraram os de Ashley no retrovisor.

— Anda logo, Bryce — sussurrou Cooper, mais para si mesmo.

Bryce deu uma olhada dentro da casa e girou nos calcanhares, pulou para fora da pequena varanda de concreto e correu até o carro. Ele bateu a porta com tudo e apontou para a estrada.

— Vai! — disse, sem fôlego.

— O que foi que você viu?

— Vai! Vai! — ele berrava, apontando.

Pisei no acelerador e voltei para a estrada.

— O que foi? — falei, já em segurança na pista. — O que você viu?

Bryce balançou a cabeça.

— A gente devia dar meia-volta — insisti.

— Não.

— Tentar avisar aquela família sobre a ponte.

— Não.

— Você não me ouviu, Bryce? Tinha um bebê no carro! A gente devia voltar!

— Tinha um bebê dentro da casa também! — ele berrou. Ele puxou o ar algumas vezes para se acalmar e então falou de novo. — Acredita em mim. Se eles forem

mortos naquela ponte, melhor para eles.

Observei-o por um instante e então voltei a atenção para a estrada. O rosto dele ficara completamente sem cor, e uma faixa de suor se formara ao longo da linha de seus cabelos.

— O que foi que você viu? — sussurrei.

Ele olhou pela janela.

— Você não vai querer saber. Eu gostaria de não ter visto aquilo.

Os quilômetros seguintes se passaram em silêncio conforme seguíamos até Fairview, mas não foi difícil dizer quando havíamos chegado aos limites da cidade. Mais infectados do que eu previra vagavam pelas ruas, sozinhos e em grupos. Estávamos quase terminando de passar pela cidade quando pisei no freio.

— O que foi? — disse Bryce em voz alta, batendo a palma da mão com força no painel.

Uma mulher descalça descia correndo a rua, carregando uma garotinha em um braço e puxando consigo um garoto de nove ou dez anos com o outro. Ela usava um vestido vermelho de bolinhas brancas, e seus cabelos tinham em grande parte se soltado do baixo e escuro rabo de cavalo.

— Bryce — falei.

— Eu tô vendo.

A mulher parou na esquina da igreja e ajudou o garoto a subir no topo da unidade de ar-condicionado, passando com bravura por um grande grupo de infectados. Ela ergueu o garoto nos ombros e então o empurrou para cima, permitindo que ele subisse no telhado, e em seguida ergueu a garotinha. Ele puxava a menina, mas ela chorava e esticava a mão para a mulher, chamando a atenção da aglomeração de horrores sangrentos que golpeavam a frente da igreja. Vários dos mortos se separaram e seguiram lentamente em direção à mulher. Ela estava com dificuldade para subir, mas o garoto esperou encurvado, segurando os joelhos, encorajando-a.

Foi então que avistei uma trilha de sangue na lateral de madeira branca da igreja. Outra pessoa já havia entrado por ali. Outro alguém que provavelmente estava infectado.

— Temos que ajudá-los — falei, com determinação dessa vez.

— Olha — disse Cooper, esticando o braço entre meu assento e o do Bryce. Ele apontava para a igreja. — Há tábuas cobrindo as janelas! Tem gente lá dentro!

Bryce olhou para mim.

— Parece um bom lugar para passarmos a noite.

Fiquei observando. A mulher mal conseguira subir no telhado antes que os

mortos alcançassem a unidade onde ela estivera de pé.

Soltei o ar que vinha prendendo sem notar.

— Tá bom, mas como a gente faz para entrar? Como a gente faz para que eles *nos* deixem entrar?

— Eles não são muito rápidos — disse Cooper, gesticulando em direção à mulher no telhado. — Ela passou correndo por eles.

— Eu não vou sair daqui com essas coisas andando lá fora! — Ashley choramingou. — De jeito nenhum!

Dei uma olhada em volta do carro, para me certificar de que não teríamos nenhuma surpresa, e então notei a posição do sol.

— Não vamos conseguir chegar ao rancho antes de escurecer. Já tem gente ali dentro. Provavelmente eles têm armas e água...

— E um banheiro — murmurou Cooper.

Bryce assentiu.

— A gente não tem nada disso. Vamos entrar lá. Só precisamos achar um jeito de distraí-los por tempo o bastante para entrarmos.

— Pessoal, vocês podem sair. Vou passar dirigindo por eles e atraí-los para longe. Então largo o carro, me escondo e depois volto.

Bryce balançou a cabeça em negativa.

— Eu faço isso.

— Olhem! — disse Ashley.

A mulher tentava abrir a janela, mas estava tendo dificuldades. De repente, a janela abriu e ela segurou as crianças, protegendo-as por um instante, até que reconheceu quem quer que estivesse de pé do outro lado. Um homem alto e sujo abaixou a cabeça pela janela e ajudou a mãe e seus filhos a entrar. Ele foi até a beirada e deu uma olhada no grupo frenético lá embaixo. Eles estavam vociferando uns com os outros, tentando chegar até as pessoas no telhado.

— Olhem para eles. Não conseguem subir! — falei, surpresa.

Bryce deu um passo para fora do carro e acenou com os braços.

— Ei! — ele gritou.

— Que diabos você tá fazendo? E se ele atirar na gente? — disse Cooper.

— Ajudem! — continuou Bryce, ignorando Cooper.

O cara no teto fez sinal para que déssemos a volta por trás da igreja e então apontou para sua arma.

— Ele vai cobrir para passarmos. Vamos. Vamos! — disse Bryce, voltando para dentro do carro.

Sem hesitar, pisei fundo no acelerador, e o carro foi para frente com tudo. Em poucos instantes, estávamos pulando pela rua e subindo no gramado da igreja. O homem ergueu uma das mãos e se virou para apontar, nos direcionando.

Estacionei nos fundos da igreja e então pulei para fora, levantando o banco para que Ashley pudesse sair.

— Vai! Vai! — falei, observando cada morto-vivo na lateral da igreja se virar em nossa direção e começar a se aproximar.

A porta dos fundos da igreja se abriu, revelando o homem que estava no telhado. Ele girou a tranca assim que o último de nós estava ali dentro. O espaço estava cheio de pessoas amedrontadas, a mãe e as crianças, uma outra mulher, dois outros garotinhos e cinco homens: o que nos salvou, dois de meia-idade e dois mais velhos.

— Muito obrigada — falei para o cara que nos deixara entrar. — A gente precisava de um lugar para passar a noite.

— Skeeter McGee — disse ele, esticando a mão para me cumprimentar. Retribuí o gesto e ele assentiu para Cooper, Bryce e Ashley, e depois se virou para um dos homens de meia-idade. — Gary, temos de pregar as tábuas outra vez na porta lá em cima. Uma única tábua dessa vez.

Gary assentiu e então se virou, desaparecendo por um corredor escuro. Suas passadas ecoavam na cozinha, e depois começaram as marteladas.

Todo mundo ali trocou olhares, e então Skeeter foi cuidar de uma mulher no chão. Ela parecia à beira da morte, e saliva branca e espumosa escorria da lateral de sua boca no cobertor em que ela estava deitada.

— Annabelle estava...? — disse a mulher mais velha.

— Ainda não — foi a resposta de Skeeter.

— É uma boa notícia. Talvez a Jill não vire uma daquelas coisas. Ou pode ser que ela melhore. Nós simplesmente não sabemos, Skeeter. Por favor, não se precipite.

— Você não precisa vir com esse papo-furado pra cima de mim, Doris — ele falou para a mulher. Depois passou os dedos grandes pelos cabelos loiros ensopados de Jill e sussurrou algo ao ouvido dela.

Doris olhou para nós.

— Abençoados sejam. Vocês são de Anderson?

— Nós estudamos na universidade em Greenville. Meu pai tem um rancho a noroeste daqui. Nós não queríamos viajar depois que escurecesse.

Doris assentiu, compreensiva.

— Não os culpo por isso. Querem água, crianças? — perguntou ela, seguindo até a geladeira. Ela entregou a cada um de nós uma garrafa de água, e nós não perdemos

tempo, bebemos tudo.

— Seu pai tem um rancho por aqui? — quis saber Skeeter.

Ashley abriu um sorriso.

— O rancho Red Hill.

Ele assentiu.

— Já cacei por lá. O rancho vai ser um bom lugar pra vocês.

* * *

Gary voltou do corredor, o martelo na mão.

Todos se ajeitaram da melhor forma possível. Doris confortava a mãe e seus filhos, Skeeter se alternava entre a esposa e ver como estavam as coisas pelas janelas do outro cômodo. Todos ficavam sem ar e trocavam olhares quando uma pessoa nova era vista caminhando devagar pelos arredores, com o restante deles. Fairview era uma cidade minúscula. Fazia sentido que todos se conhecessem. Eu me perguntava qual seria a relação da mulher no chão com Skeeter e como era sua vida antes de ser mordida. Até mesmo com a pele suada e azulada e as olheiras profundas e escuras, sua beleza era evidente.

O homem que chamavam de Bob apontou para o espaço ao lado.

— O santuário fica ali. Tem bastante lugar para sentar por lá.

— Obrigada — falei, aceitando seu convite.

Mais duas mulheres, um tanto mais velhas, estavam sentadas em um dos bancos da igreja. Escolhi um lugar no banco da frente e me sentei mais perto do corredor central, afastada das janelas quebradas. Mesmo que houvesse tábuas pregadas ali, era enervante ouvir os mortos tentando entrar.

Bryce se sentou ao meu lado, e Ashley, do outro. Cooper sentou ao lado de minha irmã e segurou a mão dela. Todos soltamos um suspiro coletivo de alívio.

Deixei a cabeça pender sobre o ombro de Bryce e ele descansou a dele sobre a minha. Depois de tudo o que tínhamos visto e passado, eu não achava que conseguiria dormir, porém, quanto mais tempo eu passava sentada naquele banco de madeira duro e frio, mais confortável eu me sentia — e ficava mais difícil manter os olhos abertos. Eu me remexi, fazendo com que Bryce virasse a cabeça de leve e desse um beijo em minha têmpora.

— Tá tudo bem. Pode dormir. Estamos seguros agora.

— Nunca mais nada vai ser seguro — sussurrei, tentando não permitir que essas palavras desengatilhassem mais lágrimas.

— Seguro o bastante para descansarmos um pouco — ele sussurrou em resposta. — Agora feche os olhos, Miranda. Amanhã vai ser um longo dia.

— Assim que chegarmos ao rancho Red Hill, vamos ficar bem, né?

— É bem provável que seu pai esteja por lá agora, muito apavorado, se perguntando onde é que vocês estão. Ele vai ficar tão feliz ao ver você e a sua irmã. Nós estaremos longe de tudo, com um armário cheio de suprimentos e a coleção de armas insana do seu pai. Vamos ficar bem.

Com essas palavras, eu me permiti fechar os olhos e o peso do sono me engoliu.

11

SCARLET

As casas ao redor da de Andrew estavam escuras e abandonadas, assim como as outras. Atravessei a rua; não havia carros nem pessoas. A inclinação da entrada da garagem me fez sentir como se eu estivesse me arrastando com dificuldade montanha íngreme acima, depois do trecho que eu acabara de correr. Com cuidado para não deixar meus tênis fazerem um ruído muito alto ao esmagar as pedrinhas sob eles, dei passadas delicadas e parei no portão, que rangeu quando o empurrei, e subi lentamente os cerca de dez degraus até a porta dos fundos. Eu passara por esse trecho de terra poucas vezes desde que Andrew se mudara para cá.

Depois do divórcio, ele não podia mais pagar pelo sobrado que tínhamos comprado na cidade vizinha e se mudou para a casa de dois quartos. A construção ficava literalmente do lado errado dos trilhos, aninhada ao fundo do lado oeste de Anderson, onde a invasão a laboratórios de metanfetamina não era algo raro.

Andrew ficara abatido com a mudança e o divórcio e surpreendia a todos durante as visitas nos fins de semana. Lentamente a gritaria cessou. O bullying foi substituído por curtos ataques de leve irritação ou longos suspiros. Eu não sabia se ficar longe das meninas durante a maior parte do mês ajudava a aplacar seus acessos de fúria, ou se era minha ausência que lhe trazia essa paz.

Subi os dois últimos degraus até a porta dos fundos e dei leves tapinhas no acrílico da parte superior da porta. Uma cortina impedia a visão da parte de dentro. Bati novamente e então tentei girar a maçaneta. A porta estava trancada.

Meu coração batia tão forte em expectativa que eu podia senti-lo na garganta.

As janelas em cada lado da casa e ao lado da porta da frente também estavam trancadas. Dei um tapa com a mão espalmada na janela da sala de jantar.

— Andrew! Jenna! Halle? É a mamãe! Vocês estão aí?

Nada.

Pressionei a orelha no vidro e tentei ouvir. O silêncio foi o gatilho para as lágrimas caírem e meu lábio inferior tremer. Eu me inclinei com força, e o frio da janela compensava a sensação ardente que a pressão causou em toda a minha orelha. Meus olhos se fecharam enquanto eu silenciosamente implorava que houvesse alguém ali dentro para aliviar meus medos.

Por fim, me afastei da janela e olhei para a rua. Uma lágrima se formou e se soltou, deslizando por minha bochecha. Eu a sequei e, com isso, bati o cotovelo no vidro. Sem pensar duas vezes, recuei e deixei meu cotovelo tocar o vidro uma segunda vez, o ângulo dos meus ossos uma extensão de toda a frustração e medo que pulsavam em meu corpo. A janela se estilhaçou. O ruído não foi tão alto quanto achei que seria. Grandes pedaços de vidro se partiram, alguns caindo dentro da sala de estar e outros, aos meus pés.

— Andrew? — sussurrei alto.

Depois de entrar pela janela quebrada, inspecionei todos os cômodos, armários, cada canto da casa. Alguma coisa não estava certa. Os casacos das meninas não estavam jogados e amarrotados no chão, as gavetas não estavam abertas e nenhum dos desenhos de Halle estava espalhado sobre a mesa. Em momento algum elas tinham chegado aqui. Deviam estar no encontro com o governador quando o surto irrompeu. Podia ser que estivessem presas em um abrigo com o governador, ou talvez Andrew tivesse fugido com elas. Elas podiam estar em qualquer lugar.

— Droga — falei, mais alto do que havia falado em horas. — Droga! — gritei. Peguei uma cadeira na sala de jantar de Andrew e a atirei do outro lado da sala, então perdi o equilíbrio e caí de joelhos. — Não! — gritei, me tornando uma bolinha encolhida no chão. Vi o rosto delas, inocentes e assustadas, se perguntando onde eu estaria e se eu estaria a salvo, assim como eu me perguntava. Eu não podia lidar com isso se não estivesse com elas. Eu precisava ver Jenna revirar os olhos para mim outra vez e que Halle me interrompesse. Elas precisavam que eu lhes dissesse que ficaria tudo bem. Nós não conseguiríamos sobreviver ao fim do mundo sem estar juntas. Eu não queria isso. Soluços foram surgindo e liberados com tanta ferocidade que meu corpo inteiro tremia. Certamente alguém me ouviria, meus gritos e minha choradeira sendo provavelmente o único som que podia ser ouvido naquela cidade abandonada.

— Eu sinto tanto — falei, permitindo que a culpa e o desespero me invadissem.

Eu me inclinei e deixei a testa e os braços repousarem no carpete, as mãos entrelaçadas acima da cabeça. Logo a extrema exaustão puxou e repuxou meus sentidos de forma inédita. Os soluços chegaram ao fim e, em poucos instantes, caí em um profundo oceano de escuridão. As profundezas me cercaram por todos os lados e, por fim, fui tragada por ela, cálida e calma.

Sirenes de tornado. Estranho. Eu não lembrava de o meteorologista ter mencionado uma tempestade de manhã. Não era um teste. Eles testavam as sirenes às quintas-feiras, e hoje era... eu não sabia que dia era.

A primeira coisa que notei quando meus olhos se abriram foi o rodapé e o carpete mais novo perto da parede do que no trecho onde as pessoas passavam. Quando criança, eu costumava notar essas coisas, pois passava mais tempo no chão: brincando, vendo TV, ficando entediada. Passei tanto tempo da infância no chão. Adulta, eu não conseguia lembrar quando fora a última vez que tive essa vista. Mas o carpete entre meus dedos não era meu.

Meus olhos ardiam. As lágrimas haviam lavado todo o meu rímel, levando-o para dentro e para fora dos olhos, tornando-os secos e como se estivessem em chamas. No segundo em que lembrei por que estava chorando, minha cabeça se ergueu rapidamente e olhei de relance ao redor da sala escura. As sirenes de aviso de tornado estavam soando a toda. Elas podiam estar com defeito, ou podiam ter sido violadas.

Engatinhando, cheguei rapidamente até a porta da frente. As ruas ainda estavam vazias, mas as sirenes continuavam emitindo seus lamentos. A igreja de Fairview passou pela minha cabeça, e eu rezei para que as sirenes parassem. O barulho atrairia todos os rastejadores por quilômetros.

Abri a porta de madeira e então pressionei a lateral do rosto no vidro da segunda porta. Minha respiração soprava úmida, o ar visível em baforadas que desapareciam rapidamente, turvando minha visão. Quando vi a primeira pessoa correndo rua abaixo, exposta pelos postes de luz, essas respirações deram lugar a um único ofegar.

Ela era mais velha, talvez com cinquenta e poucos anos, mas estava viva. Mesmo a uma quadra de distância, eu podia ver o horror em seus olhos. Poucos segundos depois, dois homens, um deles segurando uma criança, além de uma mulher, apareceram antes de mergulhar outra vez na escuridão. Em seguida, mais cinco e depois uma dúzia. Homens, mulheres e crianças. Pelo menos cinquenta pessoas passaram antes que eu avistasse o primeiro rastejador. Eu só consegui discerni-lo porque ele acabou derrubando alguém bem debaixo do poste. Não muito tempo depois, vários outros rastejadores se tornaram parte da multidão. A gritaria foi lentamente passando de um ou outro grito esporádico até chegar ao pânico

generalizado. A multidão parecia se espalhar, mas estavam todos vindo do mesmo lugar; de onde quer que estivessem sendo mantidos com o governador, talvez. Parecia que a cidade inteira estava na rua, correndo pela vida. Estreitei os olhos, procurando desesperadamente por Andrew e as meninas, na esperança de que dobrassem a esquina da rua principal para descer a rua dele a qualquer minuto, mas, quando o fluxo de gente foi ficando escasso, comecei a perder a esperança.

Lágrimas ameaçavam umedecer meus olhos uma vez mais, porém, em vez de chorar, permiti que a raiva assumisse o controle. O sentimento de impotência por não ser capaz de chegar até as minhas filhas me fez ter um surto de fúria. Fui correndo até o quarto do Andrew e fiz uma busca em seu guarda-roupa. Ele guardava um rifle de caça e uma 9 mm ali. Para o caso de ele acabar voltando, deixei o rifle e peguei uma mochila no guarda-roupa, enchendo-a de munição. Meus movimentos eram desajeitados, tanto pela adrenalina bombeando por meu corpo quanto por eu não segurar uma arma desde antes do divórcio. Peguei comida enlatada. O abridor de latas estava na gaveta de talheres, mas eu o deixei lá, na esperança de que Andrew se lembrasse de pegá-lo caso já não estivesse com o pé na estrada. Também peguei uma garrafa plástica de água.

Foi só quando eu estava seguindo até a lavanderia que realmente me deparei com algo útil de verdade: uma lanterna, pilhas, uma chave de fenda grande e um canivete dobrável.

Peguei mais um item, fechei o zíper da mochila e então voltei para a sala da frente. Tirei uns quadros da parede e balancei a lata que tinha na mão. O aerossol sibilava conforme eu pressionava o botão, meu braço indo para frente e para trás com a música silenciosa de minha despedida enquanto formava grandes e visíveis palavras pretas:

RED HILL
ESPERO VOCÊS LÁ
♥ ∞ MAMÃE

Observei a tinta escorrer das letras, esperando que isso fosse o bastante; que, em meio a esse inferno, minhas filhas se lembrassem do nome do rancho do dr. Hayes e dissessem ao pai para ir até lá. Se Andrew estava no meio da multidão que vinha correndo da prefeitura, ele traria minhas filhas até aqui.

Deixei a lata de tinta cair no chão e depois olhei através da coluna de vidro da porta da frente mais uma vez, vendo os mortos rastejantes se arrastarem pela rua principal, seguindo o cheiro dos vivos. Andrew conseguira tirar nossas filhas de lá de alguma forma, antes da brecha. Eu tinha que acreditar nisso e tinha que confiar que minha próxima decisão estava certa.

Agarrei as alças da mochila em meus ombros e saí correndo da casa, deixando estupidamente a porta de tela bater com tudo atrás de mim. Eu me detive, virei e me deparei com alguns dos rastejadores à esquerda automaticamente se virando na direção do barulho. Corri para a direita, na direção da casa de meus avós, talvez até mais rápido que antes, sabendo que não tardaria para o sol se levantar e não deixar mais sombras para eu me esconder.

NATHAN

— Zoe, tente respirar mais devagar — eu disse. Ela estava quase arfando, se esforçando para compreender tudo que vira, incluindo dizer adeus à sua tia Jill pela última vez. Estiquei o braço e segurei sua pequena mão. — Vai ficar tudo bem, docinho. Vamos encontrar um lugar seguro.

— Eu achei que a igreja era um lugar seguro — ela disse baixinho.

— Não é seguro o bastante. Precisamos de um lugar para ficar por um bom tempo. No interior, longe de todas as pessoas doentes.

— Onde fica isso?

Fiz uma pausa, tomando cuidado para não mentir para ela.

— Vou encontrar o lugar. Não se preocupe.

Zoe se ajeitou no banco e ergueu o queixo, avistando a picape verde em marcha lenta ao mesmo tempo que eu. Soltei sua mão e ergui a minha para tampar os olhos dela no momento exato em que o homem ergueu sua arma para uma mulher que jazia na rua, em uma piscina de vômito e sangue. Uma poça vermelho-escura escorria de seu vestido sujo, quase como se ela estivesse abortando, mas eu sabia que não era dali

que vinha o sangue. Ela estava macilenta e sua pele tinha um tom acinzentado, exceto pelas linhas vermelhas que lhe escorriam dos olhos, ouvidos e nariz.

Um tiro foi disparado contra a cabeça dela, mas a mulher não se mexeu. Quando passamos por eles, o homem estava pálido, erguendo-a com ternura nos braços. Ele a levou até a cabine de sua caminhonete, fechando a porta atrás de si.

Abaixei a mão e a coloquei de volta no volante.

— Você colocou o cinto de segurança?

— Sim, papai.

Zoe estava se esforçando para não desmoronar. Eu queria parar no acostamento e abraçá-la, lhe dar um tempo para fazer a transição para nossa nova vida em fuga por sobrevivência, mas nunca teríamos tempo para isso. Se algo em relação a isso tudo fosse como nos filmes, a vida agora seria vivida entre experiências de quase morte.

— Muito bem, garota.

Tons de rosa e púrpura maculavam o céu, sinalizando o início do pôr do sol. Sem qualquer casa à vista, nem mesmo um celeiro, eu não sabia se devia me preocupar com abrigo ou me confortar com o fato de que não era muito provável nos depararmos com um grupo grande daquelas criaturas — pelo menos por enquanto.

Zoe estava brincando com a bainha de seu vestido lavanda, cantarolando tão baixinho com os lábios cerrados que eu mal conseguia discernir o que era. Alguma coisa do Justin Bieber, pelo som. Ergui os cantos da boca. O rádio estava mudo desde o início de nossa jornada. Eu me perguntava se um dia ouviríamos música de novo.

12

NATHAN

Em menos de meia hora na estrada, notei uma pequena placa na qual se podia ler RODOVIA 123. Outra pequena estrada de mão dupla, que seguia até o Kansas. Ficava a menos de uma hora de distância e, se eu bem me lembrava de minha última viagem de caça com Skeeter, havia apenas uma pequena cidade entre onde estávamos e a divisa do estado. Além disso, não havia nada além de terras agrícolas e ranchos por quilômetros. Talvez pudéssemos encontrar alguma casa de fazenda abandonada no meio do nada e montar acampamento. Talvez a gente desse sorte e a casa não estivesse abandonada, e seus ocupantes, antigos ou novos, permitiriam que ficássemos lá.

Minha mente estava divagando quando virei em direção à estrada, de modo que deve ter sido o instinto que me levou a fazer isso, ou pelo menos uma escolha subconsciente. De qualquer forma, eu e a Zoe seguimos para o norte.

— A gente não vai voltar para pegar minha lição na escola, vai? — disse Zoe, que nem tentou esconder a decepção.

— Eu sinto muito, docinho. Não acho que seja seguro.

— Então eu não vou pra escola amanhã?

— Não.

— Você não vai ser preso se não me levar pra escola?

— Não se todas as outras pessoas também ficarem em casa e não forem à escola.

Essa resposta pareceu acalmar Zoe por enquanto, mas eu sabia que ela formaria uma lista de perguntas para me fazer mais tarde. O fim de tudo era difícil para todo

mundo. Especialmente para crianças. Ainda mais difícil para crianças como Zoe, que não lidam bem com mudanças. Minha filha requerera uma rotina desde que nascera. Regras e limites eram seu porto seguro. Eu não sabia bem como lhe proveria isso agora.

Observei enquanto a cabeça de Zoe se movia sutilmente com a melodia que tinha em mente. De vez em quando, as sardas salpicadas em seu nariz se mexiam quando ela o entortava para fungar.

— Você não está ficando resfriada, está?

Zoe negou com a cabeça, me deixando puxar papo.

— Acho que não. Eu lavo muito as mãos.

Assenti.

— Isso é bom... — Minha voz cessou quando notei algo à frente. A princípio, achei que podia se tratar de um carro enguiçado na estrada, mas então vi movimento. Muitos movimentos, fluidos e lentos. Quando nos aproximamos da cena, vi uma horda daquelas criaturas circundando um veículo. O alarme do carro estava tocando, e os mortos pareciam agitados por causa do barulho. Eles tentavam loucamente entrar no veículo. Eu não conseguia ver se havia alguém preso ali dentro. Eu não queria ver.

— Papai?

— Espere, Zoe — falei, girando o volante, deixando a estrada e entrando na cidade, cujas primeiras casas ficavam a uma quadra dali. Eu estava dirigindo mais rápido do que devia, mas tinha esperança de dar a volta pela horda e conseguir retornar à 123 sem perder muito tempo. O sol ia se pôr em breve, e eu não queria que estivéssemos perto daquelas coisas no escuro. Todas as ruas nas quais eu virava davam ou para outra rua perto demais da horda, ou para outro grupo de criaturas que caminhava em direção à aglomeração.

Depois do terceiro desvio, uma luz amarela no painel do carro, acompanhada de um ruído de alerta, quase me fez entrar em pânico. Estávamos com pouco combustível, o sol estava se pondo e a cidade não me era familiar para encontrar um lugar seguro para passarmos a noite. Pela primeira vez desde que deixamos a igreja, eu temia ter tomado a decisão errada.

Fomos parar em uma rua sem saída, e eu pisei no freio ao avistar um galão de gasolina na varanda da única casa naquela parte da rua. Os dois últimos trechos que percorremos eram de cascalho, e eu não vi muita coisa ao redor. A maioria da cidade estava reunida em torno da rodovia.

— Zoe, vou pegar aquele galão de gasolina ali e depois vou colocar um pouco no

carro para que a gente possa seguir viagem.

— Seguir viagem até onde?

— Eu já volto, docinho. Não saia do carro, tá?

Zoe assentiu, e eu olhei rapidamente ao redor antes de descer do carro. Caminhei rápido até a varanda, esperando a cada passo que houvesse mesmo gasolina dentro daquele recipiente de plástico. Subi os degraus e me curvei, porém, quando coloquei a mão na alça do galão, a porta se abriu, e o ruído distinto de uma arma sendo engatilhada me fez paralisar.

Fechei os olhos.

— Por favor, não faça isso. Minha filha está vendo.

Depois de uma curta pausa e de me dar conta de que eu ainda não estava morto, ergui o olhar. Um velho segurava a escopeta. Suado, sujo e vestindo um macacão listrado azul e branco, ele afastou a arma da minha têmpora.

— Você deixa sua filha ver você roubar?

— Eu não estava tentando roubar — falei, me erguendo lentamente e mantendo as mãos para cima e afastadas do corpo. O objetivo era parecer o menos ameaçador possível. — A luz da reserva de combustível do meu carro acabou de acender. Está ficando escuro. Nós estávamos apenas tentando encontrar um lugar seguro para passar a noite.

O homem estreitou os olhos para enxergar melhor, passou a mão na barba branca por fazer e então abaixou a arma.

— Pegue a menina. Traga-a para dentro. É melhor andar rápido. Um ou dois deles passam por aqui de vez em quando.

Parte de mim queria pegar a Zoe e trazê-la para dentro dessa casa sem pensar duas vezes. Outra lembrava que ele tinha acabado de colocar uma arma na minha têmpora. Uma mulher apareceu por trás da porta e então saiu na varanda. Ela era pequenina, os cabelos grisalhos em um estilo muito parecido com os de Zoe.

— Ah, meu Deus, Walter! Deixe essas pobres pessoas entrarem.

— Eu os convidei para entrar, querida. Ele ficou aí parado.

Ela empurrou a arma dele para baixo.

— Bem, tire essa arma daqui, bobinho! — Ela estendeu a mão. — Sou a Joy.

— Nathan Oxford. Minha filha, Zoe, está no carro. Prazer em conhecê-los.

Walter franziu o cenho.

— Que bom, filho, mas é melhor pegar sua filha e entrarem.

Assenti e dei um longo passo para fora da varanda, desligando o carro e persuadindo Zoe a sair de dentro dele. Ela vira Walter puxar a arma para mim e

também não tinha certeza de que fosse uma boa ideia. Acompanhamos Joy para dentro da casa e Walter trancou a porta.

A mulher limpou as mãos na calça e parou no meio da sala de estar. A casa estava imaculada, mas o carpete tinha pelo menos trinta anos e cheirava a isso.

— Vamos dormir lá embaixo, no porão. O Walter vai pregar tábuas na porta.

— E se entrarem na casa? — perguntei baixinho.

Walter ergueu a arma na lateral do corpo.

— Temos água e comida lá embaixo, e a Joy estava levando mais pra lá. Mas parece que eles não notam a casa. Estão todos atraídos por alguma coisa do outro lado da cidade.

— Há um carro com o alarme disparado na rodovia. Estão todos reunidos em volta dele.

Walter franziu o cenho, absorto em pensamentos:

— Então eles são atraídos pelo som. Vamos ficar quietos. Eles não vão ter nenhum motivo para vir bagunçar por aqui. Trancarei as portas. Não acho que vão tentar entrar pelas janelas a menos que chamemos a atenção deles.

Fiquei tenso ao me dar conta de que não teríamos uma estratégia de saída dali, mas era melhor que nada, e mais seguro que dormir lá em cima.

A Zoe e eu ajudamos Joy a levar comida e água para o porão. O lugar era perfeito, com um sofá e cadeiras reclináveis de frente para uma TV de tela plana.

Walter deu uma risada.

— Joy comprou essa TV pra mim no Natal do ano passado. Tudo o que se pode ver nela agora é neve.

Zoe e eu nos aninhamos em um sofá xadrez amarelo e marrom enquanto Walter pregava tábuas na porta. Joy nos cobriu com um cobertor, também saído direto da década de 70, e em tempo recorde Zoe estava relaxada, dormindo em meus braços. Tive medo de que ela não fosse conseguir dormir por estarmos em um lugar estranho, mas ela estava exausta. Descansei minha bochecha em seus cabelos. As mechas castanho-claras estavam emaranhadas, me levando a pensar em todos os confortos do lar dos quais não dispúnhamos mais. Coisas simples, como uma escova de cabelo.

— Você tem uma bela garota — sussurrou Joy, sorrindo. — Minha filha, Darla, mora em Midland. Vocês já foram para lá alguma vez?

Neguei com a cabeça.

— Nós estávamos fazendo as malas para ir pra lá no fim de semana. Partiríamos ontem, mas eu queria me certificar de que alguém aguaria minhas flores antes de sairmos. — Ela soltou um suspiro e seus olhos se encheram de lágrimas. — Pode ser

que eu nunca mais veja minha filha de novo, nem meus netinhos. Por causa das malditas flores.

— É possível que a veja de novo.

— Você acha? — disse ela, com uma esperança cautelosa na voz.

Sorri e beijei a têmpora de Zoe, e então reclinei a cabeça sobre a almofada.

— Obrigado. Por deixar a gente passar a noite aqui.

— Podem ficar aqui o tempo que quiserem — sussurrou Joy, erguendo o olhar para o marido, que ainda estava cuidando da porta. — Quem sabe quando isso tudo vai ser resolvido... ou se um dia vai ser.

MIRANDA

Quando meus olhos se abriram, ainda estava escuro. Os arranhões e batidas dos mortos do lado de fora haviam cessado e Bryce já estava acordado, com os olhos fixos à frente. Eu me sentei e tentei desfazer os nós formados pela tensão em minhas costas.

— Você dormiu? — perguntei baixinho.

Bryce balançou a cabeça e depois me olhou com um sorriso.

— Talvez eu tenha cochilado por uns minutos. Mas fico contente que você tenha conseguido dormir. — Ele se inclinou em minha direção e seus lábios tocaram os meus pela primeira vez em vinte e quatro horas. — Você foi incrível ontem. Eu não sabia que você sabia dirigir daquele jeito.

Passei os braços pela cintura dele para afastar o calafrio do início da manhã. Bryce me aninhou a seu lado. Ele não era o cara mais musculoso do colégio, mas era atlético, e seu sorriso doce tornava impossível sentir raiva dele. Seus cabelos escuros precisavam de um corte havia uns dois meses, e, quando ele se inclinou para me beijar, um pouco deles lhe caiu sobre os olhos. Ele usou os dedos para tirar os fios dali, se recusando a fazer aquele movimento brusco incrivelmente irritante que a maioria dos caras fazia para tirar os cabelos dos olhos.

"Parece que eles estão tendo um ataque epilético", ele costumava dizer. Eu também não gostava do movimento, mas o ignoraria para ver os olhos azuis dele. O sorriso de Bryce era incrível, e não era menos do que nobre, mas seus olhos ainda eram minha parte favorita. Acho que me apaixonei por seus olhos antes de me apaixonar por ele.

Ashley e Cooper estavam aninhados. Com apenas um cardigã, camiseta branca e uma echarpe azul-bebê, ela não estava muito mais preparada para ficar sem aquecimento que eu, com minha camiseta de algodão e jaqueta leve. Se os rapazes sentiam frio, não deixavam transparecer.

— Que barulho é esse? — perguntou Cooper, voltando o ouvido direito para a cozinha. Seus olhos iam para todos os lados conforme ele escutava.

Bryce segurou minha mão e ficou de pé, me levando até a entrada da cozinha. Estava escuro ali também, mas havia algumas poucas velas espalhadas pelo cômodo. As pequenas chamas proviam iluminação suficiente apenas para vermos Skeeter McGee de joelhos, chorando sobre a mulher que jazia no chão. Ele tentava não fazer muito barulho. Se não fosse por puxar o ar de vez em quando, eu poderia nem ter notado.

— Ah, meu Deus! — disse Ashley.

Bryce a fez se calar e voltou a atenção para Skeeter.

— Ela...?

Doris trouxe um cobertor do corredor e o esticou sobre a mulher.

— Deus te abençoe, Jill. Que o Senhor te receba de braços abertos e te guarde.

Todos ficamos parados de pé, observando em um silêncio desconfortável o desenrolar da cena enquanto Skeeter soluçava baixinho por mais ou menos uns vinte minutos. Depois de um tempo, ele recuperou o fôlego e limpou o rosto.

— Então acho que... acho que seria melhor enterrá-la.

Doris se remexeu, nervosa.

— Como vamos fazer isso com aquelas coisas lá fora?

Um velho de cabelos brancos se pronunciou:

— Não podemos simplesmente jogar a Jill lá fora, Doris, e ela não pode ficar aqui dentro.

Doris ficou incomodada, por fim levando os dedos à boca.

— Eu... Eu sinto muito, Skeeter, mas não posso ir lá fora.

— Eu vou — disse Bryce. Skeeter ergueu os olhos molhados para ele. — Eu te ajudo. Vamos precisar de alguém de retaguarda e talvez de uma distração, mas eu te ajudo a cavar.

Cruzei os braços, tentando impedir que as palavras que eu estava prestes a dizer escorressem da minha boca, mas elas saíram mesmo assim.

— Eu vou também. Posso distraí-los.

— Você pode ficar de tocaia — disse Bryce. — O Coop corre. Ele pode ser a distração.

— O quê? — disse Cooper, arregalando os olhos. — Eu?

Ashley se segurou nele.

— Não. — Ela franziu a testa, com desespero na voz. — Nós não vamos mandá-lo lá fora para servir de isca.

Cooper envolveu Ashley com os braços, e seus olhos recaíram em Skeeter.

— Eu agradeço a ajuda que nos deu lá fora, cara, mas sair no escuro é correr um risco desnecessário. E se eles entrarem e nós todos estivermos lá fora cavando um buraco? Há mulheres e crianças aqui.

— Eu vou enterrar minha esposa — disse Skeeter, ficando de pé. Ele era tão alto quanto Bryce e muito mais intimidante. — Não estou pedindo a ajuda de ninguém.

— Eu sei que você não está pedindo ajuda — disse Bryce. — Vamos pensar em um plano para que todo mundo fique em segurança.

Skeeter limpou o rosto outra vez e assentiu. O homem de cabelos brancos se dirigiu até o corpo da mulher e começou a rezar baixinho.

— Não deve demorar para o nascer do sol — falei. — Vamos elaborar um plano e, quando o sol sair, enterraremos a Jill.

Skeeter assentiu.

— Obrigado.

Os mais novos e mais velhos entre nós caíram no sono enquanto planejávamos o funeral de Jill. O cemitério da igreja ficava a menos de cinquenta metros dali. Era lá que Skeeter queria enterrá-la. Meu coração já estava socando o peito só de pensar em ficar lá, em pé, nas brumas matinais, vigiando para ver se não apareciam zumbis. Não dava para ficar com mais cara de filme de terror de Hollywood que isso.

— Vou enterrá-la perto do avô — disse Skeeter. — Ele foi enterrado ao norte do cemitério.

Bryce assentiu.

— Ok, então o Eric e o Gary sobem no telhado e os afastam da porta dos fundos. Coop pode correr e fazer com que o sigam pelos arredores até que a gente tenha terminado.

— Quanto tempo vocês acham que vai demorar? — Cooper quis saber, engolindo em seco. — Para cavar a cova, quero dizer.

Bryce deu de ombros.

— O tempo que for preciso. Vamos fazer o mais rápido possível.

Ashley soltou um suspiro.

— Isso não é uma boa ideia.

— Eu vou ficar de olho enquanto estiveram cavando — falei. — Cooper vai ficar correndo em volta da igreja, como isca para os zumbis...

— Eu direi algumas palavras — falou o reverendo, ajeitando o colarinho. Ele parecia mais nervoso que Ashley. — E então vamos voltar correndo para dentro.

— Não antes de... — Skeeter soltou um rápido suspiro — ...não antes de eu ter certeza de que ela não vai voltar, e então nós vamos enterrá-la.

Assenti. Era um plano. Um plano simples. De jeito nenhum isso daria certo, mas pelo menos tínhamos um plano.

13

SCARLET

O ruído de fundo de minha fuga de Anderson era um tiroteio intermitente, já que provavelmente os patrulheiros tinham entrado em pânico com a horda de mortos-vivos vagando pelas ruas. Eu refizera meus passos de volta à casa de Tavia, planejando persuadir Tobin a seguir comigo para o rancho do doutor.

Assim que passei pelo cruzamento e pus os pés no gramado da frente da casa de meus avós, vi uma forma escura deitada no chão.

— Tobin? — sussurrei.

Eu ainda tinha esperanças de que não fosse meu amigo, até que vi suas tranças apontando para todas as direções.

— Tobin? — falei, me aproximando com cuidado. Ele estava deitado de lado, encarando ao longe. Eu me preparei para correr caso ele se movesse em minha direção. Eu não sabia o que ele era.

Olhei de relance para a casa de Tavia, notando os buracos deixados pelas balas que penetraram a lateral da casa, as janelas e a porta de tela. Eu me inclinei, notando que o corpo sem vida de Tobin e a casa estavam nas mesmas condições.

Sufoquei as lágrimas e o vômito. Os mesmos canalhas que tinham matado a tiros a família na ponte fizeram o mesmo com Tobin. Eu não queria deixá-lo no jardim, mas o que eu podia fazer? Nesse exato momento, ouvi o estouro de um motor a diesel a várias quadras dali.

— Sinto muito, amigo — falei.

Correndo outra vez o mais rápido que podia, voltei pelo caminho que percorremos, sem saber o que eu temia mais: ser pega ou fugir sozinha pela floresta escura.

De volta pela cidade, tive de me arriscar a passar correndo pela ponte e então desci a estrada. Isso parecia mais seguro do que seguir jornada em meio à alta vegetação perto do rio. Não dava para ouvir o motor dos caminhões dos soldados, então atravessei voando a rodovia e cruzei o bosque até meu carro. Bati a porta e a tranquei, dando uma rápida olhada ao redor antes de chorar alto e descontroladamente. Eu não tinha me preparado para sair de Anderson sem minhas filhas, para ver o corpo de Tobin cheio de balas, nem para sobreviver a algo que me fazia sentir um medo imenso e inacreditável.

Os faróis do jipe ardiam como chamas em meio à noite conforme eu acelerava pela Via Expressa 11. Menos de meia hora depois, eu virei em direção ao norte na 123, e pude ouvir o alarme estridente de um carro. O ruído atingia o ápice e se calava rapidamente, como aquelas armas de raio laser nos velhos filmes de ficção científica que minha mãe costumava ver.

"Estou tentando ver um filme, Scarlet. Você não consegue achar outra coisa pra fazer que não seja me encher o dia todo? Não posso nunca ter um tempo para mim mesma? Sai daqui!", ela costumava dizer.

Meu fiapo de voz desesperado de quando eu tinha oito anos ressoava perfeitamente em meus ouvidos. "Você trabalhou o dia inteiro."

"Estou tentando ver TV!" "Tô me sentindo sozinha!", eu chorava baixinho. Não queria que ela ouvisse. Eu queria que ela me enxergasse.

Ela erguia o controle remoto e aumentava o volume da TV, com uma expressão de repulsa no rosto. *Perdidos no espaço* pode ter sido a única felicidade da minha mãe entre trabalhar em três empregos de meio período e me criar sozinha. Minha necessidade de atenção parecia ter arruinado sua vida.

"Você me deixa doente, Scarlet. Você é igualzinha a seu pai. Uma das pessoas mais egoístas que já conheci na vida", ela costumava dizer, quase arruinando a minha.

As palavras eram secundárias, uma válvula de escape para sua raiva residual, mas passavam queimando pelas minhas roupas e tostavam minha pele, deixando uma marca tão inexorável que eu a carregava até enquanto lutava para sobreviver ao fim do mundo. Eu estaria sendo egoísta saindo de Anderson? Eu devia ter ficado e esperado por eles? A escolha que tinha acabado de fazer me sentenciaria a uma vida sem nunca mais ver o rostinho doce das minhas filhas outra vez?

Os faróis do jipe iluminaram dúzias de rastejadores. Como um rebanho, eles

vagavam no meio da estrada. Eu me encolhi ao avistar crianças entre eles, algumas com mordidas visíveis na carótida. Outras com peles e músculos faltando; todos cobertos do sangue de seu ser antigo. O rosto de Jenna e o de Halle passaram como um lampejo pela minha mente, e então se projetaram na face daquelas crianças. As lágrimas escorriam quentes por minhas bochechas, como água caindo em uma chapa quente.

Pisei com tudo no freio e me agarrei ao volante. Se eu decidisse dirigir entre eles e fosse forçada a parar, eles podiam cercar o jipe. De um lado havia uma pequena colina recoberta por grama. Uma rocha com o nome da cidade entalhado, Shallot, ficava no topo da pequena colina. O sol havia começado a se erguer, de modo que eu mal conseguia avistar a sombra de mais rastejadores cruzando a pista e seguindo estrada abaixo, na direção do carro barulhento. Eram atraídos por barulho.

Do lado esquerdo, plantações. Hectares e mais hectares de plantação de trigo, ainda saturado com o aguaceiro da manhã anterior. Se eu quisesse chegar ao rancho, tinha duas opções: seguir dirigindo em meio ao rebanho de rastejadores, subir a colina e esperar que, se eu batesse em uma daquelas coisas, a coisa não rachasse meu para-brisa, ou me arriscar a ficar presa no campo lamacento.

A coragem veio lentamente. Cada batida do meu coração parecia uma explosão enquanto minha mão repousava no centro do volante, se preparando para pressioná-lo. Inspirei e então toquei a buzina uma vez. Dúzias de mortos lentamente voltaram o pescoço em minha direção. As explosões em meu peito deram lugar a uma cadência de milhares de minúsculos maratonistas em corrida. Mesmo sentada e imóvel, comecei a arfar de medo. Depois de uma pausa curta, eles começaram a se arrastar na direção do jipe. Toquei a buzina mais uma vez e esperei. Apesar de os rastejadores estarem a menos de vinte metros de distância, pressionei a base da palma da mão no centro do volante e a mantive ali até que a última das aberrações estivesse gemendo e seguindo rumo à refeição pela qual pareciam ansiar. O medo mantinha minha mão na buzina, na esperança de que eles se movessem mais rápido para que eu pudesse passar por eles e seguir na direção oposta ao novo caminho deles.

Quando os rastejadores estavam a apenas um braço de distância, virei bruscamente o volante para a esquerda e segui para o campo de trigo.

— Não atole. *Não* atole — repeti. Minhas mãos moveram bruscamente o volante para a direita, para formar um grande círculo em torno do rebanho, e entrei em pânico quando o jipe começou a lutar com a lama. — Vamos! — gritei, afundando os dedos no volante.

O jipe deslizou para frente e para trás, ricocheteando e ameaçando perder o

controle, mas os pneus preparados para a lama se fixaram como garras no solo ensopado pela chuva e voltaram à estrada. Depois de quase derrapar mais de uma vez, o jipe se endireitou, e eu gritei pela minha vitória, seguindo em alta velocidade até a torre branca.

O sol acabara de aparecer no horizonte quando avistei a torre de água sob as árvores. Com o doce cantarolar de Halle na mente, girei o volante, nunca tão feliz por chegar a uma estrada de terra. Quando virei à esquerda no cemitério, o céu da noite tinha se encolhido e dado lugar ao azul límpido e brilhante. As nuvens de tempestade do dia anterior tinham desaparecido. Se o mundo não tivesse virado essa porcaria, esse podia ter sido considerado um belo dia. O carro pegou a direita com tudo no primeiro quilômetro e meio, mas eu não podia desacelerar. Quanto mais eu me aproximava do santuário, mais medo sentia. Meus pés estavam moendo o acelerador no assoalho, mas o motor apenas roncava mais alto em vez de ir mais rápido. Talvez cinco minutos tivessem se passado desde que eu avistara a torre branca, mas parecia estar levando uma eternidade para chegar lá.

Perto da entrada, meu pé instintivamente se afastou do acelerador. A caminhonete do dr. Hayes estava no jardim, e havia um Mercedes prateado estacionado ao lado. Ele tinha conseguido chegar em casa.

Nem me dei o trabalho de fechar a porta do jipe. No segundo em que meus pés tocaram o chão, saí correndo, parando apenas quando minhas mãos bateram na porta.

— Dr. Hayes? Sou eu! Scarlet! — A lateral de meu punho cerrado socou com força o batente de madeira da porta de tela. — Dr. Hayes? É a Scarlet! Eu não estou doente... por favor... *por favor*, me deixe entrar.

A cada segundo que passava, meu alívio e empolgação davam lugar à decepção. Ele era um radiologista, pelo amor de Deus, ele tinha mais do que uma picape detonada. O dr. Hayes e a namorada dele, Leah, só ficavam ali na semana em que ele não trabalhava. Radiologistas trabalhavam duas semanas sim, uma não, e todos tinham uma casa de campo ou rancho para onde corriam durante aqueles sete preciosos dias. Leah era advogada e morava duas horas ao norte. Geralmente eu limpava o local um fim de semana antes de os dois se encontrarem no meio do caminho, na casa da fazenda. Era o Mercedes dela no jardim. Provavelmente eles se encontraram aqui e depois pegaram o carro do doutor e foram para outro lugar, talvez para buscar as filhas dele.

A luz no celeiro tremeluziu e então se apagou. Eu não tinha mais para onde ir. Eu precisava entrar ali.

Puxei a porta de tela para abri-la lentamente, me encolhendo com o alto rangido que ela fez. Girei a maçaneta e, com cautela, empurrei-a e fiquei escutando.

— Dr. Hayes? — falei baixinho, esperando que ele não me ouvisse e ouvisse ao mesmo tempo.

A casa parecia intocada. Depois de checar todos os aposentos e concluir que não havia ninguém ali, vaguei até a varanda dos fundos e subi na secadora, me perguntando o que eu precisaria fazer para deixar a casa segura. Será que eu devia pregar tábuas nas portas? A casa não era minha para que eu fizesse modificações, mas, até se o dr. Hayes voltasse para cá com Miranda e Ashley, ele podia ficar satisfeito por uma parte do trabalho já ter sido feita. Meus olhos se voltaram para o chão, e alívio e medo me atingiram quase que simultaneamente. Havia marcas de pegadas de lama em frente à porta que dava para o quintal lateral. Pulei da secadora e olhei através do acrílico que ocupava a metade de cima da porta. Havia algo espatifado no concreto. Algo pegajoso com pedaços de alguma outra coisa... definitivamente era vômito. As pegadas davam para dentro da casa, à minha direita, descendo as escadas e seguindo para o porão.

Eu havia limpado o porão muitas vezes. Ele era usado para armazenamento, era encarpetado, pintado e nem um pouco assustador, porém naquele instante eu estava aterrorizada demais para descer aquelas escadas.

Fixei o olhar na trilha de lama e em qualquer outra coisa e, por fim, desci o primeiro degrau. Ele rangeu sob meus pés, e eu fechei os olhos bem apertados, na esperança de que nada fosse sair dali e pular para cima de mim como punição por eu ter feito barulho. Como nada aconteceu, abri os olhos com tudo e, de imediato, procurei por uma arma. A coisa mais próxima de uma arma ali era um martelo sobre uma caixa de ferramentas vermelha aberta no chão. Peguei rapidamente o objeto, me certificando de segurá-lo com firmeza, e então desci os degraus, me preparando para o que quer que estivesse ali embaixo.

Se ele estiver vivo, não bata nele. Não balance o martelo. Não reaja simplesmente.

Esses pensamentos giravam, se tornando mais altos a cada degrau que eu descia, dificultando que eu ouvisse algo que podia sinalizar que na verdade eu *precisava* balançar o martelo.

A porta se abriu e eu me reclinei para frente para olhar ali dentro, imediatamente avistando um par de pernas deitado rente ao chão. Eram as pernas de Leah, e, mesmo que eu não conseguisse enxergá-la por completo, dava para saber que ela estava com a face voltada para o chão. Depois de uma rápida olhada para ambos os lados, entrei, seguindo a trilha das pegadas. O dr. Hayes estava sentado encostado na parede, com

uma grande ferida no pescoço e um único tiro de escopeta na têmpora. Uma de suas várias pistolas estava ao lado, perto de sua mão aberta e sem vida. Leah também tinha um ferimento na cabeça, similar ao dele, mas seu queixo e peito estavam recobertos de sangue, e dava para ver que o pedaço que faltava no pescoço do médico estava na sua boca.

Havia sangue borrifado em diversas direções: no cofre de armas aberto no canto, na parede e no chão. Pelo que eu podia entender, o dr. Hayes viera ao porão pegar uma arma para se proteger, mas, ao que tudo indicava, Leah o apanhara no ato e o atacara. A transformação dela devia ter sido rápida. Ele devia estar fugindo dela. Imaginei que ele soubesse que estava infectado, então, depois de atirar nela, se matou. Fazia sentido.

De repente me senti muito sozinha. Não me passara pela cabeça que não haveria mais ninguém no rancho. As filhas dele não estavam aqui. Leah estava morta. Será que o restante da família tentaria chegar até este porto seguro? Supostamente, Miranda e Ashley viriam visitá-lo nesse fim de semana. Talvez já estivessem a caminho. Se não estivessem, talvez teriam a mesma ideia que eu e viriam para cá com a mãe. Obviamente o rancho era o melhor lugar para ficar, e, mesmo que elas não o visitassem com tanta frequência, o dr. Hayes, como todo pai de menina, era o guardião delas. Fazia sentido que tentassem chegar aqui. De qualquer forma, a minha esperança era essa.

Na manhã anterior, o dr. Hayes estava simplesmente radiante por causa da visita das filhas. Eu não conseguia acreditar que ele estava sentado em uma poça do próprio sangue a apenas poucos metros de mim. Era tão surreal que eu não conseguia encontrar um sentimento para ligá-lo à situação. Eu não conseguia despregar os olhos da cena repulsiva até que, por fim, a ficha caiu: se as meninas realmente chegassem ao rancho, não podiam ver o pai desse jeito.

— Droga — falei.

Minha mente entrou em uma inexplicável busca pela memória de todas as vezes em que eu vira o doutor comendo um donut. Ele era um homem corpulento, e eu não fazia ideia de como poderia puxá-lo escada acima.

Caminhei em meio à bagunça e peguei a pistola do chão. A trava de segurança estava desativada. Cutuquei com o pé o quadril de Leah, apontando a arma para sua nuca. Um ferimento de saída de projétil um tanto quanto grande era visível ali, mas eu não queria ter nenhuma surpresa. Ela foi lançada para frente com o tiro e depois não se mexeu, o que me fez usar a trava de segurança da arma.

Satisfeita com a garantia de que os dois não me atacariam, subi a escada com a

arma na mão, cruzei a casa e fui até a varanda da frente. De pé no deque de madeira, avaliei a situação ao redor, tentando decidir o que fazer primeiro.

Uma súbita onda de exaustão me acometeu, e eu me sentei no degrau com tanta força que machuquei o traseiro. Eu conseguira. Nós havíamos dito que esse era o lugar para onde vir no caso de um Apocalipse. O Apocalipse havia chegado e aqui eu estava. Sem minhas filhas.

Afastei o pensamento, me recusando a derramar outra lágrima. Elas estavam a caminho, e eu tinha de deixar o lugar preparado para recebê-las. Definitivamente havia muito trabalho a ser feito, mas eu sabia que eu desmoronaria em breve, e algumas precauções precisavam ser tomadas para que eu pudesse dormir em segurança. Havia tábuas velhas no celeiro, mas o touro também ficava ali. Garantir a segurança das janelas e do perímetro e enterrar tanto Leah quanto o doutor eram coisas que teriam de ser feitas antes que eu pudesse dormir. Isso tudo provavelmente me tomaria o dia todo. Fiquei de pé e inspirei fundo, me perguntando quanto mais eu conseguiria forçar meu corpo antes que ele simplesmente não aguentasse mais.

Dei a volta nos fundos até o galpão e encontrei uma pá ali, e depois um belo lugar debaixo do grande bordo ao sul da casa, e comecei a cavar.

NATHAN

Meus olhos se esbugalharam e eu pisquei, tentando desanuviar a visão para saber onde estávamos. Eu acabara de ter o pior pesadelo, e Zoe ainda estava adormecida em meus braços, mas, pelo cheiro de mofo, eu podia dizer que não estávamos em casa.

Quando a sala finalmente entrou em foco, fui tomado por alívio e medo ao mesmo tempo. O medo venceu facilmente o alívio. Nós estávamos fugindo pela vida. Jill estava morta, ou em breve estaria, minha esposa se fora e eu e Zoe estávamos em fuga.

À minha direita estava o velho casal, Walter e Joy. Walter roncava na cadeira reclinável. Ele puxava o ar pelo nariz e então soprava pela boca, o ar se acumulando até lhe escapar pelos lábios. Joy estava desperta, me observando com um sorriso no rosto.

— Ele sempre fez isso — sussurrou ela. — Costumava me deixar maluca. Agora é relaxante.

Eu me ajeitei no lugar, tomando cuidado para não acordar a Zoe. O sol iluminava o ambiente através das pequenas janelas retangulares próximas ao teto. A televisão estava ligada, mas muda.

— Não acho que os noticiários vão voltar ao ar, mas pelo menos ainda temos energia elétrica.

Assenti, cruzando os braços.

— Será que vocês vão receber a conta?

Joy riu.

— Duvido. Vi o carteiro passar ontem à tarde.

Isso me soou engraçado, mesmo sendo mórbido pra caramba, e eu não consegui conter a risada. Joy deu umas risadinhas também. Nós estávamos tentando não acordar Walter, então nossas risadas não passavam de respirações e tremores pelo corpo. Os olhos de Joy começaram a se encher de água, e então ela ficou de pé.

— Vou preparar um café. Quer uma xícara?

Assenti.

— É melhor eu ir com você.

Garanti que Zoe ainda estava confortavelmente aninhada sob o cobertor e então acompanhei Joy até o andar de cima. Ela colocou o bule no fogo em silêncio e eu dei uma olhada do lado de fora. Não havia nenhuma janela ou porta quebrada, e eu não via nenhum morto também. Dei um passo para a varanda. Ao longe, eu mal conseguia discernir o som do alarme na rodovia. O ruído já estava se esvaindo. Skeeter, Jill e até Aubrey me passaram pela cabeça: onde estavam, se estavam em segurança, se tinham descansado um pouco na noite passada. Outras pessoas de minha vida também preencheram meus pensamentos. Meu chefe, um tremendo babaca, mas cuja mulher e filhos eram doces; meu primo Brandon e seus seis filhos; nossos vizinhos; a sra. Grace, minha professora do segundo ano. Era possível que quase todos os meus conhecidos estivessem mortos. Ou... uma versão de mortos.

Joy estava despejando o café fumegante em uma caneca quando voltei à cozinha.

— Eu estava falando sério na noite passada — disse ela, me encorajando a sentar. — Você e a Zoe são bem-vindos aqui pelo tempo que quiserem ficar.

Adicionei creme e açúcar à minha xícara e mexi com uma colherzinha.

— Eu agradeço. Mas você não acha perigoso tentar permanecer na cidade? Acabamos de vir de Fairview. Estávamos na igreja com várias outras pessoas. Os

doentes estavam tentando trazer o lugar abaixo. Saí de lá com a Zoe porque seria apenas questão de tempo até conseguirem entrar...

— Não consigo me imaginar saindo daqui. Não sei para onde iríamos.

— Vocês conhecem alguém que tenha terras perto daqui? Em um lugar afastado? Era com isso que eu esperava me deparar.

Joy pensou por um minuto. Em vez de me responder, ela tomou um gole de café. Seus olhos eram bondosos, o azul-claro em suas íris ficava ainda mais pronunciado quando emoldurados pelos cabelos prateados, mas eles também a entregavam. Havia alguma coisa que ela não estava dizendo. Eu não conhecia essas pessoas, mas, se eu tinha alguma chance de saber o que quer que ela não estava me contando, seria agora, enquanto estávamos sozinhos.

— Eu entendo. Você não nos conhece. Não era minha intenção me meter nos assuntos de vocês.

Joy franziu o cenho, claramente em conflito.

— Ah, não é isso, Nathan. Eu só não sei se...

— Não sabe o quê?

A porta do porão se abriu.

— A garotinha está acordada, Nathan. Tentei conversar com ela, mas acho que ela está confusa. Talvez seja melhor descer lá antes que ela fique muito preocupada — disse Walter. — Traga-a aqui para tomar café da manhã. Vamos tentar manter a mente dela longe daquelas coisas.

Assenti com um sorriso compreensivo e então saí da mesa, na esperança de que essa não fosse minha única chance.

14

SCARLET

Havia um engradado de garrafas de água na geladeira. Peguei uma delas, tirei a tampa e virei o líquido de uma vez. Apenas dois dias antes, eu teria levado a manhã toda para beber essa quantidade de água, mas eu me sentia como se não bebesse nada havia semanas. Abri outra e suguei a água até sobrar apenas um quarto de seu conteúdo.

Eu tinha levado quase a manhã toda para cavar um único buraco, e ainda precisava cavar mais um, e tinha uma dúzia de outras coisas para fazer antes de poder descansar. Fazia mais de vinte e quatro horas que eu não dormia. Eu estava física, mental e emocionalmente exausta.

Voltei para o quintal caminhando penosamente, encarando os corpos do dr. Hayes e da namorada, Leah, dispostos lado a lado. Arrastá-lo escada acima tinha sido quase a coisa mais difícil que eu já fizera na vida, perdendo apenas para dar a luz. No meio da escada, eu parei para descansar e quase o soltei. A única coisa que me manteve no caminho foi pesar a alternativa: desmembrá-lo e carregar os pedaços menores escada acima. Mais fácil, sim, mas a sujeira seria incrivelmente maior.

Eu me apoiei na árvore, me sentindo zonza. Meu corpo estava gritando por descanso. Antes que eu desmaiasse e ficasse vulnerável ali fora, meu instinto de sobrevivência me disse para me retirar para dentro da casa. Com um único objetivo em mente, entrei aos tropeços na lavanderia, desci as escadas e me tranquei no porão, arrastando a velha namoradeira para junto da porta com meus últimos resquícios de energia. Meu corpo despencou nas almofadas esfarrapadas e, antes que eu pudesse pensar em qualquer outra coisa, apaguei.

* * *

Assim que abri os olhos, vi o carpete bege sujo e a parede oposta entrando e saindo de foco. Tudo estava desprovido de som, até mesmo o ar. Minha visão seguiu pelo carpete até que os resquícios de minha luta para arrastar os corpos de Leah e do doutor lá para fora surgiram.

Foi então que meu coração se partiu em um milhão de pedaços. Eu não sabia que horas nem que dia era, mas sabia que estava no inferno. Minhas filhas estavam em algum lugar onde eu não tinha como protegê-las, e eu estava sozinha. Dessa vez, demorou mais tempo para eu me recuperar dos lamentos pela situação em que me encontrava, mas me permiti chorar por um tempo e então segui até o cofre de armas do doutor. Era um de vários, mas o único que estava aberto. Um rifle chamou minha atenção, e se encaixou bem em minhas mãos, então subi a escada com ele.

A posição do sol me confundiu, a princípio. Ele estava mais alto e mais a leste do que quando decidi descansar. *Não é possível,* pensei. Mas eu ter dormido o restante do primeiro dia no rancho e a noite inteira era a única explicação.

A camisa ensanguentada do doutor estava ensopada de orvalho. O pensamento de ter ficado ausente por tanto tempo era perturbador, e uma onda de emoções tomou conta de mim. O que minhas filhas teriam feito no dia anterior e durante a noite toda? Sentimentos irracionais, como o medo de que não fossem sobreviver se eu não me preocupasse com elas a cada minuto, se insinuavam.

Incapaz de processar mais alguma coisa, rolei o corpo de Leah para dentro da cova e apanhei a pá para cobrir o buraco. Enquanto eu fazia isso, minhas mãos começaram a arder e a reclamar por causa de toda a escavação do dia anterior. Leah estava com o rosto virado para baixo, desaparecendo lentamente sob o solo. Assim que terminei de cobrir, comecei a cavar o outro. Eu tinha de fazer o buraco para enterrar o dr. Hayes bem mais amplo e um pouco mais fundo. Segui cavando até a argila tornar difícil demais a tarefa, e então rolei o corpo dele para dentro. Sua perna ficou escorada, e eu tive de dobrá-la para que ele coubesse ali.

Por volta do meio-dia, eu tinha dito algumas palavras sobre meus amigos, preparado um sanduíche e encontrado uma corda trançada e o estoque de latas recicladas da Leah. O plano era cercar o terreno com latas, de modo que, se algum rastejador passasse por elas, o barulho fosse um sinal. O projeto não era à prova de defeitos, mas me manteve ocupada.

Dois dias se passaram antes que eu visse o primeiro rastejador. Ele vestia apenas um roupão e cambaleava sozinho pela estrada. O cano da minha arma o seguiu até que ele estivesse fora do meu campo de visão. Passou pela minha cabeça atirar, porém, por eu ter visto os rastejadores reagindo ao alarme do carro em Shallot, tive medo de que o ruído atraísse mais deles. Eu o deixei passar, rezando para que minha covardia não o estivesse deixando livre para atacar alguma outra pessoa estrada afora.

Todos os dias eu observava a estrada à espera das meninas. Para passar o tempo, eu limpava, organizava e reorganizava as coisas, além de anotar como a comida e a água tinham que ser racionadas. As meninas estavam a caminho, e eu precisava me certificar de que houvesse alimentos suficientes para quando chegassem, especialmente o macarrão com queijo para Halle e a pipoca com manteiga extra para Jenna.

O quarto dia foi deprimente. Parte minha queria crer que as meninas viriam direto para o rancho, mas, a cada dia que passava, se tornava óbvio que isso não aconteceria. Eu não sabia por que elas não tinham vindo. Recusando-me a ter em mente o pior cenário possível, eu disse a mim mesma que Andrew estava demorando para manter nossas filhas a salvo. Ainda assim, a espera era angustiante. Antes do surto, o tempo nunca era suficiente. Agora, os dias se arrastavam, e eu me sentia cada vez mais sozinha, me perguntando se eu seria a única pessoa que tinha sobrevivido. Isso me levou a outros pensamentos inquietantes: se Christy ter saído mais cedo ajudara que ela e a filha, Kate, encontrassem um lugar seguro, se David e sua família estavam bem, se ele havia conseguido sair do hospital. Se ele estava trabalhando com a sra. Sisney e ela estava atacando as pessoas do lado de fora do hospital... Eu estremeci, afastando o cenário provável da cabeça, apenas para pensar em coisas menos apaziguadoras. Minha mãe estava sozinha em casa, e minha vizinha também, a sra. Chebesky. Eu queria telefonar para saber se estavam bem. Tentei usar o telefone fixo na primeira noite e todos os dias depois, porém uma resposta automática deu lugar a bipes esquisitos e incessantes, e depois nem mais sinal de discagem.

No dia seguinte, vi outro rastejador. Parte minha queria usá-lo para treinar tiro ao alvo, porém temi outra vez que o barulho atraísse mais deles. Eu me escondi na casa e ele passou por ali, cruzando tranquilamente o terreno vizinho.

O orgulho por minha teoria estar certa foi aumentando dentro de mim. O rancho do doutor era o lugar perfeito para sobreviver ao fim do mundo, porém isso não seria sobrevivência, a menos que minhas filhas estivessem ali comigo. Então eu observava a estrada, às vezes com tanta determinação que quase podia vê-las.

Mas, na quinta-feira de manhã, não foi na estrada que vi alguém. Foi na colina.

NATHAN

— Papai! — disse Zoe, com medo e raiva ao mesmo tempo. Ela estava usando sua voz de repreensão, o tom que usava comigo e com Aubrey quando violávamos alguma regra. — Você me abandonou! — disse ela, com os olhos inchados e molhados. — Você me abandonou!

— Eu não te abandonei — falei, rapidamente ficando de joelhos diante dela no sofá. Mantive o tom de voz calmo e apaziguador. — Eu só estava lá em cima conversando com a Joy.

Era irresponsabilidade minha deixar Zoe acordar sozinha em um lugar estranho. Minha filha era sensível a muitas coisas — tecidos, ruídos, situações —, e nossa rotina a mantivera calma na maior parte do tempo. Quase um ano havia se passado desde o último "episódio" da Zoe, como o orientador dela na escola os chamava, mas eu sempre podia dizer quando ela estava prestes a ter um.

Ciente de que precisávamos ficar em silêncio para sobreviver, Zoe não tinha como liberar o excesso de estímulos, como costumava fazer. No entanto, eu me recusava a transformar isso em regra. Não antes que ela encontrasse outra válvula de escape.

— Zoe — falei, deixando a voz deslizar pela garganta.

Aubrey não tinha paciência, mas também não tinha voz de manteiga, como se referia à minha. Zoe respondia muito melhor ao tom suave que eu usava nesses momentos.

Ela cerrou o punho, ergueu-o e socou meu ombro. Não doeu. Ela não queria que doesse, só estava liberando as emoções devastadoras que não conseguia processar de nenhuma outra forma.

— Nunca me abandone!

— Eu não faria uma coisa dessas. Eu nunca te abandonaria. Sinto muito por você ter ficado com medo quando acordou. A culpa é minha.

Ela usou a outra mão para bater no meu peito.

— Eu fiquei mesmo! Fiquei com medo!

— Isso mesmo — falei, encorajando-a. — Use as palavras.

Zoe inspirou fundo, o que sempre era um bom sinal.

— Eu tive um pesadelo! Eu não sabia onde estava! Achei que você tivesse morrido!

Assenti. Seus olhos estavam ferozes e seu corpo estremecia, sinal de que não estava saindo do surto, mas atingindo o ápice.

— Nunca mais faça isso de novo!

— Você sabe que não posso fazer promessas, Zoe.

— Não, você tem que prometer! — ela gritou.

Assenti.

— O que posso prometer é nunca mais sair do seu lado sem avisar. Você sempre vai saber onde estou. Combinado?

Zoe inspirou, atordoada, e depois exalou. Piscou algumas vezes, e seus olhos assumiram uma expressão relaxada. Estiquei os braços para ela me abraçar. Ela não teria me deixado abraçá-la se não estivesse preparada, de qualquer forma. Ao longo dos anos, aprendi a simplesmente oferecer e esperar.

Quando seu corpo minúsculo estava aninhado junto ao meu, eu a envolvi com os braços.

— Sinto muito, bebê. Eu estou aqui. Você está segura e é amada. Segura e amada.

Zoe se derreteu junto a mim, choramingando. Era exaustivo e assustador para ela quando perdia o controle, e, se não tivesse acabado de acordar, provavelmente teria se deitado para um cochilo. Sequei seus olhos e segurei sua mão.

— A Joy preparou o café da manhã.

Levei-a para cima, incapaz de ignorar os olhares de Walter e Joy. Eu me acostumara a esse tipo de olhar. Quem acabava por perto durante um episódio da Zoe geralmente ficava irritado ou simpatizava com a situação, não havia meio-termo. Uma vez uma mulher no shopping abordou a Aubrey para "aconselhar" uma boa surra. Parecia que todos que não entendiam a situação sabiam como ser pais melhores para a Zoe que nós. Mesmo que não dissessem isso, podíamos ler em sua expressão. Zoe nunca parecia notar nada disso. Eu esperava que ela nunca notasse.

— Toma, Zoe. Espero que você goste de pãezinhos de canela.

— Ah, eu gosto — respondeu minha filha, com os olhos arregalados e um largo sorriso no rosto. Ela seguiu o prato com os olhos até ele ficar na sua frente e não hesitou em pegar um pãozinho com as duas mãos e enfiá-lo na boca.

Joy abriu um sorriso.

— Eu não imaginei que ela fosse querer um garfo.

— Não — falei. — Nem tenho como agradecer.

— Papai? Onde está a mamãe? — Zoe perguntou, mastigando uma bocada de pão.

— Ela está, hum... — gaguejei, olhando para Joy. — Ela foi viajar.

— Ela vai voltar? Como ela vai encontrar a gente?

Minha boca foi repuxada para o lado.

— Eu não sei, querida.

Zoe baixou o olhar para seu pãozinho de canela, claramente tentando processar a notícia.

Um cachorro começou a latir. A princípio, apenas algumas vezes, depois freneticamente. Joy abriu um sorriso.

— É a Princesa. É a cachorrinha dos Carson, nossos vizinhos. Tenho dado comida a ela e deixado que saia no quintal. Você quer ir me ajudar, Zoe?

Zoe assentiu enfaticamente, enfiando o resto do pãozinho na boca enquanto afastava a cadeira da mesa. A cadeira guinchou em contato com o chão conforme era arrastada, e eu fechei um dos olhos, me encolhendo por causa do barulho.

Walter sorriu.

— Esse chão sobreviveu a três netos, dois deles meninos. Acho que ele aguenta a Zoe.

Passamos o resto do dia conversando e olhando para a estrada. Depois que voltaram da tarefa de alimentar a cachorrinha, Joy encontrou alguns jogos de tabuleiro e um baralho e brincou com a minha filha. Estava tudo quieto, mas de vez em quando algum habitante de Shallot passava rastejando por ali, os olhos leitosos, e sempre com alguma ferida. Eu me perguntei se as pessoas que tinham sido mordidas estavam lentamente se transformando e seguindo seu caminho até a estrada.

Depois que o último morto vagara por ali, Walter e eu voltamos à varanda e nos sentamos em duas cadeiras de balanço iguais. Joy trouxe sanduíches e fatias de maçã. Eu agradeci, me perguntando quando teria chance de lhe perguntar sobre o que ela não dissera de manhã.

— Esse era o Jesse Biggins — disse Walter, arrancando um pedaço de sua fatia de maçã. Ele balançou a cabeça. — É um grande caçador. Ele tem armas em casa. Talvez a gente devesse dar uma passada lá, não?

— Ele não tem família?

Walter negou com a cabeça.

— A esposa dele faleceu há vários anos, e os filhos se mudaram para a cidade. Vale a pena tentar.

Assenti.

— Talvez devêssemos sair em busca de suprimentos, não?

— Só temos um armazém. Não é exatamente uma grande loja, mas é o que temos. Eu não sei quem mais não está doente. Talvez tudo já tenha sido pego.

— Quantas pessoas vivem aqui, aproximadamente?

Walter inspirou pelo nariz enquanto pensava.

— Umas cem. Esse é um número generoso.

— Calculando pelo grupo na estrada, eu diria que menos da metade sobrou.

Walter assentiu e seus olhos assumiram uma expressão derrotada.

— Era o que eu temia.

Depois que expliquei para a Zoe aonde iríamos, por que e a que horas exatamente voltaríamos, Walter e eu decidimos começar nossa jornada a pé, carregando bolsas vazias e dois galões de gasolina. Joy estava de pé atrás de Zoe com as mãos nos ombros da minha filha enquanto ela acenava em despedida. A loja ficava a apenas algumas quadras dali, e a casa de Jesse, mais algumas adiante, então presumimos que seria rápido.

Tal como eu suspeitava, o armazém estava quase cheio de suprimentos, mas não havia nenhuma outra pessoa por lá. Mantendo em mente o fato de que os doentes eram atraídos pelo barulho, Walter e eu trouxemos nossa arma — a escopeta dele e a minha semiautomática — como último recurso. Walter tinha algumas machadinhas em seu abrigo e cada um trouxe uma consigo para proteção.

Ele foi direto para o corredor do café. Eu coloquei tantas garrafas de água na bolsa quanto seria capaz de carregar e alguns alimentos não perecíveis. Fósforos, todos os isqueiros da loja, lanternas, pilhas e baterias, pacotes de meia-calça e absorventes.

Walter me deu uma olhada.

— A meia-calça é boa para amarrar, fazer filtros, uma série de coisas. Os absorventes grudam e absorvem. São bons para ferimentos.

Ele assentiu.

— Achei que talvez você gostasse de se vestir de mulher — disse ele, e pegou kits de primeiros socorros. — Não sou tão criativo assim. Vou ficar com esses aqui.

Eu sorri. Minhas bolsas estavam quase cheias e nem tínhamos ido à casa de Jesse ainda.

— Talvez a gente devesse voltar. Deixar isso lá e então ir pegar as armas, ou podemos fazer isso amanhã.

— A casa dele fica subindo a rua. Vamos acabar logo com isso.

— Famosas últimas palavras. Você já viu algum filme de zumbi? Isso que você

acabou de dizer seria um sinal claro de que algo ruim vai acontecer se os personagens seguirem em frente. Já decidi. Vamos voltar.

Walter juntou as sobrancelhas, mas sorriu. A campainha sobre a porta soou, e o sorriso sumiu. Nós reconhecemos o som de algo se arrastando, lenta e desajeitadamente, pelo piso frio. Apontei para os fundos, balbuciando a palavra "saída".

Walter assentiu rapidamente e eu fui atrás dele, passando pelas portas duplas e entrando em uma espécie de depósito. Mantive a machadinha preparada, e ele fez o mesmo. Escapamos pela porta dos fundos sem nem ver o que mais havia visitado a loja.

— Você acha que aquilo sabia que estávamos lá dentro? — perguntou Walter, andando mais rápido que antes.

— Talvez tenha sentido nosso cheiro.

— O seu, talvez. Eu tomei banho.

Eu ri e tentei acompanhar o ritmo das passadas do velho.

MIRANDA

Minhas pálpebras estavam pesadas. Mesmo que estivéssemos nos preparando para carregar a esposa de Skeeter para fora em meio a dúzias de mortos ansiosos para nos morder, o tempo parecia ter parado. A torneira estava vazando, pingando uma gota por vez na pia, e assim criando um ritmo irritante em meio ao silêncio.

Bryce e Skeeter discutiam estratégias enquanto o reverendo e os outros homens ouviam com atenção. Ashley estava ocupada tentando convencer Cooper a desistir de servir de isca para afastar os mortos da igreja, e as mulheres tentavam manter as crianças aquecidas e confortáveis nas camas improvisadas no corredor para que pudessem dormir enquanto fazíamos isso tudo.

Jill fora enrolada em algumas toalhas plásticas assim que Skeeter finalmente concordara com isso. Ele se sentia incomodado por vê-la coberta, reclamando que ela não conseguiria respirar. Ele sabia tanto quanto nós que ela havia morrido, mas sua

mente ainda estava se acostumando com o fato. Ninguém o recriminou por isso, esperando pacientemente até que estivesse pronto.

Eu estava sentada em uma cadeira de metal à mesa, descansando o queixo na base da palma da mão. Era ridículo, mas a única coisa que passava pela minha cabeça era como eu tinha sido idiota por não ter dormido mais na noite anterior ao Apocalipse. Eu havia ficado acordada até tarde, me preparando intensivamente para uma prova que nem tive de fazer, porque os alunos foram dispensados mais cedo por causa da pandemia. Agora eu tinha integrais duplas e triplas passando pelo cérebro. Eu nunca teria usado isso antes. Agora *definitivamente* não precisaria delas. Pensar no tempo que eu tinha perdido estudando para porcarias que não faziam mais diferença nenhuma me deixava com raiva.

Eu podia ter cruzado a Europa com uma mochila nas costas. Agora havia uma chance real de eu nunca ver a Europa na vida.

— Miranda?

Eu me ajeitei, piscando.

— Oi.

— Você está pronta? O sol está subindo. Vai haver luz suficiente em poucos minutos para movermos o corpo da Jill.

— Sim, estou pronta. Só tô esperando vocês.

Eu me levantei, observando o reverendo se remexer e inspirar fundo, de forma que, para ele, aquilo não o fizesse parecer nervoso.

Antes que eu tivesse dado alguns passos pela sala para ajudar Bryce e Skeeter com Jill, um gemido baixo reverberou lá em cima. Todos os pares de olhos na sala se voltaram lentamente para cima e se fixaram em algo que não conseguiam ver além do teto. No momento seguinte, houve um barulho alto, como se alguém tivesse caído.

Gary olhou para Skeeter.

— Eu te disse. É a Annabelle.

Skeeter olhou de relance para baixo, para Jill, e então pegou uma arma de fogo da bolsa de lona. Parecia bem durona. Algo que meu pai adoraria.

— Precisamos cuidar da Jill primeiro.

A mãe, April, passou os braços na própria cintura.

— Vocês vão sair e nos deixar aqui sozinhos com aquela coisa andando lá em cima? E se ela conseguir passar pela porta?

— Há tabuas pregadas na porta — disse Gary.

— Meu marido pregou tábuas nas janelas da nossa casa. Veja que ele não está aqui — disse April, erguendo o tom de voz em uma oitava.

— Tudo bem — Skeeter sussurrou. — A gente derruba a Annabelle, e depois vou cuidar da Jill antes de a levarmos para fora. Elas foram mordidas mais ou menos ao mesmo tempo, e a Jill me odiaria se eu a deixasse ferir alguém.

— Na igreja, não! Reverendo, diga a eles! — disse Doris.

O reverendo Mathis assentiu para ela.

— Não podemos correr o risco de tentar levar a Annabelle lá para fora, mas, Skeeter... talvez você possa esperar para colocar a Jill em seu repouso final depois que chegarmos lá fora.

— Se elas foram mordidas ao mesmo tempo... — Bryce começou a dizer, mas Doris o interrompeu.

— Pobre Annabelle — disse ela, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Skeeter soltou a trava de segurança do rifle.

— Vamos acabar com isso.

Bryce me deu um beijo rápido no canto da boca antes de acompanhar Skeeter, Gary e Eric até o andar de cima. Em algum momento da discussão, Evan acordou e, caminhando a passos pesados pelo corredor, entrou na cozinha. Ele não demorou para notar que algo estava errado e se agarrou ao braço de Bob.

— O que tá acontecendo, vovô?

Bob repousou a mão no ombro de Evan.

— A Annabelle acordou.

— Acordou?

— Ela é como uma daquelas coisas lá fora agora.

O horror que o restante de nós sentiu ficou estampado no rosto de Evan. Até aquele momento, todos tínhamos visto os mortos caminharem, mas testemunhar a morte de alguém e depois ver, ou ouvir, esse alguém reanimado era totalmente diferente. Uma pessoa podia passar de alguém em quem confiávamos e amávamos para um animal prestes a nos devorar vivos. Eu não conhecia Annabelle e nunca a vira antes, mas, ouvindo a história de como ela conseguira chegar a um lugar seguro e depois não hesitara em arriscar tudo para salvar Connor, creio que ela deve ter sido uma alma doce. Ouvir suas passadas desajeitadas lá em cima enquanto a doença dizia a seu corpo, cujo cérebro estava morto, para encontrar comida era inacreditável. Annabelle sacrificou a vida para salvar Connor, e a criatura em que ela se transformara não hesitaria em arrancar a carne dele dos ossos.

Os sons da tábua sendo arrancada do batente vinham até o corredor.

— Eu ainda não quero que você vá, Cooper — disse Ashley. — Você não tem que fazer isso.

— Eu sei. Também não quero ir.

— Então não vá.

Soltei um suspiro, irritada com aquela conversa repetitiva.

— Eles não tinham que deixar a gente ficar aqui. Nós podemos fazer essa coisinha por eles.

— Essa coisinha? — disse Ashley. Ela geralmente não me confrontava, então seu tom foi surpresa para mim. — Essa "coisinha" pode levá-lo à morte!

— O Cooper não perde uma corrida há três anos, Ashley. Ele pode correr eternamente. Tenha um pouco de fé.

Minha irmã franziu o cenho.

— Não.

— Eu e o Bryce vamos lá fora. Se o Cooper não os atrair para longe, poderemos ser mortos por eles.

— A escolha é sua.

— Meu Deus, você é uma pirralha mimada.

— Bem, você é uma vadia! Quem foi que morreu e nomeou você a capitã da equipe?

— Hum... Ashley — Cooper disse.

— Capitã da equipe? Isso aqui não é um acampamento de líder de torcida, Ashley! Em uma situação como essa, todo mundo sabe que ninguém consegue sobreviver sozinho. Temos que trabalhar juntos. Para de agir feito uma idiota.

— Miranda? — disse Cooper.

— *Cala a boca, Cooper!* — eu e a Ashley dissemos em uníssono.

— Meu Deus do céu! — falou Doris, botando a mão no peito. Foi então que o ruído singular de plástico rasgando e um gemido estridente vieram de baixo das toalhas de mesa que cobriam a Jill. Evan cambaleou para trás, grudando na parede. Bob se colocou de um jeito protetor na frente do menino; o restante de nós ficou parado, em confusão, observando a cena.

Não importava quantas vezes eu tinha dito a mim mesma que aquilo era real, ver alguém que eu sabia que estava morto se movendo por aí era inacreditável. Eu não conseguia me mover. Não consegui chamar Bryce. Tudo o que pude fazer foi olhar enquanto Jill se retorcia lentamente e saía das toalhas plásticas. Seus olhos leitosos percorreram o aposento, e então ela desajeitadamente tentou se pôr de pé.

— Que merda! — disse Cooper, puxando Ashley para trás de si.

— O que vamos fazer? — Doris perguntou.

Evan deixou um grito lhe escapar e então seguiu para a porta, mexendo na

maçaneta freneticamente.

— Não! Eles estão aí fora! — As palavras deixaram minha boca em câmera lenta. Quando comecei a frase, Evan já havia esticado a mão até a tranca e, no segundo seguinte, a porta estava aberta. Ele enfiou a cabeça para fora e, logo em seguida, se ajeitou e empurrou a porta para tentar fechá-la. Alguma coisa estava forçando a porta do outro lado, e os gemidos familiares eram seguidos de braços de diversos tamanhos tentando alcançar o interior da igreja.

O rifle de Skeeter disparou lá em cima, o que fez os braços acinzentados na porta tentarem alcançar o lado de dentro com ainda mais desespero.

— Evan! — disse Bob, saindo em disparada para ajudá-lo. Eles lutaram juntos para fechar a porta, mas havia muitos do outro lado. Eles sabiam que estávamos ali dentro e estavam famintos.

April correu para o corredor para acordar as crianças, fazendo com que Jill notasse. Ela deu um passo na direção do corredor até a sra. Kay aparecer.

Antes que ela pudesse esboçar reação, Jill a atacou e a atirou no chão. Os gritos da mulher nos fizeram entrar em pânico, mas o único jeito de sair era subindo. Bob plantou os pés no chão.

— Vai, Evan! Eu seguro a porta e você vai!

— Não! — disse o garoto.

Instintivamente, agarrei a camiseta de Evan e o arrastei corredor adentro, seguindo April e seus filhos escada acima. Doris, Ashley e Cooper vinham atrás. Bob deu um berro e, em seguida, soltou um grito de dor. Seus gritos eram igualados pelos da sra. Kay e, então, pelos de Barb.

Skeeter abriu a porta no topo da escada e Cooper a fechou assim que passamos.

— Que diabos...? — disse Skeeter.

— A Jill! — Doris gritou. — E a porta dos fundos está aberta! Estão todos entrando!

A expressão de Skeeter se transformou de confusão em determinação.

— Os mordedores que estão na frente vão seguir o restante até a parte de trás. Vocês podem descer pelo telhado e sair daqui. Eu tenho que cuidar da Jill.

Cooper agarrou a camisa de Skeeter.

— Lá embaixo está cheio deles! Você não pode descer!

Skeeter franziu o cenho.

— Fiz uma promessa para a minha esposa. E vou cumpri-la.

Bryce abriu a janela, ajudando April e os filhos dela a chegar ao telhado enquanto falava:

— Skeeter, o Coop tem razão. A Jill não ia querer que você acabasse morto.

Skeeter inclinou o rifle para cima.

— Minhas duas coisas favoritas, minha esposa e minhas armas, estão lá embaixo, meninos. Tô descendo.

Skeeter abriu a porta e imediatamente começou a atirar. Eric trancou a porta, e Gary o ajudou a empurrar o arquivo até lá. O que restara de Annabelle jazia no chão, ao lado da janela. Todos tivemos que pisar naquilo para conseguir chegar ao lado de fora da igreja.

Exatamente como Skeeter disse, a maioria dos mortos tinha seguido o restante até os fundos para entrar na igreja. Gary e Eric pularam primeiro, e Bryce e Cooper ajudaram todo mundo a descer antes de pular. Isso tudo levou menos de um minuto, e o rifle de Skeeter ainda estava explodindo dentro da igreja.

O sol se afastara por completo do horizonte, e eu fiquei observando os últimos cidadãos vivos de Fairview se espalharem em diferentes direções. Meu grupo pulou para dentro do New Beetle e eu saí dirigindo, com o coração batendo tão rápido que poderia ter alçado voo e chegado antes da gente no rancho.

— Espera, espera! — disse Bryce, apontando para a pista à frente. — Diminua a velocidade!

Tudo em mim queria fazer exatamente o oposto disso, mas pisei no freio ao lado de uma picape verde. Um cara mais ou menos da nossa idade estava dentro.

Abaixei o vidro da minha janela.

— O que você está fazendo? A cidade está infestada daquelas coisas! — Ele não respondeu. — Ei. Ei!

Ele ergueu o olhar.

— Você foi mordido?

Ele negou com a cabeça e então se apoiou no vidro de sua janela para olhar para baixo, para a bagunça na estrada. Havia uma garota com roupa de hospital, pele e osso, deitada na rua, com um grande buraco de bala no crânio, e partes de seu cérebro estavam espalhadas ao redor.

Ele também abaixou o vidro da janela. Seus olhos estavam inchados. Ele tinha chorado, provavelmente por causa da garota no chão.

— Meu combustível acabou.

Olhei ao redor. Nós não podíamos deixá-lo ali para morrer.

— Entra.

15

NATHAN

Joy ajoelhou lentamente para ajudar Walter com suas botas. Ele estava suado da quase corrida que fizera na volta. Ele grunhia cada vez que ela puxava um pé, até que finalmente ela conseguiu tirar as duas botas dele.

Walter se recostou na cadeira.

— Me arruma um copo de água, querida? Estou morto de sede.

— Sim — disse Joy, curiosa. — Parece que vocês foram perseguidos na volta.

Zoe nos observava do outro lado do cômodo, olhando de vez em quando para fora através da porta-balcão de vidro. Depois do comentário de Joy, os olhos de Zoe pareciam analisar cada folha de grama lá fora. A porta dava para o quintal e para um quarto no outro lado da casa. O cômodo também contava com uma porta-balcão, mas ela estava coberta pelas cortinas mais feias que eu já vira na vida.

— Tudo bem, Zoe. Ainda estão todos na estrada.

Joy colocou dois copos de água na mesa da cozinha e então pousou as mãos nos quadris.

— Bem, acho que já fomos muito pacientes, certo, Zoe?

Zoe desviou o olhar da porta apenas por tempo suficiente para assentir, e em seguida voltou à vigilância.

Walter pigarreou e então apontou para as nossas bolsas.

— Pegamos suprimentos. Estava ficando tarde e o bonitinho ali não ia embora sem sua meia-calça.

Joy franziu o cenho, confusa, e então ficou esperando uma explicação minha.

— São boas para um monte de coisas. Não vou vesti-las. Bom, para falar a verdade, eu bem que poderia, se esfriar. É um bom isolante.

Joy e Walter estavam satisfeitos por acompanhar minha humilhação pública.

— O quê? — falei. — Eu fui escoteiro.

Walter riu uma vez.

— E, durante todo esse tempo, eles estavam preocupados que os gays fossem se infiltrar na organização, quando eles mesmos estavam ensinando essas coisas de mulherzinha!

— Eu acho que o meu líder era um especialista em sobrevivência também. Aprendi muita coisa com ele.

— Meia-calça? — disse Walter, descrente, erguendo em uma oitava o tom de voz.

Dei de ombros.

— A gente não se preocupa com o que usa se ficar aquecido.

— Então vou ficar bem quentinha o inverno todo — disse Joy. Sua expressão se suavizou assim que ela se voltou para Zoe. — Venha, docinho. Aposto que a Princesa deve estar faminta.

Zoe assentiu e a seguiu até lá fora.

Walter e eu fomos para a varanda e nos sentamos nas cadeiras de balanço, discutindo nosso próximo passo. Decidimos que tentaríamos chegar à casa de Jesse no dia seguinte. Também precisávamos encher os galões de gasolina. Walter não parecia estar com pressa, mesmo eu o lembrando de que partiríamos em breve. Ele fingiu não me ouvir.

* * *

No dia seguinte, caminhamos até a casa de Jesse. Walter estava certo: ele tinha mais armas que Skeeter. Pegamos o máximo que conseguimos carregar, assim como a munição apropriada, e voltamos para a casa de Walter. Fizemos esse trajeto diariamente por três dias. O porão começou a parecer um arsenal. Coloquei vários rifles e algumas pistolas no carro, lembrando a Walter mais uma vez que eu e Zoe não ficaríamos ali.

Os dias estavam começando a se arrastar, e eu entrava em pânico quando tinha de pensar duas vezes para saber que dia era. O único motivo pelo qual o tempo importava era para evitar ser pego do lado de fora à noite. Fins de semana eram

irrelevantes. Todo dia tinha a ver com sobreviver. Mas, morando com Walter e Joy, até mesmo com os ocasionais infectados passando aos tropeços, o Apocalipse não era tão ruim. Ainda assim, eu tinha de levar a Zoe para algum lugar afastado, longe dos rastejadores, e ainda não tivera um momento a sós com Joy para checar se ela sabia de um lugar em que pudéssemos nos assentar.

— Você não acredita em mim, não é? — sussurrei.

Walter e eu estávamos observando um infectado que passava por ali. Nos últimos dias, tínhamos aprendido que, se permanecêssemos imóveis e calados, eles continuavam caminhando.

Ele não respondeu até o infectado passar, e então negou com a cabeça.

— Você precisa dormir mais. Você não está fazendo sentido.

— Vou começar a dar umas voltas fora da cidade. Reconhecimento de área. Para ver se encontro algum terreno com casa.

— Você tem uma casa bem aqui, seu tolo — resmungou Walter.

Joy ocupou o espaço sob a porta aberta e olhou para o marido, com um sorriso deliberado no rosto. Walter balançou a cabeça tão de leve que, se não tivesse feito isso no exato momento em que olhou de relance em minha direção, eu teria me questionado se realmente vira aquilo. Eles estavam discordando sobre alguma coisa.

Joy caminhou e parou atrás do marido, dando uns tapinhas reconfortantes em suas costas, e então falou:

— Você perguntou sobre um lugar afastado.

— Sim — concordei.

Eu me endireitei, ansioso para ouvir o que ela diria em seguida.

— Há um médico que às vezes vem até a loja. Ele compra grandes quantidades de suprimentos. Só falei com ele uma vez. Parece um homem sensato, não o que se pode esperar de um doutor da cidade grande. Eu sei que ele tem duas meninas e mora a noroeste daqui. O lugar fica a vários quilômetros, talvez seja isolado o bastante para você e a Zoe.

Walter franziu o cenho para a esposa.

— Eu jamais forçaria minha entrada lá, Walter. Espero que saiba disso. Mas tenho que encontrar o lugar mais seguro para criar a Zoe.

Joy sorriu.

— Não é isso. Ele gosta de ter vocês dois aqui. Não quer que vocês partam.

Walter cruzou os braços e se ajeitou na cadeira, descontente.

— É verdade? — Contrariar Walter provavelmente não era boa ideia, mas era também divertido demais para deixar passar.

— Vá pro inferno. — Ele franziu o cenho.

Joy deixou escapar uma gargalhada e balançou a cabeça.

— Ah, seu homem teimoso — disse ela, esfregando o ombro do marido.

Walter ficou de pé rapidamente, com o rifle na mão. Mirei o nada em reação a isso.

— O que foi?

Ele estreitou os olhos para enxergar melhor acima da mira do rifle.

— Crianças.

MIRANDA

O sol despejava uma luz brilhante sobre nós e tudo o mais quando viramos ao norte na Via Expressa 123. Minhas mãos estavam tremendo, cientes de que estávamos muito mais perto do rancho do meu pai. Imaginei sua reação quando visse meu carro parando no jardim e a sensação de ter seus braços fortes e cálidos me envolvendo, as bochechas molhadas por lágrimas de preocupação e felicidade.

Eu não sabia bem por que eu o culpava pelo divórcio. Foi minha mãe que decidiu que não queria mais ser casada com a profissão dele. Meu pai ficou de coração partido quando ela disse que o casamento tinha acabado e, pelo motivo que fosse, minha lealdade ficou com a minha mãe. Ela parecia mais frágil e menos capaz de ficar sozinha. Eu não sei o que o papai podia ter feito de diferente. Deixar o emprego? Jogar fora anos e anos de estudo? O que mais ele podia fazer? Foi só quando comecei o segundo semestre na faculdade que percebi que não se tratava apenas de festas e amigos. Eram horas de estudo, preocupação, trabalhos que nunca passariam pelas mãos de outra pessoa além do professor. Mas eu o culpei. E o punia com minha ausência.

Lágrimas se acumularam em meus olhos conforme eu pisava no freio para parar lentamente o carro a uns cem metros de um grande rebanho de mortos. O alarme do carro me confundiu. Era irritante aos ouvidos, e, ainda assim, eu ficara tão consumida

pelos pensamentos sobre meu pai que não registrei o som e até os faróis piscando, visíveis em meio às dúzias de corpos caminhando lentamente.

— O que você quer fazer? — perguntou Bryce baixinho.

— Desliga os faróis — disse o cara a quem tínhamos dado carona, a voz cansada e triste. Ele não nos dissera seu nome, e ninguém se dera o trabalho de perguntar. Tínhamos coisas mais importantes com que nos preocupar, acho, mas ainda assim parecia estranho. Era mais um lembrete de que, em poucos dias, o ambiente havia nos transformado.

Alguns dias atrás, Ashley estaria cheia de risadinhas, e a primeira coisa que teria feito seria perguntar o nome do cara. Ela não parecia nem notar a presença dele no carro, mesmo estando sentada meio que no colo dele e no de Cooper.

Estiquei a mão para girar o botão dos faróis e ficamos parados. A plantação de trigo à direita ainda estava úmida por causa da chuva. Um veículo cortara vários sulcos imensos no solo, realmente profundos em alguns lugares. À direita, havia uma colina coberta de grama. Fiquei imaginando, por um instante, por que a pessoa que fizera aquilo optara pelo campo de trigo. Então avistei a estrada que dava para a minúscula cidade de Shallot. Ashley e eu havíamos passado por essa cidade e por essa plantação tantas vezes sem pestanejar. Agora o campo era perigoso, e a cidade, um lugar desconhecido e assustador. A colina ocultava partes da cidade, e os sulcos no campo de trigo me levavam a crer que a pessoa que passara por ali na nossa frente queria ficar o mais longe possível da colina.

O painel de controle do carro apitou e eu olhei para baixo. O ponteiro da gasolina estava um centímetro à direita da linha vermelha.

— Mas é claro — disse Ashley. — Como poderíamos ser as estrelas de um filme de terror sem que algo catalisador assim acontecesse?

— Catalisador? — disse Cooper com um sorriso.

— Cala a boca — ela respondeu, mal reconhecendo a provocação dele.

A verdade era que Ashley se saíra significativamente melhor que eu nos testes de avaliação de conhecimentos para ingressar na faculdade. Ela sempre fora a aluna que só tirava nota máxima, até mesmo fazendo cursos de nível universitário no ensino médio. Ela herdara a inteligência de nosso pai, mas também a incapacidade de nossa mãe de lidar com qualquer estresse. Ela era uma bolha emocional de nervos e lágrimas. Certa vez, Cooper me disse que sua mãe era do mesmo jeito e que por isso ele era um dos poucos caras no colégio que não achavam a Ashley difícil. Tarde da noite e bêbado, quando todo o resto do pessoal já havia desmaiado, Cooper me disse que, na verdade, ele achava a carência dela e sua constante necessidade de segurança

reconfortantes, o que era simplesmente... esquisito e talvez um pouco codependente, mas eles *eram mesmo* perfeitos um para o outro. Cooper entendia Ashley e a fazia feliz de uma forma que ninguém mais conseguia. Eles se agarraram um ao outro porque também acreditavam nisso.

Não sei. Acho que era fofo. Até pessoas esquisitas mereciam ser felizes.

— Bom — sussurrei, odiando o que estava prestes a dizer —, vejam pelo lado positivo. Há um posto de gasolina em Shallot.

— Mas estamos tão perto — disse Ashley. — Vamos apenas dar a volta e ir para casa.

— Não vamos conseguir chegar em casa.

Um dos mortos pareceu notar nossa presença e deu um passo lento em nossa direção. Ela era jovem, e seus longos cabelos loiros poderiam ser tão bonitos quanto os de Ashley, se ela não estivesse toda esfarrapada e coberta de sangue e... outras coisas. Seus movimentos chamaram a atenção de outro morto-vivo, e depois de mais um. Logo, vários estavam caminhando lentamente, mas com propósito. Os olhos deles eram esbranquiçados e sem vida, mas as bocas estavam abertas. Alguns estavam com os lábios superiores tremendo, como um cão rosnando. A loira esticou a mão em minha direção, e um baixo porém empolgado gemido deixou sua garganta.

Engatei a ré e pisei fundo no acelerador. Alguns dias antes, eu estacionara o carro bem afastado, para evitar batidas nas portas, e agora estava dirigindo como se estivesse em uma pista de kart. Fui ricocheteando com o carro, nos levando para longe e deixando os mortos que se aproximavam para trás, e então segui a estrada à direita e entrei em Shallot, rezando para que não houvesse outra horda como essa atrás da colina e para não ficarmos presos ali.

— Eita! — disse Bryce, enquanto eu cruzava o canteiro central. Todo mundo bateu a cabeça no teto, menos eu.

— Desculpa! — falei, colocando uma mão sobre a outra no volante conforme o girava para manter o controle.

— Relaxa, baby — disse Bryce. — Estamos bem.

A cidade estava vazia, e eu suspirei aliviada ao ver uma mercearia à frente, com um posto de gasolina bem atrás. Dei a volta para estacionar no posto, e todos saímos de dentro do Beetle, nos alongando e parando para respirar.

Fiquei aliviada com o fato de que, até na madrugada, estava mais quente que no dia anterior, quando a chuva trouxera consigo uma frente fria e eu fiquei preocupada com a possibilidade de tanto eu quanto Ashley morrermos de frio antes de chegarmos ao rancho de nosso pai. Por um único segundo, pensei em puxar o celular para dar

uma olhada na previsão do tempo, mas então me dei conta de que desde ontem não tinha sinal. Desde ontem nenhum celular tinha sinal.

Bryce deu a volta no veículo, os olhos voltados para o chão, verificando o estado dos pneus.

— Quebrei o carro? — perguntei.

— Não, mas você tem que tomar mais cuidado.

— Eu estava apavorada. Não sabia o que tinha atrás da colina. Você viu aqueles sulcos no campo?

— Sim — ele disse simplesmente, com os olhos passando dos pneus para os arredores. Assim que ele se deu por satisfeito por não estarmos correndo nenhum risco imediato, percebeu minha luta com a bomba de gasolina. — Não está funcionando?

Olhei furioso para o bocal plugado no carro.

— Eu estava toda animada porque essa coisa é antiga. Não tem nem como passar o cartão de crédito.

— Vou correndo lá dentro. Talvez tenha que apertar algum botão.

Bryce me deu um beijo rápido nos lábios e se apressou até o outro lado do posto. Ele empurrou a porta e pulou por cima do balcão. Fez uma busca na caixa registradora e na área ao redor dela, focado, e, antes que eu pudesse registrar qualquer pensamento, minhas pernas estavam me levando em uma corrida na direção dele.

— Bryce!

Nossos olhos se encontraram, e eu tinha certeza de que a expressão de reação dele era igual à minha. Ele virou e se deparou com o morto que o seguira até ali.

No exato momento em que abri a porta, a palavra "não" irrompeu por minha boca. Bryce pressionou o antebraço no peito do homem, para manter os dentes e a mordida dele afastados, e então esticou a mão do outro lado do balcão para pegar uma caneta presa por um fio à caixa registradora. Ele a arrancou e, no instante seguinte, a enfiou na cara da coisa. O homem continuou indo para cima dele, e então Bryce o furou de novo; dessa vez, a caneta atravessou o canto de seu olho, e ele caiu em cima do Bryce.

Meus olhos captaram movimentos à esquerda, e duas mulheres mortas, uma adulta e uma criança, se arrastavam vagarosamente em minha direção. A adulta era obesa, e sua saia arrastava no chão em volta dos tornozelos; a mulher estava coberta de terra e um sangue seco escuro. A pele de seu rosto e os lábios não existiam mais. Ela fora mastigada antes de voltar. Eu não conseguia ver nenhuma ferida na garota, mas seus olhos estavam esbranquiçados como os da mulher.

— Bryce! — gritei.

Ele empurrou o homem e saltou de volta o balcão, puxando meu braço com força conforme abria a porta e me levava para o carro.

— Vamos! Entrem! — Bryce girava o braço livre enquanto mandava todo mundo que estava em volta entrar no carro.

Todos entraram, esbarrando uns nos outros, menos eu. Fiquei de pé, com a porta aberta no lado do motorista, observando os mortos arranharem as portas duplas de vidro da loja do posto.

— Miranda! — Ashley gritou.

— Olhem para eles — falei baixinho, a voz calma e espantada.

Eles não conseguiam sair. Ainda que as portas se abrissem um pouco quando as empurravam, não tinham coordenação o bastante para continuar empurrando e andar ao mesmo tempo. As portas voltavam para trás, batendo nos mortos, e eles arranhavam o vidro como se fosse uma parede.

A barriga inchada da mulher bateu com tudo na porta e eu me encolhi, me dando conta de que ela não era gorda, mas estava em um estágio avançado de gravidez.

Eu me sentei no banco do motorista e fechei a porta, ainda respirando com dificuldade.

— Você encontrou o botão?

Bryce negou com a cabeça.

— Não conseguimos chegar até o rancho do seu pai com o que temos?

— Não acho que devíamos tentar fazer isso. A gente pode acabar parando.

— É muito perigoso ir a pé. A gente precisa achar um jeito de entrar lá e ligar a bomba de gasolina.

— Tenho isso aqui — disse o cara de carona. Ele erguia uma pistola.

Franzi o cenho.

— Você viu aquelas coisas em volta do carro mais cedo? Eles são atraídos pelo barulho.

Ele nem se mexeu.

— Podemos fazer uma busca nas casas por coisas mais silenciosas. Bastões de beisebol, tesouras, facas. O Bryce derrubou aquele lá com uma caneta.

— Isso pode levar dias — falei.

Ele deu de ombros.

— Você tem algum lugar para ir?

— Sim. Na verdade, tenho.

— Não, até colocar gasolina no carro, não tem.

Eu me virei para frente, bufando de raiva. Ele tinha razão, mas não gostei do comentário espirituoso. Eu o encarei pelo retrovisor. Ele era alto e estava ridículo sentado ali atrás, com os joelhos quase na altura da cabeça. Os olhos escuros estavam fundos, e seu rosto ainda tinha respingos do sangue da garota. Isso tudo, combinado com o cabelo de corte militar e os músculos, o fazia parecer um assassino em série, e eu o deixei entrar no carro. Ele podia ter matado a garota antes mesmo de ela ter se transformado.

— Aliás, qual é o seu nome?

— Joey.

— Qual é a do corte de cabelo, Joey?

— Acabei de voltar do Afeganistão.

— Ah — falei. Minha resposta saiu mais ácida do que eu tinha pretendido.

Eu estava tentando não demonstrar surpresa nem minha repentina admiração.

— Cara — disse Cooper, não contendo a admiração. Ele apertou a mão de Joey. — Eu admiro seu trabalho. E de repente me sinto mais seguro.

— Não se sinta — disse ele. — Só tenho o que sobrou nesse pente.

— Ainda assim — disse Cooper. — Você é foda.

Eu não sabia se Bryce estava tão impressionado quanto Cooper e só estava tentando ocultar isso, como eu, ou se não estava nem um pouco impressionado. Peguei-o revirando os olhos para o que Cooper dizia e lhe dei uma cotovelada. Nós trocamos sorrisos. Não era raro que soubéssemos o que o outro estava pensando. Estávamos juntos havia tanto tempo e passávamos tantos momentos juntos que eu não me surpreenderia se o Bryce soubesse o que eu estava pensando antes de mim mesma. Provavelmente era por isso que não pensávamos em nos casar até bem depois de estar formados na faculdade. Frequentemente éramos acusados de agir como um casal de velhos.

— Ninguém se mexe — falei, observando pelo retrovisor um morto passar lentamente por nós. Ele estava se dirigindo para a rodovia.

Ficamos ali parados feito estátuas. As mortas-vivas ainda estavam arranhando as portas da loja, e eu tinha esperanças de que não atraíssem a atenção do novo morto. Ele estava arrastando um tornozelo quebrado, e era mais lento que o normal. Ashley começou a se virar para olhar, porém Cooper a impediu, assim como Bryce se impediu de dizer não a ela.

O morto passou. Perturbados, voltamos a sair para o concreto rachado. O sol estava ficando alto... e mais quente. Tirei a jaqueta e a amarrei na cintura, dando um nó duplo. Havia umas poucas nuvens aleatórias que quebravam o azul do céu, mais

azul do que estivera em um bom tempo, ou talvez um bom tempo desde a última vez em que eu notara isso. Uma brisa leve soprava as folhas das árvores, soando como ondas preguiçosas se afastando da areia.

Por mais belo e calmo que estivesse o dia nessa cidade minúscula, era arriscado ficar do lado de fora do carro, e a ausência de veículos na estrada ou mesmo de um vira-lata vagando tornava assustador até um dia perfeito.

Vários disparos de arma de fogo ressoaram ao longe, ecoando e estalando tantas vezes que não sabíamos de que direção vinham. Pareciam distantes demais para virem da cidade, mas todo mundo, exceto Joey, olhou inquieto ao redor, sem saber como reagir.

— Vamos pegar as porcarias de que precisamos e cair fora daqui — falei.

Todos assentiram e saímos em direção à mercearia, mais cautelosos sabendo que ainda havia mortos de Shallot seguindo até o carro barulhento na rodovia. Joey caminhava com ambas as mãos na arma, segurando-a diante do corpo conforme seguia meio de lado, como nos filmes. Aquilo era meio sexy, mas eu ainda o achava um babaca arrogante. Minha mãe gostava de compartilhar o que aprendera enquanto se afogava na piscina dos namoros, e uma coisa que ela sempre dizia era que é preciso ter certa personalidade para ser soldado, policial ou bombeiro. Eu não me sentia atraída por nenhum desses tipos, mas, sei lá por quê, ver Joey se mover como em um filme de ação fazia algo dentro de mim soltar gritinhos histéricos, como uma fã.

Cooper esvaziara sua bolsa de lona e a carregava em uma das mãos, segurando a de Ashley com a outra. Nós paramos em frente à porta, inquietos e nervosos. Eu odiava não saber o que esperar, sobretudo quando algo que queria nos devorar vivos podia estar ali dentro, e eu imaginava que todos estavam tendo o mesmo pensamento.

Joey baixou os olhos para a bolsa de Cooper.

— Água, armas e munição, comida. Nessa ordem.

Todos assentimos.

Joey se agachou e Cooper fez o mesmo. Ele parecia um garotinho tentando imitar o super-herói favorito. Ele colocou o pé dentro das alças de náilon e arrastou a bolsa junto de si.

"O que você está fazendo?", Joey fez apenas movimentos com a boca, em uma reação imediata ao barulho que a bolsa de lona fazia conforme deslizava pelo chão a cada passo que Cooper dava.

Cooper ergueu as mãos. "Assim eu fico com as mãos livre", respondeu, do mesmo jeito que Joey.

Joey revirou os olhos e balançou a cabeça em negativa. Cooper parecia um

cachorrinho que acabara de levar uma bronca, dando um passo para trás e passando as alças da bolsa pelos pés antes de pegá-la de volta. Um pouco depois, ouvimos um ruído vindo de trás.

Quatro pares de olhos se arregalaram, e Ashley imediatamente se prendeu à lateral do corpo de Cooper. Joey desapareceu em um dos curtos corredores. Todos ficamos parados ao redor, sem saber o que fazer.

Joey voltou, com a postura mais relaxada e a arma ao lado do corpo.

— Deve ter sido um animal. Não encontrei nada.

— Vamos nos mexer — disse Bryce, pegando uma cesta pequena, do tamanho perfeito para aquela miniloja, e eu o acompanhei enquanto ele percorria os corredores. Ele pegou garrafas de água, comida enlatada, pacotes de macarrão instantâneo — que já eram a base da nossa alimentação de universitários, de qualquer forma —, algumas chaves de fenda grandes, facas de vários tamanhos, um martelo de bater carne, um guarda-chuva e vassouras.

— Vai limpar a casa de alguém? — brinquei.

Bryce desenroscou a parte das cerdas de uma vassoura e então pegou uma faca.

— Lança.

Assenti e sorri.

— Impressionante.

Ele piscou para mim, e então encontramos o pessoal na parte da frente da loja.

Joey estava com diversas caixas de camisinha, um kit de primeiros socorros, fósforos, uma caixa de sacos de lixo e quatro garrafas de água nos braços.

Bryce viu as camisinhas e imediatamente se pôs na defensiva.

— Sério?

Joey não se deixou abalar.

— Cada uma delas pode aguentar até dois litros de água. Sério.

Os ombros de Bryce relaxaram e então ele olhou para mim.

— A gente pode levar essas coisas até o carro. Tenho certeza que ninguém vai falar nada.

— Engraçadinho — respondi.

Quando voltamos para o carro e colocamos em prática nossa habilidade no Tetris, enchendo todo o espaço com nossos achados, os meninos começaram a falar sobre uma busca em casas e garagens atrás de galões de gasolina. Joey sugeriu que, se necessário, podíamos transferir gasolina de um dos veículos para o meu.

— Dependendo do que encontrarmos e da rapidez com que isso acontecer, pode ser que a gente tenha que passar algumas noites aqui.

— Não — disse Ashley. — Miranda, fala pra eles. A gente precisa chegar no rancho do papai.

Olhei para o Bryce.

— É bem provável que nosso pai esteja doente de preocupação por nossa causa.

Joey não esperou a resposta de Bryce.

— Não vamos a lugar nenhum até termos gasolina, e acho que todos concordamos que precisamos de mais do que um tanque cheio de combustível. Sejamos inteligentes. Temos recursos aqui. Vamos fazer uso deles antes de seguir em frente.

Bryce fez uma careta.

— Quando te encontramos, sua gasolina tinha acabado.

— Exato — disse Joey. — Aprendam com o meu erro. Não é legal ficar preso em um carro com aquelas coisas tentando entrar, e esse carro aqui é conversível, não vai nos proteger.

— Aquelas coisas não conseguem nem lidar com uma porta-balcão — disse Bryce, irritado.

— Quer se arriscar? — Joey perguntou.

Bryce olhou para mim e depois para Joey, negando com a cabeça.

— Não.

— Está decidido então. Vamos fazer uma busca até conseguirmos encher o tanque e juntar o máximo possível de combustível. Vocês podem se dividir em duplas, se não quiserem que as garotas façam a busca sozinhas.

— Eu vou sozinha — falei.

— Não — Bryce respondeu no mesmo instante.

— Não sou uma inútil. Consigo manejar uma arma.

Bryce alcançou meus dedos.

— Talvez eu não queira ir sozinho.

Ele usou seu sorriso mais charmoso, aquele a que eu nunca conseguia resistir. Assenti, e ele apertou minha mão de leve.

Joey esfregou o pescoço.

— Em primeiro lugar, o mais importante. Precisamos montar acampamento. O lugar ideal seria longe das outras casas. Na periferia da cidade, talvez.

— Ok. Isso seria a duas quadras daqui — disse Ashley.

— Vamos caminhar. Vamos encontrar algum lugar — falei.

Joey continuou falando enquanto seguíamos em frente.

— Várias saídas. Boa visibilidade.

— Agora você tá querendo demais — falei.

Ele sorriu para mim. Tentei não fazer isso, mas retribuí o sorriso.

Ashley estava certa. Só levamos uns vinte minutos para encontrar um lugar que batia com a descrição de Joey. Uma casa amarela no fim de uma longa fileira de casas, mas essa tinha um grande jardim na frente e quintal atrás, e havia dois lotes entre ela e a casa seguinte. O quintal era cercado e as pequenas janelas quase na altura do chão indicavam que havia um porão.

Nós subimos os degraus da varanda e eu bati à porta. Todo mundo me olhou como se eu fosse louca.

— O que foi?

— Deixa eu ver se o lugar está vazio primeiro e largar o que temos aqui. Então podemos voltar para pegar o resto.

Bryce esticou o braço, fazendo um gesto para Joey entrar. Fiz uma careta para ele. Joey estava tentando nos manter em segurança, e Bryce estava agindo meio que como um babaca em relação a isso.

Joey ficou um tempo lá dentro. Bem quando pensei em dizer que deveríamos entrar e ver como ele estava, ele apareceu.

— Tá vazia.

— Tem sangue em você — disse Cooper. — Quer dizer, mais que antes.

Joey puxou a camisa para cima para limpar o rosto. Os músculos torneados de seu abdome ficaram à mostra por um único segundo antes de ele deixar a camiseta cair de volta no lugar.

— Bom... tá vazia agora.

— Não ouvi nenhum disparo — disse Bryce.

— Usei um garfo.

Cooper assentiu, com um sorriso impressionado reluzindo no rosto.

— Muito bem.

16

NATHAN

— Crianças? — perguntei.

— A casa da esquina. Quatro... não, cinco. Três garotos e duas garotas. Ao que parece, adolescentes. Eles estão vivos.

Abaixei a arma e fiz um movimento para que Zoe permanecesse na casa.

— Então a gente devia se apresentar.

Conforme eu atravessava a rua e descia o quarteirão, tentava manter a postura relaxada e a arma apontada para baixo. Eu conseguia ver apenas um deles, um menino, com cabelo crespo escuro. Ele era uma bola de testosterona e músculos, como eu naquela idade.

Parei na esquina e ergui a mão.

— Ei. Somos amigos. Não precisa se preocupar.

O garoto não disse nada, só ficou me observando. Uma garota loira, pálida e pra lá de bonita, deu um passo à frente, saindo de trás dele, os olhos passando de seus amigos para mim e Walter.

Walter caminhou até o meu lado e parou.

— Eles são de Shallot? — perguntei.

— Não.

— Hum — comecei. — Vocês estão bem, pessoal?

Outra garota apareceu. Essa era mais baixa, com longos cabelos avermelhados. Seus olhos castanhos me examinavam.

— Nós não conseguimos ligar as bombas no posto de gasolina.

— Vocês estão sem gasolina? — perguntei.

Eles trocaram olhares. Ou eram realmente espertos e não queriam que eu roubasse o veículo deles, ou estavam assustados demais para falar. Não achei que esse fosse o caso da ruiva. Eu duvidava que alguma vez na vida ela tivesse hesitado para falar o que pensava.

A porta de tela da casa de Walter bateu com tudo, e eu virei e me deparei com Zoe em pé ao lado de Joy. Zoe claramente queria deixar a segurança da varanda para ficar mais perto de mim, mas Joy manteve uma das mãos gentilmente apoiada no ombro de minha filha. Eu não consegui ouvir o que ela dissera, mas parecia ter acalmado Zoe.

Eu me voltei para os adolescentes.

— Vocês estão só de passagem, então?

— Sim, mas, como falei, precisamos de gasolina. As bombas não estão funcionando — disse a ruiva. — Algum de vocês sabe alguma coisa sobre isso?

Tomei nota mental de todos do grupo dela. O garoto mais alto tinha um belo rosto. O segundo mais alto parecia ter passado por treinamento militar. Eu podia dizer, pelos sapatos e pelas mãos do mais alto, que ele era rico, mas seus olhos diziam que ele era um bom garoto. O outro parecia atleta, possivelmente membro de alguma fraternidade. Ele observava muito o soldado e a ruiva. Com certeza era no soldado que eu devia ficar de olho, embora os outros dois definitivamente pudessem causar algum estrago. Até mesmo com todos os músculos e aqueles homens ali, era a ruiva quem parecia liderar o grupo. Estranhamente, ela parecia a mais confiável dos cinco.

Olhei para Walter.

— Preciso encher o tanque também. — Olhei para o grupo. — Estou viajando com a minha filha, Zoe — falei, fazendo um gesto na direção da varanda. — Vamos embora logo. Estou procurando um lugar afastado. Seguro.

Um dos garotos abriu um sorriso e acenou para Zoe.

Eu o encarei de cima a baixo e, de imediato, ele endireitou a postura.

— Tenho uma irmãzinha mais ou menos da idade dela — ele explicou.

— Aqui é bem fora de mão. Para onde estão indo? — perguntei.

Eles se entreolharam de novo. Eles tinham um destino em mente. Devia ser dos bons se o estavam protegendo.

— Podemos ajudá-los com a gasolina — disse Walter —, e em troca vocês ajudariam Nathan e Zoe a chegar a um lugar mais seguro. Têm a minha palavra de que ele é um homem bom. Eu não queria que eles fossem embora, mas ele tem razão. Eles precisam ficar bem longe daquelas coisas.

Todos nos olharam, especialmente a ruiva e o soldado.

— Vamos pensar — disse ela, virando e liderando o resto do pessoal para longe.

Eles nos deixaram, andando em duplas, menos o soldado, que seguia na retaguarda. A ruiva estava com o mais alto, e a loira, com o atleta. Eu me perguntei onde o soldado se encaixava, e então, quando vi todos entrarem em um New Beetle, eu *realmente* me perguntei onde ele se encaixava.

Walter e eu voltamos para a varanda, para nos juntarmos a Joy e Zoe. Eu sentei em uma das cadeiras de balanço e Zoe sentou no meu colo, observando os adolescentes conversarem em volta do veículo.

— Eles parecem legais — ela disse simplesmente.

— Acho que sim. Eu não os conheço.

— Eles são estranhos?

— Suponho que sim.

— A gente não devia falar com estranhos.

— Não, crianças não devem falar com estranhos.

Zoe se voltou para mim, o cenho franzido.

— Mas e se os estranhos forem crianças?

Dei um beijo em sua bochecha e a puxei para junto do peito, embalando-a e ignorando o fato de seus calcanhares estarem afundando em minhas canelas. Seus cabelos estavam começando a cheirar menos a xampu e mais a suor. Imaginei que meu cheiro também não devia estar dos melhores.

— Joy?

— Sim, querido.

— Podemos usar seu banheiro? Eu gostaria de deixar esse médico com uma boa impressão.

Joy deu risada.

— Duvido que ele esteja com roupas de missa também, se é que me entende.

— Isso é verdade.

Ela balançou a cabeça e fez uma careta.

— Senhor, tenha piedade. Sou tão mal-educada. Claro que podem, Nathan. Há um chuveiro no banheiro do corredor. Vou pegar toalhas para vocês.

Assenti.

— Obrigado.

* * *

A loira sentou-se no primeiro degrau da varanda de Walter, desinteressada, e os demais ficaram de pé, parados na nossa frente. Era meio intimidante ter tantos olhos voltados para nós, mesmo que eles fossem apenas crianças. Baixei o olhar para uma mancha em minha camisa oxford. Agora que a Zoe e eu tínhamos acabado de tomar banho, nossas roupas estavam com um cheiro horrível e pareciam pesadas de terra e suor. Joy se oferecera para lavá-las, mas fiquei com medo de que não secassem a tempo e que os garotos ficassem impacientes, querendo ir embora, e nos deixassem para trás.

A ruiva foi a primeira a falar.

— Sou Miranda Hayes. Aquela é a minha irmã, Ashley — disse ela, assentindo em direção à loira sentada no degrau. — Nosso pai é o dr. Hayes. Ele mora uns quinze quilômetros ao norte, subindo a estrada e depois virando à esquerda. É o lugar perfeito para você e a Zoe. Se nos ajudar a encher o tanque e alguns galões de gasolina, podem vir atrás da gente. Mas não posso prometer que meu pai deixe vocês ficarem por lá.

— Nada feito — falei, estreitando os olhos.

— Provavelmente ele vai deixar — disse Ashley, finalmente erguendo os olhos para nós. — Ele não vai virar as costas para sua garotinha.

— Mas a gente não sabe quantas pessoas ele ajudou. Eu espero que ele deixe vocês ficarem lá, mas não posso prometer. Entendeu?

— E quanto aos caras que estão com vocês? Como vocês vão fazer com que ele os deixe ficar lá?

— Temos livre acesso — disse o atleta. — Bom, menos ele.

Ele estava se referindo ao soldado. Deviam ter dado carona para ele no caminho. Concluí que, se elas tinham feito isso, deviam achar que o pai estava aberto a mais convidados.

— Vou arriscar.

— Está ficando tarde — disse Walter. — Encontrem a gente no posto pela manhã. Vocês têm relógio?

O soldado assentiu.

— Às oito da manhã.

MIRANDA

— Lar, doce lar — disse Ashley. Ela estava com um galão vazio nas mãos, erguendo o olhar para a construção de dois andares a apenas quatro quadras do armazém.

— Na verdade, não — disse Cooper, mexendo os ombros para redistribuir o peso da mochila cheia.

Balancei a cabeça. Por que é que os caras insistem em enfiar tudo que precisam para o fim de semana em uma bolsa pequena? Como se não fosse másculo mostrar que precisa de mais de uma muda de roupas limpas?

A casa não tinha nada de especial. As janelas eram obscurecidas por telas sujas. A pintura lascada — tanto da casa quanto da varanda de concreto — era sinal de anos de negligência. Um tímido e pequeno pedaço de terra na frente implorava a quaisquer visitantes que acreditassem que nem tudo estava perdido. Embora o restante da casa pudesse ter sido demais para o dono cuidar, aquele pedaço de solo era adornado por todas as cores de amor-perfeito existentes. Não havia nem uma única erva daninha ali. Todas as folhas de grama estavam cuidadosamente aparadas nas beiradas do canteiro de flores, e não fazia muito tempo que terra fresca tinha sido colocada ali.

A casa ficava no fim de uma rua sem saída. Dava para seguir em frente, mas apenas passando por uma alta pradaria cheia de grama e cerca de cem cabeças de gado. Havia apenas outra casa a dois lotes de distância, do outro lado da rua e na esquina oposta. Nós empurramos os móveis até todas as entradas na primeira noite e usamos tábuas da cerca da rua para pregar nas janelas, e então dormimos no porão, fazendo turnos de vigilância a cada duas horas. Bem, exceto Joey. Ele parecia nunca precisar dormir.

Na primeira manhã, protegemos janelas e portas, mas ainda assim dormimos no porão. Levamos os colchões lá para baixo. Sobretudo depois de termos visto Nathan e o velho descendo a rua uns dias antes armados e aparecendo de volta com pelo menos mais quinze armas, simplesmente parecia mais seguro. Quando os vimos voltar no dia seguinte, ficamos observando até onde iam; esperamos até que tivessem deixado a casa de tijolos vermelhos no quarteirão seguinte e então fizemos uma busca por nossa conta. Não demorou muito para descobrirmos por que estavam percorrendo esse trajeto. O lugar estava cheio de quase todas as armas de fogo imagináveis. Maior que qualquer coleção que eu já vira, e meu pai já tinha me arrastado até a casa de mais de um de seus camaradas entusiastas de armas de fogo. Pegamos armas e munição e

voltamos rapidamente para nosso esconderijo. Quando vimos a dupla visitando a casa de tijolos vermelhos outra vez, a seguimos da casa até o outro lado da cidade. Uma caminhada de menos de vinte minutos. Foi aí que eles nos avistaram, e foi quando fizemos o trato de mostrar a Nathan o caminho até o rancho do meu pai em troca de sua ajuda com a bomba de gasolina.

Acompanhei Ashley escada acima, e então parei quando os braços de Joey apareceram na nossa frente.

— Esperem um pouco. Deixem eu dar uma olhada primeiro.

Nós esperamos, Ashley roendo as unhas, e eu chutando o capacho de boas-vindas, como se fosse perfeitamente normal que o soldado que tínhamos acabado de conhecer estivesse fazendo uma busca por quaisquer mortos curiosos em nosso lar temporário.

Sentindo a irritação de Bryce, eu me virei. Ele estava mordendo a parte de dentro da bochecha, fazendo aquela cara. Aquela que distorcia seus belos olhos verdes e os fazia reluzir e se transformar em pequenas poças esmeraldas desconhecidas.

— O que foi? — perguntei.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas Joey enfiou a cabeça no vão da porta, com um traço de sorriso no rosto.

— Livre.

Nós desempacotamos nossos mais novos tesouros, que variavam de mais pacotes de camisinhas a latas de milho. Bryce seguiu até o quarto dos fundos e se sentou na cama box de molas, cerrando os punhos e depois estirando os dedos, e então repetindo o movimento.

— Fala — eu disse, sabendo que, se ele guardasse mais algum pensamento para si, poderia explodir.

Bryce ficou de pé, deu um passo e uma pancada forte na porta, a fazendo bater com tudo, e eu ergui os ombros até as orelhas.

— Pelo que entendi você não está contente...

— Quem é esse cara? — disse Bryce, apontando para a porta fechada. — A gente pegou ele daquela merda de picape, da garota que ele matou na rua, e de repente o G.I. Joe tá comandando a porra do show?

— É isso que você acha que ele está fazendo? — perguntei calmamente.

Bryce estava apenas liberando a raiva. Ele agia assim toda vez que ficava sob pressão por um tempo, como quando seu pai trocou sua mãe por Danielle, a manicure, durante algumas semanas, antes de se dar conta de que era casado com a melhor mulher que poderia ter encontrado na vida. Ele também gritou muito ao telefone comigo, como estava fazendo naquele quarto, quando a irmãzinha do Cooper

ficou muito doente e Bryce concordou em lhe dar carona do colégio. No fim da ligação, ele estava soluçando, mal conseguindo descrever como era difícil ver Cooper e a família tão tristes e preocupados.

Bryce confiava que eu o amaria de qualquer jeito, até em seus piores momentos, exatamente como eu fazia quando surtava com meu pai por coisas que fugiam de seu controle. Meu pai sempre ouvia pacientemente, e então, não importando o que eu tivesse dito ou quão irada eu estivesse, ele respondia com palavras de amor incondicional. Depois que ele e minha mãe se separaram, ele continuou fazendo isso por mim. Essa não era a única coisa que eu fingia que não tinha aprendido com ele.

— Esperem — disse Bryce, imitando o tom rouco de Joey e estendendo o braço. Ele estava com a mais ridícula expressão arrogante no rosto, mil por cento mais arrogante que a do próprio Joey. — Livre. — Bryce revirou os olhos.

— Ele acabou de voltar do Afeganistão. Eles falam assim, não?

— Quem *se importa?* — disse Bryce, borbulhando de raiva. — Ele diz o tempo todo o que a gente deve fazer. Tô cansado dessa merda! A gente conseguia se virar antes de ele aparecer.

— Verdade — falei, assentindo.

— A gente não precisa dele. A gente devia largar o cara aqui. Provavelmente ele sabe fazer ligação direta. Há dúzias de carros pra ele escolher. — Como não respondi, Bryce juntou as sobrancelhas e abaixou a cabeça para fazer contato visual. — O que você está tentando dizer? Você quer que ele fique com a gente?

Bryce e eu estávamos juntos havia tanto tempo que eu não precisava dizer tudo. Essa era uma das muitas coisas que eu gostava nele.

— Ele é um soldado. Faz sentido mantê-lo por perto, não acha?

Com seu tamanho intimidador e olhar feroz e penetrante, só a aparência de Joey já era suficiente para afastar qualquer pessoa viva que pudesse nos causar algum mal, e seu conjunto específico de habilidades o tornava um bem valioso contra os mortos. Bryce era mais alto que Joey, mas seus bíceps não preenchiam e saltavam das mangas da camiseta como os do cara. Pensando nisso, todos os músculos do soldado pareciam destacados em suas roupas.

— Não! Não acho! — disse ele, incrédulo.

A raiva dele ajudou meus pensamentos a se desviarem das partes torneadas de Joey... seu corpo inteiro, na verdade.

Bryce andou de um lado para o outro e, depois de vários minutos, sua respiração ficou mais lenta e ele se aquietou.

— Você... você acha mesmo que precisamos dele?

Dei de ombros.

— Não, se você não acha. Mas ele atira bem. E é esperto. E eu prefiro que ele entre primeiro, em vez de você.

Bryce ergueu o olhar sob o cenho franzido, lutando com um sorriso que se insinuava.

— Eu te amo, sabia?

Envolvi a cintura dele com os braços enquanto ele se agigantava diante de mim.

— Deve me amar mesmo. Eu sou incrível. Ou pelo menos é o que dizem.

Ele riu.

— Provavelmente fui eu quem disse isso. Pra falar a verdade, tenho certeza que fui eu. Sou seu maior fã.

— Meu fã mais alto — falei com um sorriso, ficando na ponta dos pés para beijá-lo enquanto ele se inclinava. Seus lábios macios tocaram os meus, me fazendo lembrar de dias melhores. De dias normais.

Bryce me puxou para a cama box, e ficamos ali juntos sobre as molas irregulares e a madeira coberta por uma fina camada de tecido. Ele abriu o zíper da minha jaqueta e eu o beijei, concordando silenciosamente com seu pedido também silencioso.

— A gente bem que podia batizar o Apocalipse zumbi — ele sussurrou ao meu ouvido.

— Você é tão romântico — falei, sorrindo enquanto ele abaixava minha calça jeans pelo quadril e, por fim, pelos tornozelos.

Bryce se levantou aos meus pés, desafivelando o cinto e em seguida desabotoando a calça jeans. Ele usou os dedos do pé direito para tirar o tênis do esquerdo, e então repetiu o processo no outro pé, antes de jogar os calçados para o lado. Puxou a regata creme pela cabeça e a jogou sobre uma pilha crescente de roupas suas.

Estiquei a mão até as laterais da minha calcinha e ergui os quadris, empurrando o tecido dela ao mesmo tempo. Fazia mais de um ano que tinha deixado de ser romântico para ele tirar minha roupa, e isso era algo que não havia mudado nos últimos dias. Agitei os pés para a frente e para trás até que minha calcinha fosse lançada para um canto escuro do quarto, e então Bryce esticou a mão para tirar minhas meias ao mesmo tempo em que eu fazia isso. Nós estávamos sorrindo, relaxados e confortáveis; já fazia tempo que nossas escapadas para transar tinham evoluído e passado da fase de tentar ser sexy ou de não nos sentir confortáveis.

Depois de abaixar a calça jeans e tirá-la, ele se curvou sobre mim, beijando o canto de minha boca. Para minha surpresa, ele continuou me beijando ali, sem avançar para

nenhuma outra parte. Logo antes de eu perguntar se estava tudo bem, ele abaixou a cabeça e a enterrou no meu pescoço.

— Não consigo.

— Você... não consegue?

Ele desabou ao meu lado no colchão, encarando o teto.

— Acho que estou muito estressado. Ou muito cansado. Ou as duas coisas.

— Ah. *Ah*.

Eu não devia ter ficado tão surpresa. Às vezes, antes de uma partida de basquete, ele não conseguia fazer funcionar também. O fim do mundo definitivamente era fonte de ansiedade. Acho que, por ter se passado mais de uma semana, eu presumi que ele seria mais do que capaz de fazer isso.

— Tá tudo bem — falei, me aninhando em seu peito. — Eu gosto de só ficar assim também.

Bryce inspirou fundo e soprou o ar, e meus cabelos fizeram cócegas em meu rosto.

— Estaremos no rancho do seu pai amanhã. Pode ser que a gente não transe nunca mais. Não tá tudo bem.

Eu ri.

— Já demos umas escapadas antes.

Bryce me envolveu com os braços e beijou minha têmpora.

— Eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar, sabia? Estou feliz porque as coisas aconteceram assim.

— É mesmo?

— Eu ficaria louco de preocupação se tivesse sido diferente.

Fechei os olhos e fiquei ouvindo a respiração de Bryce conforme ele inalava e exalava o ar. Ele estava mais inquieto que de costume, impaciente por diversos motivos. Imaginei outra vez a expressão de meu pai quando estacionássemos o carro na entrada, e eu me perguntava como ele reagiria com Nathan e Zoe. Ele não viraria as costas para a menina, porém tempos de desespero levam as pessoas a fazer coisas estranhas.

— Mentira! — disse Cooper na sala de estar.

Bryce e eu nos levantamos rápido e nos vestimos, voltando desajeitadamente ao mundo real, sentindo como se todos soubessem o que devíamos estar fazendo, mas não estávamos. Meus dedos ficaram presos nos cabelos conforme eu os torcia em um coque desajeitado e me sentava no chão com minha irmã. Ela estava ao lado de Cooper, e Joey estava de pé perto da janela, espiando de vez em quando pela fresta.

Joey abriu um leve e divertido sorriso.

— Não, tô falando muito sério.

— Sobre o quê? — perguntei, notando que Bryce já estava com uma expressão indiferente.

Cooper e Ashley cruzaram as pernas e se reclinaram ao mesmo tempo para o sofá.

— Ele tá contando histórias de guerra.

— É confidencial — brincou Joey.

— Piquenique? — perguntei, notando pequenos sacos vazios de batata frita no chão, com latas de refrigerante também vazias.

— A gente precisa mesmo é de pipoca — disse Ashley. — O Joey é um baita contador de histórias.

Joey bufou em protesto e depois voltou a olhar janela afora.

— Tem alguma coisa lá fora? — Bryce quis saber.

Joey assentiu.

— Um deles atravessou o cruzamento hoje mais cedo. Provavelmente acabou de ser transformado e está seguindo rumo à via expressa.

Estremeci. Quem quer que fosse, devia ter sido mordido, do contrário já estaria na rodovia.

— Fico me perguntando por que é diferente.

— O que é diferente? — quis saber Joey.

— O tempo para se transformarem. Alguns levam dias. Outros algumas horas.

Ashley roía a unha do polegar.

— A Jill não morreu logo depois de ter sido atacada, certo?

— Mas ficou muito doente — ressaltei.

— Talvez eles... sejam reanimados um tempo depois de morrerem — disse ela. — Fazia quanto tempo que a Jill tinha morrido?

Dei de ombros.

— E quanto à mulher no andar de cima, Anabeth? Ana... alguma coisa.

— Annabelle — disse Cooper, encarando o chão.

— É diferente para cada um — disse Joey, sem mais nenhum tom de brincadeira na voz. — Estavam dizendo no rádio, logo antes de interromperem as transmissões, que tinha a ver com a vacina contra a gripe. Que quem tomou estava se transformando com mais rapidez.

— E quanto à garota que estava com você? — perguntou Bryce.

— Ela está morta — disse Joey, sem emoção.

Bryce não insistiu no assunto. Em vez disso, foi até o estoque de comida e ficou procurando por lá. Depois de alguns minutos, trouxe dois sanduíches de pasta de

amendoim e duas latas mornas de Sprite.

— Eu te amo — falei, dando uma mordida no lanche. Eu não tinha me dado conta de como estava com fome até meu nariz captar o cheiro do amendoim, conforme ele levava o sanduíche até minha boca.

— Aproveite — disse Bryce entre uma mordida e outra. — Vai saber se vamos comer pão outra vez depois que esse acabar.

— Isso é deprimente — falou Ashley. — Mas não tanto quanto o fim do chocolate.

Cooper fez careta.

— Esperem até ficarmos sem papel higiênico.

Todos nós trocamos olhares.

— Que merda — disse Ashley, e todos concordamos com ela.

* * *

Joey e eu estávamos sentados no meio do chão, menos de um metro de distância um do outro. A casa em que estávamos podia ter sido a primeira a ser construída em Shallot. Era mais velha que as demais e rangia e gemia como uma avó reclamando das juntas envelhecidas. Os antigos ocupantes definitivamente eram avós, o que era fácil deduzir pelo fato de quase todas as superfícies e espaços na parede estarem repletos de porta-retratos que não combinavam uns com os outros. Protegidos atrás de uma placa de vidro estavam seus entes queridos, congelados naquela idade, ainda vivos e sorrindo. Algumas fotos tinham décadas, outras eram recentes. Elas nos cercavam, uma brilhante e animada parede que mantinha o inferno do lado de fora da casa.

Os braços do sofá dourado estavam gastos, assim como o restante da casa. As almofadas dos assentos estavam afundadas por causa dos anos de visitas de amigos e familiares. Sentei no chão porque parecia errado me acomodar nos móveis deles. A casa não era minha, mesmo que seus donos estivessem se arrastando sem destino pela via expressa, esquecendo tudo sobre qualquer coisa que antes importava para eles.

Eu não sabia qual velho casal nas fotos eram os donos do lugar, mas gostava deles. A residência que tinham deixado para trás me fazia sentir segura, o amor que deixaram trazia esperança. Os estranhos nas fotografias estavam lutando sua própria batalha para sobreviver, assim como nós, e provavelmente seguindo uns em direção aos outros também. Pelo menos era nisso que eu queria acreditar.

A velocidade do vento aumentou, fazendo a casa se mover o suficiente para os gemidos recomeçarem. Era assustador, como os gemidos dos mortos quando notavam a presa e ficavam animados com a possibilidade de se alimentar. Além disso, a noite estava silenciosa. Até os movimentos do Joey pareciam desprovidos de som.

Bryce caíra no sono no porão horas antes. Eu havia tentado relaxar a seu lado, mas meus olhos estavam arregalados no escuro enquanto eu ouvia e avaliava cada som que a velha casa fazia. Por fim, joguei as cobertas de lado e subi as escadas do porão, me juntando a Joey na sala de estar.

Ele permanecera de maneira zelosa ao lado de sua fenda predileta nas tábuas, estreitando os olhos para enxergar no escuro. Eu esbarrei em uma mesinha lateral e arfei, estimulando-o a me perguntar se eu estava bem e na sequência a me oferecer a luz partilhada no meio da sala.

— Sinto muito — disse ele, se sentando à minha frente. — Não sei se são atraídos pela luz.

Dei de ombros, ainda que isso não fizesse sentido. Provavelmente ele não conseguiria ver meu gesto. Ainda assim, não senti necessidade de expressar minha resposta em palavras, possivelmente por passar tanto tempo com Bryce, que já sabia no que eu estava pensando.

Ficamos ali sentados por um tempo, sem falar nada, nenhum de nós se sentindo desconfortável com o silêncio. Eu estava tentando ouvir qualquer som que pudesse representar perigo e presumi que ele estivesse fazendo o mesmo.

Seus cabelos estavam começando a crescer, desfazendo aquele estranho corte militar. A luz difusa me dava uma desculpa para analisar seu rosto; o queixo proeminente com uma leve covinha no meio, e o lábio superior, um pouco fino. Seus olhos eram fundos e um pouco esbugalhados, mas isso não o tornava menos atraente. Eu não sabia se havia algo em relação a ele que não fosse atraente. Era como se tudo se encaixasse e o fizesse parecer muito melhor, mais ou menos como as imperfeições dão personalidade a uma casa.

O vento sibilava pelas árvores e um baixo ribombo soou ao longe.

— Merda. Isso foi um trovão?

Joey assentiu, apontando algumas vezes com a pistola.

— Está se dirigindo para o sul, eu acho.

Abri uma latinha de castanha de caju e joguei uma dentro da boca.

— Não consigo parar de me perguntar onde minha mãe está. Se ela está bem. Eu me pergunto se um dia ela vai voltar pra cá.

— Onde ela está?

— Ela e meu padrasto foram para Belize.

— Ah.

— Você pensa nos seus pais?

— Sim.

— Seus amigos do ensino médio?

— Eu fiquei fora por um bom tempo. Eu me alistei logo que saí do ensino médio. A gente perde contato.

Conversar com ele era tão frustrante. Ele não dava nenhuma informação extra que fosse.

— Você não está preocupado com eles? Com os seus pais?

— A minha mãe é filha de uma viúva de guerra, e depois se tornou uma. Se alguém é capaz de sobreviver a isso aqui, é ela.

— Você acha mesmo que ela conseguiu?

— Somos da Carolina do Norte, e o litoral foi a primeira parte atingida. Conversei com ela enquanto Dana estava em cirurgia. Ela reportou todos os tipos de merda, mas estava na casa do vizinho, um ex-fuzileiro durão. Acredito que ele a esteja mantendo a salvo. Tenho que acreditar nisso.

— Todo mundo que você conhece é militar?

Ele deu risada e negou com a cabeça.

— Nem todo mundo. Eu morava em Jacksonville. Bem perto do Acampamento Lejeune, a maior base de fuzileiros navais da costa Leste. Posso dizer que minha mãe tem uma boa chance de estar bem.

Sorri.

— Eu diria que você tem razão. Então você é fuzileiro naval? Vou me arriscar e dizer que você não é da força aérea.

Ele sorriu.

— O que a levou a pensar isso?

— Não sei. Quando penso em força aérea, penso em pilotos magricelas de óculos. Você parece um fuzileiro naval pra mim.

— Ah, é?

— Se não quiser responder, é só dizer.

— Estou apenas curtindo o comentário. Sou da força aérea, na verdade. Sou Pqdt...

— Estou presumindo que não seja uma coisa ruim, certo?

Ele riu baixinho.

— Não. Sou paraquedista.

— Ah.

— "Ah." Você fala como se soubesse do que se trata.

— Faço ideia — falei, talvez um pouco mais na defensiva do que gostaria.

— Tá bom — disse Joey, erguendo as mãos. — A maioria das pessoas não sabe. Bem, algumas não sabem.

— *Algumas pessoas*. Mulheres, você quis dizer.

— Sim, foi isso que eu quis dizer.

Revirei os olhos.

— Ah, você é um *daqueles* caras.

Ele negou com a cabeça.

— Não sou. Não me rotule assim. Tenho muito respeito pela...

— A garota que estava na sua caminhonete? — falei, esperando sua reação.

— Dana. — Suas sobrancelhas se juntaram e ele cutucou as botas. — Eu tinha acabado de voltar, e nossos amigos organizaram uma festa de boas-vindas. Fui um idiota. Eu devia só ter... eu devia ter ficado em casa com ela. Devia ter curtido a Dana. Ela era a única que eu queria ver, de qualquer forma.

— Ela era sua.

Ele assentiu e sua boca repuxou para o lado, e então ele ergueu os olhos rapidamente e fungou.

— É. Ela foi atacada depois da festa. Ela ficou muito doente.

— Era por isso que ela estava com roupa de hospital?

— Dana tinha um exame marcado. O resultado foi ruim. Ela perdeu uns nove quilos em poucos dias, então eu sabia... eu sabia que ela... Eles a levaram imediatamente para a cirurgia. Eu ia ficar esperando quanto tempo demorasse, sabe? Eu teria esperado... — disse ele, assentindo. — Mas levou menos de uma hora. Eles a abriram e então fecharam rapidamente. Seus órgãos estavam mortos. Não havia nada que pudessem fazer. — Fiquei observando enquanto a lembrança era reprisada em sua mente, e então seu rosto se contorceu e sua dor preenchia o ambiente, mal deixando espaço para respirar. — Não muito tempo depois que ela acordou, o hospital ficou uma loucura. Aquelas coisas estavam nos arredores, atacando as pessoas, e, depois de telefonar para a minha mãe, eu soube o que estava acontecendo. Eu não sabia o que fazer. Então peguei a Dana e saí correndo. A droga da caminhonete ficou sem gasolina logo na fronteira de Fairview, e então eu a abracei. Ela ficava apagando o tempo todo, porém, quando ela finalmente se recuperou... ela estava com muita dor. Eles a haviam grampeado. Foi um trabalho imundo. Eles imaginaram que em poucas horas ela não se importaria com isso. Eu vi muita gente

voltar como aquelas coisas enquanto abraçava Dana na caminhonete, então, quando ela se foi... quando ela se foi, eu sabia que teria de apagá-la. Minha Glock estava debaixo do banco.

Ele pressionou o cano da arma na própria têmpora, claramente tentando afastar o pensamento para longe.

— Isso é horrível.

Seus olhos saltaram do chão, imediatamente se afastando do pesadelo terrível em sua cabeça.

— Estive em duas missões. Vi braços e pernas se separando de corpos em explosões, ossos saltando... esmagados, vi corpos incompletos de crianças sendo trazidos para o meu helicóptero. Vi intestinos do lado de fora do corpo mais de uma vez. Vi globos oculares pendendo de órbitas. Homens crescidos chorando e gritando, implorando que as mães os salvassem da morte que sabiam estar a poucos minutos deles. Eu *vi* o horrível. A mulher com quem eu queria passar o resto da vida morreu nos meus braços, e depois morreu outra vez, quando meti uma bala no cérebro dela. Aquilo foi pavoroso pra caralho.

Eu encarei Joey, sem palavras. Tudo o que ele acabara de dizer e todas as imagens que vinham com as palavras chiavam enquanto estavam sendo marcadas a ferro e fogo em minha mente. Eu queria chorar, vomitar ou sair correndo. Porém lancei meu corpo inteiro na direção desse estranho à minha frente e o puxei para junto do peito. Meus dedos agarravam sua camiseta, na esperança de que, quanto mais forte eu o apertasse, menos dor ele sentisse. Ele afundou o queixo na parte macia entre minha clavícula e o músculo de meu ombro, mas a dor não era nada perto da dele. Depois do choque inicial, ele me abraçou também, e seu corpo todo tremia enquanto ele lamentava a perda de tantas coisas. Quando sua pegada ficou apertada demais, eu continuei aguentando, deixando que ele fizesse o que precisava fazer para finalmente sentir o luto.

Quando ele me soltou, simplesmente assentiu em agradecimento e se levantou, caminhando até a janela para retomar seu posto.

De repente o espaço entre nós estava denso e cheio de energia, mas não da boa. Aquele momento, ainda que inocente, tinha sido muito mais íntimo do que devia, e nenhum de nós se deu conta até o momento ter passado. De repente era insuportavelmente esquisito estar na presença dele.

— Eu vou... hum... vou pra cama — sussurrei tão baixo que duvidava que Joey conseguira me ouvir. Essa minha declaração de repente também soou inapropriada e eu me encolhi, esperando que ele não achasse aquilo um convite.

Eu me virei e me apoiei no chão para ficar de pé, trombando em uma silhueta parada na entrada. Eu ofeguei, mas depois relaxei, reconhecendo Bryce. O alívio não durou muito quando vi a expressão em seu rosto. Ele não estava nem olhando para mim — estava ocupado perfurando a nuca de Joey com o olhar.

— Vamos. Vamos pra cama — falei, puxando Bryce comigo lá para baixo.

Seus dedos estavam tensos, como se estivesse segurando um carvão em brasa em vez da minha mão. Ele se deitou ao meu lado, mas porque não tinha para onde ir, e não porque quisesse ficar ali. Ele não precisava falar nada; a traição que sentiu irradiava de seu corpo como o calor em uma estrada coberta de asfalto. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas dar início a uma discussão que provavelmente levaria a uma briga noite adentro não era convidativo para mim, então fechei os olhos e rezei para que as paredes que rangiam não me mantivessem acordada. Não importava o que eu dissesse, convencer o Bryce de que um abraço tão íntimo como aquele não era o que parecia seria difícil quando ele estivesse calmo e impossível enquanto estivesse com raiva daquele jeito. Poucas horas antes, ele partilhara comigo o desdém que sentia pelo homem que eu abracei com tanta força. Eu me perguntava se nesse instante Bryce preferia estar lá fora com os mortos em vez de deitado ao meu lado.

17

NATHAN

— Bom dia — disse Walter, saudando os jovens com o rifle na mão.

Miranda se esforçou para abrir um sorriso, parecendo cansada e mal-humorada.

— Esse é o meu namorado, Bryce. Esse é o Cooper.

Assenti para eles.

— Agora que as gentilezas terminaram — disse Walter, gesticulando em direção ao posto de gasolina —, parece que temos um problema.

Era óbvio por que eles não tinham conseguido abastecer. Dois infectados estavam dentro da loja de conveniência do posto, empurrando agitadadamente as portas duplas de vidro. Um deles era uma garotinha não muito mais velha que a Zoe.

— É — disse Cooper, esfregando nervosamente a nuca. — A gente esbarrou com eles antes.

— Devem ser só esses dois — disse Bryce. — A não ser que mais tenham entrado lá. Eu acabei com um. O cara ainda deve estar perto da caixa registradora.

Walter fez um gesto para que os rapazes o acompanhassem.

— É melhor deixar a gente cuidar disso, Nate. Não quero que pense nisso toda vez que olhar para a Zoe.

Apesar do covarde que eu posso ter parecido, virei de costas e tentei não ouvir enquanto eles eliminavam os infectados dentro da loja. Miranda ficou de olho na situação, mas Ashley fez o mesmo que eu e olhou para o outro lado.

— Livre — disse o soldado. Seu jargão e seu tom confirmaram minhas suspeitas.

Permaneci com as meninas enquanto Walter os ajudava a procurar o botão que ligava a bomba de gasolina. A resistência do dono do posto à tecnologia foi uma sorte. Eu não sabia se teríamos feito funcionar se fosse uma daquelas bombas novas.

— Tudo bem! — disse Walter. — Puxe a alavanca e fique com o ouvido atento.

— Atento a quê? — disse Miranda.

Puxei a alavanca e a bomba fez um zunido.

— A isso.

Com um largo sorriso, Miranda começou a bombear a gasolina, e Ashley abriu o porta-malas e puxou três grandes galões.

— Conseguimos! — Miranda disse ao namorado.

Ele deu uma corridinha e se colocou ao lado dela, então entrelaçou os dedos no topo da cabeça quando viu por si mesmo.

— Ah, graças a Deus.

— Vou pegar meu carro e encher o tanque também, e aí podemos seguir em frente. Vocês podem estacionar perto da casa e esperar assim que tiverem terminado.

Miranda assentiu.

— Vamos fazer isso.

Todos sorriam animados, empolgados com o fato de que partiríamos em breve. Assim que fiz a rápida caminhada até a casa de Walter, acenei para Joy e Zoe e então pulei para dentro do meu carro, ainda estacionado no meio da rua sem saída.

— Vou encher o tanque de gasolina e volto para pegar você.

Zoe sorriu.

— Vou separar algumas coisinhas para vocês — disse Joy, também sorrindo, mas com os olhos pesados de tristeza.

Bryce estava acabando de tirar a tampa do último galão de gasolina quando estacionei o carro no posto. Eu havia passado por Walter no caminho de volta. Ele não erguera o olhar. Imaginei que estivesse triste e que a responsabilidade de sobreviver sozinho estivesse lhe pesando. A culpa queimava minhas entranhas, mas não o bastante para abalar minha decisão. Eles poderiam ir conosco, ou então poderíamos pedir permissão ao doutor e voltar para buscá-los. As coisas não estavam tão ruins assim em Shallot que eles não pudessem sobreviver ali por mais um ou dois dias. Pelo menos enquanto os infectados estivessem vagando lenta e desajeitadamente pela via expressa, em vez de fazer o mesmo na cidade.

Bryce colocou o último galão de gasolina no porta-malas e em seguida todos entraram no New Beetle, lotando o carro. Ashley estava encurvada no banco de trás,

sentada tanto em Cooper quanto no soldado. Ela parecia infernalmente desconfortável.

Miranda sorriu.

— Encontramos vocês na casa do Walter.

— Um ou dois de vocês não querem vir aqui comigo? Parece que está meio lotado aí.

Miranda olhou para o garoto no banco do passageiro e então para os três atrás.

— É, aposto que o Joey caberia melhor no seu carro.

Ele ergueu a mão.

— Joey.

— Prazer em conhecê-lo — falei, com um aceno de cabeça.

Eles saíram do posto para a rua e eu ergui a alavanca da bomba de gasolina, esperando pelo clique. Não ouvi nada. Dei uma corrida até a loja e ativei o que achei ser o botão certo, mas eu não estava lá quando Walter o mostrou aos meninos, então não sabia exatamente qual era.

Eu mal cruzara o estacionamento e colocara os pés na rua quando vi um infectado a apenas uma quadra de distância seguindo rumo à via expressa. Girei nos calcanhares e corri até o carro, esticando a mão lá dentro para puxar a bolsa de armas que Skeeter me dera.

Skeeter. Enquanto eu voltava, pensei nos meus cunhados. A essa altura, provavelmente os dois estavam mortos. Era bem provável que Aubrey também. Os pais de Aubrey e Skeeter tinham morrido fazia muitos anos, porém saber que todos estavam mortos tornava a situação toda mais triste. Zoe era a única que restava.

Quando me aproximei da varanda, Walter forçou um sorriso.

— Esqueceu alguma coisa? — disse ele, apontando com a cabeça para meu carro, ainda na bomba de gasolina.

Dei uma risada, feliz com a distração. Walter e Joy eram boas pessoas. Fazê-los mudar de ideia sobre se juntar a nós no rancho do médico ainda era uma possibilidade. Assim que Zoe e eu nos estabelecêssemos por lá, eu estava determinado a voltar para buscá-los.

— A bomba não ligou.

— Não? — disse Walter. — Posso voltar lá para ver qual é o problema.

— Você faria o favor?

Ele desceu os degraus da varanda, se apoiando no corrimão.

— Não que eu tenha algo melhor pra fazer, filho.

Miranda estacionara em frente à casa de Walter, e então ela e o grupo ficaram um

tempo em volta do carro, discutindo o próximo passo. Joy e Zoe tinham acabado de voltar para a varanda, e Zoe estava com uma pequena bolsa pendurada em um dos ombros. Walter e eu mal tínhamos colocado os pés na rua quando tiros foram disparados. Nós tínhamos ouvido tiros ao longo de todos os dias, mas dessa vez estavam mais próximos. Muito mais. Pouco tempo depois, um motor em alta velocidade ecoou pelas ruas silenciosas e então um carro desceu descontrolado a rua principal, vindo da via expressa.

— Papai! — berrou Zoe, no momento exato em que o carro colidiu com o meu e ambos bateram com tudo nas bombas de gasolina.

Uma enorme explosão acompanhada de um grande *bum!* imediatamente tomou conta do posto de gasolina. Assim que a bola de fogo subiu alcançando a atmosfera, os veículos tostados ficaram visíveis por apenas um instante antes que a densa fumaça preta e mais fogo saíssem de onde antes ficavam as bombas de gasolina.

— O que vamos fazer? — disse Joy, por entre as mãos que lhe cobriam a boca.

Os jovens ainda estavam parados ao lado do carro, em choque, e eu estava com as mãos na cabeça, os dedos enterrados nos cabelos.

— Não. *Não!* — berrei pela segunda vez, sem acreditar no que havia acontecido. Eu sabia que meu carro já era, mas, a cada segundo, a compreensão do que significava ficar sem carro se tornava mais real. Estávamos presos, éramos incapazes de viajar a pé, e, o pior de tudo, todos os infectados na via expressa ficariam tentados a voltar para a cidade por causa da explosão.

Assim que esse pensamento tomou conta da minha cabeça, avistei os primeiros infectados. Um atrás do outro, desciam a rua aos tropeços, até que o padrão irregular deu lugar a grupos, e então um exército de mortos-vivos se movendo como uma unidade em direção à rua.

— Nathan? — disse Miranda, a expressão paralisada pelo medo do que via. Ela esticou o braço para dentro do carro e puxou um rifle dali. Os outros fizeram o mesmo antes de voltar lentamente para a varanda, de olho no desfile sujo e sangrento.

— Mexam-se devagar — sussurrou Walter conforme nós dois nos afastávamos da rua e seguíamos para dentro da casa. — Não chamem a atenção deles pra cá.

Os jovens ao menos foram espertos o suficiente para não fazer nenhum movimento súbito. Ergui o olhar para Zoe, que estava observando a cena, inexpressiva, como se fosse algo que já tivesse visto centenas de vezes antes. Por reflexo, pensei em discutir a falta de reação de Zoe em sua próxima sessão de terapia, mas não haveria mais terapeutas, nem avaliações, nem programas de educação.

Parecia que, uma vez que nos demos conta de que Zoe não era como as outras

crianças, nossa vida tinha sido consumida por reuniões e consultas médicas, planos de cuidados e gerenciamento de comportamento. A vida já era dura o bastante para aqueles que podiam processar o estresse e o excesso de estímulos normalmente. Até quando tínhamos o que pareciam ser ferramentas ilimitadas para ajudar Zoe a sair ou passar por ataques de fúria, a vida nunca seria fácil para ela. Um pânico diferente surgiu, do qual não tínhamos como fugir: coisas que dávamos como certas não estavam mais disponíveis. O reconhecimento dessa verdade fez com que eu fosse invadido por uma onda de temor. Zoe prosperava com base na rotina, e ela estava sem tratamento durante a dizimação de tudo que lhe era familiar. Uma praga que podia durar meses, ou anos... ou eternamente. Zoe teria de sobreviver a ambos.

— Nós podíamos esperar lá embaixo — disse Walter, me trazendo de volta para o problema atual. A falha em sua voz sinalizava que nem ele mesmo acreditava naquelas palavras.

Agarrei com força a bolsa na minha mão, grato por tê-la tirado do carro.

— Não podemos ficar aqui, Walter. Com todas essas coisas na cidade, não é seguro.

Os olhos de Joy saíram de mim e assentaram em seu marido, resignados.

— Talvez nunca tenha sido.

Os lábios de Walter se tornaram uma linha dura.

— Droga. Malditas sejam aquelas coisas.

Todos voltamos para dentro da casa. Joy corria de um lado para o outro para empacotar as coisas, e os meninos ficaram de pé ao lado das janelas, para continuar em vigilância. Miranda e Ashley ajudaram Joy a colocar tanta comida quanto era possível carregar em bolsas, e então nos encontramos na cozinha.

— Eu não... tenho muito espaço no carro — disse Miranda.

— Meu Taurus está na garagem — disse Walter, apanhando um molho de chaves pendurado em um prego na parede. O chaveiro era de plástico multicolorido e estava escrito Orlando.

— Certo, a Zoe e eu vamos com o Walter e a Joy. Problema resolvido.

Miranda assentiu nervosamente.

— Eles estão começando a se espalhar! — disse Bryce.

Um latido abafado e estridente veio da casa ao lado e todos ficamos paralisados.

Joy empalideceu.

— Meu Deus, é a Princesa.

Bryce e Cooper se apoiaram nas janelas para ver melhor. Princesa continuava latindo, nervosa com a procissão horripilante. Não demorou muito para que o

primeiro deles notasse os latidos e mudasse de direção, se desviando dos demais.

— Não podemos esperar — disse Bryce. — Temos que ir agora, antes que mais desçam essa rua sem saída.

Miranda assentiu e então olhou para mim.

— Ele está certo, Nate. Está na hora de partir.

— Mas e a Princesa? — Zoe quis saber.

Joy se abaixou perto de Zoe, com lágrimas nos olhos.

— Nós voltaremos para pegá-la, docinho.

Walter esticou a mão para a esposa, e nós os acompanhamos até a garagem. Miranda e Joey erguiam a porta da garagem enquanto Ashley e Bryce colocavam as bolsas de Joy no porta-malas. Zoe e eu nos ajeitamos no banco de trás do Taurus e esperamos Walter dar partida. Depois de alguns segundos, o motor emitiu um fraco zumbido e então Walter virou para mim.

— Walter? — falei.

— Eu... eu não sei. Acabei de trocar o óleo e o filtro para irmos visitar a Darla.

— Tenta de novo — falei, tentando manter a voz calma.

— Eles estão vindo! — gritou Ashley.

— Merda! Merda! — gritou Cooper, puxando Ashley na direção da casa.

Walter tentou a ignição novamente, mas dessa vez o motor do Taurus nem reagiu.

— T-talvez seja... hum... o alternador. Eu tive problemas com ele no ano passado...

— Não temos tempo para descobrir o que é, vamos! — falei, abrindo a porta e puxando Zoe comigo.

Bryce e Joey já estavam lutando com alguns infectados quando conseguimos entrar na casa. Um tiro foi disparado, e então eles estavam ali dentro conosco.

Cooper estava atordoado.

— Desculpa — disse ele, com uma arma na mão. — Ele quase mordeu o Joey.

Corri até a janela. Mais deles estavam descendo a rua. Os latidos de Princesa se tornavam ainda mais estridentes conforme os infectados subiam na varanda e batiam com as mãos na janela onde ela estava. Bryce e Miranda empurraram a geladeira até a porta da cozinha que dava para a garagem. Uma dúzia ou mais de infectados estavam na varanda ou em volta dela, socando com força a porta da frente e as janelas. O vidro quebrou e eu lancei Zoe sobre meu ombro.

— Os quartos! Saiam pelos fundos!

Quando chegamos ao quarto, os garotos estavam empurrando a penteadeira para

a frente da porta, e Joy estava puxando uma longa estaca de madeira da parte de baixo da porta deslizante. Ela se pôs de pé e imediatamente entrou em pânico.

— Walter? Walter! — ela gritou.

Ele estava de pé na outra porta do pátio, tentando ao máximo deslizar o vidro. Sabe-se lá como, ele tinha seguido por um caminho quando fomos pelo outro e, ao contrário de nós, não tinha ninguém com ele para fazer uma barricada na porta enquanto ele tentava escapar para o quintal. Um grupo de infectados surgiu atrás dele. Seus olhos se arregalaram conforme eles o rasgavam, mas ele continuava tentando abrir a porta, percebendo tarde demais que ele não tinha removido a estaca de madeira que tinham colocado lá para proteção.

Joy estava bem atrás de mim, e os altos gritos que ela dava para o marido faziam meu ouvido zunir. Os infectados o esmagaram contra a porta de vidro, mordendo-o. Ele urrava, e o som, embora abafado, eriçou os pelos em minha nuca.

— Walter! — Joy vociferou em meio ao choro, lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. Ela arranhou o vidro e então abriu a porta. Ela correu até a porta adjacente, tentando, em pânico, libertar o marido.

— Joy! Joy! Joy! — Zoe berrava, tentando alcançar a amiga. Suas palavras ricochetearam quando cada um dos meus pés colou no chão. Eu segurei firme minha filha, temendo que ela desse um jeito de se soltar.

Joey abriu o portão dos fundos e levou o pessoal até o New Beetle. Fiquei observando eles se espremerem no carro, e então Bryce fechou a porta.

Foi aí que reconheci nosso destino.

— Por favor, levem minha filha — falei, de pé na frente da porta do passageiro.

Miranda deu partida. Bryce olhou além de nós, para o que certamente era uma multidão de infectados vindo em nossa direção.

— Não tem lugar. Sinto muito.

— Papai, não! — gritou Zoe. Ela batia no ar com os punhos cerrados, agarrando minha camisa com as mãos minúsculas, com tanta força que seus braços tremiam.

— Por favor — falei, encarando Miranda nos olhos. — Não tenho como tirá-la daqui. Ela é pequena. Vai caber aí.

Miranda olhou para Bryce, que balançou a cabeça em negativa.

— Vai, Miranda. Vai! Vai!

Ela engatou a marcha para começar a dirigir e então Cooper empurrou Bryce para frente e esticou a mão para alcançar a maçaneta. Assim que a alcançou, ele abriu a porta e saiu do carro em um pulo.

— O que você está fazendo? — gritou Ashley.

— Ela pode ficar com o meu lugar — Cooper disse a Bryce.

— Coop, não — falou Bryce, seus olhos se arregalando para o que estava acontecendo atrás de nós. — Não temos tempo pra isso, vamos!

Cooper arrancou Zoe de mim com uma das mãos e puxou o assento de Bryce para frente com a outra, empurrando Zoe para dentro do carro. Ela estava lutando com ele, mas Joey conseguiu segurá-la. Cooper fechou a porta.

— Posso ajudar o Nathan a chegar ao rancho Red Hill.

— São mais de quinze quilômetros daqui, Coop! Não! — disse Ashley, se espremendo entre os bancos da frente para esticar a mão até ele.

— Papai! — disse Zoe, se inclinando para longe de Joey.

— A gente se vê em breve, docinho. Tá tudo bem. O papai vai até você logo.

Cooper pôs a mão em meu ombro.

— Eu conheço o caminho, Zoe. Prometo que vou levar o seu pai até lá, tá bom? Não se preocupe.

— A gente tem que ir! — gritou Bryce. — Para qualquer um de nós ter alguma chance, temos que ir agora, Miranda!

O rosto de Miranda se enrugou, distorcido com a culpa.

— Corre rápido, Coop.

Ele assentiu e piscou para Ashley.

— Consigo correr quinze quilômetros em uma hora, baby. Sem problemas.

— Não deixa ele aqui, Miranda, por favor! — implorou Ashley, esticando a mão para o namorado. — Não, por favor! Por favor! *Não!* — Seus gritos deixavam um rastro enquanto eles se afastavam com o carro.

Cooper ergueu a arma e deu um tiro atrás de mim. Eu me virei, me deparando com um infectado caído no chão.

— Representei o estado por quatro anos nas corridas no ensino médio. E eu era o cara a ser vencido na faculdade. Espero que você consiga correr, Nathan, porque eu fiz uma promessa à Zoe.

Assenti.

— Eu também fiz.

18

SCARLET

As mariposas e vaga-lumes saltavam e deslizavam por sobre a grama da pradaria não muito distante de mim. Eu sentei no degrau superior do deque de madeira que fazia as vezes de varanda, afastando com as mãos os mosquitos que zuniam nos meus ouvidos. O cume da estrada empoeirada pela qual Jenna e Halle podiam estar caminhando rumo ao rancho estava brilhante, iluminado pelo pôr do sol. Havia tantas variáveis para que elas chegassem em segurança a Red Hill. E se Andrew não tivesse conseguido voltar para casa e ver minha mensagem na parede? E se as meninas estivessem perturbadas a ponto de não saber o que aquilo significava? E se tivessem esquecido a canção da Halle? Carregar essas perguntas todos os dias e noites pesava em mim e facilitava muito para que a exaustão se instalasse, mas eu me mantinha ocupada limpando a casa e preparando o espaço para a chegada das meninas.

Usando estacas de madeira e fios de pesca que encontrara no celeiro, eu havia instalado um primitivo sistema de alarme em volta do terreno. A terra ainda estava macia o bastante devido à chuva da noite anterior, então foi relativamente fácil enfiar as estacas no solo. Em apenas meio dia, eu havia saltado pelo terreno, passando o fio em volta das estacas, fazendo buracos nas latas e prendendo-as à linha antes de andar alguns metros adiante para recomeçar o processo. A linha estava longe o bastante da casa, de forma que, se eu fosse acordada à noite, teria tempo de pegar uma arma e me defender. Prender o fio era fácil; o difícil era tentar não ficar acordada esperando algo chacoalhar as latas.

Seis dias depois do fim do mundo, os fios não tinham balançado uma única vez. Os poucos rastejadores que tinham se aproximado sempre ficavam na estrada, por qualquer motivo que fosse. Talvez já tivessem se deparado com outras casas e tivessem aprendido que nem sempre uma construção era sinônimo de comida. Se eu ficasse quieta, a maioria não me incomodaria.

Sentei na varanda, ciente de que um belo pôr do sol era visível da lateral dos fundos da casa, mas, quando eu não estava verificando as tábuas que havia pregado nas janelas, comendo, dormindo ou praticando tiro com as armas do dr. Hayes, estava olhando para a estrada de terra vermelha, esperando que o Tahoe branco de Andrew viesse voando, com pressa de chegar ao destino, ou que a cabeça de minhas filhas se erguesse na colina, mais altas a cada passo. Eu imaginava esse momento umas cem vezes por dia: elas estariam exaustas e imundas, porém bem vivas. Eu nem me importava com o fato de que a chegada delas significaria que eu voltaria a conviver com Andrew. Se significasse ter minhas filhas de volta, eu daria as boas-vindas a isso.

Todas as noites, minhas esperanças eram frustradas e meu coração se partia. Eu nunca desistia até ficar escuro demais para viajar em segurança. E foi mais ou menos nessa hora que as lágrimas vieram. Cutuquei o pequeno graveto em minhas mãos, lutando contra o desespero e a impotência que me invadiam.

Mais cedo naquele dia, achei ter ouvido um trovão, mas o som ecoou a leste, e as nuvens de tempestade estavam a oeste. A princípio, achei ter imaginado o ruído, mas então uma alta coluna de fumaça se ergueu lentamente acima da linha das árvores. Pedi a Deus que, o que quer que fosse aquilo, não tivesse nada a ver com Jenna e Halle.

Quando ouvi o ruído vindo além da colina diretamente na frente da casa, confiei em meus ouvidos. Uma voz berrava intermitentemente. Então uma outra começou a responder. Meus olhos se estreitaram, e então meu coração deu um pulo quando avistei duas cabeças se erguendo acima da grama alta da pradaria. Quando dois homens se tornaram visíveis, fiquei de pé. Quando o rebanho de rastejadores atrás deles apareceu, assim que eles passaram pela colina, amaldiçoei baixinho e segui para dentro da casa.

— Socorro! — gritava um dos homens. Apanhei o rifle de caça do dr. Hayes e espiei pela mira. O primeiro deles era mais jovem, talvez no fim da adolescência ou com vinte e poucos anos. O outro era uma cabeça mais alto e mais velho, talvez com trinta e poucos anos, como eu, os cabelos despenteados loiro-escuros subindo e descendo conforme ele corria. Ele estava de terno e com a gravata meio solta, e o mais jovem, de camiseta, calça jeans e botas. As botas não o tornavam mais lento.

Provavelmente ele estava correndo há quilômetros e ainda conseguia manter um ritmo exaustivo. O mais velho não estava muito longe dele, arfando e ensopado de suor.

Inclinei o rifle e mirei no rastejador mais próximo.

— Droga! — falei, sabendo que o barulho seria levado pelo vento e poderia atrair outros das duas cidades seguintes. Puxei o gatilho e apaguei a droga da coisa. Sem diminuir o ritmo, os homens cobriram a cabeça e se abaixaram. O ritmo dos rastejadores estava entre caminhar e trotar. O homem mais velho estava pelo menos cinco metros à frente do rastejador mais rápido, mas eles os estavam levando direto para o rancho.

— Não atira! Sou eu! — disse o jovem, acenando com os braços.

De que diabos ele está falando? Presumi que estivesse assustado e falando coisas sem sentido. Recarreguei a arma e então atirei no rastejador seguinte. Errei o alvo. Meu coração começou a martelar no peito. Eu trouxera comigo para a varanda uma caixa de munição, porém pelo menos trinta rastejadores tinham seguido aqueles homens pela colina. Poucas semanas treinando tiro ao alvo quatro anos atrás não faziam de mim exatamente uma atiradora de elite.

O mais moço tropeçou no fio de pesca, e, quanto mais ele se esforçava para se livrar, mais ficava mais emaranhado. O outro deu uma olhada para trás, para os rastejadores, antes de se abaixar e tentar ajudar o amigo.

— Só pode ser brincadeira! — falei, firmando o rifle no ombro e olhando pela mira. Tentei não me apressar, mas meia dúzia de rastejadores estava em cima deles em cinco segundos. Puxei o gatilho e senti o recuo da arma nos ossos. O primeiro caiu, errei o segundo, mas o acertei com um terceiro tiro, e os próximos dois pareciam vir bem em direção à mira. Antes que eu precisasse atirar uma sexta vez, o rapaz estava livre e eles corriam em direção à casa.

— Onde está o New Beetle? — perguntou o jovem, confuso ao me ver.

Fiz um movimento brusco com a cabeça, indicando a casa.

— Eu explico depois. Há rifles no sofá. Peguem um e voltem pra cá. Eles estarão na porta da frente em um minuto. — Espiei pela mira e continuei atirando. Logo havia mais duas fontes de rajadas de fogo, uma de cada lado meu.

Na hora em que eles alcançaram o fio de pesca, o rebanho parecia mais um pequeno grupo. O som alto de nossos rifles parecia ter entrado em um ritmo. Mais tarde eu nos consideraria sortudos, porque os dois homens ao menos sabiam atirar. Não foi algo que pensei em perguntar no momento.

Continuamos atirando até que todos estivessem caídos. Observei os rastejadores

por um instante, me certificando de que todos tinham sido derrubados. Depois de um minuto inteiro sem qualquer movimento, me deparei com os olhos dos homens perplexos, um a cada lado meu. Recuei até a porta e apontei a arma na direção deles, caso tivessem percebido que eu estava sozinha e pensassem em me roubar... ou fazer algo pior.

— Meu nome é Stanley Cooper. Sou namorado da Ashley. Você a viu? Eles estiveram aqui? — Antes que eu pudesse responder, o rapaz começou a surtar, esfregando a nuca e olhando ao redor. — Eles não estão aqui, Nate. Não conseguiram chegar.

Reconhecendo a situação, Nate olhou de relance para minha arma por uma fração de segundo antes de fixar o olhar estrada abaixo. Seus olhos se estreitaram, focando o cume da terra vermelha com a mesma expressão desesperada e esperançosa que mantive durante os últimos seis dias.

— Tudo bem, então vamos lá para baixo procurar por eles — disse Nate.

— Esperem — falei, deixando a ponta do rifle baixar um pouco. — Ashley Hayes?

— Sim! — disse Stanley. — Você a viu?

— Não.

Ele ficou triste quando o último resquício de esperança que eu havia lhe dado desapareceu.

— Eles já deviam ter chegado!

— Está quase escuro — falei. — Vocês não deviam partir agora. Eles ficam vagando à noite. Ficar se esgueirando por aí é uma boa maneira de acabar morto.

Stanley entrelaçou os dedos sobre a cabeça e, depois de um breve instante de deliberação, olhou para Nate.

— Eu vou.

Nate assentiu e depois olhou para mim.

— Você tem lanternas para nos emprestar?

Assenti, entrei na cozinha e apanhei uma lanterna sob a pia, então peguei outra do quarto e voltei para a varanda. Eles rapidamente pegaram as lanternas das minhas mãos.

Nate inspirou fundo. Ele estava exausto, porém, seja lá por que motivo, estava tão ansioso quanto o outro para encontrar Ashley.

— Vamos trazer as armas de volta.

Não respondi, ciente de que não devia dizer aquilo em que eu realmente acreditava: eles não conseguiriam voltar. Vagar no escuro era pedir para morrer.

Estreitei os olhos, baixando o olhar para a estrada rumo à qual eles se dirigiam. Pouco visível sob a luz difusa, uma nuvem de poeira vermelha se erguia bem acima da estrada.

— Esperem. Esperem! Vejam! — falei, apontando para a estrada.

Nate e Stanley haviam acabado de deixar a varanda para começar a correr quando avistaram um carro branco saltando a colina. O veículo voltou para a pista como se estivesse sendo perseguido, passando por cima de todos os buracos antes de deslizar e parar.

Stanley correu até um dos lados do carro, e Nate, até o outro. A motorista era Miranda, irmã de Ashley, e seu namorado, Bryce, saiu do lado do passageiro. Eu o vira uma única vez antes. Nunca cheguei a conhecer Stanley e, conforme observava o garoto puxar Ashley do banco de trás, eu me perguntei se ele seria um namorado novo. Eu me lembrava do dr. Hayes chamando o namorado de Ashley por um nome diferente.

Ashley estava quase histérica, gemendo e agarrando a camiseta de Stanley. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, havia muito tempo mergulhados nas lágrimas que chorara enquanto estiveram separados. Nate se inclinou e puxou uma garotinha minúscula do banco de trás. Ela envolveu os braços e as pernas no corpo dele da melhor forma possível enquanto ele a abraçava, chorando em silêncio; era óbvio que ela estava emocionalmente exausta. Meu peito ardeu ao vê-la. Ela era quase do tamanho de Halle, e imediatamente eu soube que ela era filha de Nate. Vê-los reunidos tornou insuportável minha necessidade de rever minhas filhas.

Um outro homem, uma cabeça mais alto que todos, exceto Bryce, saiu do banco de trás. Ele analisou a casa com olhos suspeitos, me deixando nervosa. Ele era diferente dos demais. Ele se movia de um jeito diferente, e seus olhos absorviam tudo.

— Onde vocês estavam? — perguntou Stanley.

O rosto de Miranda instantaneamente assumiu um ar de irritação.

— Ela fez a gente ficar esperando na esquina, perto da caixa-d'água. Finalmente consegui fazê-la concordar em nos deixar sair de lá quando escurecesse.

Stanley fez um movimento brusco com a cabeça para olhar para Ashley.

— Eu falei que encontraria vocês aqui — censurou ele. — Fazia mais sentido cortar caminho. Por que vocês ficariam esperando na estrada? Está maluca?

Mais lágrimas rolaram pelas bochechas vermelhas de Ashley.

Miranda ergueu uma sobrancelha.

— Foi o que eu disse a ela. A gente podia estar com o papai, e não ouvindo a Zoe surtar por quatro horas!

Nate abraçou a filha com mais força.

O homem sem nome forçou um sorriso. Ele era mais alto que a maioria. Só de vê-lo, eu já apertava o rifle com mais força. Seu peito estava inflado sob a camiseta branca, manchada de sangue. As manchas vermelhas estavam espalhadas pela calça jeans também, variando de pontinhos a manchas largas.

— Vocês acabaram de chegar?

Era óbvio que ele não estava impressionado com o tempo que levaram para chegar.

Stanley assentiu na direção do topo da colina e da montanha de corpos no jardim.

— Não é linha reta, e tivemos companhia. Corremos por colinas e por um riacho. Foi difícil. A gente tentou levar os que nos alcançaram para longe da casa, mas nos deparamos com mais. E o Nathan teve que descansar algumas vezes.

Ah. O nome dele era *Nathan*. Esse nome combinava mais com ele, de qualquer forma.

— De onde vocês estão vindo? — perguntei.

Nathan parou de sussurrar no ouvido da filha.

— De Shallot. Fica a cerca de quinze quilômetros.

Olhei ao redor, peguei a lanterna com Nathan e me apressei até a linha de pesca. Os rastejadores haviam soltado a linha e algumas partes estavam no chão. Puxei a linha de alguns dos tornozelos em decomposição e então a passei de volta nas estacas, puxando-a com firmeza. Pensei em puxar os rastejadores caídos para dentro do terreno e queimá-los, mas já era quase noite. Decidida a deixar isso para o dia seguinte, me juntei aos outros dentro da casa.

Miranda me encontrou na porta.

— Onde está o meu pai?

Olhei de relance para Ashley. As irmãs já tinham passado pelo inferno, e eu odiava piorar as coisas. Apenas balancei de leve a cabeça, incapaz de pronunciar as palavras.

Miranda abaixou o queixo.

— O quê...?

— Quando cheguei aqui, ele estava... A Leah tinha... Eu enterrei os dois. Perto da árvore.

Miranda girou nos calcanhares, saiu em disparada pela sala de estar e pela cozinha e entrou na lavanderia, então empurrou a porta de tela. Caminhei até a janela e espiei por entre a madeira. Ela caiu de joelhos e cobriu o rosto; Bryce fez menção de tocar o rosto dela, mas então agiu como se não conseguisse decidir onde pousar a mão,

levando-a por fim ao próprio pescoço. Ele andava de um lado para o outro, oferecendo a ela palavras de conforto.

Ashley fungava e chorava baixinho, provavelmente já tendo derramado lágrimas suficientes pelo dia.

— Ela devia voltar aqui pra dentro — sussurrei. — Não é seguro lá fora.

— Obrigado — disse Nathan. Sua voz era suave e tranquilizadora. — Por nos ajudar. Aquilo foi bem impressionante.

— De nada — falei. — Estou contente por todos terem chegado em segurança.

Nathan se afastou, contorcendo a parte de cima do corpo e sussurrando algo no ouvido de sua filha. Seus cabelos desgrenhados contrastavam com o terno cinza e a gravata sem graça. Ele olhou de relance para trás, para mim, e eu desviei o olhar, me dando conta, no mesmo instante que ele, de que eu ainda o estava encarando. Fazia um tempo que eu não sentia outra coisa além de medo. Perto do pesadelo que estávamos vivenciando, vergonha não parecia tão ruim assim.

Olhei outra vez para Nathan de canto de olho, tentando não ser flagrada. Os olhos da garota estavam ficando pesados, e eu me vi curiosa em relação à situação deles. Onde estaria a mãe dela? Será que eles acabaram juntos assim como Andrew acabou ficando com as meninas?

— Ele é legal — sussurrou Stanley. Sua voz estava cansada e triste, mas os cantos de sua boca estavam curvados para cima, mesmo que de leve. — Caso esteja se perguntando.

— Eu não estou — falei, balançando a cabeça e deixando o olhar voltar para o chão.

NATHAN

Quatro horas de preocupação e ter encarado uma situação estranha haviam exaurido Zoe de todas as formas possíveis, e, enquanto eu observava a mulher com ardentes cabelos vermelhos e incríveis olhos azuis dar a Miranda e Ashley a notícia de que seu pai estava morto, notei um par de portas-balcão na sala de estar e espiei por ali,

avistando uma cama king size que ocupava a maior parte do ambiente ao redor. Havia pilhas de roupas por toda parte e gavetas da penteadeira abertas. Estranho, porque o restante da casa estava intacto.

Zoe não se encolheu quando puxei as cobertas e deixei que ela afundasse no colchão da cama box. O travesseiro confortável e a alta contagem de fios dos lençóis não combinavam com a casa de campo. Quando pensei na mesinha de centro customizada, feita de tronco, na sala de estar e na TV de tela plana de setenta polegadas, concluí que não era verdade. Havia alguns itens estranhamente caros espalhados pela casa fora de moda. Isso me deixou confuso, assim como a mulher corajosa com o rifle na sala de estar.

Esperei ter certeza de que Zoe estava dormindo profundamente e então voltei para a sala de estar, ouvindo Ashley chorar baixinho no ombro de Cooper. Ela estava perguntando à mulher misteriosa como seu pai havia morrido e sobre uma mulher chamada Leah. As respostas eram vagas, e presumi que propositalmente. Os detalhes de fato não importavam, só que as duas garotas tinham perdido o pai, e tudo que esperavam encontrar aqui se fora com ele.

Cooper abraçava Ashley enquanto ela tremia e se lamentava, esfregando o rosto e se encurvando em frustração enquanto alternava entre a desolação e a raiva. Por fim, ela olhou nos olhos da mulher:

— Por que você está aqui, Scarlet?

Scarlet soltou um suspiro e então coçou a cabeça.

— Me pareceu o lugar mais seguro, e eu sabia que havia uma chance de que minhas filhas viessem pra cá.

Ashley se endireitou enquanto Scarlet sentava no sofá. Ela parecia repentinamente exausta, como se pronunciar aquelas palavras tivesse exaurido sua última reserva de energia.

Ashley fungou e limpou o nariz com a manga da jaqueta.

— Por que elas não estão com você?

Eu me preparei para o que ela poderia dizer.

Scarlet ficou inquieta, claramente tentando não sucumbir. Era óbvio que Ashley a conhecia, mas, pelo que pude captar da curta conversa de antes, a namorada do pai estava enterrada lá fora com ele. A mulher sentada no sofá não parecia da família, então eu me perguntava como é que ela conhecia este lugar, tão afastado de tudo.

— Scarlet? — sondou Ashley. — Onde estão suas filhas?

— Estão vindo.

— Pra cá? — Ashley pareceu surpresa. — Como você sabe?

— Porque deixei uma mensagem pra elas. Na parede da casa do Andrew.

A conversa fazia menos sentido conforme prosseguia, e Ashley também não parecia entender. Agitada, Scarlet se levantou e desapareceu nos fundos da casa. Ashley e Cooper trocaram olhares, e então todos voltamos os olhos para a porta lateral que dava para onde quer que o pai delas estivesse enterrado. Bryce guiava Miranda para dentro da casa, fechando a porta. A metade inferior da porta era de madeira; a superior, de acrílico.

— Precisamos pregar tábuas naquela porta — falei. — Esta noite.

Joey assentiu e levantou do canto. Eu quase tinha esquecido que ele estava ali, de tão quieto que ficara.

— Vou te ajudar.

Bryce sacudiu a cabeça na direção da porta, tomando cuidado para não tirar os braços de Miranda.

— Deve ter restos de madeira no celeiro. Tomem cuidado. Tem um touro lá.

Conforme Joey passou por Miranda, ela o observou, e, pela forma como os olhos dela se voltaram para o chão, presumi que algo não estava certo. Eu tinha sido condicionado pela Aubrey por anos a detectar um problema e abrandá-lo antes que saísse muito de controle. Essas pessoas ainda eram estranhos, e eu tinha verdadeiro temor de que, se as delicadas fibras de nosso grupo se partissem, Joey, minha filha e eu seríamos os primeiros a cair fora. Os outros pareciam se conhecer. Nós éramos os intrusos, e eu precisava garantir meu lugar e o da Zoe aqui.

Com a lanterna que Scarlet me dera, iluminei a escuridão ao redor até ter destacado a lateral do celeiro. Eu já podia ouvir as bufadas e os movimentos do touro. Felizmente, as tábuas estavam em uma parte diferente do celeiro, não na que o animal estava encurralado.

— Vamos pegar isso e voltar lá para dentro — falei. — Não queremos ser pegos de surpresa aqui fora.

Joey assentiu e, com um gemido, ergueu uma pilha de tábuas nos braços. Peguei uma pilha delas também e seguimos o caminho de volta para dentro da casa. Scarlet trouxe uma pequena caixa de ferramentas vermelha e a colocou sobre a secadora.

— Não preguei tábuas aqui porque não sobraram muitos pregos.

— Vamos fazer com que sejam suficientes — falei, puxando o martelo da caixa.

Enquanto eu batia o prego e o observava deslizar com facilidade pela tábua até a madeira do outro lado, pensei em Gary e Eric na igreja em Fairview e me perguntei se eles estariam vivos. E então pensei em Skeeter e Jill e no bebê em gestação deles. Eu

não tinha tido muito tempo para lamentar a morte deles, então liberei a raiva e a dor em cada um dos pregos conforme os enterrava nas tábuas.

O último prego foi usado para prender a segunda tábua na horizontal, no centro do acrílico. Não era o bastante, mas manteria algo do lado de fora por tempo suficiente para esboçarmos reação.

Deixamos a pilha de madeira na lavanderia e voltamos para a sala de estar, onde Miranda e Ashley estavam confortando uma à outra. Scarlet havia voltado a se juntar ao grupo, se sentando no mesmo lugar onde não aguentara ficar fazia menos de meia hora. Eu me perguntava sobre suas filhas e por que não estavam com ela, mas não queria perturbá-la novamente com o assunto. Segui seus olhos até um porta-retratos na parede do outro lado da sala. Havia uma foto amassada de Scarlet, um homem e duas garotas ali dentro.

Para além das paredes da casa de campo, havia apenas a escuridão que um lugar tão afastado das luzes da cidade podia proporcionar. Até mesmo a lua havia se escondido atrás de nuvens espessas. Scarlet se levantou e se ocupou em pendurar lençóis escuros sobre as ripas de madeira, depois trouxe uma caixa de fósforos para acender poucas velas ao redor da sala. Ficamos sentados em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, e então um baixo retumbar ecoou a quilômetros de distância.

— Trovão — disse Ashley, olhando ao redor.

— Notei algumas nuvens bem escuras lá — disse Scarlet, apontando com o polegar para a direita. — O vento está soprando a oeste.

— Dessa vez não seremos poupados — disse Joey.

Scarlet olhou de relance para o soldado, e uma luz de reconhecimento iluminou seus olhos. O olhar de Joey encontrou o dela, parecendo esperar que ela dissesse alguma coisa. Scarlet foi a primeira a desviar os olhos. A esquisitice geral estava me incomodando pra caramba.

— Então vocês são parentes? — perguntei a Miranda, apontando para Scarlet.

Miranda negou com a cabeça.

— A Scarlet trabalha com meu pai... *trabalhava* com meu pai.

Scarlet assentiu e sorriu.

— Sou técnica em raio x. O pai da Miranda é o dr. Hayes.

— *Era* o Dr. Hayes — corrigiu a garota, com o olhar fixo na chama bruxuleante da vela na mesinha de centro.

— Para com isso — sibilou Ashley.

— Eu era tão malvada com ele — disse Miranda, segurando a mão que tremia junto à boca. — Eu nunca vou poder dizer a ele que sinto muito. Nunca mais vou

falar com ele.

Bryce a apertou junto à lateral do corpo. Seus olhos também estavam molhados, parecia que os meninos também eram próximos do médico.

— Ele sabia que vocês estavam passando por um momento difícil com o divórcio. Ele sabia que você o amava.

— Sabia?

Ashley perdeu a batalha de refrear um soluço. Ela se ajoelhou diante de Miranda e descansou a cabeça nos joelhos da irmã.

Scarlet assentiu.

— Ele sabia, Miranda. Juro que sim.

Miranda e Ashley choraram juntas mais uma vez, com Bryce e Cooper ao lado.

— Todos que trabalhavam com o dr. Hayes sabiam onde ele morava? — perguntei. Quanto mais eles falavam, mais confuso eu ficava.

Scarlet pareceu se divertir com minha pergunta intrometida.

— Eu fazia faxina para ele quando era estudante. — Os olhos dela estavam molhados. — Ele era muito bom para mim. Os dois eram.

— Os dois?

— Wes e Leah — falou Scarlet.

Ashley se apoiou em Cooper, carinhosamente pensando nos dois.

— A Leah era a namorada do meu pai. Ela era muito doce.

— Era mesmo — Cooper assentiu.

Ashley balançou a cabeça lentamente.

— Não consigo acreditar que ela morreu. Que eles morreram. — Ela olhou para a irmã. — Odeio isso. Queria acordar e descobrir que isso tudo não passou de um pesadelo. — Ela começou a se embalar para frente e para trás, lutando com a nova realidade com a qual todos nos deparávamos. — Não quero isso.

— Nenhum de nós quer — Miranda repreendeu. Ela suspirou, se dando conta de que tinha sido dura demais. — Tivemos um dia longo. O Bryce e eu vamos ficar no meu quarto; Ashley e Coop têm o quarto deles. Scarlet, imagino que esteja dormindo no do papai, não?

Scarlet assentiu.

— Sim, mas a menina está lá. Vou ficar no sofá.

— Tem certeza? — falei.

Ela abriu um leve sorriso e então olhou para Joey.

— Lá embaixo tem um sofá, no porão, mas pode ser que não seja grande o bastante para você. Podemos trocar de lugar, se quiser.

Joey balançou a cabeça.

— O porão está bom para mim. Improviso uma cama por lá, se preciso.

— Vou te mostrar o armário de roupas de cama — disse Scarlet, ficando de pé. Isso fez com que todos se prontificassem a levantar também, e ela riu uma vez, sem humor. — Estou contente que tenham sobrevivido — disse, com a voz se partindo. — Eu estava com medo de ser a única.

Scarlet obviamente podia tomar conta de si e não era nem minimamente frágil, mas algo no jeito como sua voz se partiu me fez querer abraçá-la. Joey e ela saíram, e a distância diminuiu minha urgência de confortá-la. Balancei a cabeça e, em silêncio, dei uma bronca em mim mesmo. Eu tinha acabado de conhecê-la, e provavelmente ela não precisava que ninguém a fizesse se sentir melhor — não que houvesse alguma maneira de se sentir melhor quando se está separado dos filhos em dias como esses.

Entrei no quarto do médico e fechei a porta-balcão atrás de mim, deslizando silenciosamente para debaixo das cobertas ao lado de Zoe. Enquanto eu refletia sobre os horrores dos últimos dias, a calidez me invadiu; saber que este era o lugar mais seguro para criar minha garotinha me confortou. Pelo menos até alguém descobrir a cura para a doença que tirara tanto de todos sob aquele teto. Saber que não estávamos sozinhos e que ainda estávamos esperando por outros era o mais reconfortante. Essa era uma esperança à qual eu ajudaria Scarlet a se agarrar.

19

MIRANDA

Na última semana, eu tinha imaginado tantas vezes como seria finalmente deitar na minha cama, sentir a segurança das paredes da casa do meu pai, mas, até debaixo de um edredom familiar, descansando a cabeça em um travesseiro que eu mesma escolhera, eu não me sentia em casa. Eu me sentia enjoada, deslocada e com medo.

Bryce estava deitado atrás de mim, seu corpo contornando o meu. Meu corpo quase formava uma bola, mas Bryce se certificou de me envolver com seu calor e amor, como se isso fosse manter a realidade afastada.

— Não consigo lembrar da última coisa que eu disse a ele, mas não acho que tenha sido legal — sussurrei.

— Ele estava animado porque vocês estavam vindo pra cá. Se você não foi legal, ele obviamente não percebeu.

— Eu queria abraçá-lo — funguei, virando a cabeça para que a manga do meu casaco pudesse reter mais lágrimas. — Chegar até aqui e estar a salvo significaria ter meu pai para nos proteger. Eu não sei onde minha mãe está, e meu pai está morto. A Leah está morta. Eu não tenho ninguém.

Bryce apoiou a cabeça na mão.

— Você tem a Ashley e a mim.

Essas palavras deveriam ter me dado mais conforto do que deram. Fiquei ali deitada até que a chuva começou a tamborilar no telhado e a respiração de Bryce se tornou profunda e ritmada. Um relâmpago lançou rápidos lampejos e sombras na

parede, inclusive minha própria sombra, conforme eu saía de fininho pela porta e voltava para a sala de estar.

Scarlet estava adormecida no sofá com um rifle aninhado nos braços, como se fosse uma criança. Ela sempre fora legal conosco, e suas filhas eram fofas. Uma vez, quando nosso pai nos fez ajudar a queimar arbustos, Jenna e Halle também ajudaram, e nos divertiram tanto que, quando terminamos, mal parecia que havíamos começado.

Caminhei sorrateiramente até a porta da frente e girei a maçaneta.

— Eu não faria isso — sussurrou Scarlet no escuro.

Dei um pulo, e então, quando meus nervos desistiram de sair pela pele, sentei na cadeira de balanço adjacente ao sofá em que ela estava descansando.

— Aquilo foi inteligente. As latas, quero dizer. Eu nunca teria pensado numa coisa dessas.

Ela não levantou a cabeça, e, se não tivesse falado comigo um instante antes, eu teria pensado que ainda estava dormindo. Um raio iluminou a sala por um segundo, e avistei uma lágrima lhe escorrendo do nariz.

— Provavelmente elas também estão preocupadas com você — falei. Tentar confortar outra pessoa me fazia sentir melhor; mantinha minha mente afastada do fato de que provavelmente eu era órfã.

— Fico preocupada que elas estejam lá fora com esse tempo — disse Scarlet, se sentando. — Me preocupo com a possibilidade de Andrew estar ferido ou morto e elas estarem sozinhas.

— Sua preocupação não vai ajudá-las.

— Eu sei — ela sussurrou. — Você não devia ir lá fora. Fiquei olhando pela janela. Às vezes capto um vislumbre dos rastejadores nas plantações. Eles não são tão rápidos nem tão espertos. Quando estamos com a guarda baixa é que pegam a gente. Isso ou quando vamos parar no meio de um grande grupo deles, como na rodovia.

— Perto de Shallot?

Scarlet assentiu.

— A gente estava lá. Em Shallot. Estavam todos na rodovia, mas agora estão na cidade.

— Tem certeza?

— Alguém bateu o carro no posto de gasolina. Explodiu. Todos foram atraídos de volta pra lá.

Scarlet juntou as sobrancelhas e fechou os olhos.

— Foi um Tahoe branco?

— Hein?

— O carro que bateu no posto. Era um Tahoe branco?

— Não. É esse o carro do seu ex? — Scarlet abriu os olhos e soltou um suspiro. — Então elas estão com ele.

Depois de uma curta pausa, Scarlet descansou os cotovelos nos joelhos.

— Espero que sim. O Andrew pegou as meninas na escola. Quando saí do trabalho e tudo tinha virado uma merda, eles estavam em Anderson.

Eu esperei, observando seus olhos buscarem algo na escuridão.

— Tentei chegar até eles — disse Scarlet. Sua respiração ficou difícil. — Entrei escondida na cidade. Eles não estavam em casa. A cidade estava infestada. Eu não sabia o que fazer. — Sua voz sumiu, e ela cobriu a boca com a mão trêmula. — Então deixei uma mensagem para virem até aqui. Não sei se foi a decisão certa... ir embora. Será que eu os abandonei?

— Eu te vi — falei. A cabeça de Scarlet fez um movimento brusco para alcançar meus olhos. — Naquele jipe. Vi você indo para Fairview na rodovia. Você conseguiu passar por eles?

— Passar por quem? — perguntou ela.

— Pelos caras armados. Na ponte.

— Sim — ela sussurrou, olhando para baixo. — Eu consegui passar por eles.

— Você teve sorte — falei. — Ficamos presos debaixo do viaduto. Eles atiraram em todo mundo.

Scarlet abriu um leve e cansado sorriso.

— Acho que você também teve sorte.

— Quem atirou em vocês? — disse uma voz rouca.

Eu virei e me deparei com Joey de pé na cozinha escura.

— Meu Deus, você quase me matou de susto! — disse Scarlet, soltando o ar rapidamente.

— Homens, garotos, na verdade, na ponte de Anderson. Eles estavam armados, atirando em qualquer um que tentasse entrar na cidade — falei, observando Joey sentar no carpete ao meu lado.

— Que bom que ficamos sem gasolina. Nós estávamos indo para Anderson. O pai da Dana morava lá.

— Mundo pequeno — disse Scarlet, cujo sorriso estava se esvaindo.

Joey suspirou.

— Ainda menor agora.

Ficamos ali em silêncio por um tempo, ouvindo os estrondos da trovoada e vendo os raios cruzarem o céu, que se abriu e despejou água, ensopando a casa de campo até

a chuva se mover lentamente na direção de Shallot e depois Fairview. Pensei nos mortos, se eles ao menos notaram a tempestade, e em uma das crianças em Shallot com aqueles olhos esbranquiçados, que poucos dias atrás teria ficado apavorada com raios e trovoada. Agora eles estavam caminhando lentamente lá fora, impassíveis à chuva, ao vento e aos monstros caminhando ao seu lado.

— Dana gostava de tempestades — disse Joey. — Ela ia querer ir lá para fora dançar na chuva.

— Dana é sua esposa? — Scarlet quis saber.

— Ela ia ser.

— Você a perdeu — disse ela, mais uma declaração que uma pergunta.

— Duas vezes.

As sobrancelhas de Scarlet se uniram. Pensei em explicar, mas a história não era minha para contar.

— Você viu meu pai? — perguntei.

— No trabalho — disse ela. — Ele estava muito animado com a vinda de vocês para o fim de semana. Só falava nisso.

Lágrimas fizeram meus olhos arderem de novo.

Scarlet continuou:

— Estávamos ocupados, então não nos falamos muito. Bem naquela manhã... — Scarlet parecia ter se perdido em um pensamento, então ergueu o olhar e disse: — Joey?

— Oi.

— Você disse que o nome da sua namorada era Dana? — Joey assentiu e Scarlet balançou a cabeça. — Ela estava no hospital na sexta-feira?

Ele confirmou.

— Eu a conheci! — disse Scarlet. Ela sorriu e pôs a mão no peito. — Eu fiz o exame dela! Ela conheceu o pai da Miranda!

O sorriso de Scarlet parecia tão deslocado para a conversa, mas eu estava esperando a reação de Joey. A princípio, ele apenas a encarou, inexpressivo, e depois um leve sorriso curvou os cantos de sua boca.

— Ela era linda.

Scarlet assentiu enfaticamente.

— Ah, meu Deus, era mesmo. E louca por você também. Você estar lá era tão reconfortante pra ela.

Joey assentiu. Até mesmo sob a luz difusa, eu podia ver seus olhos cheios de lágrimas.

Scarlet bocejou.

— Uau. Que loucura o jeito como todos acabamos vindo parar aqui — disse ela, deitando no sofá e usando o braço curvado como travesseiro.

Joey e eu ficamos de pé; era a nossa deixa. Ele deu alguns passos na direção da lavanderia, então parou e virou.

— Eu não durmo muito. Você pode ficar lá embaixo comigo, se quiser.

Eu sabia que não devia ir. Olhei para Scarlet em busca de julgamento ou orientação, mas seus olhos já estavam quase fechados.

— Tá bom — falei, acompanhando-o até o porão. Eu havia subido e descido aquelas escadas tantas vezes desde que meu pai comprara o rancho, mas era diferente dessa vez. Meu sangue subiu até as bochechas e elas ardiam, mais quentes a cada passo que eu dava. Quando entramos no vasto espaço do porão, Joey ergueu os braços.

— Seja bem-vinda ao meu espaço.

Sorri.

— Tecnicamente, o espaço é meu.

Ele sentou no chão, e eu no sofá de dois lugares. Olhei rapidamente para cada um dos lados, me divertindo com o fato de Scarlet ter imaginado que ele caberia no sofá. Suas pernas, a partir das coxas, teriam ficado penduradas para fora.

Passamos horas conversando sobre quanto tempo fazia que meu pai era dono do rancho, como Ashley e eu havíamos passado nossos verões ali e os apuros idiotas em que nos metíamos, como na vez em que ela perdeu o sapato na lama porque saímos de fininho no meio da noite para encontrar Bryce e os amigos dele e ir até o Diversion Dam comprar cerveja para a festa de Matt Painter.

Era bom dar risada e lembrar coisas que não significavam nada na época. Quaisquer lembranças boas eram tudo que tínhamos agora. Os olhos de Joey começaram a ficar vermelhos e baixos, e eu mesma finalmente estava sentindo os efeitos da exaustão, então me levantei e segui até a escada. Algo me deteve, e eu me virei.

— Joey?

— Sim?

— Por que você ficou tão feliz ao saber que foi a Scarlet quem fez o exame na Dana? Ela não estava muito doente?

Ele assentiu.

— Sim, mas... Não sei. Conversar com outra pessoa que conheceu a Dana a torna real, sabe? É fácil esquecer que a nossa vida de antes não era um sonho. Isso aqui não

é a realidade, como a gente devia viver, nem quem somos. As pessoas que éramos sete dias atrás... Aquilo é o que somos, e o fato de a Scarlet se lembrar da Dana viva torna isso verdade.

Balancei a cabeça. Eu ainda não entendia.

Joey deu de ombros.

— É bom saber que ela vive na memória de outra pessoa também.

Eu lhe ofereci um leve sorriso e enfiei as mãos dentro dos bolsos do casaco.

— Boa noite.

NATHAN

Meus olhos abriram e eu levei um momento para lembrar onde estava e por quê. No mesmo instante lembrei que Zoe devia estar dormindo ao meu lado e me dei conta de que a cama estava vazia. Apavorado, me arrastei por cima da cama e saí dali apressado, passando pela porta e entrando na sala de estar. Zoe estava sentada à cabeceira da mesa de jantar, ruidosamente mastigando seu cereal e tagarelando sem parar com Scarlet.

A mulher estava na cadeira ao lado de Zoe, com o queixo apoiado na mão, ouvindo atentamente cada palavra que minha filha dizia. Zoe e Scarlet refletiam a felicidade uma da outra naquele instante, e eu fiquei meio emocionado ao vê-las. O sorriso de Zoe estava de volta, e os cabelos vermelhos flamejantes de Scarlet reluziam o sol da manhã que penetrava pelas fendas da madeira na janela. Eu não sabia se já tinha visto algo mais bonito.

Assim que Scarlet me viu de relance, ela se afastou da mesa e saiu. Zoe deu mais uma colherada e eu pisquei para ela antes de me juntar a Scarlet na varanda. Ela olhava fixamente para a estrada de terra, pensando nas filhas, imaginei.

— Minha filha Halle não é muito mais velha que a Zoe — falou, cobrindo a boca com alguns dedos. O esmalte cor de rosa estava quase completamente descascado, mas seus dedos ainda eram elegantes.

— Quantos anos tem a outra? Você tem duas, certo? — Scarlet lançou um olhar curioso na minha direção. — A foto na parede.

— Só as duas — disse ela, com um sorriso cauteloso. — A Jenna tem treze. — Dei risada e Scarlet assentiu. — Caramba, tudo isso já.

— Não consigo imaginar.

— Você vai ver — ela falou. Seu sorriso se esvaiu. — Elas deviam me encontrar aqui se algo acontecesse. Elas estavam com o pai quando... Não consegui chegar até eles.

— Eles sabem o caminho?

Ela assentiu.

— A Halle fez uma canção. Ela cria canções para tudo. Isso costumava me deixar maluca. Eu tento lembrar algumas, mas não consigo — ela sussurrou essa última parte. — Era irritante ter todos os trabalhos de artes da Halle espalhados pelo carro. Eu lembro de encher o saco dela por causa disso. Meu Deus, como eu gostaria de ter apenas um agora. Aquela foto é tudo que tenho delas.

Seus olhos azuis brilhavam, e lutei contra a urgência de envolvê-la em meus braços. Antes que esse pensamento se completasse, seus cabelos vermelhos macios estavam sob meu queixo, e suas mãos, entrelaçadas na parte inferior das minhas costas. Levei um instante para me dar conta do que estava acontecendo, mas então descansei a bochecha em seus cabelos e a apertei com força. Ela chorava baixinho em meus braços, e pacientemente a esperei parar de tremer.

Ela se soltou e limpou os olhos.

— Desculpa. Isso deve ter sido bem esquisito.

— Nada mais é esquisito — falei, com um meio sorriso.

Ela riu, talvez pela primeira vez desde que isso tudo começara. Sua risada soava como música e luz do sol.

— Isso é verdade.

Os olhos dela vagaram outra vez para o cume da colina, e nós ficamos ali em silêncio por um tempo, até Zoe me chamar. Deixei Scarlet sozinha para falar com a minha filha. Depois de uma hora, Zoe puxou minha calça.

— Ela vai ficar lá fora o dia todo?

— Eu não sei — falei.

Scarlet não havia se mexido. Ela observava a estrada como se esperasse suas filhas aparecerem na colina a qualquer momento.

Minutos depois, Scarlet se desligou dali e voltou para dentro, imediatamente verificando os pregos nas ripas e encontrando coisas para organizar ou limpar.

Miranda e Bryce saíram do quarto. Os olhos de Miranda estavam inchados. Parecia que ela estivera chorando outra vez. Bryce estava segurando sua mão e a apertou de leve antes de soltá-la para preparar o café da manhã para os dois.

— Devemos ser cautelosos com o que consumimos — disse Joey. — Em algum momento teremos de voltar a Shallot para pegar suprimentos.

— Não por um tempo — disse Bryce, abrindo o armário lotado. — Tem uma despensa também. Das grandes.

— E quanto à água? — Joey quis saber.

— Poço — disse Ashley, acompanhando Cooper pela sala.

Eles eram mais carinhosos um com o outro do que Bryce e Miranda. Esticavam as mãos para se tocar de tempos em tempos, como um golfinho subindo à superfície para respirar.

— Que poço? — perguntou Joey.

Ashley sorriu.

— Poço artesiano.

— É elétrico? — ele quis saber.

— A bomba é — disse Scarlet. — Por quê?

— Por quanto tempo teremos eletricidade e o que faremos para pegar água quando não tivermos mais? — disse Joey, sem rodeios.

Todo mundo se entreolhou. Eu me sentia do mesmo jeito. Não tinha me passado pela cabeça que seria apenas questão de tempo até que não tivéssemos mais energia elétrica.

Ashley olhou para Joey.

— Quanto tempo você acha que temos?

— Depende se os operadores e provedores de serviços foram avisados com antecedência para tomar medidas para manter as coisas funcionando por um tempo — falei. — Tenho quase certeza de que essa área é abastecida por uma hidrelétrica, caso contrário já estaríamos sem energia.

— Como é que você sabe tudo isso? — Miranda quis saber.

— É o que eu faço — falei. — Ou fazia. Se os operadores tiveram tempo de isolar porções fundamentais da rede elétrica para reduzir conexões e cortar a energia de áreas propensas a drenagens, a hidrelétrica pode facilmente funcionar por semanas ou meses. Em teoria, eles têm combustível ilimitado, presumindo chuvas normais. Basicamente estaríamos esperando um componente essencial falhar ou se esgotar.

— Então devíamos nos preparar — disse Joey. — Temos comida e armas, mas isso não significa nada se não tivermos água.

— Será que devíamos procurar recipientes e começar a enchê-los? — perguntou Cooper.

Joey assentiu.

— Isso vai funcionar por um tempo, mas em algum momento vamos precisar de algo mais a longo prazo. Precisamos de algum tipo de sistema de filtragem de água.

Ashley se sentou à mesa.

— Quanto tempo mais isso vai durar? Não é permanente... é? Eles vão consertar.

— Eles quem? — disse Joey.

— O governo — respondeu Cooper.

Joey balançou a cabeça.

— Não devíamos presumir que essa situação seja temporária. Devíamos tomar medidas agora para...

— Eu só queria saber quem foi que morreu e deixou você no comando da porra do show — disse Bryce, cortando o que Joey estava dizendo.

— Bryce... — disse Miranda.

— Tudo bem — falei, erguendo as mãos. — Estamos todos cansados e estressados. Tenho certeza que, com a tempestade da noite passada, nem todos conseguimos descansar o bastante. Bryce, você tem razão em um ponto. Precisamos trabalhar juntos e elaborar um plano. Joey, parece que você sabe do que está falando. Você teve treinamento?

— Ele acabou de voltar do Afeganistão — disse Miranda. A informação fornecida por ela só deixou Bryce ainda mais agitado.

— Tá certo, então — falei, tentando evitar uma cena. — Joey, por que você não dá uma olhada por aí e vê se tem alguma ideia? Vamos precisar fazer um tipo de cisterna para armazenar água e ir até a cidade buscar um filtro de água manual, filtros sobressalentes e pastilhas de purificação, se conseguirmos encontrar.

— Isso é pedir demais — falou Miranda. — Vocês encontrariam tudo isso em uma grande loja de coisas para acampamento. A mais próxima que consigo pensar fica a mais de duas horas daqui.

— Eu costumava assistir àqueles programas de sobrevivência na TV — disse Scarlet. — Uma vez mostraram água sendo despejada através da areia e com tecido no fundo. Areia é um ótimo sistema de filtragem. Tem carvão lá atrás. Só precisamos de um jarro grande ou um barril, cascalho, areia e carvão e colocar um pano na boca. Aí viramos de cabeça para baixo e *voilà*! Filtro de água... Quer dizer, teoricamente.

— É uma teoria muito boa — falei, com um leve sorriso.

Ela sorriu em resposta.

— Ainda assim é uma teoria — resmungou Bryce.

Joey olhou de relance para ele, remexendo o maxilar, depois assentiu, saindo pela porta lateral.

Miranda olhou furiosa para Bryce e então continuou preparando seu cereal.

Ele esticou as mãos.

— O que foi?

Notei que Scarlet havia se dirigido silenciosamente até a varanda, para o mesmo lugar onde ficara mais cedo, o olhar fixo na estrada. Ela vestia uma camiseta masculina que a engolia e uma calça hospitalar azul-marinho.

— Agora eu sei por que o quarto está uma bagunça — brinquei. — Você assaltou o guarda-roupa do doutor.

Scarlet baixou o olhar para sua aparência aleatória e distraidamente puxou um cacho para trás da orelha, então alisou o resto.

— Só a camiseta — disse ela. — Na verdade, eu não revirei o quarto dele. Já estava assim. Eu ia limpá-lo... precisava fazer isso depois de ter cuidado de todo o resto e não ter mais o que fazer. Mas decidi que era o quarto dele, e por algum motivo eu precisava deixá-lo do jeito que estava. Talvez para as meninas.

— As filhas dele?

Ela assentiu, mas logo suas sobrancelhas se juntaram, e tarde demais me dei conta de que minha pergunta aleatória a fizera se lembrar de quem ela mesma estava esperando.

— Não consigo imaginar ficar esperando pela Zoe, me perguntando se ela está bem ou se realmente vai vir.

Scarlet soltou uma risada.

— Você não está ajudando.

— Mas você tem que acreditar que elas estão a caminho.

Ela fechou os olhos e uma lágrima lhe escorreu sob uma das pálpebras.

— Eu creio nisso. — Ela olhou para mim. — Acredite, creio mesmo. O Andrew foi um péssimo marido e, para falar a verdade, não era lá um grande pai, mas o que lhe faltava em compaixão e paciência, ele mais do que compensava em eficiência e bom senso. Ele é esperto. Perceptivo, sabe? E consegue se adaptar facilmente a mudanças. Se tem alguém capaz de fazer minhas filhas virem para cá, para mim, é ele.

— Tenho certeza disso.

Ela olhou para os pés por um instante, lutando contra um sorriso esperançoso, e então voltou a encarar a estrada. Ficamos ali em silêncio, observando juntos a estrada,

até que Zoe me chamou. Ela estava brincando com cavalinhos de plástico, e Cooper estava de pé ao lado dela, com um sorriso orgulhoso.

— Eram da Ashley.

Eu assenti.

— É muita gentileza da sua parte.

— Ela lembra muito minha irmã caçula. — Cooper ergueu o olhar para mim. — A Ashley estava estudando para dar aulas no ensino infantil. Aposto que ela poderia trabalhar um pouco com a Zoe todos os dias.

Ashley passou por ali, a caminho de algum lugar, e estendeu a mão na direção de Cooper. Sem olhar, ele esticou a mão para trás, e as pontas de seus dedos roçaram os dela conforme ela passava. Eu não tinha certeza de como ele sabia que ela estava vindo.

— Posso mesmo — disse ela, enquanto passava pela sala de jantar e seguia rumo ao corredor dos fundos. Seu quarto ficava em algum lugar lá atrás, então presumi que era para lá que estava indo.

— Isso vai ser tão bom pra ela. Você não tem ideia. Não tenho nem como agradecer. — Eu disse essas palavras a Cooper, embora fossem direcionadas a Ashley. Falar com um era como falar com ambos.

Era estranho observar os dois interagindo, orbitando um ao redor do outro, como um casal de idade juntos havia cinquenta anos ou mais. Se reencarnação existisse, esses dois jovens deviam ter encontrado o caminho um para o outro repetidas vezes.

Depois de uma hora, Scarlet voltou para dentro. Ela abriu um sorriso para Zoe.

— Você tem cavalos? — perguntou.

Zoe ergueu um cavalo minúsculo em cada uma das mãos.

— Só esses.

Scarlet assentiu, com a expressão ausente de complacência.

— Definitivamente, é melhor que o touro lá fora.

— O Butch? — disse Cooper. — Ele não é malvado. Só tá cansado de ficar confinado naquele curral. Você o tem alimentado, não tem?

— Tem feno lá — disse Scarlet — e água. Mas estou preocupada que ele possa atrair os rastejadores.

— Atrair o quê? — Cooper riu.

Scarlet olhou de relance para mim e depois voltou os olhos para Cooper, claramente surpresa com a pergunta.

— Rastejadores. Eu não consigo chamá-los de *zumbis* — disse ela, revirando os olhos ao dizer a palavra. — Zumbis são de Hollywood. Não são reais. Aquelas coisas

precisam de um nome de verdade.

— É, mas rastejadores? — Cooper fez uma careta.

— Eles rastejam! — respondeu Scarlet, meio que na defensiva.

A conversa atraíra a atenção do restante do grupo, e todos estavam se reunindo na sala de estar.

— Tenho me referido a eles como doentes ou infectados — falei.

— Aquelas coisas — disse Ashley. Todos ergueram o pescoço na direção dela. Ela deu de ombros. — É assim que me refiro a eles: *aquelas coisas*.

Miranda cruzou os braços.

— Eu também não consigo chamá-los de zumbis. Chamo de mortos.

— Mordedores — disse Joey.

— Eu gosto de mordedores — Miranda assentiu.

— Bom, eu gosto de rastejadores. Eles rastejam — falou Scarlet.

Joey deu uma risada, sem humor.

— Eles mordem também.

Scarlet franziu o cenho, mas todos pareciam se divertir com a conversa.

— Eu acho que a gente pode chamar eles de vacas — disse Zoe, ainda brincando com os cavalinhos. — O som que eles fazem é como o das vacas.

Eu ri.

— Eles gemem.

— Humm... — disse Zoe, pensativa. — Que tal torto? Rima com morto. "Ah, não! Olha lá um torto! Se escondam! Corre, Cooper! Atira no torto, Scarlet!" — Ela fez todos os tipos de careta enquanto interpretava os diferentes cenários nos quais poderia gritar *torto*. Todos estavam sorrindo, menos Scarlet.

— Por que eu? Por que eu tenho que atirar no torto? — ela quis saber.

— Porque você é a melhor atiradora — disse Zoe.

— Eu gosto de você — disse Scarlet, sorrindo apenas com os olhos.

— Eu também gosto de você — respondeu minha filha.

Scarlet ergueu os braços e os deixou pender sobre as coxas.

— Tudo bem, estou convencida a chamá-los de tortos. Alguém discorda?

Todos negaram com a cabeça.

— Boa escolha, Zoe — disse Cooper.

O sorriso de Zoe era mais largo do que eu vira em anos, e naquele instante foi fácil acreditar que ia ficar tudo bem.

20

NATHAN

Zoe passava um bom tempo na varanda, antes e depois dos estudos com Ashley. Scarlet podia tê-la inspirado, eu não tinha certeza. Quando perguntavam o que ela estava fazendo, ela mal explicava.

— Esperando — dizia.

Zoe se alternava entre examinar os dedos conforme os descansava no colo e estreitar os olhos para ver além da colina.

Aprendi a não perguntar o que ela estava esperando. Ela não diria. Temi que estivesse sentindo falta da mãe, mas, se sua espera não fosse por Aubrey, eu não queria chateá-la com a lembrança da falta da mãe. Eu estava preocupado com o fato de que estar em segurança não fosse o suficiente para minha filha. No entanto, ela parecia feliz e não tivera nenhum episódio em mais de uma semana, então talvez eu estivesse tão acostumado a me preocupar com ela que estava pensando demais nas coisas.

— Zoe? — falei, me juntando a ela na varanda.

Ela estivera esperando em silêncio por quase meia hora, e Ashley a aguardava na mesa.

— A Ashley fez alguns cartões de multiplicação para você tentar usar.

— Eu não gosto de matemática — ela respondeu.

Sorri.

— Eu também não gosto de matemática, mas às vezes temos que fazer coisas que não são divertidas.

Sua expressão era pensativa.

— Temos que fazer muitas dessas coisas.

— Em alguns dias mais do que em outros. Está pronta?

Zoe balançou a cabeça. Isso me pegou desprevenido. Ela nunca me dissera um não direto antes. Eu não sabia como reagir.

— Por que não?

Ela apontou para a estrada. Eu me virei, vendo um homem e uma menina passarem pela colina. A princípio fiquei alarmado, mas depois me dei conta de que não estavam doentes.

— Aquela é a família da Scarlet? — perguntou Zoe.

— Não. Quer dizer, não parece que sejam eles.

O homem era bem alto e magro, com a careca visível e vulnerável ao sol da manhã. Seus braços eram estranhamente longos e, quanto mais se aproximavam, mais longos pareciam.

— Scarlet! — chamei, desejando me estapear no segundo em que gritei seu nome. Exatamente como eu temia, ela se apressou porta afora, arfando com toda esperança e expectativa.

— São eles? — ela quis saber, no momento exato em que eles se apressaram até a casa de campo.

— Ah, meu Deus, não, me desculpa — falei, me sentindo um perfeito idiota.

Scarlet manteve os olhos na dupla, engolindo em seco e alto, enquanto se aproximavam de nós. Seu corpo todo ficou tenso e se inclinou de tal forma que parecia que seu coração estava se partindo do lado de fora do corpo.

Segurei a mão dela, sem saber o que mais fazer.

— Oi — disse o homem, segurando levemente a mão da garota.

Sua cabeça, lábios e nariz estavam bem queimados do sol, os olhos estavam fundos, e as maçãs do rosto tinham começado a ficar protuberantes. A garota não parecia tão afetada pelo tempo ou pela fome como ele, mas não ergueu os olhos do chão. Mesmo estando ligada ao homem pela mão, ela não ficava perto dele.

— Meu nome é Kevin. Essa é minha filha, Elleny — disse ele, arfando pelos lábios sorridentes.

— Oi, Elleny — disse Scarlet, a suave voz de mãe lhe saindo automática e naturalmente.

Como a garota não respondeu, Kevin deu de ombros.

— Ela passou por muita coisa.

Scarlet inclinou a cabeça.

— Quantos anos você tem, Elleny?

— Ela tem catorze — respondeu Kevin. — O lugar aqui é seu?

Scarlet olhou para Kevin e então para mim. Ele era meio esquisito, mas Scarlet e eu sabíamos que não viraríamos as costas para uma criança.

— Praticamente. Tem água e comida lá dentro — disse ela, gesticulando em direção à porta. — Mas você vai ter que deixar a arma do lado de fora. — Scarlet baixou o olhar para o atiçador de fogo que ele carregava na mão direita.

Kevin não perdeu tempo, colocando o atiçador no chão e puxando Elleny consigo.

Scarlet lhes mostrou a cozinha enquanto eu punha Zoe à mesa com Ashley.

— Quem são? — sussurrou Ashley.

— Sobreviventes — falei. — Pai e filha.

Ashley fez uma careta. Eu sabia o que ela estava pensando. Kevin parecia um esqueleto, e Elleny era quase rechonchuda, a gordura infantil ainda lhe preenchendo as bochechas o bastante para fazer com que ela parecesse ter menos de catorze anos. Os olhos verdes e os cabelos castanhos eram o oposto dos azuis cor de gelo de Kevin. As feições arredondadas da garota destoavam do rosto ossudo e do nariz pontudo do homem.

— A Zoe também não parece comigo.

— Parece, sim — disse Ashley, sorrindo para minha filha, que sorriu em resposta.

Ashley e Zoe se concentraram na tabuada e leram por cerca de meia hora, depois ficaram montando um velho quebra-cabeça de Ashley, juntando todos os cinquenta estados norte-americanos. Assim que terminaram, Zoe seguiu para a varanda outra vez.

— Então, o que acha? — falei para Scarlet. Ela estava limpando a geladeira, descartando sobras de alimentos.

— O que eu acho é que isso aqui é um baita desperdício.

— Em relação ao Kevin.

— Eu disse que eles podem dormir na cama do doutor até resolvermos as coisas. Ele não disse se eles vão ficar ou seguir em frente. Imaginei que você e a Zoe poderiam dormir lá embaixo por enquanto. Eu não quero mesmo esses dois lá embaixo, com todas aquelas armas e suprimentos por lá. Ah, a menos que você ache que isso vai incomodar a Zoe.

— Não, não. Vou explicar a situação a ela. Ela vai ter bastante tempo para se preparar. — Olhei para a sala de estar e vi Elleny sentada sozinha no sofá. Caminhei em direção à varanda para começar o processo de preparar Zoe para a mudança, e vi

Kevin sentado ao lado dela no degrau de cima. Ele estava com um dos braços plantado na varanda, um pouco atrás dela.

— Zoe — falei, abrindo rapidamente a porta. — Preciso que entre um minutinho. Precisamos conversar.

Kevin afastou a mão imediatamente, mas sua expressão era calma e relaxada.

— Você tem uma menina muito fofa.

Assenti, segurando a porta para Zoe passar, e então a conduzi até o quarto de Ashley e bati à porta. A garota abriu e nos deixou entrar, mesmo estando surpresa.

— Zoe — falei, me ajoelhando na frente dela. — Em primeiro lugar, não conhecemos o Kevin ainda, então, até que eu diga algo diferente, o que ele é?

— Um estranho — disse ela, confiante.

— E qual é a regra em relação a estranhos?

— Não falamos com eles.

Assenti.

— Muito bem.

— Eu disse para o Kevin qual era a regra, mas ele disse que era um cara legal e que tinha conhecido você, então ele não era um estranho.

Isso fez meu estômago revirar, embora eu considerasse que Kevin tinha uma filha, de modo que talvez simplesmente soubesse como falar com crianças.

— Ser apresentado a uma pessoa e conhecê-la de verdade são duas coisas diferentes. Até que eu diga que está tudo bem, não quero que você fique sozinha com o Kevin. Combinado?

— Combinado — disse Zoe.

Ashley e Cooper estavam de pé, em um diálogo silencioso. Eles trocavam olhares em determinados pontos de minha conversa com Zoe, sem falar nada, mas com certeza tendo uma conversa.

— Em segundo lugar, preciso dizer que, para dar lugar ao Kevin e à Elleny, nós dois vamos nos mudar lá para baixo.

Zoe fez uma careta, mas eu estava preparado.

— Eu gosto do nosso quarto.

— Eu também. É só por um tempinho. Depois vamos poder ter nosso quarto de volta.

A pele entre as sobrancelhas de Zoe se enrugou.

Ashley se ajoelhou ao nosso lado.

— Zoe, que tal se eu e você levarmos suas coisas lá para baixo e eu te ajudo a decorar o lugar como você quiser?

Zoe pensou no assunto por um instante e então assentiu. Ela ainda não estava contente com a mudança, mas o fato de já estar concordando, e sem briga, era significativo. Eu não podia esconder meu apreço por Ashley, e quando ficamos de pé estiquei uma das mãos e a puxei para junto da lateral do meu corpo, pressionando a bochecha em seus cabelos em um meio abraço.

Ashley levou Zoe para juntar suas coisas, e Cooper e eu seguimos para a sala de estar, onde Kevin e Elleny dividiam um sanduíche.

— Você pode fazer outro sanduíche — falei.

Kevin era tão magro; eu não conseguia imaginar por que ele não faria um sanduíche para cada. Talvez ele achasse que poderia ser abuso de nossa hospitalidade se comessem demais logo de cara.

— Nós dividimos tudo, não é? — ele disse, batendo amorosamente na coxa de Elleny.

Ela não respondeu nem reagiu. Só ficou sentada ao lado dele, mastigando o pedaço que ele acabara de lhe dar. Eu me perguntei se ela teria perdido a mãe ou se outra pessoa fora responsável por ela se calar por completo. Scarlet vinha tentando se comunicar com ela desde que eles chegaram, mas Elleny permanecia em seu próprio mundo, deixando de fora tudo e todos.

Isso eu de alguma forma entendia. O que eu não entendia era Kevin negligenciar o comportamento dela.

Elleny permaneceu calada durante o jantar, embora tivesse comido mais do que antes, tendo um prato para si. Mas ela comia devagar, se certificando de saborear cada garfada. Não discutimos nada do que costumávamos discutir. De alguma forma, todo mundo sabia que devíamos proteger nossa casa, nossos segredos e nossa família de estranhos. Até mesmo de um homem como aquele e sua estranha garotinha.

Kevin foi o primeiro a terminar.

— Cara, tô muito cansado. A que horas vocês dormem por aqui?

— Depende — disse Scarlet. — Você pode ir na frente.

Ele pousou a mão sobre a de Elleny.

— Está pronta para ir para a cama? — Ela deu outra garfada na comida. Ele deu uns tapinhas de leve na mão dela. — Vamos, agora. Acho que você já comeu o suficiente. Está na hora de ir para a cama.

Ela pegou mais arroz.

— Eu ainda estou com muita fome — disse, e sua voz era apenas um fiapo.

Kevin ficou irritado.

— Você não está com tanta fome assim. Eu estou cansado. Vamos para a cama.

Scarlet apoiou os cotovelos na mesa.

— Eu entendo que você não nos conheça, mas Nathan e eu somos pais. Não deixaríamos nada acontecer com a Elleny. Assim que ela tiver terminado, nós a mandamos para o quarto.

A frieza de Kevin o deixou por apenas um instante.

— Eu espero.

Elleny deu outra lenta garfada na comida, e todos tentamos não ceder à estranheza que se seguiu.

Depois de mais dez minutos, Kevin ficou de pé e puxou a garota pelo braço.

— Você terminou. Vamos.

Elleny foi com ele, mas relutantemente.

— Eu... ainda... — ela começou a falar, mas ele fez com que ela se calasse antes de terminar a frase.

Eles desapareceram quarto adentro. Kevin fechou a porta e nós todos nos levantamos para lavar a louça e arrumar as coisas.

— Aquilo foi esquisito — disse Joey, abrindo a torneira.

Todos concordamos e tentamos fazer o possível para agir como de costume, até mesmo com nossos estranhos hóspedes na casa. Scarlet estava esfregando os pratos e panelas como se estivesse tentando se livrar do nervoso. Em certo momento, o prato que ela tinha acabado de limpar caiu e bateu nos outros. Ela pousou as laterais dos punhos no balcão, inspirou e então começou de novo.

— Devagar, pode ser? — disse Joey, enquanto enxaguava e secava a louça. — Não consigo acompanhar seu ritmo.

— Desculpa — disse Scarlet, ainda esfregando a louça com uma fúria suavizada.

— O que houve? — falei, ficando atrás dela. Meu queixo estava logo acima de seu ombro, mas ela não parecia se importar.

— Não sei.

— Sabe, sim.

— Tem alguma coisa errada.

— Concordo.

Segui com a Zoe até o porão e puxei as cobertas enquanto ela tirava a roupa e vestia o pijama. Ela se arrastou na cama, e eu a acomodei ali.

— Canta, papai.

Um canto de minha boca se curvou para cima. Eu não cantava para Zoe desde antes de tudo ter virado um inferno. Um dos motivos era que tínhamos dias cheios, tensos, então ela caía no sono de imediato. Outra razão era que eu não conseguia

manter a afinação nem se minha vida dependesse disso. Eu nunca cantarolava nada específico, apenas deixava minha voz subir e descer, e, de alguma forma, isso era relaxante o suficiente para fazer Zoe cair no sono.

Comecei a cantarolar, e ela fechou os olhos. Não sei por que continuo me referindo a essa época como aquela em que o mundo virou um inferno. Teve seus pontos positivos. Eu passava o dia todo com a minha filha, sem me preocupar com o trabalho ou as contas, e conheci a Scarlet. Embora houvesse coisas assustadoras além do terreno do rancho, podia ter sido muito, muito pior. Em alguns dias, eu achava que tinha sido uma troca justa.

A respiração da Zoe ficou estável, e eu me inclinei para beijar a ponta de seu nariz antes de me dirigir lá para cima. Joey estava lá, sentado na máquina de lavar roupa.

— A Scarlet improvisou uma cama para mim na sala de estar. Eu me sentiria esquisito dormindo lá embaixo com vocês dois.

— Tudo bem — falei, dando-lhe um aperto de mãos. — Desculpa, cara.

— Sem problemas.

Ele saltou da máquina e me acompanhou até a sala de estar. Cobertas e travesseiros se espalhavam pelo chão, e Scarlet estava lá fora, na varanda. Joey se sentou na cadeira reclinável.

Cruzei os braços.

— Quero ir lá fora ficar com ela, mas sinto como se fosse pressioná-la. É meio que o momento dela, não é? — perguntei.

Joey sorriu.

— Acho que ela gosta quando você está lá fora. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais ela continua indo até lá.

— Não — neguei com a cabeça. — Ela vai lá fora porque sabe que um dia desses eles vão vir pela colina.

— Você acha mesmo, cara? Não sei. Já passou um tempinho.

— O Cooper e eu levamos o dia todo para chegar aqui de Shallot, e viemos correndo. O terreno não é plano. Há riachos, rochas, colinas, e construções abandonadas, e equipamentos velhos de fazenda... e zumbis.

— Aff... — provocou Joey, me dispensando com um aceno de mão. — Você age como se fosse difícil.

Scarlet entrou, o rosto lívido e os olhos cheios de lágrimas, mas não parecia triste. Fiquei impressionado com a expressão dela e imediatamente achei que tivesse algo a ver com as meninas. Ela não tinha passado nem uma fração do tempo que costumava passar lá fora.

— O que foi? — sussurrei, dando um passo em sua direção. Eu não queria assustar a dupla no quarto do doutor.

Scarlet remexia nervosamente o maxilar, e uma lágrima lhe escorreu pela bochecha.

— Vou matar aquele filho da puta.

Ela cruzou rapidamente a sala, apanhou o rifle e, antes que eu pudesse impedi-la, entrou com tudo pela porta-balcão. Comecei a gritar para ela parar, mas, ao mesmo tempo em que a vi apontando a arma para a nuca de Kevin, vi que ele estava em uma posição totalmente inapropriada, pairando sem camisa sobre Elleny.

A garota choramingava baixinho. Ainda levei um instante para processar o que estava acontecendo, como se meu cérebro não quisesse acreditar no que meus olhos tinham acabado de ver.

— Levanta! — berrou Scarlet. — Na sala! *Agora!* — Sua voz se partiu quando ela gritou a última parte.

As costas desnudas e ossudas de Kevin eram visíveis sob o lençol enquanto ele estava paralisado sobre a garota.

Joey entrou atrás de mim.

— Que porra é essa?

Permaneci onde estava, enquanto Kevin pulava da cama com as mãos para cima. Ele estava completamente nu. Foi então que meu estômago revirou, ameaçando expelir meu jantar bem ali.

Kevin correu até a sala de estar, e Scarlet seguiu atrás dele, com o rifle apontado para o peito do homem.

— Você é um monstro. Pior do que aquelas coisas lá fora. Cai fora daqui, seu merda, para eu não ter que limpar seu sangue desse carpete — disse Scarlet.

— Ele estava...? — disse Joey, olhando para Kevin e depois para o quarto.

A essa altura, Miranda, Bryce, Cooper e Ashley tinham saído do quarto, chocados com o barulho e a cena na sala de estar.

— Eita! Que diabos está acontecendo? — disse Bryce.

— Você não vai querer saber — falou Joey. — Atira nele, Scarlet.

— Eu vou embora! — disse Kevin, com os braços ainda levantados.

— Ah, pode ter a porra da certeza que vai mesmo.

Kevin olhou de relance para além de Scarlet, para o quarto.

— Mas não vou sem a minha filha.

— Não vai o caralho — disse Joey. — Ela está mais segura com a gente do que com você.

— Pelo menos me deixem pegar minhas roupas! — Kevin choramingou.

— Seu doente filho da puta — soltou Scarlet, sem poder acreditar. Ela inclinou a arma, pressionou a extremidade do cano na barriga de Kevin e o empurrou para trás, porta afora. Ela o observou por um instante e depois entrou no quarto.

— Fica de olho nele — ela disse a Joey.

Joey ficou de guarda na porta.

Scarlet parou na beirada da cama.

— Elleny, aquele homem é seu pai?

A garota, coberta apenas com o lençol que puxara até o pescoço, negou com a cabeça.

Scarlet assentiu.

— Foi o que pensei. Já volto.

— Scarlet — alertei.

Ela me ignorou e seguiu até a porta da frente, parando diante de Joey.

— Ele seguiu na direção sul — falou Joey.

Scarlet empurrou a porta e saiu, e todos nos entreolhamos, sem saber o que fazer.

— Será que eu devia... ir atrás dela? — perguntei, olhando para Bryce e Joey.

Ninguém tinha uma resposta. Estava difícil até mesmo formar as palavras.

Um grito ecoou, seguido de um único tiro. Todos demos um pulo com o barulho. Poucos segundos depois, outro tiro foi disparado. Corri pela porta da frente, seguido por mais alguém, e parei quando vi Scarlet.

Ela se deteve, deixando o cano da arma se inclinar para o chão.

— Você o matou? — quis saber Ashley, a voz alta e nervosa.

Scarlet não hesitou.

— Eu não ia deixá-lo vagando por aí com as minhas filhas lá fora.

Ela passou pisando duro por todos nós e entrou na casa, batendo a porta atrás de si.

Depois de alguns segundos de silêncio estupefato, todos entramos também. Scarlet estava no quarto conversando com Elleny, cujos choramingos haviam dado lugar ao pranto.

— O que vamos fazer? — perguntou Miranda.

— Parece que já está tudo resolvido — disse Bryce. Ele a puxou pela mão e ela o acompanhou de volta para o quarto dos dois.

Cooper e Ashley fizeram o mesmo, embora ela ainda estivesse perturbada e fazendo perguntas.

Joey e eu ficamos parados na sala de estar, ouvindo enquanto Scarlet falava

calmamente com Elleny. Depois de uma hora, Scarlet saiu do quarto.

— Ela dormiu.

— Aquilo foi... Nunca vi uma coisa assim na vida, você já? — disse Joey.

— Não — falei, um pouco chocado pela pergunta.

— Todos eles deviam ter o mesmo fim. — Scarlet apoiou o rifle na parede perto da porta e desabou no sofá, em cima das cobertas. — É melhor a gente dormir um pouco. Está tarde para enterrá-lo agora. Vamos ter trabalho a fazer pela manhã.

— Você atirou duas vezes — falei. — Para ter certeza que ele não ia voltar?

Scarlet assentiu.

— Atirei no pinto dele primeiro.

Joey balançou a cabeça, satisfeito.

— Desgraçado. O que foi que ele fez? Pegou a garota no meio da confusão?

Scarlet inspirou fundo.

— Os pais dela foram mortos. Ele morava na mesma rua. Ela achava que não tinha opção, mesmo depois que ele... Ela está segura agora. Ela vai ficar bem.

Ajoelhei ao lado dela.

— Isso foi uma coisa bizarra, incomum. Você sabe, né? O Andrew está com a Halle e a Jenna, e elas estão em segurança.

Scarlet assentiu.

— Todo mundo está um pouco mais seguro agora.

21

MIRANDA

Elleny seguia Scarlet por todos os lados, como uma criança assustada, mesmo depois de ter ajudado a enterrar o corpo de Kevin. Todos ficamos abalados por dias depois disso. Eu não sabia se estava mais chocada com o que Kevin fizera, com o que tinha sido pego fazendo ou por Scarlet tê-lo matado. A casa não parecia a mesma, e eu não tinha certeza se era por causa do novo e estranho adendo à nossa situação, ou se porque tínhamos nos dado conta de que não eram apenas os "tortos" que tínhamos que temer.

Como Elleny ficava muito próxima a Scarlet e muito longe do restante de nós, era difícil conhecê-la. De qualquer forma, eu não sabia como falar com ela. Eu nunca tinha conhecido alguém que tivesse passado por uma coisa daquelas. Eu não queria dizer a coisa errada, então não dizia nada.

Nathan e Zoe haviam voltado para o quarto da frente, mas Scarlet foi para o porão com Elleny, deixando o sofá da sala para Joey. Isso facilitou para eu ficar conversando com ele até tarde da noite, e eu sentia mais que estávamos apenas passando um tempo juntos como amigos, em vez de escondidos no porão como... não amigos. Eu não conseguia nem pronunciar a palavra, de tão errada que parecia.

O que quer que fosse, eu não tinha como negar que gostava de ficar perto de Joey. Mais do que gostava. Mesmo que eu tivesse de roubar um instante quando ninguém estivesse olhando. Bryce ficava com tanta raiva ao nos ver conversando sobre um assunto qualquer que eu fazia o que dava, porque passar tempo demais sem um momento com ele me fazia sentir sufocada.

Todos pareciam sufocados. Estávamos sobrevivendo, mas, a cada dia, parecíamos viver cada vez menos.

Todas as manhãs e todas as noites, Scarlet ficava na varanda que meu pai construíra, observando a colina vermelha e esperando pelas filhas. Nathan ficava com ela, assegurando que elas viriam. Ashley fingia ser professora. Os rapazes tentavam se ocupar com a manutenção da casa e se alternavam em turnos para patrulhar o terreno, e Joey e eu fingíamos ignorar um ao outro, mas o que era para ser nosso porto seguro estava começando a parecer uma prisão.

Nathan, no entanto, não parecia sentir o peso como o restante de nós. Ele e Scarlet passavam horas conversando. Certa vez, passei perto da porta e vi os dois de mãos dadas esperando na varanda. Depois disso, parecia que eles ficavam sozinhos em mais momentos, partilhando segredos e sussurrando piadas de que só os dois achavam graça. Numa noite, Joey e eu estávamos conversando na escuridão da sala de estar, e ambos nos assustamos quando a porta-balcão do quarto se abriu, revelando Scarlet.

— Oi — disse ela, como se tivesse sido pega no flagra. — A gente estava só conversando.

Dei de ombros e Joey fez o mesmo.

— A gente também — falei.

Scarlet assentiu antes de descer a escada para se juntar a Elleny. Joey olhou para mim. Eu mal conseguia ver sua sobrancelha se erguendo sob a luz fraca.

— Você acha que eles estavam...

— Não, a Zoe está lá dentro.

— E daí?

— Não — falei, negando com a cabeça, sentindo repulsa no lugar de Zoe. — Eu lembro de ter flagrado meus pais uma vez. Fiquei traumatizada para o resto da vida.

— Meus pais se separaram quando eu tinha quatro anos — disse Joey. — Não lembro como era ter os dois em casa.

— Sua mãe nunca namorou?

— Uma ou duas vezes. Fiz um ótimo trabalho assustando os caras para que saíssem da nossa vida. Eu era um merdinha detestável.

Eu sorri.

— Posso ver isso.

NATHAN

Eu não pretendia continuar fazendo comparações, mas Aubrey foi a primeira mulher que amei na vida. Então eu tinha de me perguntar agora, me sentindo como me sentia em relação a Scarlet, se eu apenas a amava de modo diferente ou se nunca tinha de fato amado Aubrey.

Minha vida passava de um dia decepcionante a outro, registrando quanto tempo eu passava com Scarlet e quanto havia se passado entre os momentos com ela. Nós sentávamos na varada e ficávamos esperando juntos, e ela me falava das filhas, sobre como eram divertidas, inteligentes e talentosas e como foi trazê-las ao mundo. Ela falou de seu casamento e da decisão de terminá-lo. Eu já achava que talvez ela fosse a mulher mais forte e valente que eu tinha conhecido, mas, ao ouvir sobre como ela esteve sozinha nessa decisão, sem qualquer apoio, não pude evitar ficar impressionado com ela.

Cada noite era uma escalada rumo ao momento em que eu finalmente teria colhões para tocá-la. Às vezes eu brincava dando um cutucão ou um tapinha na perna, e ela não se incomodava quando eu deixava a mão ali. Infantil, mas ela era muito intimidante... e perturbadoramente bela. Eu achava difícil não encará-la e ficava feliz com a parca luz após o sol se pôr e com o fato de a escuridão me dar uma desculpa para me concentrar em sua boca enquanto ela falava.

Era estranho — a felicidade que eu encontrara em um momento tão sombrio. Porém, com Zoe contente em nosso novo lar e a rotina que havíamos criado, e tendo encontrado Scarlet, a única coisa que me incomodava era como teria sido a vida sem que a morte se abatesse sobre o mundo. Por que eu tivera essa sorte incrível, ao passo que tantos outros haviam perdido tudo?

Sentado no degrau superior da escada da varanda ao lado de Scarlet, ficava fácil esquecer o pesadelo que estava logo além da colina, e que ela não estava ali fora apenas passando um tempo comigo, mas matando o tempo enquanto esperava pelas filhas, os verdadeiros amores de sua vida.

— Eu ainda estou suando — disse Scarlet, soltando minha mão para erguer a gola da camiseta e secar a testa. — O verão deve estar no auge.

Grilos e gafanhotos estavam dominando a sinfonia que os pássaros tinham acabado de terminar.

— Vai ser outro verão quente.

— Muito quente. De novo. Provavelmente.

Ela esticou a mão para entrelaçar os dedos nos meus.

Ergui os dedos dela e os levei aos lábios. Eu queria tanto puxá-la para o colo e tocar cada parte sua. Era um desejo bobo, mas bem real. Algo que eu nunca tinha sentido com Aubrey.

— Você estava em um relacionamento? Antes?

"Antes" era o termo geral que usávamos para nos referir a qualquer momento antes do primeiro dia do surto.

Scarlet negou com a cabeça.

— Não, eu estava curtindo ser solteira.

— Ah.

Ela riu e apertou minha mão de leve.

— Talvez eu não tivesse encontrado a pessoa certa ainda.

— Talvez não — falei, abrindo um sorriso como um idiota. Caramba, eu estava caidinho por ela.

— Provavelmente porque a pessoa certa estava casada.

Franzi o cenho por um único segundo, mas desanuviei a expressão antes que ela notasse. Tecnicamente, eu não era solteiro, e me preocupava que isso fizesse Scarlet me julgar.

— Isso te incomoda?

Ela pensou por um instante e então balançou a cabeça.

— O mundo é diferente agora. Ela deixou um bilhete dizendo que o casamento de vocês estava acabado. Eu diria que, nos tempos atuais, isso serve muito bem como um divórcio. Mas me preocupo com a Zoe, você não?

Eu a amava por isso.

— Ela ainda não sabe de nada.

— Ah, eu acho que ela sabe mais do que você pensa.

— Você acha?

— Eu sei. Minhas filhas sabiam tudo que eu não queria que elas soubessem. Acho que é um lance feminino.

Sorri.

— Boa colocação essa sua.

Scarlet ergueu os olhos para encontrar os meus e eu pisquei, de repente sentindo como estávamos próximos. Eu me inclinei para frente apenas um centímetro, os lábios ardendo para tocar os dela.

Scarlet apoiou a cabeça em meu ombro.

— Eu preciso das minhas filhas aqui.

Soltei o ar, sua rejeição me fazendo murchar.

— Eu sei.

— Não. Quero dizer... preciso delas aqui. Em segurança. Não parece certo ser feliz de outra forma.

Eu sabia o que ela queria dizer e, pela primeira vez, me dei conta de que vinha me enganando. Não havia ninguém que não estivesse afetado pela infecção.

MIRANDA

Bryce estava sentado na cerca, observando Butch enfiar o focinho na terra. Não tínhamos mais muito o que conversar. Eu compartilhava todos os meus pensamentos e sentimentos com Joey, e Bryce parara de tentar fazer com que eu os repetisse. Parecia um desperdício, de qualquer forma; redundante. Meu eu de catorze anos queria abraçá-lo e lhe garantir que eu o amaria para sempre. Meu eu de dezoito anos queria pedir desculpas por ele estar preso a alguém tão egoísta, que não conseguia ver além dos próprios desejos impulsivos. Eu era covarde demais para fazer uma coisa ou outra, então só continuava fingindo — e mal — para Bryce que estava tudo bem e saindo de fininho para passar um tempo com Joey depois do anoitecer.

Assim como eu mal conseguia suportar olhar para mim mesma, Scarlet mal conseguia suportar olhar para a colina por mais um dia. A vista a deixava com raiva, e ela começou a passar cada vez mais tempo observando o mesmo local, em busca de sinais das filhas. Seu humor mudava em um instante, e depois de um tempo nem a positividade de Nathan nem sua voz suave conseguiam acalmá-la.

Ela parou de deixar que ele ficasse esperando com ela, mas ele ficava no braço do sofá, bem ao lado da porta, para o caso de ela ter uma crise de choro, e ocasionalmente isso acontecia.

Depois de três semanas vendo Scarlet esperar, eu a observei entrar na casa e pegar seu rifle e uma mochila, enchendo-a de munição.

Nathan, empoleirado no braço do sofá, ficou de pé:

— Scarlet?

Ela enfiou mais algumas caixas na mochila, um pacote de salgadinho, duas garrafas de água e fechou o zíper.

— Acabei de ver mais um torto se dirigindo ao sul na plantação.

— O que vai fazer, persegui-lo? Achei que tivéssemos concordado que esse era um risco desnecessário.

Scarlet deslizou a mochila pelo ombro e depois apanhou uma machadinha atrás da porta.

— Minhas filhas estão lá fora, Nathan.

— Sim, mas você não sabe por que elas ainda não estão aqui nem quando vão aparecer.

— Talvez elas não estejam conseguindo chegar aqui. Talvez estejam sozinhas e assustadas demais para atravessar Shallot. Eu não posso mais ficar aqui sentada.

Nathan soltou um suspiro.

— Tudo bem. Eu entendo sua frustração, mas nós precisamos conversar sobre isso.

Scarlet franziu o cenho.

— O que há para conversar? Estou indo.

— Tá bom, você está indo, mas não podemos conversar primeiro? Montar um plano juntos?

Ela deu de ombros.

— Andar pela estrada e atirar nos tortos. De que outro plano eu preciso?

— Não é seguro ir sozinha.

Scarlet balançou a cabeça e esticou a mão na direção da porta.

— Não vou ser responsável se algo lhe acontecer, Nathan. Você tem uma filha para cuidar.

— Você tem duas.

Ela olhou ao redor, para o restante de nós.

— Por favor, alguém diz ao Nathan que essa é uma péssima ideia?

— Eu vou com você — sussurrou Elleny.

Scarlet sorriu e pousou a mão na bochecha da menina.

— Preciso que você fique aqui, onde é seguro. Eu não vou conseguir me concentrar se estiver cuidando de você também. Entendeu?

Elleny claramente não gostou, mas assentiu. Joey ficou de pé.

— Eu também vou.

Scarlet esticou a palma da mão.

— Ele eu aceito. Você... — ela disse, apontando para Nathan — fica aqui.

— Não me obrigue a fazer isso — falou ele.

Ele deu alguns passos para ficar ao lado dela e encostou os dedos no braço de Scarlet, falando com um desespero vencido no ouvido dela. Nathan estava ficando agitado, e esse não era ele.

— Fazer o quê? — disse Scarlet, instantaneamente na defensiva.

— Escolher entre minha filha e você.

Scarlet ficou sem fala, assim como o restante de nós. Por fim, ela se pronunciou, se afastando dele:

— Eu nunca te pediria uma coisa dessas. Não é uma escolha, Nathan. — Ela começou a abrir a porta, e ele a segurou pelo pulso. — Solta — ela falou calmamente.

— Scarlet, estou te pedindo. Não faça isso.

— Não vou mais ficar aqui esperando por elas. Eu preciso ajudá-las. É o único jeito.

— E se você acabar sendo morta e elas aparecerem? O que eu devo dizer a elas? Que vieram até aqui para nada?

Scarlet encarou Nathan, torceu o pulso e se soltou dele, então olhou para Joey.

— Você vem ou não?

— Logo depois de você. — Joey começou a seguir Scarlet, mas parou na porta. — Vou mantê-la em segurança, Nate.

Nathan assentiu. Bryce deu um beijo em minha bochecha.

— Eu também vou.

— O quê? — falei. — *Por quê?*

— Quero ter certeza de que ela não vai morrer antes de as filhas chegarem. Eu vi a Scarlet esperando na varanda por um mês. Vou ser amaldiçoado por toda a vida se ela não vir as meninas porque não a ajudamos.

— Então também vou — falei.

Bryce balançou a cabeça.

— Não, você e a Ashley precisam ficar aqui com as meninas. Coop?

— É — disse Cooper, se inclinando para dar um beijo em Ashley. Indo contra as súplicas persistentes da minha irmã, ele apanhou um bastão de beisebol e seguiu Bryce porta afora.

Assim que a porta se fechou atrás de Cooper, a casa ficou instantânea e estranhamente quieta. Nathan levou Zoe e Elleny para a mesa e começou a organizar o café da manhã. Ashley ficou parada na porta, observando Cooper seguir estrada abaixo.

— Você acha mesmo que as filhas dela estão lá fora? — disse Ashley, mantendo os olhos no grupo. — Você acha que elas estão vivas?

— Sim — disse Nathan da cozinha.

— Você não devia ter deixado ela ir — falei, irritada. — Todo mundo que amamos está lá fora.

A expressão preocupada nos olhos de Nathan se amenizou quando ele baixou o olhar para a filha.

— Como eu podia argumentar se faria a mesma coisa?

SCARLET

O único som era dos quatro pares de sapatos na terra e no cascalho. Ninguém disse uma única palavra enquanto seguíamos para leste, subindo a encosta de terra vermelha, depois rumo ao cruzamento e para norte, em direção ao cemitério no próximo trecho de um quilômetro e meio. Bryce e Cooper seguiam uns três metros atrás de mim e de Joey — de propósito, presumi.

Apesar de determinada a não pensar nisso, as súplicas de Nathan para eu ficar continuavam me passando pela cabeça. Olhei de relance por sobre o ombro, vendo Ashley na porta e me perguntando onde estaria Nathan, se ele estava com raiva. Se eu gostava de um determinado tipo de homem, Nathan não era esse tipo. Eu soube imediatamente quando ele apareceu de gravata solta e calça social. No dia antes de nossa vida mudar para sempre, eu teria apreciado o corpo dele por uns instantes antes de dispensá-lo. Até conhecer Nathan, eu achava que um homem que passava tempo demais na academia ou era vaidoso ou tinha problemas de autoestima. Eu preferia homens de cabelos escuros, um olhar do qual não dava para desviar e ao menos uma cabeça mais alto que eu — ainda que eu fizesse Andrew parecer um anão quando estava de salto. Se Andrew me ensinara alguma coisa, era o que eu não queria em um homem. Às vezes eu usava minha lista do que um homem precisava ter para afastar potenciais interesses. Dava certo para mim. Como mãe solteira, era minha obrigação ser seletiva. Depois de ter falhado com Jenna e Halle tantas vezes, eu devia isso a elas.

Mesmo depois de metade ou mais da população ter sido dizimada, isso não era uma boa desculpa para jogar a lista fora, apesar da estranha empolgação que eu sentia todas as vezes que Nathan estava no mesmo ambiente que eu.

Nós não tínhamos nos afastado por mais de um quilômetro e meio do rancho quando Joey deu uns tapinhas no meu ombro e apontou para a plantação à nossa esquerda. Provavelmente não era a melhor ideia, sair tão cedo assim pela manhã, com o sol nos olhos, mas eu ainda podia vê-la mancando em meio aos caules de trigo na altura dos joelhos.

— Torta às dez horas — disse Joey, alertando os outros.

Nós nos aproximamos com cuidado. Ela nos notara logo depois que a vimos e instantaneamente virou em nossa direção, os baixos gemidos sinalizando o entusiasmo com a possibilidade de uma refeição. Ela esticou os braços em nossa direção conforme andávamos, e eu segurava a machadinha com firmeza quando a acertei.

Ergui o cabo da ferramenta no ar e, logo antes de eu estar ao alcance dela, baixei a machadinha em seu crânio, deixando o peso do objeto trabalhar a meu favor. O aço perfurou o osso e então deslizou com facilidade para a parte mais macia do cérebro. No mesmo instante ela congelou, depois caiu no chão.

Eu me curvei, me equilibrando com o pé apoiado em seu crânio, e depois puxei, liberando a machadinha da cabeça da mulher. Joey, Cooper e Bryce estavam me observando, e as expressões variavam de repulsa a perplexidade.

— O que foi?

Joey olhou de relance para os outros e depois para mim.

— Não estou completamente convencido de que você precisava da gente aqui para algo além de papear.

Dei risada uma vez e segui em frente.

— Vamos. Essa não é a torta que vi da varanda. Tem outro por aqui. Para o sul.

Cruzamos a plantação em busca do grande torto do sexo masculino que eu vira se arrastando pelo trigo. Ele teve o mesmo fim que a anterior, mas então eu quis voltar para a estrada. As meninas só sabiam chegar ao rancho pela canção da Halle, então as estradas precisavam ser limpas antes.

Tínhamos acabado com mais ou menos uma dúzia de tortos até a hora do almoço, quando paramos para descansar e comer o salgadinho que eu tinha enfiado na mochila.

— Então... o Nathan... — disse Cooper com um sorriso.

— O que tem ele? — falei, tomando outro gole de água.

— Ele parecia bem preocupado com você. Vocês estão se dando muito bem.

Limpei a boca com o dorso da mão e então ergui uma sobrancelha.

— Você está mesmo tentando bancar o alcoviteiro agora?

Cooper cuspiu o que tinha na boca e riu descontroladamente, e Bryce e Joey começaram a rir também.

Revirei os olhos.

— Podem parar.

— Tudo bem, Scarlet. Você não tem que ser durona o tempo todo — disse Joey.

— O que isso quer dizer? — perguntei.

Bryce me passou o que sobrou da comida para eu guardar na mochila.

— O Nathan é um cara legal. Dos melhores. Mesmo antes de tudo isso. Você não devia pegar tão pesado com ele.

— E eu estou pegando? — perguntei, um pouco ofendida.

Como é que eu estava pegando pesado com ele? Só porque eu não estava me atirando para cima dele? E por que é que eu estava tendo essa conversa com um bando de garotos que mal tinham saído da puberdade?

Joey sorriu.

— Não tem nada de errado em ser feliz, Scarlet.

— Você é feliz, Joey? — Assim que as palavras deixaram meus lábios, eu me arrependi de tê-las dito. A pergunta varreu o sorriso dele, e os outros ficaram em silêncio. — Desculpa. Nossa, desculpa mesmo.

— Tudo bem — disse ele, ficando de pé. — É melhor a gente ir.

Eu me levantei e limpei a grama da roupa.

— Acho que o Nathan é ok.

O sorrisinho de Joey voltou, e, por causa do sol, ele fechou um dos olhos para me olhar.

— Você gosta dele, então?

— Um pouco. Eu acho.

— Acho que muito — disse Cooper, me provocando.

— Cala a boca — retorqui.

— E se alguma coisa acontecesse com ele? — quis saber Bryce.

Fiquei calada por um bom tempo e, por fim, falei:

— Partiria meu coração.

Continuamos até a hora do jantar. Quando voltamos para casa, eu tinha derrubado catorze, e os meninos tinham dado conta de pelo menos dez cada um. Nós

nos deparamos com um rebanho deles logo antes de chegarmos à estrada, o que aumentou significativamente a contagem do dia.

Ashley quase derrubou Cooper quando entramos na casa, e o restante de nós foi apanhar roupas limpas e depois encontrar lugares diferentes para nos lavar.

Eu estava imunda, coberta de suor, terra e do espesso sangue coagulado dos rastejadores. Saí pela porta da lavanderia para o quintal lateral da casa e arranquei a camiseta, deixando-a bater no chão. Usei um dos pés para puxar um tênis e então fiz o mesmo com o outro antes de dançar para fora da calça jeans. A peça era de Leah e ficava um pouco apertada em mim, mas a calça do meu uniforme não tinha sido feita para sobreviver a um Apocalipse, e na segunda semana já estava rasgada.

Puxei a mangueira e girei a torneira. A água saiu em um jato no momento exato em que Nathan saiu da casa. Seus olhos examinaram meu corpo atentamente. Um mês atrás, teria sido embaraçoso estar só de calcinha e sutiã na frente de alguém, mas vivíamos em um mundo diferente agora. Na verdade, eu me sentia como um dos caras.

Mas o jeito como Nathan estava me olhando não era como ele olharia para um dos caras. Ele pegou a mangueira da minha mão e eu me curvei para frente, deixando que ele jogasse água nas minhas costas e em meus cabelos.

— Parece que a expedição foi produtiva — ele falou.

Eu me endireitei e esfreguei o rosto enquanto ele jogava água em mim, e então usei as mãos para esfregar meus braços e pernas.

— Foi. A gente encontrou um rebanho deles. Não sei se amanhã vou conseguir bater a contagem de hoje.

— Amanhã? Scarlet...

Eu me virei para ficar cara a cara com ele.

— Eu entendo que você não queira que eu vá, mas preciso fazer isso.

— Eu sei — ele falou, dando um passo em minha direção. Ele se inclinou para pegar a pilha de roupas limpas no forno enferrujado ao lado da porta, onde eu as havia jogado, e as passou para mim. — Mas eu não aguento ficar aqui dentro enquanto você está lá fora. — Ele estava a poucos centímetros de mim. Mesmo estando quente ali fora, um calafrio percorreu a minha pele. Ele pousou uma mão em meu quadril e a outra em meu rosto.

A boca dele estava a poucos centímetros da minha, mas eu pressionei delicadamente a ponta dos dedos em seu peito.

— Você a amava?

A pergunta era dolorosamente deslocada, mas ainda precisava ser feita. Eu podia

ter superado meus dias de adolescente insegura havia muito tempo, e nós podíamos ser as últimas pessoas que sobraram no mundo, mas ainda era uma preocupação válida me perguntar se fora a situação que nos unira ou se os sentimentos dele eram verdadeiros. Talvez isso não importasse.

— Não por muito tempo e nunca como amo você.

Mesmo me dando conta de que eu podia sentir o mesmo, as palavras dele me surpreenderam. Ele parecia estar esperando que eu retornasse o sentimento, e como não fiz isso ele se apressou em me beijar, cobrindo o silêncio desconfortável para o caso de ele levar a uma saída desconfortável. Eu o deixei puxar minha pele nua para junto de si. Abri os lábios e, sem perder tempo, ele deslizou a língua para dentro de minha boca, explorando cada parte dela. Eu nunca tinha imaginado como seria seu beijo, mas ele beijava tão bem que isso me surpreendeu e me fez querer mais.

Fui caminhando para trás, em direção aos fundos da casa, e ele foi comigo, sem descolar a boca da minha por um segundo que fosse. Ele enfiou os dedos nas escuras mechas molhadas dos meus cabelos, enquanto pressionava minhas costas contra as ripas de madeira da casa. Não havia espaço entre nós, mas eu continuava a puxá-lo mais para perto, cada vez mais. Minhas coxas pulsavam contra a ereção atrás da calça jeans dele.

Abaixei a mão e desafivelei seu cinto, desabotoando sua calça e imediatamente abrindo o zíper. Nathan me soltou por um único segundo, deu uma rápida olhada ao redor, então colocou os polegares no cós da calça jeans e a empurrou apenas o suficiente para baixo.

Ele esticou o braço, levantou meu joelho para junto de seu quadril e deslizou a mão sobre o pedacinho de tecido que cobria aquilo que ele queria. A ponta de sua pele tocou a minha e, instantaneamente, eu gemi em sua boca. Eu não tinha me dado conta de como o desejava ou de como sentira falta de sexo até aquele exato momento.

Ele se firmou e então empurrou o quadril para cima e para frente, pressionando-se dentro de mim. Gemi mais uma vez. Eu não tinha certeza se era porque havia ficado sem sexo por quase um ano ou se ele era tão bom assim.

Nathan afastou a boca da minha e depois me abraçou, o que lhe permitiu me penetrar ainda mais fundo. A perna na qual eu me apoiava ardia, mas ignorei a sensação. Nathan se mexia com mais força, fazendo meu traseiro bater na madeira atrás de mim. Ele me penetrou repetidas vezes, na posição mais desconfortável e incrível. Ele lambeu e mordeu o lóbulo de minha orelha, e eu pressionei os dedos em suas costas, mordendo o lábio para não gritar pelo prazer incrível que sentia. Quando minha coxa começou a ficar amortecida e a tremer de exaustão, Nathan afundou o

rosto em meu pescoço e então gemeu alto, se pressionando dentro de mim algumas vezes mais.

Nós ficamos ali imóveis por um instante e depois deixamos nossas pernas cederem, caindo gentilmente no chão. Nathan ergueu o olhar para mim e eu me inclinei, beijando seus lábios já vermelhos do contato com minha pele.

Ele sorriu e deslizou minha calcinha pelas minhas pernas.

— É um pouco tarde pra isso, não? — falei, com um sorriso malicioso.

Ele agarrou meus quadris e me puxou para cima. Eu montei nele, me inclinei e então, lenta e cuidadosamente, nós nos encaixamos um no outro com perfeição uma vez mais.

Eu estava sem prática, mas Nathan se movia comigo, mais devagar dessa vez. Ele me puxou para baixo para me beijar e sugou meu lábio inferior para dentro da boca, entre os dentes, fazendo a mais leve pressão. Eu me movi mais rápido e fiz mais pressão contra o corpo dele, e então todo o meu corpo enrijeceu, o orgasmo durando mais do que eu esperava.

Por fim, desabei junto a seu peito, e ele me envolveu em seus braços.

— Sou maluco por achar que o fim do mundo foi a melhor coisa que me aconteceu? — disse ele, tocando meu rosto.

Eu sorri, desejando poder dizer o mesmo.

22

MIRANDA

Aquilo estava sobre a mesa como se ali fosse seu lugar, como um vaso de flores, ou uma caneta — ou um brinquedo. Zoe estava jogando cartas com Elleny no chão, e havia uma Glock 9 mm carregada a menos de dois metros das duas. Peguei a arma e verifiquei se o dispositivo de segurança estava travado... não estava.

— Você tá de b... De quem é isso? — falei, erguendo a pistola. — Quem foi o imbecil que deixou uma arma carregada destravada perto das crianças?

Nathan entrou na cozinha, provavelmente apenas por curiosidade, porque eu sabia que ele não seria idiota assim. Scarlet entrou logo depois, seguida de Joey.

— Ah. É minha — disse Joey. — Eu trouxe lá de baixo. Eu só tinha ido fazer xixi. Já estava voltando para pegá-la.

Fiz questão de apontar para a trava de segurança.

— E se uma das crianças tivesse pegado isso aqui? Você deve ter algum problema!

— Desculpa — disse ele, surpreso com a minha raiva. — Eu só coloquei isso aí por um segundo. Não vai acontecer de novo.

Ele pegou a arma da mesa e foi lá para fora, passando pela lavanderia.

Scarlet e Nathan trocaram olhares.

— Obrigada por me poupar do trabalho de dar um sermão — disse Scarlet. — Você está se tornando uma verdadeira mãe coruja.

— É — falei, irritada por ainda estar irritada.

Saí pela porta da frente e parei na varanda, na esperança de que um pouco de ar fresco ajudasse. Estava ficando mais quente. O clima não só me deixava mal-

humorada como também me lembrava dos verões ali com meu pai. O pai que eu nunca mais veria porque foi devorado pela namorada.

Ouvi um som de tiro e, de canto de olho, avistei Joey mirando em latas em uma cerca. Ele atirou mais algumas vezes e então caminhou até a cerca para alinhar as latas.

Segui até ele, que não percebeu que eu estava me aproximando.

— Desculpa — falei. — Peguei meio pesado com você.

— Meio pesado? Eu fiquei esperando sua cabeça começar a girar e sopa de ervilha jorrar da sua boca.

— Não aja como um bebê. Não foi tão ruim assim. Tá me dizendo que a Dana nunca gritou com você?

— Não. Pra falar a verdade, ela nunca gritou comigo. A gente se dava muito bem.

— Bom, provavelmente você não deixava armas por aí quando estava com ela.

— Provavelmente não. Foi uma coisa idiota, já entendi.

Ergui o olhar para o céu, me encolhendo por causa do sol escaldante. Eu não tinha certeza, mas devíamos estar quase no mês de junho, se já não estivéssemos lá. Eu podia sentir gotas de suor se formando ao longo da linha dos cabelos. Meu Deus, como eu sentia falta de desodorante!

Joey ergueu a Glock com ambas as mãos, mirou e disparou.

Bam, bam, bam, bam. Quatro latas caíram da cerca na sequência.

— Muito bem — falei, protegendo os olhos com a mão. — Posso tentar?

— Não. Essa arma tem alergia a atitudes de megera.

— Você está me chamando de megera?

— Não, eu disse que você está agindo como uma. É diferente.

— Na verdade, não é não.

Peguei a arma e a segurei na minha frente. Atirei uma vez, errei o alvo, e então acertei os três seguintes.

— Nada mal — disse Joey.

— Venho praticando com o Bryce.

— Eu sei. Eu vi.

— Ah, é?

— Sim, você está ficando boa nisso.

— Obrigada.

— De nada. Você ainda está agindo como uma megera.

Franzi o cenho.

— Você ainda está agindo como um idiota.

Joey também franziu o cenho. Sua camiseta cor de canela estava ensopada de suor. Os músculos dos braços estavam rígidos e deslizavam cada vez que os movia, e eu não conseguia evitar imaginar como seria o restante de seu corpo.

— Por que você é tão má o tempo todo? — ele perguntou, cuspindo no chão ao lado. — É porque está tentando esconder que me quer?

Ugh. Ele era tão arrogante.

— Eu não ia te querer nem se você fosse o último homem na face da Terra.

— Nossa, quanto ódio. — Ele estava um pouco magoado. Eu podia ver em seus olhos, e, para minha surpresa, isso me acalmou um pouco.

Soltei um suspiro.

— Só não quero que você saiba que eu... eu gosto de você. Um pouco. Não muito.

— Você gosta de mim — disse Joey, mais declarando um fato que fazendo uma pergunta.

— Não muito — falei, como ressalva.

— Você e o Bryce não estão juntos desde que nasceram?

— Quase.

— Ele não gosta de mim.

— Não, na verdade ele não gosta nada de você — falei, negando com a cabeça.

— Por quê? Porque ele sabe como você se sente em relação a mim?

— Não sei. Nem eu mesma sei como me sinto.

— Você acabou de dizer que gosta de mim.

Dei de ombros.

— Eu gosto de todo mundo.

— Não gosta, não.

— Isso é verdade.

Joey travou a arma, me mostrando o que acabara de fazer, e então deu um passo mais para perto. Ele estava tão próximo que eu podia sentir sua respiração em meu rosto e ver o suor reluzindo entre os abundantes pelos escuros da barba por fazer. Ele era tão diferente de qualquer um por quem eu normalmente me sentiria atraída, mas, por outro lado, eu não sabia por quem me sentia atraída, porque estava com Bryce havia muito tempo.

— Também gosto de você — ele falou. E então se afastou, me deixando em uma situação de merda e com pensamentos inapropriados.

Depois de alguns instantes, segui até a varanda e me sentei no degrau de cima da escada. A porta de tela abriu e fechou, mas foi só quando avistei um par de pernas perfeitas que eu soube de quem se tratava.

— E aí? — disse Ashley.

— E aí?

— Sabe do que eu sinto falta?

— Da sua chapinha?

— De sair à noite. A gente se arrumando para encontrar o Bryce e o Coop em algum lugar divertido. Só pra ficar conversando sobre todas as coisas idiotas que fazíamos quando crianças.

Sorri.

— É, aquilo era divertido.

— Sabe do que mais sinto falta? De música.

— X-burger.

— Facebook.

— Filmes na TV a cabo.

Ashley riu e balançou a cabeça.

— Sinto falta do shopping.

— Em uma semana, vamos sentir falta de pasta de dente.

Ela me olhou horrorizada.

— Tá falando sério?

Dei de ombros.

— O papai tinha algumas, mas, entre nove pessoas... tá quase acabando.

— Sabe do que mais sinto falta? — ela perguntou. Fiquei esperando. — De quando você era apaixonada pelo Bryce.

Ergui o pescoço para ela. Seus olhos encontraram meu olhar furioso.

— Você não sabe de nada, Ashley.

— Eu sei o que vi faz um minuto. É melhor você tomar cuidado. Aquele cara lá ama você mais do que a própria vida. Você não vai querer ferrar com isso.

— Eu não estou tentando.

— Então para.

— Para você.

Ashley estreitou os olhos e balançou a cabeça.

— Nós todos estamos presos aqui. Não tem por que todos se sentirem infelizes.

Cutuquei a unha.

— Não, só eu, né?

— Você está *infeliz* com o Bryce?

— Não.

— Então tá bom.

Com isso, ela levantou e entrou na casa.

Um movimento colina acima chamou minha atenção, e, antes que eu pudesse gritar pelos outros, Scarlet passou voando por mim, com uma machadinha na mão. Ela cuidou do torto e voltou para a varanda como se tivesse acabado de colher uma flor ou alguma coisa assim. Ela ficou de pé ao meu lado, com o olhar fixo na estrada. Já que estava ali do lado de fora da casa, ela provavelmente achou que era um bom momento, assim como qualquer outro, para esperar pelas filhas.

— Você ainda acha que elas estão a caminho? — perguntei, me sentindo horrível assim que as palavras saíram pela minha boca.

— Sim — disse ela, sem hesitar.

Nathan saiu e parou ao lado dela. Bem na altura do meu campo de visão, pude ver os dedos deles se tocarem e depois se entrelaçarem.

— Acho que eu vou entrar — eu disse a ninguém em particular.

Passei por Joey e me juntei a Bryce na cozinha. Ele e Cooper estavam cozinhando com Zoe, o que significava que ela estava sentada no balcão se divertindo com Cooper enquanto Bryce preparava a comida.

Eu me sentei à mesa e soltei um suspiro.

— O Bryce disse que você anda uma megera — declarou Zoe.

Bryce ficou paralisado e voltou os olhos para mim, para ver minha reação. Dei uma espiada em Joey, que ria sozinho.

— Acho que sim — falei, suspirando outra vez.

— Por quê? — Zoe quis saber.

— Não sei. Meu pai morreu. O mundo acabou. Estamos presos nesta casa, esperando a Scarlet ter um treco quando se der conta de que as filhas não estão vindo pra cá...

— Você tá dizendo que estamos em segurança e que a gente tem um ao outro? — disse Zoe.

Ergui o olhar para ela, me sentindo instantaneamente culpada e ainda assim animada com seu sorriso doce.

— Sim. Foi o que eu quis dizer.

SCARLET

Nathan esperou Zoe adormecer e então veio até a lavanderia com um sorriso e uma piscadela. Elleny também acabara de cair no sono lá embaixo, e eu estava sentada na secadora de roupas, esperando por ele. Ele se inclinou entre as minhas pernas e me beijou nos lábios.

— Qual é o plano? — perguntei.

— Quero dormir com você.

— Só isso?

Eu sorri e o deixei me conduzir até o quarto da frente. Ele era tão incrivelmente doce. Saber disso fez com que eu me perguntasse com que tipo de idiota sem noção ele era casado. Zoe roncava suavemente deitada na lateral mais afastada da cama king size. Nathan foi se arrastando até o meio e eu me deitei ao lado dele. Seus braços estavam ao meu redor, e seu rosto enterrado em meus cabelos.

Ele inspirou fundo.

— Pensei nisso o dia todo.

Abri um sorriso.

— Ah, é? Pensei o dia todo no que aconteceu ontem.

— Não me faça lembrar. Não posso te sequestrar e te levar até o quintal no escuro.

Ele me deu um leve aperto, fazendo nosso corpo colar ainda mais um ao outro.

A conversa naturalmente deu lugar ao silêncio, e nenhum de nós sentia necessidade de preenchê-lo com coisas sem importância. Mais rápido do que eu esperava, a respiração de Nathan ficou regular e seu braço relaxou. Algumas poucas vezes, sua mão ficava tensa e ele segurava em meu braço, ou seu corpo inteiro se movia bruscamente. Fazia tanto tempo que eu não dormia com alguém além das meninas que tinha esquecido que adultos também faziam isso.

As meninas. Fazia meses que eu não as via. Fui inundada pela culpa por estar deitada ao lado de Nathan, feliz, quando provavelmente elas estavam sozinhas em algum lugar, morrendo de medo.

Patrulhar a estrada me fazia ao menos sentir que eu estava fazendo alguma coisa para ajudá-las a chegar ao rancho Red Hill, mas não era o suficiente. Se não chegassem logo, eu teria de ir procurar por elas.

Eu me levantei, tentando não acordar Nathan enquanto saía de fininho do quarto. Logo que cheguei à cozinha, a porta-balcão se abriu.

— Scarlet — sussurrou Nathan. Não fazia tanto tempo assim que ele adormecera, mas seus olhos estavam pesados. — Tá tudo bem?

— Sim, só estou indo para a cama.

— Você não vai ficar comigo esta noite?

— Não sei se devo. A Zoe pode ficar chateada.

Ele abriu um sorriso.

— Isso é muito gentil da sua parte, mas não acho que seja isso. Fala comigo.

Ele deu alguns passos rumo à sala de estar.

— Vou levar os meninos até Shallot amanhã. Preciso de uma boa noite de descanso. Ainda não estou acostumada a dormir com você. Tenho dificuldade de pegar no sono em qual...

— Até Shallot? Você quer dizer entrar na cidade? — Ele balançou a cabeça, se aproximando mais de mim. — Mas a cidade está infestada.

— É por isso que temos que limpá-la. E se o Andrew levar as meninas lá para buscar suprimentos ou encontrar um abrigo?

Nathan pousou as mãos gentilmente em meus ombros.

— Scarlet, você não viu aquele lugar. A cidade inteira foi transformada. Há pelo menos trezentos infectados lá.

— Tortos.

— Que seja. Você não tem como limpar aquele lugar. Você vai acabar morta.

Eu sorri e dei um beijo na bochecha dele.

— A essa altura você ainda não sabe que consigo me cuidar? Você ouviu as histórias dos garotos no jantar.

— É, e isso me deixa muito apavorado. Tentei entender, mas não posso deixar que faça isso, Scarlet. É imprudente. — Pela primeira vez, sua voz era firme.

Meu rosto ardeu.

— Não vem me dizer o que fazer só porque transamos no quintal.

Ele ficou surpreso com a minha reação, mas a única coisa que fez foi franzir a testa.

— Não faça isso.

Essa resposta me pegou desprevenida. Andrew sempre fora rápido em me responder com palavras cheias de raiva, assim eu não estava preparada para começar uma briga com alguém que permanecia calmo.

— Então não me diga o que fazer.

Ele segurou minha mão com delicadeza e beijou a palma. Tentei puxá-la, mas ele continuou segurando.

— Não tenho ideia do que você passa todos os dias esperando pelas meninas. Não cheguei a conhecê-las e estou morto de preocupação. Você pode me afastar o dia todo, mas eu estou apaixonado por você. Eu te *amo*, Scarlet, e ficaria destruído se alguma coisa acontecesse com você.

Por um único instante, deixei que a culpa se infiltrasse em mim com suas palavras. Naquele momento, pensei em ficar com ele, onde era seguro. Pensei em esperar as meninas e me certificar de estar no rancho quando elas chegassem. No entanto, pensei em Jenna e Halle passando por Shallot e se deparando com um rebanho deles. Até um dos pequenos seria uma sentença de morte. Elas não passavam de garotinhas. Eu não tinha como ter certeza de que o Andrew estava com elas para protegê-las ou ajudá-las nas decisões.

— Não posso — falei, contorcendo a mão e a soltando dele.

— Não pode o quê?

— Fazer isso. Está acabando com meu foco.

Ele balançou a cabeça.

— Não sei o que você quer dizer com isso.

— Preciso me preocupar com *elas*, Nathan. Preciso ficar em pé lá fora e pensar nelas e me preocupar com elas todos os segundos do dia, porque tenho medo de que, se não fizer isso, algo aconteça com elas.

Ele balançou a cabeça de novo. Ele estava claramente confuso com a minha tagarelice.

— Eu sei que não faz sentido, tá bom? Posso ver no seu rosto e posso sentir por toda parte, menos no meu coração. Pensar nelas as mantém vivas.

— Tudo bem. Eu entendo, mas se preocupar com elas é uma coisa. Fazer escolhas perigosas é...

— Isso está me distraindo. Você está me distraindo. Eu já não penso tanto nelas. Às vezes eu penso em você, ou na Zoe ou... Eu não posso me importar com vocês. Isso faz com que eu esqueça o que preciso fazer para a Jenna e a Halle virem pra casa. Eu não posso ser responsável pelos seus sentimentos. Minhas filhas vêm em primeiro lugar. Elas *sempre* vão vir em primeiro lugar.

— É claro, elas devem vir primeiro, mas...

— Então você entende que eu não posso fazer isso. Com você... Não posso.

— Scarlet — disse ele, esticando a mão na minha direção. A voz dele tinha um toque de desespero. — Vamos só... pensar em outro jeito. Tem que ter outro jeito.

— Mas não tem.

Nathan ficou parado de lábios abertos, a respiração irregular, tentando pensar em alguma coisa, qualquer coisa que me fizesse mudar de ideia em relação a ambas as decisões. Ele baixou o olhar para o chão, procurando palavras na escuridão.

— Não posso ir com você. Tenho que ficar com a Zoe, eu...

— Eu sei.

Os olhos dele encontraram os meus. Seu desespero era perceptível até no escuro.

— Vou pensar nelas com você.

Mas que porcaria. Maldito seja ele e sua decência. Isso me fez querer admitir que eu o amava também, mas eu não podia. Permitir que eu me importasse com os sentimentos dele ficava no caminho do que eu sabia que tinha de fazer para que minhas filhas chegassem em segurança ao rancho.

— É meu último resquício de sanidade, Nathan. Não o tire de mim.

Eu me afastei rapidamente e desci correndo a escada até o porão. Eu não sabia se ele ainda estava lá na sala, estupefato, irritado, confuso ou enojado. Não me atrevi a olhar para trás.

* * *

Nós saímos de Red Hill ao raiar do dia. Passamos o dia todo em Shallot e mal tínhamos chegado perto da quantidade de tortos que havia lá, então eu queria partir o mais cedo possível. Nathan pulou da cama e acenou em despedida assim que ouviu a porta da frente abrir, mas não disse nada nem me deu um beijo de despedida.

Em uma hora estávamos na via expressa, mas chegar em Shallot, limpar a cidade e voltar antes de escurecer requereria um sério esforço. Ajustei os passos para uma quase corrida. Depois de quarenta minutos, Cooper parecia estar em um bom ritmo, mas eu mais parecia estar andando rápido. Todos estávamos carregando mochilas, mas Cooper estava inabalável, o que me deixava meio irritada. Eu estava em boa forma para minha idade. Eu corria... às vezes. Eu andava por toda a porcaria do hospital, alguns dias sem almoçar ou nem ao menos sentar. Imaginei que a viagem a Shallot seria dura, mas eu estava me forçando a pôr um pé na frente do outro, e não estávamos nem na metade do caminho ainda.

— Preciso descansar — falei, parando.

— De quem foi a ideia de virmos andando? — Joey sorriu.

— Todos nós concordamos — falei. — Só usaríamos os veículos em caso de emergência.

— Você está parecendo uma emergência para mim — disse ele, ainda sorrindo.

Olhei para ele com a ameaça de ira nos olhos.

— Cala a boca.

— Não vamos conseguir voltar antes de escurecer se descansarmos — falou Cooper.

— Se continuarmos nos esforçando assim, estaremos cansados demais para livrar a cidade deles — disse Bryce. — Talvez a gente tenha que encontrar um lugar para nos escondermos durante a noite.

— Em Shallot? — falei, agarrando os joelhos. — Você não disse que um pessoal seu tinha sido morto lá?

— Um pessoal do Nathan — disse Joey.

Assenti, mas não falei mais nada. Nós nos alternávamos entre caminhar e quase correr até que, por fim, avistei aquele maldito carro no meio da rodovia. O alarme tinha sido silenciado, ou a bateria tinha se esgotado. Os tortos não estavam mais lá.

As marcas de pneus do jipe ainda estavam sulcadas na plantação do outro lado. Parecia que uma vida inteira tinha se passado desde aquele dia.

— Vamos — falei. — Vamos entrar devagar. Fiquem juntos.

23

NATHAN

No fim da tarde, eu me peguei olhando de relance para o topo da plantação ou para a estrada sempre que passava pela porta da frente. Na hora do jantar, tive de me esforçar para esconder a preocupação. Os comentários ansiosos de Ashley a cada cinco minutos não ajudavam em nada, mas, quando Zoe mencionou que logo estaria escuro, a verdade começou a se insinuar.

— Eles já deviam estar aqui a essa hora — disse Elleny, a voz baixa porém ansiosa. — Eles não andariam no escuro, a-andariam? O sol já se pôs.

Ashley se sentou à mesa e fechou os olhos.

— Eles vão voltar, Elleny, não se preocupe. Não podem estar todos feridos. Se alguma coisa acontecesse, alguns voltariam. Então sabe o que isso significa? Que *todos* estão bem.

— Eles disseram que voltariam à noite. Se eles não voltarem, alguém se feriu — disse Zoe, ignorando o efeito que suas palavras teriam sobre todo o restante à mesa.

Elleny choramingou. Ashley cobriu a boca com as mãos.

— Fiquem calmas — falei, à beira de um ataque de nervos. — Shallot fica a quase quinze quilômetros daqui. Seria otimista demais achar que eles conseguiriam viajar trinta quilômetros a pé em um dia *e* sem nada no caminho. Isso não quer dizer que algo esteja errado. Pode simplesmente significar que eles foram espertos e não vão se arriscar a viajar à noite.

Elleny concordou.

— A Scarlet não faria isso. Eles vão estar de volta pela manhã.

Ela comeu uma pequena porção de purê de batata.

— Exatamente — falei.

Ashley assentiu.

— Talvez mandem o Cooper de volta hoje à noite para avisar a gente. Ele consegue voltar mais rápido que os demais.

— Talvez — disse Miranda. — Mas não vá surtar se ele não voltar. Não vamos nos preocupar até que a gente tenha algo concreto para isso.

A voz de Miranda soava calma, mas o olhar que ela me desferiu revelava que só estava tentando me ajudar a manter os outros calmos. Ela não sabia mais do que nós se eles iam voltar.

Assim que dei a primeira garfada na comida, ficamos sem energia. Zoe e Elleny gritaram.

— Shhh! — falei. — Nós sabíamos que em algum momento isso ia acontecer, não entrem em pânico. Todo mundo fique onde está.

Fui tateando até os armários e estiquei a mão para debaixo da pia, apanhando duas lanternas. Liguei uma delas e passei a outra a Miranda.

— Vou pegar velas — disse ela. — Vem comigo, Elleny.

Ashley ficou à mesa com a Zoe, segurando a mão dela. Sorri para elas.

— Não é diferente de nenhuma outra noite. A gente sempre dorme com as luzes apagadas.

— Mas, se a gente precisasse acender, a gente podia — disse Zoe, agitada.

Ashley a abraçou junto à lateral do corpo.

— Não se preocupe. Estou bem aqui com você.

— Também tô aqui com você — disse Zoe, dando uns tapinhas de leve na mão de Ashley.

SCARLET

— Aqui dentro! — falei a Joey e Bryce, segurando a porta aberta. Cooper nos levara até a casa onde eles tinham ficado antes. Ela já estava coberta de tábuas e, segundo os

meninos, ficava a poucas casas de uma outra cheia de armas e munição.

Bryce e Joey haviam atraído a atenção de um grande grupo de tortos para fazê-los se afastar da casa e depois voltaram. Assim que entraram, tentei acender a luz. Nada.

— Acabou a energia? — perguntou Joey. Ele tirou a mochila das costas e apanhou uma pequena lanterna. — Tem vela debaixo da pia, mas não tenho fósforo.

— Eu tenho — falei, abrindo o zíper da minha mochila.

Todos estávamos sentados no chão, tomando água e arfando. No instante em que chegamos a Shallot, só tínhamos uma hora para colocar a mão na massa antes de precisarmos voltar. A cidade estava tão infestada que todos nós perdemos a noção do tempo, e então ficou tarde demais para pensarmos em voltar para casa. Ficamos desinfestando a cidade até quase escurecer, e ainda tínhamos mais da metade para eliminar.

Joey não descansou muito antes de ficar de pé novamente.

— Vou dar uma olhada nas portas e janelas. Ter certeza de que todas as tábuas estão firmes e ver se ainda temos uma segunda saída.

Bryce revirou os olhos e, quando Joey estava fora de seu campo de visão, ele murmurou, descontente:

— G.I. Joe vai nos salvar.

— Ei — falei, tomando um gole de água. — Ele salvou nosso traseiro mais de uma vez hoje. Seja legal.

Bryce descansou os braços em cima dos joelhos, infeliz.

— Humm... pessoal? — disse Joey, entrando na sala com as mãos para cima. Com apenas as velas para iluminar o cômodo, eu só conseguia discernir Joey e o cano do rifle encostado em sua cabeça.

Cooper, Bryce e eu nos levantamos rapidamente, sacando nossa arma. Joey estava parado na frente do homem que o mantinha refém.

— A mãe de vocês não ensinou a não entrar na casa dos outros sem bater?

— Sinto muito — falei. — Nós vamos embora.

— Como foi que chegaram até aqui? — ele perguntou. — De carro?

— Não, viemos andando — respondi. — A gente sente muito. Por favor, só nos deixe ir embora. — Abaixei a arma. — Está vendo? Não queremos que ninguém se machuque.

— Tarde demais pra isso — disse o homem.

Joey fechou os olhos bem apertados, mas nada aconteceu. Peguei a lanterna e a usei para iluminar os olhos do homem. Ele se encolheu por causa da luz. Seus cabelos estavam desgrenhados, as unhas e os dedos pretos de terra e o macacão e o casaco

camuflados manchados de sangue. Ele era mais alto que Joey, e eu me perguntava se teríamos uma chance se atirássemos de uma vez só.

— Skeeter? — disse Bryce.

O homem se esforçou para enxergar quem o chamara pelo nome contra o feixe de luz da lanterna.

— Quem tá aí?

— Sou eu, Bryce! O Coop também tá aqui! Não acredito que você conseguiu!

Ergui a lanterna, então a luz bateu no teto e lançou um brilho fraco sobre a sala inteira. Skeeter afastou a arma de Joey e trocou apertos de mãos com Bryce e em seguida com Cooper.

— Caramba, caras! — disse Skeeter, tirando o chapéu.

— O que você está fazendo aqui? — disse Cooper, com um largo sorriso no rosto.

Eu estava totalmente confusa. Bryce e Cooper pareciam conhecer o homem, mas Joey não.

— Skeeter McGee, prazer em te conhecer — disse ele, apertando a mão de Joey. — Desculpa aí. Eu tive uns problemas com uns babacas. Sabe como é.

Joey apertou a mão dele, desnorteado.

— Eu sabia que a casa do pai das meninas ficava pelo caminho. Pensei em tentar alcançar vocês, mas fiquei preso aqui. Esse lugar está infestado de sinistros rastejantes!

— Sinistros rastejantes! — disse Cooper, rindo. — Gostei.

— Não — falei. — É torto. A Zoe não ia gostar que mudássemos a forma como nos referimos a eles.

O queixo de Skeeter caiu e ele ficou pálido.

— O que foi que você disse?

Olhei ao redor da sala. Ninguém mais parecia saber por que o humor dele havia mudado tão repentinamente, e fiquei preocupada que os meninos não o conhecessem tão bem quanto achavam. Quer conhecessem esse homem ou não, precisávamos proteger quem tínhamos deixado na casa.

— Nós decidimos em grupo como chamaríamos aquelas coisas. É bem bobo, pra falar a verdade...

— Não, senhora. Você acabou de dizer Zoe. A pequena Zoe, mais ou menos dessa altura? Cabelos castanho-claros? — perguntou ele, apontando para o queixo para mostrar o comprimento dos cabelos dela.

— Como você conhece a Zoe? — falei, de repente cheia de suspeita.

Skeeter se apressou até mim.

— Ela é minha sobrinha. Vocês a viram? Onde ela está? Ela está com o pai?

— Sua sobrinha? — falei, me perguntando por que Nathan nunca falara nada sobre um irmão.

— A Aubrey é minha irmã. A esposa do Nathan. Vocês os viram?

Esposa do Nathan. As palavras me magoaram.

— Sim, vimos — disse Bryce. — Eles estão no rancho Red Hill. Em segurança.

Skeeter riu uma vez e então cambaleou para trás, desabando no sofá.

— Ah, graças a Deus! — disse ele, pousando a palma da mão aberta na lateral do rosto. Depois de um instante, ele cobriu o rosto com as mãos, se curvou e então aquele homem grande e corpulento começou a chorar.

Todos nós trocamos olhares, sem saber o que fazer. A única certeza que eu tinha era que naquele momento havia dez de nós.

— Skeeter? — falei, pousando a mão em seu ombro. — Skeeter. Vamos voltar pra lá amanhã, depois que tudo por aqui estiver livre. Você é bem-vindo a ir conosco.

— Livre?

— Sim. Minhas filhas vão se encontrar comigo no rancho e estamos nos certificando de que elas não vão se deparar com problemas.

Ele assentiu.

— Então vou ajudar vocês.

* * *

O dia seguinte foi mais quente que o anterior. Duas horas depois de o sol nascer, já estava abafado e úmido. Os cabelos que se desprendiam do meu coque grudavam em minha nuca, e ondas de calor serpenteavam sobre o asfalto. Não achei que isso fosse possível, mas a temperatura crescente fazia o cheiro pungente em nossas roupas ser levado pelo ar e se mesclar numa combinação de comida podre e mau hálito. Eu mal conseguia suportar meu próprio cheiro, então tentava me manter afastada dos demais.

Em Shallot, derrubamos cinco tortos cada, e então começamos a caminhada de volta ao rancho. Skeeter nos contou que passara por um rebanho de zumbis até conseguir chegar à sua mulher, que havia se transformado, para poder apagá-la antes que ela ferisse alguém. Quanto mais Skeeter falava, mais eu gostava dele, e me perguntava se Aubrey seria um pouco que fosse parecida com o irmão. Já não me

parecia tão sem sentido dizer ao Nathan que estava tudo acabado entre nós. Agora que Skeeter viveria conosco, seria estranho de qualquer forma. De repente, pensar em estar perto de Nathan sem nenhuma perspectiva de consertar o que eu tinha feito era muito deprimente. Quanto mais nos aproximávamos do rancho, mais enjoada eu me sentia.

— Não acredito que você conhece o Nate. Isso é bizarro — falou Cooper.

— É engraçado que todos tenham topado com ele. Vocês não o viram na igreja por pouco — disse Skeeter.

— Ele estava na igreja? — disse Bryce, entretido.

— É, tava. Ele saiu com a Zoe na primeira oportunidade porque sabia que seria questão de tempo antes que eles conseguissem entrar.

— Que igreja? — perguntei, parando no meio da estrada.

Skeeter abriu um largo sorriso.

— Primeira Igreja Batista de Fairview.

— Caramba — falei, me dando conta de que as pessoas que vi sair correndo da igreja podiam ter sido Nathan e Zoe.

Skeeter assentiu.

— Caramba mesmo.

Nós alternávamos a passada entre corrida leve e caminhada. Cooper estava ansioso para chegar e encontrar Ashley, temendo que ela estivesse doente de preocupação. Quando alcançamos o topo da colina, olhei rapidamente para trás, na esperança de que meus bebês fizessem o mesmo em breve.

Ashley irrompeu pela porta da frente e desceu correndo o terreno, pulando nos braços de Cooper. Imediatamente ela começou a chorar. Elleny deu um pulo da varanda e me abraçou, se esforçando ao máximo para não derramar uma lágrima. Nathan, Miranda e Zoe estavam de pé na varanda, confusos ao avistar o camarada com aparência grosseira na retaguarda.

— Skeeter? — disse Nathan. Só pela forma como ele falou, era óbvio que não conseguia acreditar no que via, e estava com uma expressão de choque no rosto.

— Tio Skeeter! — berrou Zoe, descendo apressada os degraus e pulando nos braços dele. No segundo em que ele a abraçou de volta, ela torceu o nariz. — Você tá fedido!

Ele riu.

— Eu sei! Nojento, né?

Nathan desceu os degraus e abraçou o cunhado.

— Eu não consigo... Não acredito!

Os dois se abraçaram por um breve instante, e depois todos nos abraçamos. Quando Nathan chegou até mim, me abraçou apertado e então plantou os lábios nos meus. Depois de menos de um segundo de choque, eu me deixei derreter neles. Seus dedos afundaram em minhas costas, e eu o puxei mais para perto.

— Sinto muito — falei, com os lábios junto aos dele.

Ele balançou a cabeça, mantendo os olhos fechados.

— Não. Não diga nada. Só me deixe abraçá-la.

Enterrei o rosto em seu pescoço, me sentindo mais segura do que me sentira em semanas. Nathan me amava mais do que devia depois do que eu dissera a ele. Eu tinha esperanças de que não fosse pedir demais a Deus que me concedesse só mais um milagre.

Bryce subiu os poucos degraus até Miranda e deu um beijo rápido na bochecha dela.

— Meu bom Deus Todo-Poderoso — disse Skeeter, com a voz grave. — Vocês deviam ter me avisado.

— Sobre o quê? — disse Bryce.

— Duas ruivas na casa. — Ele soltou um suspiro. — Eu tinha melhores chances em Shallot.

Miranda estreitou os olhos para ele e eu ri.

— Você provavelmente tem razão.

— Estou tão feliz por você estar de volta — disse Nathan, me abraçando de novo. Ele me deu um beijo na bochecha antes de me puxar pela mão para dentro da casa. Ele me deixou sozinha tempo o suficiente para mostrar o banheiro a Skeeter e pegar umas roupas limpas para ele, depois voltou. — Tenho más notícias. A eletricidade já era. Tentei mexer no disjuntor, mas... acabou mesmo.

Assenti.

— Nós sabíamos que era temporário, certo?

Nathan concordou com um movimento de cabeça.

— Então você conheceu meu cunhado. Ele é uma figura, não é?

— É. Isso vai ser... estranho pra você?

— Não. O Skeeter sabe que ela foi embora. Ele sabia que nosso casamento tinha terminado fazia um bom tempo. Você está bem?

— Sim — falei, abraçando-o. Pressionei a bochecha em seu ombro, feliz por ele não ter levado a sério nada do que eu dissera antes. — O que eu disse antes... Eu...

Nathan balançou a cabeça.

— Não... esquece. Está tudo bem.

— Não, não está. Aquilo foi horrível, e eu sinto muito por isso. Eu não era boa nessa coisa antes do fim do mundo, e tudo indica que não melhorei nada.

— Boa em quê?

— Em amar.

Ele ergueu uma sobrancelha, sorriu e depois me tomou nos braços, plantando um beijo terno em meus lábios.

— Eu nunca pedi perfeição. — Soltei uma leve risada. — Mas eu consegui, de qualquer forma.

Toquei cada lado de seu rosto e o puxei para junto de mim, beijando seus lábios. Apenas uma coisa podia tornar minha vida melhor, e eu ansiava para que minhas filhas chegassem, para que pudéssemos estar todos juntos.

— Não está perfeito. Ainda não.

— Mas vai ficar — disse Nathan, nunca perdendo a chance de me tranquilizar.

— Tio Skeeter, você devia conhecer o Butch — disse Zoe.

Skeeter havia acabado de sair do banheiro, a pele reluzindo e os cabelos molhados. Seu rosto ainda parecia um pouco sujo, mas era apenas a marca do bronzeado ao redor dos olhos, por causa dos óculos de sol.

— Quem é Butch? — disse Skeeter, fechando o último botão da camisa limpa. Ele puxou o tecido onde estava mais justo. A camisa parecia cara, era branca com finas riscas horizontais. Não se parecia nada com algo que ele normalmente vestiria.

Zoe o puxou pela mão e ele seguiu com ela, como se ela fosse forte demais para ele resistir.

— O Butch é uma vaca!

— Você quer dizer um touro? — falou Skeeter, olhando para Nathan e fingindo estar preocupado.

Eu ri.

— Ele parece um cara legal.

— Ele é. — Nathan sorriu, observando os dois.

— Nem um pouco parecido com a forma como você descreveu a Aubrey.

— Ele não é nem um pouco como ela. Mas no começo ela também não era daquele jeito.

Skeeter fingiu estar apavorado com Butch e fez uma cena, tentando se libertar da pegada da Zoe.

— Ele leva jeito com crianças. Ele tem filhos?

— Ainda não — disse Nathan, ficando triste de repente. — A esposa dele estava grávida quando tudo aconteceu. — Ele me olhou. — O nome dela era Jill. Ela era

muito meiga.

— Sinto muito — falei, desejando me chutar por ter tocado no assunto.

Nathan me deu um beijo na bochecha.

— Todos perdemos alguém — disse ele. — É como as coisas são agora.

Cooper e Ashley vieram para fora, se abraçaram e se beijaram, como sempre faziam toda vez que ele daria início à patrulha.

— Tente convencer o Nate a fazer frango grelhado no jantar. — Ele piscou para Nathan antes de passar o rifle por cima do ombro.

Dei uns tapinhas leves no braço de Nathan.

— Você é o melhor cozinheiro que temos.

— Eu te amo! — disse Ashley.

— Eu te amo mais! — Cooper gritou em resposta, esticando os braços e em seguida se apressando para o leste.

— Vou vomitar — provoquei Ashley, e ela me mostrou a língua.

— Olha o recalque.

— Recalque? — perguntou Nathan.

— Ela acha que estou com inveja — falei. — Você vai aprender todas essas coisas quando a Zoe ficar mais velha.

Ele assentiu, balbuciando um *Ah*. Skeeter se apressou até nós, arfando por ter brincado por um tempo com Zoe.

— Ele não é tão assustador assim. Acho que a gente devia botá-lo na panela.

— Não tem graça! — disse Ashley, embora estivesse com um largo sorriso no rosto. Ela se virou para entrar na casa. — É um bichinho de estimação!

Nathan deu uma cotovelada no cunhado.

— Você fica aí se gabando porque ele está preso no curral. Talvez devêssemos soltá-lo pra ver quem ganha.

Skeeter fungou.

— Eu ganharia.

Todos rimos, e então Nathan ergueu o dedo, inclinando a cabeça como se estivesse tentando ouvir alguma coisa. Em seguida eu também ouvi. Gritos. Todos olhamos ao redor, e então Nathan apontou para Cooper, que corria a toda velocidade, apontando e gritando. A princípio não consegui entender o que ele estava tentando dizer, e então Nathan ficou paralisado.

Ele ficou sem ar.

— Ah, meu Deus. Zoe.

Nathan saiu correndo primeiro, depois eu e Skeeter fomos atrás. Nós corremos

na direção sul, a mesma para a qual Cooper corria, mesmo com o celeiro obscurecendo nossa visão. Para meu horror, vi Zoe de braços abertos girando em círculos lentos no terreno e um homem mancando em direção a ela, a menos de três metros de distância.

Cooper gritou de novo:

— Zoe! Atrás de você! Corre!

Ela parou de girar, mas suas costas estavam voltadas para a criatura.

— Zoe! — Nathan gritou enquanto corria. — Me escuta! Corre até o papai, bebê! Corre até o papai o mais rápido que conseguir!

Ela voltou os olhos inquisitivos para o pai e depois se virou, vendo o infectado se aproximando. Ela não se mexeu. Tudo parecia seguir em câmera lenta, como em um sonho. Não importava quanto eu me apressasse, não conseguiria chegar até ela rápido o bastante. Meu coração parecia prestes a explodir, entre o medo e o esforço que eu fazia para mover as pernas o mais rápido possível.

Eu podia ouvir o gemido baixo, o som que faziam quando estavam animados. A única coisa que os deixava assim era a satisfação da fome constante. Ele esticou a mão para tocá-la, mas Zoe não se mexeu.

— Corre, Zoe! — gritou Nathan, com a voz se partindo. Eu sabia que ele estava chorando. Eu também estava.

Assim que a criatura se curvou para agarrar Zoe, Cooper usou seu corpo para jogá-lo no chão. Zoe caiu com eles. Nathan gritou de novo, acenando com os braços, ainda a mais de cinco metros de distância. Quando finalmente chegamos até eles, Zoe estava com as costas no chão, o olhar fixo no céu, e Cooper estava golpeando repetidamente o crânio do infectado com a coronha do rifle. Nathan levantou a filha e foi checar como ela estava.

— Você foi mordida? — disse ele, inspecionando os braços e as pernas dela e então erguendo a camiseta da garota para olhar suas costas. Ele segurou o maxilar dela e virou a cabeça de Zoe de um lado para o outro, inspecionando o pescoço.

Então ela começou a chorar e Nathan a tomou nos braços. Skeeter e eu diminuímos a velocidade e paramos, bem a tempo de ver a bagunça que Cooper deixara. Os olhos dele encontraram os meus, e foi aí que vi o sangue reluzente e vermelho em seu ombro.

Cooper olhou para a ferida e caiu no chão. Eu ajoelhei ao lado dele para inspecionar a bagunça de pele mutilada e músculos estilhaçados. Um grande pedaço havia sido arrancado da parte da frente de seu ombro, até os ossos.

Skeeter puxou a camisa pela cabeça e formou uma bola com ela, entregando-a a

mim. Pressionei-a com força no ferimento, mas eu sabia, como o restante do pessoal, que isso era apenas pelas aparências. Cooper se encolheu com a pressão e então seus olhos se voltaram para os meus.

— Cooper? — Ashley chamou, ainda distante. A voz dela tinha uma ponta de medo. Ela sabia que havia algo errado.

Ele olhou para mim.

— Não deixe que ela veja.

Assenti, erguendo o olhar para Skeeter.

— Mantenha a garota afastada.

— Diga a ela que a amo — disse Cooper, seus lábios tremiam.

Minha visão ficou embaçada quando as lágrimas encheram meus olhos.

— Ela sabe, Coop. Você demonstrou isso a ela a cada segundo de todos os dias.

Ele sorriu e assentiu enquanto Ashley gritava com Skeeter, xingando-o por segurá-la.

— Ele vai ficar bem! — ela gritou, fora do campo de visão. — Scarlet! Ele vai ficar bem! Não machuque ele!

— Ela vai me odiar — falei.

Cooper se inclinou para frente, encostando a testa em meu rosto, me abraçando da forma como conseguia.

— Não quero correr o risco de me transformar e atacar um de vocês. Faça isso agora.

Nathan ergueu Zoe nos braços e então limpou os olhos.

— Obrigado, Cooper. Você salvou minha garotinha.

Cooper assentiu.

— Mantenha a Ashley em segurança, tá? Retribua o favor.

— Com a minha vida — disse Nathan. — Eu devo isso a você.

— Não machuque ele! — choramingou Ashley. — Por favor!

Eu me inclinei para lhe dar um beijo na bochecha e então fiquei de pé, mirei o rifle em sua têmpora e puxei o gatilho.

24

MIRANDA

Nós nos reunimos sob a árvore ao pôr do sol, ao lado de onde meu pai e Leah estavam enterrados. Dessa vez, em volta de um novo monte de terra. A própria Ashley fizera a cruz, atando com barbante sua interseção de madeira e colocando flores do campo ali. Ela trabalhou nisso por horas, entalhando detalhes e o nome "Stanley Leonard Cooper II" na madeira. O único momento em que falou com alguém foi para dizer que não permitiria que o funeral fosse realizado até a cruz estar finalizada.

Nós não tivemos tempo de enterrar Jill, e Scarlet enterrara meu pai antes de chegarmos, então esse era nosso primeiro funeral. Eu simplesmente não conseguia acreditar que era o funeral de Cooper. Ele era o mais forte e o mais bondoso de nós, não parecia certo ele ter morrido.

Skeeter, Nathan e Bryce estavam imundos por escavar a cova e carregar o corpo de Cooper até lá. Fiquei dentro da casa consolando a minha quase inconsolável irmã. Assim que ela terminou a cruz e os meninos começaram a cavar, a verdade a atingiu de uma só vez e ela ficou histérica durante a maior parte do dia.

Agora que eu pacientemente a persuadira a ir até lá fora, ela estava em silêncio. Todos estávamos. Por fim, Nathan pigarreou.

— Stanley Cooper era o melhor de nós. Devemos lutar todos os dias para ser tão esforçados, bondosos e amáveis como ele. Ele era um bom amigo, irmão...

— E marido — sussurrou Ashley. Ela franziu o rosto e seu corpo estremeceu com a mistura silenciosa de soluços e choro.

— E marido — repetiu Nathan, com a voz partida. — Ele foi um herói. Salvou uma vida. E devíamos todos nos esforçar para viver do jeito como ele vivia, para que possamos vê-lo novamente no céu. Uma vez o Cooper me falou sobre sua irmãzinha, Savannah, sobre como eram próximos, como ele a amava, e também me disse que se preocupava todos os dias se ela e a mãe estavam vivas. Se não estão, ele se juntou a elas novamente. Talvez possamos ter algum conforto com isso.

Bryce sorriu.

— Eu lembro quando conheci o Coop. Foi na sala de aula, e ele estava com o olhar fixo na Ashley. Claro que, quando ficou sabendo que eu era namorado da irmã dela, automaticamente ele se tornou meu melhor amigo. Só que ele não fingia simplesmente ser meu amigo, sabe? Ele foi um bom melhor amigo. O melhor. — Bryce pigarreou. — Vou sentir sua falta. O mundo não está tão bem sem ele, mas o céu está melhor agora.

Scarlet abriu um sorriso.

— Isso foi bonito.

— Não fala nada — disse Ashley. — Não fale uma palavra aqui, Scarlet.

Nathan deu um passo em direção a Ashley, mas ela se afastou.

— Não é culpa dela, Ashley. Ela tinha que fazer aquilo, você sabe disso.

— Tá tudo bem — disse Scarlet, fazendo um movimento com a mão para Nathan. — Ela tem o direito de ficar com raiva.

— Não seja legal comigo — falou Ashley, seu controle emocional indo pelo ralo. — Merda, não seja legal, Scarlet. Só não fala nada. Não quero ouvir sua voz, tá me entendendo?

Scarlet baixou o olhar e assentiu. Ela era uma das mulheres mais fortes que eu conhecia e estava permitindo que Ashley falasse com ela daquele jeito na frente de todo mundo. Embora todos soubéssemos que Ashley não queria dizer nada daquilo, eu estava admirada com a paciência de Scarlet.

Nathan começou a falar em defesa de Scarlet outra vez, mas ela tocou no braço dele e balançou a cabeça em negativa.

Ficamos de pé lá fora durante meia hora, chorando, contando histórias, rindo e lembrando. Ashley começou a balançar o corpo para frente e para trás, tão emocionalmente exausta que mal conseguia se manter em pé. Eu a levei para dentro, carregando seu peso enquanto caminhávamos. Ela foi direto para cama e chorou até dormir.

— Ei — disse Bryce enquanto eu fechava a porta do quarto de Ashley. Ergui o dedo até a boca. Ele assentiu e começou a sussurrar: — Como ela tá?

— Na mesma.

— E você?

— Na mesma.

Bryce passou o braço pelo meu ombro e me guiou até a sala de estar vazia.

— Cadê todo mundo?

— O Joey está fazendo a guarda. A Scarlet disse que podia ser uma boa ideia subir no telhado, então o Joey achou uma escada e subiu. Ele disse que consegue enxergar bem mais longe assim. Então vamos ficar mais prevenidos desse jeito.

Assenti.

— O Nathan está com as meninas. O Skeeter e a Scarlet desceram a estrada.

— Fazendo a limpeza? — perguntei.

Bryce assentiu.

— Só os dois? Depois do que aconteceu?

— Eu vou com eles. Só queria ter certeza de que você estava bem.

Inspirei fundo.

— Eu sei que a Scarlet sente que precisa fazer isso, mas acho que está na hora de aceitarmos que as filhas dela não vão chegar. Já se passaram quase quatro meses.

Bryce deu de ombros.

— Não sei. O Nate e o Coop levaram quase o dia todo para cruzar os quinze quilômetros. É um longo caminho para duas meninas se estiverem a pé. Acho que, se elas não chegarem até o inverno, aí podemos achar que elas não vêm mais.

— É muito tempo para deixá-la ter esperança.

— Não muito, se quiser minha opinião. — Ele me deu um beijo na testa. — A gente se vê mais tarde.

— Toma cuidado.

Fiquei observando Bryce partir apressado para alcançar Scarlet e Skeeter, que já estavam fora do meu campo de visão na estrada. Senti o estômago afundar e me perguntei se seria boa ideia ele ficar sozinho, até mesmo pelos poucos minutos que levaria para se juntar a eles.

Quando Bryce passou pela colina, abri a porta e notei a escada apoiada na parede. Com uma mão depois da outra, subi até o topo, vendo Joey sentado numa fenda com um rifle de caça, uma caixa de munição e o que eu tinha certeza que era a melhor mira do meu pai.

— Quer companhia? — perguntei.

Ele ergueu o olhar para o sol e estreitou os olhos.

— Sempre.

Eu sentei, mas podia ver a parte de baixo do túmulo de Cooper, então segui mais para o meio da casa. Nathan estava perto do curral de Butch com as meninas, as observando conversar com o touro. Ele desviou o olhar por tempo suficiente para dar uma rápida olhada ao redor, e então seus olhos focalizaram as meninas novamente.

— A Zoe parece bem. É meio esquisito — disse Joey.

— Não acho que ela seja como a gente.

— O que quer dizer com isso?

— Acho que ela é um pouco diferente, só isso.

Joey assentiu.

— O Nathan é um santo. Fico contente por ele e a Scarlet terem um ao outro.

Abri um sorriso.

— Eu também.

Ele olhou ao redor, em todas as direções, e então apontou.

— Olha.

Havia uma única árvore no meio do descampado ao norte. Um bando de pássaros empoleirados alçou voo, todos de uma vez, deixando os galhos. Joey olhou através da mira e inclinou o rifle.

— Há quatro deles, está vendo?

Estreitei os olhos; o trigo agora estava alto e dourado, quase pronto para ser colhido. Com a plantação alta, ficava fácil ver um torto passando aos tropeços em meio a ela. Olhei para Joey. Eu conseguia ver três cabeças e o trigo se movendo em volta de uma quarta, menor. Ou era uma pessoa muito baixa, ou uma criança.

— Você está vendo? São tortos, certo? Não humanos?

— Com certeza tortos.

— Você dá conta?

— Dou conta sim — disse Joey, inclinando o rifle.

Um. *Recarregar*.

Dois. *Recarregar*.

Três. *Recarregar*.

E, depois de uma pausa, quatro.

Joey ergueu o olhar, deu mais uma rápida olhada na área pela mira e então colocou o rifle no colo. Nathan reuniu as meninas e gritou para ele:

— Livre?

— Livre — gritou Joey em resposta.

— Vocês estão vendo a Scarlet?

— Não.

Nathan pareceu frustrado. A morte de Cooper fora um chamado à realidade para todos nós. Ninguém conseguia convencer Scarlet a parar com a varredura, porque não havia como argumentar com o raciocínio dela, mas ainda era muito arriscado.

Joey limpou a testa com um trapo sujo. Nós estávamos cozinhando ali em cima, até mesmo sob a sombra parcial do carvalho. Joey se inclinou para trás, se apoiando nas mãos. Seu dedo indicador roçou meu mindinho, e então ele entrelaçou os dedos aos meus. Nós não tomamos conhecimento do fato nem falamos nada; só ficamos sentados ali, ensopados de suor e contentes porque, por um momento, não tínhamos de fingir.

SCARLET

— Fiquem espertos! — gritou Skeeter.

Estávamos a favor do vento, assim ficava fácil sentir o cheiro dos cadáveres em putrefação conforme se aproximavam. Dessa vez, no entanto, o cheiro era excepcionalmente ruim. A princípio, achei que fosse porque estávamos nos aproximando do alto verão, mas então eu os avistei.

Skeeter riu uma vez.

— Tostados e fritos! Que nem os frangos fritos do Nathan!

— Eles não cheiram a frango — disse Bryce, revoltado.

Nós nem havíamos chegado à rodovia quando nos deparamos com um pequeno rebanho vindo do sul e, enquanto eu estava ocupada descendo a machadinha no crânio deles e nas laterais de seu rosto, me perguntava por que estávamos vendo tantos mais deles. Fazia semanas que vínhamos fazendo a varredura; não fazia sentido que houvesse mais na estrada, e isso me deixava mais que frustrada.

Skeeter e Bryce me ajudaram a empurrar os corpos para dentro de uma vala. Era uma regra que eu tinha estabelecido quando começamos: dava muito trabalho enterrá-los e era muito arriscado empilhar e queimar os corpos, por causa do calor, do vento e da falta de chuva do último mês. Eu não queria que as meninas tivessem de passar por cima deles enquanto seguiam caminho até o rancho.

Eu me levantei, respirando com dificuldade e limpando a terra e o suor do rosto.

— Acho que estão vindo de Shallot.

— Eu estava pensando a mesma coisa — disse Skeeter. — Esses caras devem ter chegado perto demais do incêndio no posto de gasolina.

Bryce apontou bruscamente com a cabeça para o sul.

— O incêndio deve ter se apagado e não tem mais nada que os atraia para a cidade.

— E eles estão famintos — falei, assentindo para outro pequeno rebanho que vinha caminhando penosamente pela estrada principal, a menos de quinhentos metros de distância. Eram pele e osso. Eu não tinha certeza se eles precisavam de fato comer, ou se era apenas seu estado natural de putrefação, mas definitivamente pareciam famintos. — Olhe para eles. Talvez acabem se desintegrando, ou morram de desnutrição.

— É um pensamento promissor — disse Skeeter. — Mas eu não contaria com isso. Os que acabamos de aniquilar estavam tostados. E ainda assim estavam andando.

— Eles estão seguindo para o norte — disse Bryce. — Vamos só deixar que passem.

Balancei a cabeça em negativa.

— Talvez alguém tenha visto e deixado passar aquele que atacou Cooper. Vamos acabar com todos eles. Com quantos conseguirmos.

NATHAN

Eu andava de um lado para o outro na sala de estar enquanto o jantar estava cozinhando, checando a porta da frente a cada poucos segundos para ver se havia sinal deles. Minhas emoções passavam de preocupado para frustrado e aterrorizado.

— Eles vão estar de volta a qualquer momento — me garantiu Miranda. — O jantar está queimando.

Corri até a lavanderia e saí pela porta lateral rumo à grelha.

— Droga! — falei, puxando o frango dali com as mãos desprotegidas. Lambi os dedos ardentes e sacudi a mão, como se isso fosse ajudar.

Miranda estava de pé na porta.

— Sei que é difícil pra você ver a Scarlet pôr a vida em risco desse jeito.

Dei uma rápida olhada ao redor. Olhar por sobre o ombro era um hábito que eu havia desenvolvido; eu não sabia em que ponto tinha começado a fazer isso, mas era algo que se repetia toda vez que eu estava do lado de fora, como um tique nervoso.

— O Bryce também está lá... e o Joey.

As bochechas de Miranda coraram, e ela olhou para trás antes de sair porta afora.

— É tão óbvio assim? — Olhei para ela, e Miranda baixou a cabeça, envergonhada. — Eu não tinha a intenção. Simplesmente aconteceu.

— É uma situação complicada — falei. — Eu não estou em posição de te julgar.

— Não sei o que fazer. Eu não tenho com quem conversar.

— Você pode conversar comigo. Não sei bem como vou poder ajudar, mas posso ouvir o que você tem a dizer.

Ela abriu um sorriso e apoiou a têmpora no batente da porta.

— Obrigada, Nate.

Eu levei o prato de frango para dentro e olhei para as três cadeiras vazias, suspirando. Miranda saiu para chamar Ashley, mas voltou sozinha.

— Ela não está com vontade de comer.

Assenti.

— Vou deixar passar esta noite, mas ela vai ter que começar a comer logo.

Miranda assentiu.

Todos nos sentamos para comer. Elleny e Zoe conversavam sobre o dia que tiveram. As duas se davam muito bem. Elleny não falava muito, mas era uma garota doce. Eu tentara conversar com ela sobre sua família, mas ela mantinha tudo sobre o assunto dentro de si. Scarlet disse que ela falara sobre os pais uma única vez, mas fora tão doloroso que nunca mais tentou depois disso. Eu tinha esperanças de que, depois que ela superasse o que aquele monstro a fizera passar, conseguisse conversar com alguém. Era dor demais para uma garotinha manter dentro de si.

— E aí o Butch fez *muuuuuuuuuu* — disse Zoe, dando risadinhas.

Elleny riu também e em pouco tempo todos estávamos rindo.

— Papai! — disse Zoe, sentada sobre os joelhos. Ela apontou para a porta quando Bryce a abriu.

Joey entrou em seguida e depois veio Scarlet. Eu me apressei até ela e a envolvi nos braços. Aqueles primeiros segundos depois que ela voltava da varredura me tiravam

um imenso peso dos ombros, me permitindo respirar outra vez.

— Tem meleca em mim! — ela avisou.

— Eu não me importo — falei, apertando-a junto a mim, e em seguida beijando seus lábios.

Scarlet se afastou, abaixando o queixo.

— Eles estão saindo de Shallot. Estão migrando.

— Procurando comida — falei, pensativo.

— Se estiverem caçando, eu vou ter de intensificar meus esforços.

— Scarlet... — comecei, mas ela ergueu a mão e abriu um sorriso.

— Vou me lavar. A gente conversa depois.

Ela se afastou e eu soltei um suspiro. Ela já estava decidida.

Durante o jantar, Scarlet explicou os fundamentos básicos de seu plano. Depois, quando estávamos na cama, o explicou mais a fundo. Ela tinha esperanças de que eu fosse concordar que era a coisa certa a fazer, mas eu estava ficando sem motivos para apoiar suas jornadas diárias rumo ao perigo.

— Na próxima semana — ela sussurrou —, vamos nos concentrar em varrer a estrada, assim não deixamos passar nenhum que venha de Shallot por este lado. Depois vamos fazer mais uma viagem até Shallot. Não acho que haverá muitos deles na cidade, você acha?

Balancei a cabeça em negativa.

— É difícil dizer.

— Acho que eles estarão em número reduzido. Vamos ficar em Shallot até que a cidade esteja livre, então vamos nos concentrar na estrada entre Shallot e a outra rodovia.

Eu me sentei.

— Você contou isso aos rapazes?

— Falei sobre isso no caminho de volta. Skeeter e Bryce estão dentro. Vou perguntar ao Joey se ele topa.

— Meu Deus, Scarlet, quando isso vai parar? Quando será o bastante?

— Fala baixo.

— Estou tentando. Deus sabe como, mas você vai ter que me dizer quando esse seu pequeno projeto vai ter fim.

— Pequeno projeto?

Franzi o cenho.

— Você faz ideia do que eu passo todas as manhãs quando você sai? Do que eu passo o dia todo até você voltar?

— É. Faço ideia — ela disse, avançando lentamente para fora da cama.

— Meu Deus, Scarlet... — falei, me sentindo péssimo. — Eu sinto muito.

Ela saiu sem dizer uma única palavra, e eu fiquei deitado olhando para o teto, enquanto me permitia afundar na culpa que me invadia.

25

MIRANDA

Depois do oitavo dia seguido de varredura, Scarlet e os rapazes tiraram um dia de folga. Estávamos todos ansiosos por isso. Enquanto eles estavam fora, Nathan e eu nos alternávamos na vigília no telhado. O clima estava tão quente que, mesmo bebendo muita água, quase descíamos de lá com insolação. E então tínhamos que ficar de olho nas meninas. Era exaustivo. Eu não conseguia imaginar como os rapazes se sentiam todos os dias.

Ashley andara levando comida para o quarto, mas hoje decidiu se aventurar até a sala de jantar para almoçar conosco. Era óbvio que estávamos tentando manter uma conversa leve. Ashley não comeu nem falou muito, mas foi um grande passo ela vir se sentar à mesa, e todos sabíamos disso.

Era a minha vez de lavar a louça. Joey trouxera um balde de água e se mantivera por perto para secar o que eu lavava.

— Espero que chova logo — disse ele. — Não tem muita água no tanque.

Nós não tínhamos passado nenhum tempo juntos desde que estivéramos no telhado, e, mesmo que eu tentasse disfarçar e que ele houvesse trazido más notícias, eu estava quase dando risadinhas quando ele se ofereceu para ajudar.

— Você está ficando bem doméstico — brinquei. Joey me deu uma cotovelada e eu ri.

Bryce entrou na cozinha e pegou um pano de prato.

— Eu faço isso — ele disse a Joey.

— Estamos quase acabando — falei, esperando não ter dado a impressão de que queria apenas manter o Joey na cozinha comigo... porque era exatamente isso que eu queria.

Bryce nos olhou com expectativa e então Joey e eu trocamos olhares.

— Eu estava indo praticar tiro ao alvo, de qualquer forma — disse Joey.

Ele e eu costumávamos ter alguns momentos sozinhos praticando tiro, e eu abri um sorriso, sabendo que se tratava de um convite.

— É melhor avisar o Skeeter — disse Bryce. — A gente não ia querer que ele atirasse acidentalmente em você — ele resmungou baixinho.

No segundo em que a porta de tela bateu, tentei pensar em uma desculpa para ir até lá fora com Joey. Bryce e eu terminamos de lavar e secar a louça, e ele estava guardando tudo. Scarlet, Nathan e Zoe estavam no meio da sala de estar jogando um jogo de tabuleiro feito em casa.

— Miranda, a Ashley foi lá pra fora. Vou lá ver como ela está quando terminar aqui — disse Bryce, fechando a porta do armário.

— Eu vou — falei, tentando não soar tão entusiasmada quanto me sentia. Minhas mãos estavam tremendo, eu me sentia grata por ter um motivo para ir lá fora e animada por ter sido Bryce quem me dera o motivo, o que significava que haveria menos perguntas depois. Tentei parecer indiferente ao passar casualmente pela porta da frente.

Ele não estava nos fundos da casa, onde havíamos nos encontrado da última vez. Não levei muito tempo para me dar conta de que não tinha visto o Joey... nem a Ashley.

— Ei, Skeeter — chamei, erguendo o olhar para o telhado. Ele colocou a cabeça para fora da beirada. — Você viu o Joey ou a Ashley?

Skeeter apontou para o sul, mas não disse nada.

Segui para o celeiro, mas Butch e eu éramos os dois únicos por ali.

Diversas emoções me vieram à tona: confusão, preocupação e até suspeita. Ruídos atrás do celeiro atiçaram minha curiosidade, então dei uma espiada pelo canto. Joey e Ashley estavam de pé no descampado, juntos. Ela estava segurando o rifle e ele tentava ajudá-la a posicioná-lo corretamente. Ele disse alguma coisa, fazendo com que ela deixasse o cano da arma cair um pouco em direção ao chão. A mão dele pousou no quadril dela por uma fração de segundo. Eles começaram a rir, daquele jeito que faz a gente chorar de tanto gargalhar. Joey até se dobrou ao meio e se equilibrou, botando as mãos nos joelhos.

Meu rosto ficou ruborizado no mesmo instante e meus olhos se encheram de

lágrimas. A princípio, fiquei com raiva da Ashley. Ela andava perambulando pela casa quase em estado de coma, não respondendo a nada nem a ninguém. Tudo que ela fizera por quase dez dias fora chorar e dormir. Todas as vezes em que eu tentava conversar com ela, ela ficava com raiva. Porém, ali com o Joey, ela estava sendo ela mesma de novo. Rindo e brincando como se Cooper não tivesse sido baleado bem na frente dela menos de duas semanas atrás. De repente, sozinha com o Joey, ela estava bem.

Engoli um soluço, deixando o ciúme e então a culpa me invadirem por completo. É claro que Ashley merecia fazer outra coisa que não se sentir miserável. Como eu podia dizer que a amava e depois sentir raiva por ela estar tendo um momento de paz? Lentamente me deixei deslizar até o chão e me sentei na terra. O suor estava se formando ao longo da linha dos meus cabelos e, por fim, uma gota caiu bem na frente da minha orelha. Estava um forno, mesmo na sombra, mas Ashley e Joey não pareciam notar que estavam cozinhando sob o sol.

Ela estava sozinha agora, e Joey também. Eles conversariam sobre as perdas e encontrariam conforto um no outro, e eu teria de ficar assistindo, porque não tinha para onde ir. Fechei os olhos e deixei a cabeça pender para trás, junto à parede do celeiro. Meu Deus, eu era uma vaca egoísta.

A voz do Joey e a da Ashley ficaram mais altas, e eu me dei conta de que estavam vindo na minha direção. Fiquei imóvel e nem me atrevi a respirar, temendo que eles me pegassem ouvindo a conversa deles e chorando como uma maluca. Eu estava convencida de que os dois saberiam o motivo se me vissem. Ainda bem que eles estavam ocupados demais impressionando um ao outro para me ver e continuaram andando até a casa. Por fim, inspirei fundo e soltei um grito silencioso. Certa vez eu disse que não queria o Joey nem se ele fosse o último cara na Terra. Agora eu estava sendo péssima o suficiente para desejar que nós dois fôssemos os últimos na Terra, para que eu pudesse tê-lo para mim.

No jantar daquela noite, Ashley e Joey se sentaram lado a lado. Eles ficaram falando sobre a tarde que tiveram e sobre como Ashley era uma atiradora horrível. Sem motivo nenhum para isso, eu estava irritada com a voz de Ashley e com a conversa toda. Ninguém mais estava falando, estavam todos só ouvindo os dois tagarelarem sem parar sobre como tinha sido divertido, hilário, e sobre como Ashley precisava de ajuda.

— Chegamos à conclusão de que ela precisa de muita ajuda, e que isso devia se tornar rotina até que ela melhore.

— Parece uma boa ideia — Nathan assentiu.

— Você já atirou antes, Ashley. Não entendo como você pode ser tão ruim assim — falei.

Ela riu, e então, quando se deu conta de que eu não estava me divertindo, parou completamente.

— Eu não atirei tanto assim.

— Tanto quanto eu. Pelo que vocês estão falando, você não sabia nem como segurar a merda da arma.

— Miranda — disse Nathan, a voz enfurecedoramente suave.

— Eu só estou curiosa. — Tentei sorrir, na esperança de que isso escondesse como eu estava furiosa e como eu era horrível por ficar com raiva da felicidade da minha irmã.

Ashley baixou o olhar para a mesa, e a luz que voltara a seus olhos se apagou.

— Isso nunca foi minha praia.

Os cantos de sua boca não estavam mais curvados para cima, mas retos, e ela revirava a comida com o garfo, voltando a ser a coisa sem vida que vinha sendo desde que Cooper morrera.

Bryce me desferiu um olhar. Eu não precisava perguntar no que ele estava pensando. Eu sabia que ele estava bravo por eu ter sido tão dura com ela, e devia mesmo sentir raiva de mim por isso. Até eu estava com raiva de mim mesma.

— Desculpa, Ashley. Eu não queria...

— Tudo bem — disse ela, o rosto desprovido de emoção.

Eu me recostei na cadeira, sentindo o julgamento de todos na mesa. Eu merecia isso, então fiquei ali parada, deixando que me olhassem feio, me encarassem ou balançassem a cabeça. Eu não sabia quem estava com mais raiva, pois não era corajosa o suficiente para erguer o olhar do prato.

* * *

Depois que as luzes se apagaram, Bryce tentou me tirar da cadeira reclinável.

— Você vem?

Assenti.

— Daqui a pouco. Eu não estou muito cansada.

Ele assentiu, resignado. Depois que ele desapareceu no corredor e fechou a porta, eu me levantei.

Joey estava respirando com dificuldade, mas nada fora do normal, o rosto voltado para o chão na última metade de uma flexão de braço. Seu rosto estava vermelho e suado e, como de costume, ele estava sem camiseta. As veias saltavam de suas mãos e braços.

Notando meus pés perto de seu rosto, Joey ergueu o olhar para mim.

— Posso falar com você lá fora um minuto? — eu disse e então me virei para seguir até a varanda. Joey saiu em seguida, fechando silenciosamente a porta atrás de si.

Agora que estávamos sozinhos, e que ele estava seminu, eu me esforçava para lembrar por que tinha ficado com raiva para início de conversa.

— O que está acontecendo com você? — ele perguntou.

— Eu vi você.

— Hein?

— Com a Ashley. Mais cedo. O que diabos você acha que está fazendo?

Joey cruzou os braços e ficou alternando nervosamente o peso do corpo entre um pé e outro.

— Hum... ensinando Ashley a atirar?

Ri uma vez, sem humor.

— Ah, papo-furado. Você me ensinou a atirar antes. Eu não lembro das suas mãos em cima de mim daquele jeito.

— Minhas... *o quê?*

— Você ouviu. Eu vi vocês!

A expressão de Joey passou de surpresa para levemente com raiva.

— Eu não estava com as mãos em cima dela, Miranda, você está sendo ridícula. E você sabia muito bem o que estava fazendo antes de irmos lá pra fora, porque já tinha atirado antes.

— Ela também!

— Bom, então ela não é tão boa quanto você.

— Ela está triste, Joey. O que quer que você esteja pensando, não faça.

— Não faça o quê? Talvez eu seja burro, então você vai ter que dizer exatamente o que está querendo insinuar com isso.

Ele estava na defensiva, o que só me deixava ainda mais brava.

— Eu estou dizendo que a Ashley é minha irmã. Eu a amo. Ela acabou de perder o amor da vida dela e está vulnerável. Eu não sei como posso ser mais clara, então vou dizer apenas isso: não quero que se aproveitem dela.

— Você não acha *realmente* que eu faria uma coisa dessas — disse Joey,

borbulhando de raiva. Como não respondi, a expressão dele mudou. — Você realmente pensa tão mal de mim, a ponto de achar que eu tentaria forçar a barra para transar com ela? Enquanto ela está de luto?

— Não, não é isso que eu estou dizendo, eu...

— Que bom, porque, se você realmente acha que eu sou um merda, o que é que estávamos fazendo?

— Nós não fizemos nada!

— Você sabe do que eu tô falando!

— Espera, você está dizendo que quando ela não estiver mais de luto vai tentar transar com ela?

— *O quê?* — disse ele, claramente tentando se lembrar de quando dissera algo remotamente próximo disso. Ele negou com a cabeça, completamente desconcertado. — Você deve me conhecer melhor do que isso. Você deve saber como me sinto em relação a você. Ela é sua irmã. Eu nunca...

— Sim. Eu conheço você e sei que você também perdeu alguém, então pensei que talvez você achasse que você e a Ashley têm algo em comum.

— Então não é que você ache que eu faria uma coisa idiota dessas, mas quis me avisar para não fazer algo idiota assim.

— Não! Não acho que você seja um babaca, só acho que vocês dois... talvez não estejam pensando no que significa ficarem juntos só porque estão sozinhos.

— Então você veio até aqui para se certificar de que eu não estava tentando me aproximar da sua irmã porque não achava que eu tentaria me aproximar dela?

— Sim!

— O que você está falando não faz sentido! — Ele virou de costas e deu uns passos na direção oposta a mim, então virou o rosto. — Ou talvez faça.

Eu o observei por um bom tempo. Eu não sabia se estava envergonhada ou com raiva ou as duas coisas, mas aquele sorriso presunçoso que eu odiava e amava estava aberto em seu rosto. Girei o pulso e mostrei a ele o dedo do meio.

— Talvez você *seja* um babaca.

Girei nos calcanhares para voltar para a escada, mas Joey me puxou e então sua boca se colou à minha. Depois da surpresa inicial, eu agarrei sua pele e o puxei para junto do meu corpo conforme sua língua deslizava para dentro de minha boca. Ele cheirava a dois dias de suor e terra, e tenho certeza de que eu também, mas eu não conseguia ficar perto o suficiente dele. Eu queria mais de sua boca na minha, mais de seus braços ao meu redor, mais de suas mãos na minha pele, mas ele se afastou.

Pela expressão e o brilho de tristeza em seus olhos, me beijar havia trazido de

volta uma lembrança. Talvez eu merecesse isso, amar alguém que amava outra pessoa.

— Nossa, me desculpa — ele sussurrou, cambaleando para trás. — Não consigo acreditar que acabei de fazer isso.

— Tudo bem — falei, esticando a mão para ele, desesperada para fazê-lo se sentir melhor.

— Eu não posso fazer isso com a Dana.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você não está fazendo nada errado. Eu sei que você a amava, mas a Dana não está mais aqui.

— Mas o Bryce está.

As palavras dele me partiram feito um machado. Ele não estava fazendo nada errado, mas eu estava.

— Nós vamos até Shallot outra vez — ele disse. — Tenho que acordar cedo e vai ser um dia longo, e, quando voltarmos, o Skeeter quer cavar valas em volta do terreno. Preciso descansar.

Assenti, dando alguns passos para trás antes de finalmente abrir a porta. Teria sido simplesmente sorte se eu tivesse me deparado com alguém, talvez até Bryce, enquanto voltava para a sala de estar com as bochechas molhadas. Quando entrei na casa, eu estava sozinha. Nathan e Zoe muito provavelmente tinham nos ouvido ir lá fora e era provável que também tivessem ouvido nossa discussão. Provavelmente todo mundo tinha ouvido a gente gritar.

Sequei os olhos rapidamente e dei alguns passos na direção da lavanderia. Eu podia ouvir o sussurro de Scarlet em minha cabeça. *Eu não faria isso.* Se ela ainda estivesse casada com o Andrew e presa nesta casa com ele e Nathan, talvez fizesse.

Perdi a coragem, então voltei de fininho para o quarto, dei uma olhada em Bryce, dormindo do meu lado da cama, e me sentei na cadeira no canto. Geralmente ele caía no sono bem rápido depois que sua cabeça encostava no travesseiro, então acabou adormecendo enquanto me esperava ir para a cama, sabendo que acordaria quando eu puxasse as cobertas para deitar. Eu não sabia se estava há tanto tempo com ele porque o amava ou se simplesmente não tinha tido um bom motivo para terminar. De uma forma ou de outra, eu estava indo para a cama com o homem que me amava desejando que ele fosse o homem que eu amava.

26

NATHAN

— Quer mais água? — Miranda perguntou.

Estiquei a cabeça na beirada.

— Claro — falei.

Era difícil dizer ali no telhado, mas eu podia apostar que a temperatura chegava facilmente a quarenta graus.

Miranda subiu a escada com mais um copo grande de água, recolhendo o meu vazio.

— Sabe do que eu sinto falta? — falei. — De gelo.

Ela sorriu.

— Ah, meu Deus, eu também. Mas tenho certeza que teremos gelo no inverno, e aí não vamos sentir tanta falta assim.

Eu ri.

— Você provavelmente tem razão.

Miranda desceu a escada e eu estreitei os olhos para enxergar com o brilho do sol. Scarlet e os outros estavam há três dias fazendo a varredura, e eu tinha esperanças de que voltassem logo. Eu vira uma coluna de fumaça mais cedo, naquela direção, e esperava que não se tratasse de algum sinal de que precisavam de ajuda. Não me dei o trabalho de contar a Miranda. Nós não poderíamos correr o risco de deixar as meninas, e era perigoso demais para um de nós ir até lá sozinho, de qualquer forma.

Almocei no telhado e então desci a escada, me certificando de que Miranda já estivesse a postos lá em cima antes de entrar. Elleny estava arrumando as coisas

depois do almoço e Zoe pintava com os poucos tocos de giz de cera que lhe restavam. Eu esperava que, se Scarlet tivesse tempo de dar uma passada na loja em Shallot, pensasse em pegar mais alguns para Zoe — se tivessem giz de cera por lá —, e então me dei conta de como esse pensamento se tornara estranhamente normal.

— Nathan! Tô vendo eles! — gritou Miranda. Sua voz estava abafada, então eu queria ter certeza de ter ouvido direito.

— Você está vendo? — falei, dando um passo para fora, na varanda. Ela não respondeu, então subi a escada. Ela estava olhando através da mira, os lábios tremendo. — O que foi? O que você está vendo?

Então Miranda olhou para mim, os olhos vermelhos e ameaçando ficar cheios de lágrimas.

Depois que se aproximaram um pouco mais, estreitei os olhos na direção deles.

— Não entre em pânico — falei, me dando conta do que a deixara tão perturbada. — Pode não ser o que você está pensando.

Eu me virei, observando o grupo cortar caminho pelo jardim. Desci a escada, com Miranda bem atrás de mim, e encontrei Scarlet na frente da varanda. Era evidente que a notícia não era boa.

— Sinto muito — ela disse, olhando para Miranda. — Eu sinto muito mesmo.

As mãos da garota tremiam enquanto ela cobria a boca.

— Não.

— Nós fomos encurralados. Ele ia levá-los para longe de nós, mas não voltou.

Miranda sugou o ar. Elleny e Zoe saíram da casa.

Elleny abraçou Scarlet com força e Zoe fez o mesmo com Skeeter.

— Vocês têm certeza? Vocês procuraram? — perguntei.

Skeeter assentiu, os olhos tristes.

— Eu encontrei. E apaguei ele.

Miranda se prostrou de joelhos e gemeu, cobrindo o rosto.

Ashley saiu com os olhos arregalados e se ajoelhou ao lado da irmã.

— Você está bem? — ela perguntou. Então ergueu os olhos para nós. — Onde está o Joey?

Bryce encarava Miranda, inexpressivo.

— Ele não sobreviveu.

Miranda se inclinou para frente e gritou, incapaz de esconder a dor. Ashley a abraçou, erguendo o olhar para Bryce. Ele estava com os olhos cheios de lágrimas, observando a namorada lamentar a morte de Joey da forma como Ashley fizera com Cooper. Por fim, aquilo se tornou demais e ele entrou na casa.

Skeeter me olhou com o cenho franzido.

— Eu sou o único que está confuso pra diabo?

— Sim — falei, sem saber o que mais dizer.

— Talvez não fosse ele — Miranda fungou. Seus olhos brilharam com a esperança.

— Era ele — disse Scarlet. — Eu sinto muito. A culpa é minha.

O rosto de Miranda ficou endurecido e ela se pôs de pé, afastando Ashley.

— Você está certa pra caramba, é mesmo culpa sua! Todo mundo aqui acha que *eu* sou a vadia egoísta, mas você ganha o troféu, Scarlet! Você fez com que ele fosse morto! E a troco de *quê*? Das suas filhas mortas?

— Miranda, chega! — grunhi. Meu tom surpreendeu até a mim mesmo.

Miranda inspirou pelo nariz. Ashley esticou a mão na direção dela outra vez.

— Tira a mão de mim! — ela gritou, dando pequenos soluços. — Tira a mão de mim. — E subiu até o telhado chorando, sozinha.

Scarlet engoliu em seco e ergueu o olhar para mim.

— Ela está certa?

— Não — respondi simplesmente, envolvendo-a em meus braços. Beijei seus cabelos, sem saber o que mais dizer.

SCARLET

Nenhum de nós estava no clima de comer, então preparei apenas um prato de biscoitos com pasta de amendoim para as meninas e pronto. Sentei no sofá, bebendo água e tentando esquecer como Joey estava antes de Skeeter meter-lhe uma bala na testa.

Ele não contara toda a verdade a Miranda. Joey realmente levou os tortos para longe do esconderijo e não voltou, mas, quando fomos procurá-lo à primeira luz, fui eu quem o encontrei. Eu simplesmente não consegui puxar o gatilho. Joey cambaleava na minha direção, com o pescoço e os braços triturados até os ossos em várias partes. Eu sabia que era minha culpa ele estar morto, e eu não podia ser a responsável por sua

morte uma segunda vez. Skeeter me segurou com um dos braços enquanto apagava Joey.

Tomei outro gole de água e então saí para esperar na varanda. Eu podia ouvir Miranda no telhado. Mesmo sabendo que eu era a última pessoa que ela queria ver, decidi me juntar a ela.

— Oi — falei, quando cheguei ao último degrau.

Ela nem se deu o trabalho de responder; apenas riu uma vez, sem poder acreditar.

Eu me sentei um pouco afastada dela. Não falamos nada; eu só queria esperar onde pudesse enxergar mais longe estrada abaixo. Depois de uns dez minutos, o céu começou a mudar, marcando o início do pôr do sol.

— Você está fazendo isso só para eu ver que você ainda acha que elas estão vivas. Para que não pareça que o Joey morreu por nada.

— Não, eu só estou esperando minhas filhas.

— Você tem duas lá dentro.

Soltei um suspiro.

— Eu tenho mais duas lá dentro, sim.

— Quer saber? Não vem ao caso se você acha ou não que elas estão vivas. A vida delas não é nem um pouco mais importante que a do Joey, do Bryce, do Skeeter... ou do Nathan.

— Do Nathan?

— Ele vai morrer se alguma coisa acontecer com você. Você está vendo a Ashley? Vazia e sem esperança? O Nathan vai acabar assim depois que você acabar sendo assassinada.

Pensar nisso me deu náuseas, mas não me fez mudar de ideia.

— Assumo total responsabilidade pelo Joey. Você tem razão. A culpa é minha. Mas não posso me desculpar por fazer o que eu puder para ajudar minhas filhas a chegarem até mim em segurança, e não vou recusar ninguém que queira ajudar.

Miranda virou o pescoço para mim.

— Ninguém mais vai te dizer isso, Scarlet, mas eu vou: você pode se foder, você e sua ideia idiota de limpar o caminho para suas filhas. Tem mais infectados do que humanos por aí. Você nunca vai acabar com todos, e um dia desses vai enfiar a machadinha na cabeça de um deles e se dar conta, tarde demais, de que era a Jenna ou a Halle. Mas não vai fazer diferença, de qualquer forma, porque *elas estão mortas, porra*!

Com essas últimas palavras, Miranda gritou, fechou os olhos e balançou a cabeça, os cabelos grudando no suor do rosto.

Fechei os olhos, tentando fazer com que seus gritos parassem de formar imagens em minha cabeça.

— Miranda...

— Você vai admitir, então? — disse ela, com os olhos cheios de raiva e desespero.

— Eu não sei. Não sei o que vai acontecer comigo se eu tiver que admitir que elas não estão vindo pra cá.

— Elas. Não. Estão. Vindo.

Uma lágrima me escapou dos olhos e rapidamente eu a enxuguei.

— Não acredito nisso.

— Scarlet! — Nathan gritou da varanda. Ele subiu a escada, os olhos arregalados. — Você está vendo?

— O quê?

— Veja! Olhe para a colina!

Estreitei os olhos, vendo duas pequenas silhuetas subindo a colina vermelha. Skeeter estava de pé no jardim, gritando e acenando com os braços. As silhuetas começaram a correr, e foi então que me dei conta de que eram Halle e Jenna.

Um soluço explodiu da minha garganta.

— Ah, meu Deus! — gritei. — São elas! São os meus bebês!

Elas estavam sozinhas. Eu mal conseguia processar o que isso podia significar, ou o que elas tinham passado, mas naquele instante a única coisa que eu podia fazer era cambalear até a escada.

Nathan desceu alguns degraus e então pulou até lá embaixo, ciente de que eu estava com pressa.

— Scarlet? Scarlet! — gritou Miranda.

Olhei para ela e depois para o descampado para onde ela estava apontando, avistando um rebanho de umas duas dúzias de infectados se arrastarem em direção às minhas filhas.

— Ah, meu Deus! Não! Não! — Comecei a descer a escada, mas Nathan me impediu.

— Fique no telhado! Você é a melhor atiradora! Eu vou buscá-las!

Relutantemente, assenti e subi de volta até meu lugar no telhado. Eu sabia que ele estava certo, e a melhor coisa que eu podia fazer por elas era acertar os doentes do alto. Nathan, Skeeter e Bryce, com várias armas na mão, saíram correndo para encontrar minhas meninas antes que alguma outra coisa as alcançasse.

Jenna e Halle ainda corriam em direção à casa, mas seriam cortadas pelo rebanho que estava cruzando a plantação em direção a elas. Elas não faziam ideia do que estava

atrás do trigo, mas não pararam de correr, nem mesmo quando comecei a atirar.

— Minha nossa! Minha nossa, Scarlet! — disse Miranda.

Ela cambaleou até a escada e então desceu, disparando a toda velocidade rumo à estrada, gritando para as meninas se apressarem.

Ashley deu alguns passos atrás dela antes de Miranda apontar e dizer:

— Fica com as crianças, Ashley! Fica com as crianças!

Ashley jogou uma pistola para a irmã e depois ergueu o olhar para mim. Pressionei a bochecha junto ao rifle, olhando através da mira. Puxei a alavanca do ferrolho, mirei e apertei o gatilho, derrubando o primeiro infectado. Afastei o rosto.

— Corre, Jenna! Corre até a casa! Eles estão na plantação! Na plantação!

Jenna diminuiu a velocidade e olhou ao redor. Ela não conseguia vê-los se aproximando.

— Corre! — gritei.

Ela olhou para trás, pegou a mão de Halle e saiu correndo em direção a Nathan e Skeeter. Eu podia ouvi-los chamando minhas filhas, gesticulando para elas se apressarem. Eu podia ouvir o grito assustado de Halle sendo carregado pelo ar quente e úmido da noite de verão.

Puxei a alavanca do ferrolho de novo, mirei e atirei. Pegando outra bala, carreguei-a na câmara da arma e repeti o processo. Eu tinha praticado tanto no verão que mal precisava olhar para recarregar, mas, quanto mais rastejadores eu derrubava, mais pareciam brotar.

Os primeiros infectados surgiram em meio ao trigo. Jenna parou e se inclinou para trás com tanta força que acabou caindo, levando Halle consigo.

Continuei atirando, e Miranda e os meninos gritavam para atrair a atenção do rebanho. Uma parede de corpos se formara entre meus amigos e minhas filhas, com infectados se espalhando em leque em ambas as direções.

As meninas se abraçaram e gritavam.

— Mamãe! — Jenna chorou. — Mamãe!

Engoli em seco o medo e continuei atirando, me concentrando nos zumbis que esticavam os braços em direção às minhas filhas. Eu tinha certeza de que Nathan e os outros estavam matando todos os mortos-vivos no caminho, mas as meninas estavam indefesas.

Minhas mãos tremiam enquanto eu recarregava a arma, mas me forcei a permanecer focada, para derrubar qualquer coisa que se aproximasse demais das minhas filhas. De repente, Nathan surgiu do lado oposto e apanhou as meninas. Elas gritaram a princípio, e então ele as empurrou para suas costas. Eu mirei no infectado

que estava mais perto e o derrubei, mas havia mais três atrás daquele, e não consegui recarregar a arma rápido o bastante.

Nathan empurrou o que estava mais perto, mas, enquanto eu recarregava a arma, um tiro foi disparado. O infectado caiu. Skeeter recarregou a arma dele e atirou de novo. Através da mira, eu podia ver Nathan dizendo algo às meninas, que assentiram e então desapareceram na plantação ao norte.

Meu coração quase explodiu quando as perdi de vista, mas continuei derrubando qualquer coisa que tentasse seguir na direção delas. Um grito horrível de sofrimento me fez procurar frenética na área através da mira. Eu me deparei com Bryce lutando com os rastejadores à sua frente, mas ele estava sendo atacado por trás. À queima-roupa, Miranda atirou na têmpora daquele que estava sobre seu namorado e depois caiu com ele no chão. Eu não sabia dizer onde ele estava ferido, mas os dois estavam cobertos com o sangue de Bryce.

Afastei o queixo do rifle e me forcei a recarregá-lo e procurar por eles outra vez. Miranda estava se movendo rapidamente para trás, puxando Bryce com uma das mãos e atirando com a outra.

— Não! — ela gritou, mirando nos rastejadores que se aproximavam. — Socorro!

Atirei em um atrás do outro. Skeeter fez o mesmo, mas Miranda só conseguiu atirar duas vezes mais antes que meia dúzia de monstros obscurecessem sua visão e então começassem a se alimentar. Quando os gritos de agonia dela preencheram o ar, fechei os olhos bem apertados. O rifle de Skeeter foi disparado. Mesmo depois que ele pôs fim ao sofrimento de Miranda, os ecos de seus gritos permaneceram nos arredores das plantações por alguns instantes.

Ergui os olhos, vendo Nathan, Jenna e Halle surgirem da plantação e depois cruzarem correndo a estrada e seguirem em direção à varanda. Eu fiquei olhando para as meninas até que Ashley as levou para dentro da casa, então olhei através da mira de novo. Nathan disparou em direção ao rebanho com a minha machadinha para ajudar o cunhado. Por mais que eu quisesse ir para dentro da casa abraçar minhas filhas, eu sabia que nenhum de nós estaria a salvo até que o último dos infectados do rebanho tivesse sido derrubado.

Em um instante era como se fossem infinitos, e, no seguinte, havia restado apenas alguns. Eu atirava, Skeeter atirava e Nathan arremessava a machadinha. Corpos jaziam por toda a estrada e nas valas. Parecia uma cena de filme de terror, um massacre. Nathan e Skeeter não voltaram para a casa; em vez disso, ficaram olhando com atenção para os corpos de Miranda e Bryce, que jaziam juntos, devorados e

ensanguentados. Skeeter sacou a pistola e atirou na cabeça de Bryce. Ele já havia se certificado de que Miranda não voltaria. Gastar outra bala era desnecessário.

Desci a escada e parei, em choque, enquanto observava Jenna e Halle empurrarem a porta de tela e enterrarem o rosto em mim. Eu não sei se fui eu ou se foram elas quem desmoronou, mas nós três acabamos sentadas chorando e soluçando na varanda.

Ashley nos observou atentamente por um instante e depois correu na direção da estrada. Seus choros agudos eram a trilha sonora de meu encontro com minhas filhas. Elleny e Zoe estavam paradas na entrada em estado de choque, e nenhuma das duas parecia capaz de entender o que acabara de acontecer, nem a cena que se desenrolava na varanda. Parecia que todos estavam chorando, e eram tanto lágrimas de felicidade quanto de tristeza.

A noite estava caindo, e Skeeter e Nathan conduziam Ashley de volta para a casa. Ela estava soluçando, lutando para permanecer com a irmã. Skeeter teve de forçá-la o restante do caminho até em casa.

Nathan ficou observando Ashley e Skeeter até eles desaparecerem atrás da porta, então baixou o olhar para minha família, me oferecendo um leve sorriso.

— Você tem filhas incríveis.

— Miranda? — perguntei, já sabendo a resposta.

Ele soltou um suspiro.

— O Bryce foi atacado. Ela tentou salvá-lo. Não consegui chegar até eles a tempo.

Halle estava com o rosto enterrado sob o meu braço, as unhas sujas afundadas em minha pele. Dei-lhe um beijo na cabeça.

— Venham, meninas. Eu estou com vocês. Vamos entrar.

Nathan nos ajudou a levantar e entramos juntos em casa. As meninas estavam imundas, e eu não tinha certeza, mas achava que estavam com as mesmas roupas que vestiam na manhã em que eu as vira pela última vez.

Eu não conseguia parar de olhar e sorrir para elas. Quase não parecia real.

— A gente viu seu recado — disse Jenna, tentando não chorar.

Balancei a cabeça.

— Onde está o pai de vocês?

— Ele foi mordido — disse Halle com seu fiapo de voz.

— Ele fez a gente deixar ele pra trás — disse Jenna, a voz tremendo. — Ele fez isso.

— Shhh, shhh — falei, abraçando as duas. — Há quanto tempo vocês estão sozinhas?

Eu não sabia por que estava perguntando. Eu não estava certa se queria saber, ou se importava.

— Não sei — disse Jenna. — Uma semana? Eu acho.

— Uau — disse Skeeter. — Duronas como a mãe.

Jenna sorriu e assentiu, então apoiou a cabeça em meu peito.

— Foi isso que o papai disse também, quando a gente deixou ele. Que conseguiríamos chegar porque somos duronas como você.

Olhei para Nathan, que estava segurando Zoe e Elleny perto de si. Eu ficava doente só de pensar que minhas doces garotinhas tinham ficado sozinhas por tanto tempo, e não tinha certeza se queria saber o que elas haviam passado durante esse tempo.

— Se você não tivesse limpado o caminho para elas, teria sido difícil passarem por Shallot sozinhas, se não impossível — disse Nathan. — Você estava certa. Não foi em vão.

Assenti e abracei minhas garotinhas de novo.

— Venham, queridas. Vamos limpar vocês.

Halle choramingou, mas eu beijei os cabelos dela.

— Você está em segurança agora. — Olhei para Jenna. — Quando foi a última vez que vocês comeram? Ou dormiram?

Ela juntou as sobrancelhas.

— Faz um tempo.

Puxei-a para junto do peito.

— Tudo bem. Isso tudo acabou agora. Nathan?

— Vou preparar a comida — disse ele, seguindo para a cozinha.

Eu ajudei as meninas a se lavar e escovei seus cabelos. Era surreal fazer algo tão mundano enquanto ouvia sobre a jornada aterrorizante pela qual passaram. Eu me sentei com elas à mesa e fiquei observando enquanto elas enfiavam comida na boca, e, assim que estavam de barriga cheia, eu as levei para o quarto de Bryce e Miranda e as aconcheguei para que dormissem.

No outro quarto, eu podia ouvir Nathan cantarolando para Zoe e Elleny.

Halle segurou meu pulso com força.

— Não vai embora, mamãe.

Balancei a cabeça e levei a mão dela à boca, dando-lhe um beijo.

— Nós nunca mais vamos ficar separadas.

— Promete?

— Eu *prometo*. Vocês são tão corajosas — falei, beijando-lhe a testa, então olhei

nos olhos de Jenna e pousei a mão em sua bochecha. — Tão corajosas.

As meninas se ajeitaram e, em dez minutos, ambas estavam dormindo profundamente. Nathan entrou e as observou por um instante com um sorriso.

— Elas são lindas.

— Obrigada — falei, sugando o ar com força para conter o choro na garganta.

— Você vai dormir aqui? — ele perguntou.

Assenti.

— Na cadeira. Para estar aqui quando elas acordarem. Provavelmente vão esquecer onde estão.

Ele ajoelhou ao meu lado e beijou a pele macia bem abaixo de minha orelha.

Eu me apoiei nele.

— Onde está a Ashley?

— O Skeeter está com ela. Ela está se sentindo bem sozinha.

— Imagino. — Soltei um suspiro. — Eles perderam o amor da vida deles. Têm essa tragédia em comum e podem se ajudar a passar por isso.

Ficamos abraçados por um tempinho, observando meus bebês dormirem. Jenna fez movimentos bruscos algumas vezes, incapaz de fugir da luta pela sobrevivência até mesmo em seu sono. Eu esperava que, conforme o tempo fosse passando, ela pudesse descansar facilmente de novo — que todos pudéssemos.

— Não consigo parar de encará-las — sussurrei. — Uma parte de mim teme que, se eu desviar os olhos ou cair no sono, elas vão desaparecer.

— Acredite em mim. Elas estão aqui, estão a salvo, e vamos mantê-las assim.

Olhei para ele, pousei a mão em seu rosto e pressionei os lábios nos dele.

— Eu não entendia quando você dizia que o fim do mundo tinha sido a melhor coisa que te aconteceu e que você estava perto da perfeição. Mas agora que todos da nossa família estão aqui... e seguros... eu entendo.

— *Nossa* família, é? — Ele sorriu.

— Finalmente elas estão aqui — falei, balançando a cabeça, sem poder acreditar.

Abri um sorriso presunçoso quando um pensamento aleatório me passou pela cabeça.

— Quatro mulheres. Você está em inferioridade numérica.

— Acho que eu consigo lidar com isso.

Eu ri uma vez.

— Eu amo você.

Suas sobrancelhas se uniram e ele sorriu como se aquelas palavras o deixassem tão feliz a ponto de doer.

— *Agora* está perfeito.

Epílogo

SCARLET

Jenna estava concentrada, ignorando o suor que lhe escorria para dentro dos grandes olhos castanhos. Ela descansou a coronha do rifle no ombro. Era seu aniversário de quinze anos, e Skeeter a chamaria a qualquer momento para seguir com ele até o descampado. Sabe-se lá por quê, ele tinha decidido que em todos os aniversários desafiaria o aniversariante para uma rodada de tiros. O vencedor ganharia uma lata de pêssegos, uma iguaria que guardávamos para ocasiões especiais. De alguma forma, embora Skeeter fosse capaz de vencer qualquer um, ele sempre parecia perder por um triz no aniversário de todos.

— Eu vou ganhar dele de verdade este ano, mamãe.

— Ah, é? — falei, dando uma olhada ao redor do terreno.

Era meu turno de vigia, mesmo tendo passado mais de um ano desde o surto e os poucos tortos que vagavam por ali estarem em estágio tão adiantado de putrefação que não precisávamos de muito esforço para derrubá-los. Empurrá-los para o chão e pisar na cabeça deles parecia suficiente. Era muito parecido com amassar uma latinha de refrigerante vazia; suas entranhas pareciam mingau. Até Elleny tinha apagado alguns desse jeito.

No entanto, nós ainda nos alternávamos em turnos no telhado da casa. Um ataque surpresa ainda era perigoso, sobretudo em um dia como hoje, em que todo mundo estaria pelos arredores celebrando e se esquecendo de tomar cuidado.

Dei uma olhada nas cruzes sob o carvalho. Agora havia grama crescendo no solo sob os túmulos.

Ashley pôs os pés na varanda e ergueu o olhar para mim e para Jenna, mantendo a mão sobre os olhos para protegê-los do sol.

— Você vem ou não? — disse ela, sorrindo.

Jenna abriu um leve sorriso.

— Só estou ajustando as miras.

— Você vai surpreendê-lo — falei, cutucando o braço dela.

— Vou surpreender todo mundo.

Com isso, Jenna seguiu para a escada e desceu até a varanda. Ela encontrou Elleny e as duas deram os braços. Ao longo do último ano, elas haviam se aproximado e se tornado melhores amigas, ambas carregando uma verdade que nenhuma criança da idade delas deveria carregar. Elleny com o pesadelo pelo qual passou com Kevin, e Jenna com a culpa de abandonar o pai para morrer. Exceto naquela primeira noite, ela não dormiu direito por meses, angustiada pelos últimos momentos que passara com o pai. Elleny entendia sua dor de um jeito que ninguém conseguiria entender, e elas se tornaram inseparáveis.

— Mamãe! — gritou Halle, ajustando os óculos no nariz. — Você vai descer?

— Não, senhora. Estou de vigia.

— Ahhhh — ela choramingou, chutando a terra.

Nathan pôs os pés na varanda, carregando Zoe em um dos braços e erguendo Halle no outro. Ele beijou a bochecha de Halle.

— Eu levo você, bonequinha.

Ele ergueu o olhar para mim e piscou, então acompanhou Elleny e Jenna até o descampado.

Olhei de relance ao redor do terreno, verificando com atenção através da mira, e então me virei para observar minha família feliz marchando até o lugar que Skeeter estabelecera para o desafio.

Ashley ficara para trás, olhando atentamente para os túmulos do pai, da irmã, de Bryce e Cooper. Ela olhava fixamente para as cruzes que dolorosamente confeccionara para eles, murmurando palavras que eu não conseguia ouvir. Por fim, a porta da frente bateu com tudo e Skeeter apareceu. Ele caminhou até Ashley e passou o braço com ternura em volta da cintura dela. Eles ficaram ali parados por um instante, Ashley recostada no peito dele. Skeeter se inclinou para lhe dar um beijo na bochecha e então pegou a mão dela, conduzindo-a para longe dali.

Skeeter e Ashley haviam se apoiado um no outro por um bom tempo após perdermos todo mundo. Não foi nenhuma surpresa a amizade deles ter se tornado algo mais, mas era interessante observar os dois apaixonados enquanto ainda sofriam

pela perda de Jill e Cooper e os amavam. Nós vivíamos em um estranho mundo novo, no qual até os relacionamentos requeriam um novo nível de compreensão.

Enquanto todos que eu amava caminhavam de mãos dadas ou nos braços de alguém, um som familiar, porém estranho, ecoou ao longe. Assim que ouvi, eu soube o que era, mas fazia tanto tempo desde a última vez em que tínhamos ouvido ou visto um avião que era fácil acreditar ser obra da minha imaginação.

Fiquei de pé no telhado, tentando discernir de que direção vinha o som vertiginoso e abafado do ar em movimento. Eu me virei, mantendo a mão sobre os olhos para bloquear o sol cegante. O som do motor dos aviões estava presente, mas os aviões propriamente não. Nathan, as meninas, Ashley e Skeeter estavam parados no descampado, todos com o rosto voltado para o céu.

O som ficou mais próximo e, pouco antes de estar acima de nós, dois aviões de caça pairaram, um ao lado do outro, seguindo a noroeste.

Instintivamente, chamei Jenna e, também instintivamente, ela puxou Halle dos braços de Nathan e correu em direção à casa. Todos se apressaram até a varanda falando ao mesmo tempo, o tom de voz animado.

— Aonde você acha que eles estão indo? — Ashley perguntou em voz alta, mais provavelmente para mim.

— Parece que estão indo para Wichita. Fica a cerca de uma hora e meia daqui para aquele lado, certo? — respondi.

Jenna encorajou Halle a subir a escada e as duas sentaram perto de mim. Os aviões estavam fora de nosso campo de visão, mas continuávamos de olho no horizonte.

Nathan colocou Zoe no chão.

— Naquela velocidade, é capaz de já estarem lá a essa altura.

Assim que ele terminou a frase, uma luz brilhante ficou mais intensa que a luz do sol, e depois uma nuvem em forma de cogumelo se formou, subindo quilômetros pelo céu. Todos ficamos encarando aquilo, sem poder acreditar. Eu me lembrava de ter visto o cogumelo na televisão, mas pessoalmente... não parecia real.

— O que é aquilo? — perguntou Halle, finalmente quebrando o silêncio.

— É uma bomba nuclear? — questionou Ashley, cujo tom sinalizava o pânico iminente.

— A que distância estamos de Wichita? Em quilômetros? — quis saber Skeeter.

Nathan deu de ombros.

— Mais de cem, aposto.

— A gente devia entrar. Não sei que tipo de bomba é aquela, mas...

— Ah, meu Deus! — falei, vendo uma onda de pó se erguer pelo horizonte. Estava vindo em nossa direção. — Vá, Jenna! Vá!

Nathan e eu ajudamos as meninas a descer a escada e eu desci alguns degraus, pulando o que faltava, quando vi a nuvem se aproximar com ainda mais rapidez.

— Pra dentro! — gritei.

Fechei a porta e fui correndo apanhar toalhas para colocar nas frestas. Ashley e Skeeter estavam puxando os cobertores que usávamos para cobrir as janelas à noite, e Nathan enfiava toalhas sob a porta dos fundos.

Nós estávamos de pé na sala de estar, arfando e encarando uns aos outros. Balancei a cabeça para Nathan, sem saber o que mais fazer. Um rugido ecoava lá fora. Jenna, Halle e Elleny correram até mim, e eu abracei todas juntas, vendo Nathan fazer o mesmo com Zoe.

Ashley se abaixou e se enfiou debaixo do braço de Skeeter, erguendo os olhos para ele.

— O que vamos fazer?

Skeeter passou os olhos pela sala enquanto o rugido ficava mais alto.

— Todo mundo para o chão!

Nós nos agachamos juntos, esperando até a onda se abater sobre nós. O batente de madeira da casa rangeu com a explosão, e a terra bateu com tudo na parede de fora. As três janelas na lateral estouraram, lançando vidro para todos os lados na mesa da sala de jantar e no chão. Mantive a cabeça das meninas abaixada, rezando para que não passasse disso.

Assim que a onda nos atingiu, ela se foi. Lentamente, todos nos encaramos, perguntando um ao outro o que fazer em seguida.

Ashley cheirou o ar.

— Estamos longe o bastante para o caso de radiação?

— Não consigo acreditar numa coisa dessas — disse Nathan. — Não consigo acreditar que bombardearam a cidade. Um ano depois que tudo começou? Isso não faz nenhum sentido!

— Talvez as cidades estejam perdidas e essa seja a forma de fazerem a limpeza, não? — disse Skeeter. — Eles podem eliminar muitos tortos desse jeito.

— Então isso significa que não existe cura? — disse Elleny.

— Não sabemos de nada ainda — falei.

Halle estava encurvada no meu colo, tremendo.

— Shhh, querida. Vai ficar tudo bem.

— Será que vão bombardear a gente? — perguntou Jenna.

— Não — falei. — Estamos tão afastados de tudo...

— Mas e Shallot? — perguntou Elleny. — A cidade estava cheia de tortos. E se jogarem uma bomba assim tão perto de nós?

Balancei a cabeça em negativa.

— Não acho que vão fazer isso, docinho. A maioria dos tortos de lá saiu vagando por aí. Provavelmente foram para Wichita.

— Espero que não tivesse nenhum sobrevivente por lá — disse Ashley. — Sobreviver por todo esse tempo para acontecer uma coisa dessas... Horrível.

— Não acho que alguém sobreviveria por tanto tempo nas cidades — disse Skeeter. — Acho que devemos ficar dentro da casa por enquanto. Esperar até o ar ficar limpo. Vamos observar como o Butch vai reagir nos próximos dias e ficar atentos a sinais de partículas radioativas. Não vejo motivo para se arriscarem a jogar uma bomba nuclear. Uma bomba regular já daria conta do recado.

Nathan assentiu.

— Concordo. Não faz sentido ficarmos preocupados.

— Tudo bem — falei. Fiquei de pé e puxei as meninas comigo. — Vocês ouviram? A festa de aniversário agora é aqui dentro. — Jenna repuxou a boca para o lado. Segurei seu rosto. — Primeiro, o mais importante: tem uma lata de pêssegos com seu nome.

— Posso comer um, Jenna? Por favoooooor? — Halle implorou.

Eu deixei as duas irem até o porão, procurar na despensa.

Nathan me acompanhou até lá embaixo. Tirei a lata da prateleira e voltei o olhar para ele.

— Não sobrevivemos esse tempo todo para simplesmente morrer envenenados com radiação, certo? Você não estava falando aquilo só para nos fazer sentir melhor?

Ele balançou a cabeça e me puxou para seus braços.

— Não, amor. O Skeeter tem razão. Qual seria o propósito de usar uma bomba radioativa? A menos que tivessem um motivo específico para isso, não acho que faça muito sentido.

— Mesmo?

— Mesmo.

Inspirei fundo e o apertei com força, depois o segui escada acima. Até mesmo com sua promessa, um temor sufocante me consumia. Jenna e Elleny rastejaram até a janela e ergueram o cobertor.

— Mãe! Aquilo é neve?

Eu me endireitei e segui até a janela, espiando através de uma rachadura entre as

tábuas.

— Não — sussurrei, observando os pedacinhos escuros e felpudos flutuarem até o chão.

— São partículas radioativas, não? — quis saber Skeeter.

Nathan se inclinou para enxergar melhor através da fenda maior.

— As partículas não são radioativas em si. Pode ser só poeira e detritos da explosão que foram lançados pelo ar.

Todo mundo levou cobertores e travesseiros para o porão naquela noite, na esperança de que um nível a mais entre nós e as cinzas que cobriam a grama lá fora nos provesse um pouco mais de proteção. Ao cair da noite, muitas partículas haviam se acumulado no chão, parecendo um cobertor de lã suja.

Depois que as crianças adormeceram, Skeeter e Nathan discutiam o que aquelas partículas — radioativas ou não — poderiam fazer com nosso suprimento de água e outras coisas assustadoras, até que Ashley pediu que parassem. Era tarde demais; mesmo depois de nos acomodarmos por ali e tentarmos dormir um pouco, eu estava com o olhar fixo no teto, preocupada.

Nathan me deu um beijo na têmpora.

— Acho que vai ficar tudo bem, Scarlet. De verdade.

— Mas e se não ficar? Como posso salvar nossas crianças disso?

Ele não respondeu, o que me deixou ainda mais assustada.

Meus olhos estavam ficando pesados demais para permanecer abertos quando Skeeter se apressou até uma das pequenas janelas que ficavam ao longo do topo da parede à direita. Ele ficou na ponta dos pés, mal conseguindo vislumbrar alguma coisa.

— Maldição! — ele sussurrou.

— O que foi? — perguntou Nathan, que não era tão alto quanto Skeeter, então ele deu um pulo. Os dois trocaram olhares de relance.

— O que você está vendo? — perguntei, me apoiando nos cotovelos.

Os homens correram até a escada. Seus passos só ficaram mais rápidos quando cruzaram a cozinha e a sala de estar. Eu me arrastei da cama improvisada e fui atrás deles, ofegando quando avistei o que os deixara tão perturbados. As cinzas ainda estavam caindo do céu, escuro como em um dia nublado de inverno.

— Vai cair uma tempestade? — falei.

— Não — disse Nathan, os olhos passando das cinzas que caíam para as que se acumulavam no chão. — Os fragmentos estão na atmosfera.

— Quanto tempo vai ficar assim? — eu quis saber.

Nathan balançou a cabeça em negativa.

— Não sei, querida. — Ele olhou para mim, pela primeira vez com preocupação genuína na voz. — Eu não sei.

Seis dias depois da explosão, todos estávamos sentindo os efeitos de ficar trancafiados ali dentro. As crianças brigavam e os adultos estavam ficando irritados rapidamente. Sem poder caçar, fomos obrigados a usar uma quantidade significativa das poucas comidas enlatadas que tínhamos na despensa.

Eu fiquei parada no porão, segurando três latas de feijão, e deixei as lágrimas caírem. Ashley pegou as latas das minhas mãos e apoiou a bochecha na minha.

— Vai ficar tudo bem, não vai? Você só está frustrada, vai ficar tudo bem.

Assenti e sequei os olhos, pegando as latas de volta.

— Sim. Vamos ficar bem.

— Que bom — disse ela, respirando aliviada.

Eu não estava exatamente convencida disso, mas ela queria acreditar em mim, então foi fácil enganar. Subimos juntas as escadas, cumprimentando as crianças que já estavam sentadas ao redor da mesa da sala de jantar. Nathan deu uma segunda olhada para mim, sabendo imediatamente que eu estava chateada. Tirei o abridor de latas da gaveta e comecei a colocar colheradas de feijão nas tigelas de todo mundo, notando a ausência de nossas animadas conversas da hora do jantar, ou de qualquer conversa que fosse. As meninas estavam com os olhos fixos nas tigelas, parecendo perdidas, mas Skeeter e Nathan não tinham mais palavras reconfortantes a oferecer.

— Quando estiver limpo lá fora, vamos ter que terminar a festa de aniversário da Jenna — falei, me juntando a todos na mesa. — Ela tem se esforçado muito para derrotar você, Skeeter.

Ele forçou um leve sorriso.

— Ah, é mesmo, Jenna?

Ela nem ao menos ergueu o olhar da tigela. Não disse nada. A falta de esperança em seu rosto partia meu coração.

— Querida — sussurrei. Seus olhos de corça se ergueram para encontrar os meus. — Não vai durar pra sempre. Juro que não. — Jenna girou lentamente o corpo para a sala de estar para olhar janela afora. Ela arregalou os olhos e ficou de pé.

— Mãe!

Pela primeira vez em quase uma semana, as cinzas não estavam mais caindo do céu. Olhei para Jenna, depois para Nathan. Todo mundo se levantou ao mesmo tempo e correu para a janela, e então suspiros de alívio e risadas encheram a casa. Elleny colocou a mão na porta, mas Nathan a deteve.

— Ainda não.

— O que você quer dizer? Por que não? — perguntou Jenna, os olhos instantaneamente se enchendo de lágrimas.

Nathan começou a responder, mas parou. A pausa foi preenchida com o som distante de uma batida repetitiva.

— O que é isso? — perguntou Ashley. Ela ouviu de novo. — É o que eu acho que é?

Um helicóptero preto sobrevoou a casa e depois fez uma curva aberta. Nós observamos boquiabertos enquanto ele retornava, pairando sobre a estrada por um instante e então aterrissando logo além da entrada de carros. Quatro homens armados saíram do helicóptero, e de repente eu estava mais aterrorizada em relação a eles do que tinha estado em relação às cinzas. Eles cruzaram o gramado apressados e todos nós demos um pulo brusco com a pancada forte na porta.

— Elleny, leve as meninas para o porão — falei, mantendo os olhos na porta.

— Mas... — ela começou.

A porta se abriu e Nathan deu um passo, se colocando protetoramente à minha frente.

Os homens não eram militares. Mais pareciam da SWAT, de preto da cabeça aos pés e com capacetes com grandes máscaras de gás. O homem à frente olhou de relance para trás, para os parceiros, tão surpresos ao nos verem quanto nós estávamos ao vê-los.

As hélices do helicóptero ainda estavam girando e zunindo, então o homem falou em voz alta:

— Meu nome é cabo Riley Davis, senhor! Estou procurando por Skeeter McGee!

Ashley segurou no braço de Skeeter, os olhos arregalados.

— Sou eu — disse Skeeter.

— Estou com a srta. April Keeling no helicóptero. Nós a resgatamos em Fairview. Ela disse que poderia haver sobreviventes aqui, incluindo o senhor — disse o cabo. Os cantos de sua boca se curvaram. — Fico feliz de ver que ela estava certa!

Skeeter se virou para Ashley.

— April! Da igreja! — Ele se voltou para o cabo. — E os filhos dela?

— Estão todos bem, senhor.

— As cinzas — disse Nathan. — A explosão. Vocês sabem algo sobre isso?

— Sim, senhor. A força aérea recebeu ordens para acertar as maiores concentrações de infectados, senhor.

— Mas é radiativo? — perguntei.

— Não, senhora — respondeu o cabo. — As partículas são apenas fragmentos da detonação inicial. Todas as grandes cidades estão sendo acertadas.

— Então não sobrou nada? De nada? — perguntei.

— As cidades foram invadidas, senhora — disse o cabo Davis. — Eles estão incendiando tudo. Mas estamos coletando sobreviventes em lugares mais afastados.

Olhei para Nathan e então outra vez para o cabo Davis.

— Defina tudo, por favor? Quão longe o surto alcançou?

De repente, a expressão do cabo era de tristeza.

— Por toda parte, senhora. Por toda parte.

Nathan se mexeu.

— Vão bombardear fora das cidades?

— Estão deixando o interior como está, não se preocupe — disse o cabo, jogando a arma por cima do ombro.

Soltei um suspiro de alívio e olhei para trás, para a cozinha. As meninas estavam espiando no canto. Fiz um sinal indicando que estava tudo bem, para que se juntassem a nós. Depois de alguns instantes de hesitação, elas vieram correndo, uma a uma, para o meu lado.

O cabo olhou de relance para as crianças.

— Teríamos vindo buscar vocês dias atrás, mas a cinza obstrui os helicópteros. Sinto muito, senhor, mas não temos muito tempo. Essas são todas as pessoas acampadas aqui? Fomos instruídos a coletar todos os sobreviventes que estejam dispostos a vir conosco e levá-los até nosso complexo.

Nathan olhou para mim e depois se voltou para o cabo.

— Complexo? Onde?

— Cerca de setenta quilômetros ao sul de nossa posição, no hospital McKinney.

— Aquilo não é um complexo — falei, com a mente a mil. Fazia muito tempo que não víamos ninguém; era coisa demais para ser absorvida de uma só vez.

O cabo sorriu.

— Agora é. Construímos paredes e restauramos a água corrente. Estamos trabalhando na parte elétrica agora.

Ashley se voltou para Skeeter, com um largo sorriso com a perspectiva de ter esses luxos de volta.

— Quantos sobreviventes até agora? — Nathan quis saber.

A boca do cabo se repuxou para o lado. Eu podia ver que ele queria nos dar notícias melhores.

— Não tantos quanto gostaríamos, mas novos civis chegam lá todos os dias. Sinto

muito, senhor, mas temos que ir agora. Vai escurecer em breve e estamos com pouco combustível.

Nathan e Skeeter trocaram olhares e então Nathan se voltou para mim.

— O que você acha?

Balancei a cabeça em negativa. Era uma decisão importante demais para ser tomada naquele instante. Não sabíamos quem eram aqueles homens. Poderíamos chegar ao McKinney e descobrir que se tratava de um campo de concentração, ou poderia ser um santuário.

Olhei para as meninas.

— Eles querem nos levar para um lugar seguro.

Jenna juntou as sobrancelhas.

— Nós estamos em segurança aqui.

Zoe ergueu o olhar para Jenna e sua expressão espelhou a dela.

— E provavelmente não vão deixar a gente levar o Butch.

Eu sorri, beijei a testa delas e então me virei para Nathan. Ele assentiu e olhou para Skeeter e Ashley.

— Nós vamos ficar? — Ashley quis saber. Ela analisou a expressão no rosto de todo mundo ali e então inspirou fundo, com um sorriso cheio de determinação no rosto. Depois se virou para o cabo. — Nós vamos ficar.

— Senhor? — disse o cabo a Skeeter.

Skeeter abraçou Ashley apertado junto à lateral do corpo.

— Diga a April que agradecemos por ela ter mandado vocês virem, mas estamos bem aqui.

O cabo olhou para trás, para seus homens, que pareciam pasmos, depois voltou a olhar para nós.

— Se mudarem de ideia, fixem alguma coisa de cor forte, como um cobertor, no telhado. Estaremos fazendo rondas. Boa sorte, senhor!

O cabo levou um pequeno rádio à boca.

— Pedro para QG, câmbio.

Um homem no outro lado do rádio confirmou o que ouvia pela conexão estridente.

— Sim, estamos no rancho Red Hill. Os civis decidiram ficar onde estão, câmbio.

Depois de uma curta pausa, o som do rádio ficou estridente de novo.

— Entendido.

O cabo assentiu para nós e os homens voltaram ao helicóptero. Em poucos instantes, a aeronave estava no ar e fora de nosso campo de visão.

— Existem pessoas! — disse Zoe, abrindo um largo sorriso. Ela bateu palmas uma vez e entrelaçou os dedos.

O céu estava quase límpido, finalmente livre das partículas da explosão. Subi a escada até o telhado e, um por um, todos me acompanharam. Ficamos ali, enxergando a quilômetros de distância em todas as direções. Nos últimos meses, menos mortos-vivos podiam ser vistos. Antes da detonação, fazia quase um mês desde que o último deles se aproximara do rancho. Não tínhamos como saber por quê. Talvez tivessem todos migrado para a cidade, ou talvez outros como nós estivessem erradicando mais rastejadores todos os dias. Um dia, a terra ficaria livre deles. Nós não viveríamos com medo para sempre.

Nathan esticou a mão até a minha e soltou um suspiro, partilhando silenciosamente do meu alívio por termos tomado a decisão certa. No rancho Red Hill, traçávamos nosso próprio destino, criando nossas filhas da forma mais segura possível e protegendo uns aos outros em um mundo de pesadelos e incerteza. Nós oito havíamos entalhado um lugar ali e estávamos mais do que sobrevivendo. Nós estávamos vivendo.

Zoe e Halle agarraram minhas pernas, absorvendo a cena de outro mundo. O rancho e seus arredores estavam completamente cobertos de cinzas, assustadoras e monocromáticas, exceto por uma pequena faixa da estrada vermelha que havia sido descoberta pelas hélices, que sopraram aquilo com força. Era exatamente como o fim do mundo devia parecer. Eu sorri e apertei a mão de Nathan. Se o último ano havia me ensinado algo, era que o fim só levava a uma coisa: um novo começo.

Agradecimentos

Escrever é, com frequência, um trabalho solitário, mas nenhum autor faz isso sozinho. Se eu não tivesse meu empresário, meu torcedor mais entusiasmado e mais forte defensor comigo, as distrações cotidianas não baixariam o volume por tempo suficiente para eu escrever uma frase que fosse, muito menos um romance todo. Meu marido é todas essas coisas para mim. Obrigada por sempre deixar as águas calmas, amor.

Agradeço a Wes Hughes por ser sempre gentil. Em 2008, quando eu era uma estudante lutando para fazer o dinheiro durar até o fim do mês, você me ajudou e, em 2013, uma autora lutando para cumprir o prazo, você me deixou ficar na sua casa de hóspedes para terminar *Red Hill*. Seu sorriso e suas palavras encorajadoras sempre permanecerão comigo.

Amy Tannenbaum, que lida com tudo que eu jogo diante dela, sejam risadas pela manhã ou textos aterrorizados tarde da noite. Você não é só minha supereditora-que-virou-agente, é uma de minhas amigas mais queridas. Eu já disse uma vez que não gostaria de viver nenhuma parte deste processo sem você, e isso ainda é verdade. Seus discursos encorajadores e sua constante voz da razão me fazem lamentar por qualquer pessoa que não a tenha na vida dela. Além disso, tenho um apreço enorme pelo incrível Chris Prestia e por todo o pessoal da Jane Rotrosen Agency, por tudo que fazem.

Greer Hendricks se tornou meu editor em fevereiro de 2013, substituindo a Amy, que me garantiu que Greer era perfeito para mim, e, como sempre, Amy tinha razão. Greer levou minha escrita a um nível superior, entreteve meu filho no banco traseiro do carro enquanto estávamos presos no congestionamento a caminho de uma sessão de autógrafos e literalmente salvou um manuscrito para mim — enquanto estava em

férias, devo acrescentar. Obrigada, Greer. Eu não gosto de mudanças, mas você fez dessa a mais graciosa e maravilhosa transição que eu podia ter esperado.

Depois de seis romances, Nicole Lambert vinha sendo imperdoavelmente ignorada em meus agradecimentos. Nicole me ajudou a colocar no ar meu primeiro site, na época em que eu estava postando um capítulo por vez de *Providence*, antes de ter descoberto a publicação independente. Para aumentar ainda mais minha vergonha, ela nem uma única vez me lembrou desse fato. Eu te amo, Nicole. Você é uma amiga fantástica.

Um ano antes da publicação deste livro, eu estava em Nova York conhecendo os gênios da Atria Books. Eu estava no auge da gravidez, suada (era agosto) e nervosíssima. Ariele Fredman me esperava sorrindo no saguão, divertida e, ah, tão tranquilizadora. Eu não teria nem como começar a listar tudo que ela faz por mim, mas saibam que ela é a melhor relações-públicas que uma autora pode desejar. Obrigada por ser tudo, Sereia.

Agradeço imensamente à minha editora, Judith Curr, que governa o mundo da Atria com travesseiro de ferro. Ela é uma das pessoas mais inteligentes e intrigantes que já conheci, uma força da natureza e, ainda assim, um porto seguro quando preciso que as coisas saiam direito. Obrigada, Judith. Eu não desejaria que nenhuma outra pessoa regesse meu show!

Um enorme obrigada à minha equipe da Atria! Se eu listasse todos que ajudaram a dar forma a este romance até ele ficar como está, precisaria de créditos rolando, como em um filme, mas aproveito a oportunidade para agradecer sinceramente a alguns poucos: Isolde Sauer, Ben Lee, Sarah Cantin, Hillary Tisman, Jackie Jou e Kimberly Goldstein.

Quero agradecer ao meu assistente, Colton. Não sei como eu gerenciava minha carreira — ou minha vida — antes de ele entrar nela. Obrigada por tudo! Que tenhamos muitas mais aterrorizantes, porém seguras, viagens de avião juntos!

O dr. Ross Vanhooser já figurou repetidas vezes em meus agradecimentos. Se ele não tivesse acreditado em mim e me encorajado em um ambiente em que ninguém mais fazia isso, minha vida e minha carreira estariam em um lugar muito diferente. Desta vez, ele também me ajudou com a pesquisa para *Red Hill*. Você sempre me ofereceu conselhos inestimáveis, ajuda benevolente e infinito entusiasmo. Muito obrigada! Nunca vou me esquecer da sua bondade.

Eu também gostaria de agradecer a Sharon Ronck. Quando outros pediram que ela não enchesse tanto minha bola, ela orgulhosamente encheu duas em vez de uma.

Eu me sinto honrada por ter realizado suas previsões! Precisamos de mais pessoas no mundo com o coração como o seu.

A Leah, Miranda, Ashley, David, Angie e Christie pelo uso dos nomes e por me permitirem acrescentar um quê fictício a seus personagens.

Às autoras Colleen Hoover, Karly Lane, Lani Wendt Young, Eyvonna Rains e Tracey Garvis Graves, por lerem *Red Hill* e concordarem que eu não estava completamente louca por seguir minha intuição em um rumo completamente diferente. Aprecio muito seu tempo e entusiasmo.

Por fim, gostaria de agradecer às minhas filhas, por terem grandes e incríveis personalidades e por me permitirem escrever sobre elas. Eu aprendi o que é o amor completo, absoluto e incondicional quando vocês entraram na minha vida. Desde 1999, meu coração bate do lado de fora do corpo. Desde 2005, essa alegria, esse medo e esse suspense se tornaram dobrados. Espero que, se optarem por ser mães, seus filhos possam lhes dar metade da alegria que vocês me dão. Talvez então vocês venham a entender por que olho para vocês daquele jeito.

E obrigada por trabalhar nisso comigo, Taterbug. Você ainda vai me derrotar um dia desses, muito em breve.

E ao meu homenzinho: você é a perfeição. Você é uma das três melhores coisas que já fiz na vida. Fico tão contente por você nunca saber como era a vida antes de nossos sonhos se tornarem realidade, e sou muito grata por, graças a meus fãs, poder trabalhar em casa, assim eu posso passar o maior tempo possível com você, porque eu não ia querer fazer diferente.

Muito amor aos meus leitores! Vocês tornaram o impossível possível para minha família e para mim. Uma garota perdida, de cidade pequena, se tornou uma autora best-seller número 1 do *New York Times*. Se isso não for um milagre, eu não sei o que é!

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Epílogo

Agradecimentos

Colofão